

JULIO PAYOT

185/10
A Educação
da Vontade

TRADUÇÃO DE
JAIME CORTESÃO

VENDIDO PELA
LIVRARIA LEALDADE
Alameda S. Jorge
L. 1. 1111, 11 — L. 1111



1911
GUIMARÃES & C.^a — Editores
68, Rua de S. Roque, 70
LISBOA

Prefácio da vijésima sétima edição

No decurso de treze anos e meio, chega a *Educação da Vontade* à sua vijésima sétima edição, e está traduzida na maior parte das línguas europeias. Tal êxito prova quanto é profunda a necessidade a que este livro corresponde.

A publicação das cartas que o autôr recebeu constituiria um documento comovente sôbre o estado de espírito da mocidade de agora. O período que nós atravessamos deixa muitos espíritos num deploravel abandôno : não encontram nas doutrinas nem nas instituições a paz das certezas tranquilizantes. O próprio catolicismo, que oferecia um seguro asilo aos espíritos inquietos, está dividido por profundas dissensões internas.

Em política, em sociologia, em moral, nenhum princípio é indiscutível. A educação secundária, ignorando a vontade, fica quasi exclusivamente intelectual. Sob o ponto de vista moral essa educação é um compromisso ineficaz entre as crenças do passado e as novas doutrinas. A mocidade entra desamparada na vida.

Não se adestraram na paciência perseverante, no desinteresse e na dúvida metódica que constituem o espírito filosófico.

Não são tolerantes, porque a grande doutrina da relati-

vidade do conhecimento não lhes penetrou a prática quotidiana. Não se habituaram numa disciplina de liberdade a procurar a «essência da verdade» que faz viver as doutrinas adversas. Bem cedo abraçam um partido, e desde então ficam inutilizados para a elaboração das sínteses superiores, isto é, para o serviço da verdade.

Devemos adaptar-nos de todo o coração à verdade. Ser livre consiste nisso. É inserir a nossa acção pessoal nas realidades.

Ser livre, pois, supõe o conhecimento das leis que rejeem as realidades exteriores e interiores, e o conhecimento de nós mesmos. Se estas duas condições não se derem, o desenvolvimento harmonioso e completo da personalidade é impossível. Ora este duplo conhecimento só pode adquirir-se pela acção. Observando os efeitos da acção sobre nós mesmos pouco a pouco penetramos na *camada* de prejuízos e sugestões que escondem as nossas tendências profundas, e descobrimos o eu fundamental.

«O que eu devo fazer, diz Emerson, é o que diz respeito à minha personalidade e não o que os outros entendem que eu devo fazer. Esta regra tão difícil de aplicar na vida prática como na vida intelectual, pode bem servir de distinção entre a grandeza e a baixeza.»

Devemos, pois, adquirir uma clara consciência de nós mesmos se quisermos desempenhar plenamente o nosso destino pessoal. Se não nos conhecermos, tornamo-nos o joguete das circunstâncias e das sugestões, de crenças erróneas, que pervertem o nosso desenvolvimento e lhe imprimem uma direcção que violenta as nossas tendências fundamentais.

Conscientes de nós mesmos e conhecedores das realidades, a meio das quais nos movemos, se quisermos fazer a nossa vontade, só temos que nos ocupar da lei da causalidade. Assim procede o comandante do navio. Procuram as ondas tragá-lo; mas ele força-as a transportá-lo, assim como obriga os ventos contrários a conduzi-lo ao porto.

Não só a acção reflectida descobre as nossas tendências fundamentais, mas mostra-nos tangível a grande lei moral que domina as nossas relações sociais. O desenvolvimento da minha personalidade, e por conseguinte o valor da minha cooperação no trabalho comum, depende em grande parte da riqueza intelectual e moral dos outros homens. O meu maior poderio individual coincide com o mais alto grau de auxílio mútuo e de justiça.

Mas a lenta exploração das nossas tendências fundamentais e o desenvolvimento inteligente da nossa vontade, submetida à lei da causa e do efeito, exige calma. Devemos resistir aos hábitos de dispersão adquiridos com uma instrução enciclopédica, feita à pressa; devemos resistir à extraordinária dissipação das leituras, e à trepidação da vida contemporânea. Para que um soluto deposite em belos cristais regulares é necessário a tranquilidade: assim é necessário o recolhimento para que a nossa personalidade fundamental se organize lentamente em belos hábitos enérgicos.

Chamonix, 10 de Abril de 1907.

Julio Payot.

Prefácio da primeira edição

«O que é admirável é que eles reconhecem terem necessidade de mestre e de instrução para todas as outras coisas; estudam-nas com algum cuidado: só a ciência de viver não aprendem nem desejam aprender.»

Nicolas — Discurso sobre a necessidade de não nos conduzirmos ao azar.

No século XVII, e ainda em parte do século XVIII, a religião reinava incontestavelmente sobre os espíritos: não se podia estabelecer em toda a sua generalidade o problema da educação da vontade; as forças de que dispunha a Igreja católica, essa incomparável educadora dos caracteres, bastavam para orientar nas suas linhas gerais a vida dos fiéis.

Mas hoje não existe essa direcção para a maioria dos espíritos pensantes. Ainda não foi substituída, e por isso mesmo jornais, revistas, livros e os próprios romances deploram a porfia que tão baixo tenha descido o nível da vontade em nossos dias.

Esta doença geral das vontades fez surgir médicos. Mas estes médicos da alma estão infelizmente penetrados das

doutrinas psicológicas predominantes. Atribuem uma capital importância à inteligência na vontade. Capacitam-se de que o que nos falta é uma teoria metafísica *provada* sobre o Além.

A sua ignorância é muito desculpável. É uma lei aceite em economia política que a cultura vai sempre dos terrenos mais inprodutivos, mas mais fáceis, para os mais férteis, mas mais difíceis de valorizar. O mesmo sucede no terreno da ciência psicológica.

Estudaram-se os fenómenos mais fáceis, os menos fecundos em consequências importantes para a conduta, antes de tocar os fenómenos essenciais, cujo estudo é difícil. Mal se começa ainda a ver claramente a insignificância da ideia no carácter e a sua irremediável inferioridade na contenda das inclinações. A vontade é uma potência sentimental, e qualquer ideia, para sobre ela actuar, deve colorir-se de paixão.

Quem quer que tenha estudado de perto o mecanismo da vontade terá compreendido que as teorias metafísicas pouco importam, ao passo que não há sentimento que, deliberadamente escolhido, não possa, pelo emprego inteligente dos nossos recursos psicológicos, tomar a direcção da vida inteira. Um avaro sacrifica todas as satisfações corporais, alimenta-se mal, dorme no chão, vive sem amigos, sem satisfação por amor do dinheiro; e vós desesperareis de dar a um sentimento superior o poder suficiente para que tome a direcção da vida? É que ignorais quam variados são os meios oferecidos pela psicologia para permitir que nos tornemos o que queremos ser.

Infelizmente, até aqui temos-nos ocupado muitíssimo pouco em estudar os nossos recursos sobre este ponto de vista.

Os espíritos, que têm dirigido o pensamento europeu durante estes últimos trinta anos, têm sido com efeito separados por duas teorias, que são a negação pura e simples da educação da vontade. A primeira consiste em considerar o carácter como um bloco imutável sobre o qual

não temos predomínio nenhum. Mais adiante examinaremos esta teoria infantil.

A segunda parece à primeira vista favorável à educação da vontade. É a teoria do livre-arbitrio. O próprio Stuart Mill¹ chega a dizer que esta doutrina alimentou nos seus defensores um vivo sentimento «da cultura pessoal». Apesar desta asserção dum determinista, não receamos considerar a teoria do livre-arbitrio tão perigosa para o domínio do *eu*, como a precedente, e definitivamente tão desanimadora. Com efeito essa teoria levou a considerar como uma coisa fácil e natural o libertamento do *eu*, o que pelo contrário é obra de um largo fôlego, uma obra que exige muitos cuidados e um conhecimento muito preciso dos recursos psicológicos.

Pela sua própria simplicidade, esta teoria afastou muitos espíritos de grande agudeza e penetração do estudo das condições da vontade: causou assim à psicologia e, digamo-lo, à humanidade um prejuízo irreparável.

Eis porque dedicamos este livro a Ribot. Dedicamo-lo menos ao nosso antigo professor, a quem devemos o gosto dos estudos psicológicos, que ao homem de iniciativa, que primeiramente em França baniu a metafísica da psicologia. Foi o primeiro que resolutamente pôs de lado o estudo da natureza dos fenómenos de consciência, para estudar à maneira dos sábios os antecedentes e os concomitantes incondicionais dos estados intelectuais, volicionais, etc. Este método, note-se bem, não nega de modo algum a metafísica. Não exclui a psicologia da metafísica, mas a metafísica da psicologia, o que é bem diferente.

Consiste em tratar a psicologia como uma ciência. Ora o fim do sábio não é saber, mas *prever para poder*. Se importa pouco ao físico, por exemplo, que a teoria ondulatória da luz não seja mais que uma hipótese inverificável,

com quanto essa hipótese dê bom resultado, que importa ao psicólogo que a sua hipótese, por exemplo, a da correlação absoluta dos estados nervosos e dos estados psicológicos, seja inverificável com tanto que dê bom resultado? Conseguir, poder prever o futuro, modificar os fenómenos a nosso modo, em suma *fazer que o futuro seja o que nós queremos que seja*, eis o papel do sábio, portanto o do psicólogo. É pelo menos a concepção que fizemos da nossa tarefa.

Dêmo-nos ao trabalho de investigar as causas da fraqueza do querer no momento presente. Acreditamos que se devia procurar o remédio na habil cultura dos estados afectivos.

«Meios de fazer nascer ou fortalecer os sentimentos libertadores, de anular ou reprimir os sentimentos hostis ao domínio de nós mesmos», tal podia ser o sub-título do livro que oferecemos ao público. Tudo estava por fazer neste sentido. Damos o nosso quinhão contributivo de esforços a esta obra de tão grande importância.

Em vez de tratar da educação da vontade *in abstracto*, tomamos como assunto essencial *a educação da vontade tal como a exige o trabalho intelectual prolongado e perseverante*. Estamos persuadidos que os estudantes, e em geral todos os trabalhadores da inteligência, encontraram aqui indicações muito úteis.

Tenho ouvido muitos rapazes queixarem-se da falta *dum método para conseguir o domínio de si mesmos*. Ofereço-lhes o que, sobre este assunto, me sugeriram perto de quatro anos de estudo e meditações.

Chamonix, 8 de Agosto de 1893.

Julio Payot.

¹ *Lógica*, II, liv. VI, ch. II. Paris. P. Alcan.

Prefácio da segunda edição

O acolhimento tam benévolo da imprensa francesa e estrangeira, a solicitude dos leitores que esgotaram a primeira edição nalgumas semanas, provam que este livro veio na ocasião própria, e que corresponde a uma profunda necessidade do público culto.

Agradecemos aos nossos numerosos correspondentes, e principalmente aos estudantes de direito e de medicina, que nos enviaram documentos tam preciosos em apoio do capítulo primeiro do livro V. Alguns protestam contra o nosso «pessimismo». Nunca, dizem, a mocidade falou tanto de acção. Ah! mas falar é pouco, quando é necessário actuar. Parece-nos que a maioria dos mancebos confunde o ruído e agitação com a acção criadora. Alguns, e dos mais autorizados, creem que a juventude das escolas é composta por uma boa parte de *dilettanti* e de enervados. Ora o dilettantismo e o enervamento são duas doenças da vontade, que é necessário curar.

A parte prática da educação só encontrou os melhores elogios. Não acontece o mesmo com os capítulos III (livro I) e I (livro II). Esperávamos ser combatidos sobre este ponto, mas parece-nos que muitos críticos passam de leve sobre a questão.

Nunca afirmamos que a ideia seja de todo desprovida de influência sobre a vontade. É verdade que damos uma larga parte nas nossas volições aos impetos instintivos e aos hábitos. Mas sustentamos por um lado, que a vontade superior consiste em submeter as nossas tendências às ideias, e por outro lado, que a ideia não tem *directe e immediatamente* nenhuma força contra a «coorte brutal das inclinações inferiores». A força da ideia contra tais adversários, é indirecta: deve, sob pena de falta de bom éxito, buscá-la, onde ela existe, isto é, nos estados affectivos.

Coisa curiosa, quando contavamos ver a nossa teoria da liberdade muito vivamente combatida pelo defensores do livre-arbítrio, foram os partidários da *ineidade* do carácter que nos tomaram à sua conta. Também a teoria do livre-arbítrio parece cada vez mais abandonada pelos educadores, que têm de lutar com realidades vivas e não com abstracções. Fazem-me notar, a este respeito, que Marion, o qual tem grande autoridade em semelhante matéria, indicava com energia no seu curso de 1884-85, o mal que a hipótese metafísica do livre-arbítrio nos tem feito praticamente, impedindo-nos o estudo das condições de liberdade real, aliás restrita, que nos cabe conquistar pelos nossos próprios esforços. Marion, no prefácio da sua tese, sobre solidariedade moral, opõe à formula de Fouillé, que a ideia da nossa liberdade nos faz livres, o ponto de vista praticamente mais verdadeiro e mais útil, que julgando-nos tam livres, não tratámos de nos assegurar sobre o que podemos ter de liberdade. Nada mais justo. Só somos livres, se soubermos conquistar a nossa liberdade por uma grande luta.

Quanto à censura dirigida ao autor por não ter dado maior importância ao carácter inato, parece-nos que assenta sobre uma concepção imperfeita do que seja um carácter.

Um carácter não é uma substância simplez. É uma resultante complexa de inclinações, de ideias, etc. Por consequência afirmar a *ineidade* dum carácter é afirmar muitos absurdos.

Primeiro é afirmar que uma resultante, que uma dosagem de elementos heterojêneos, que uma espécie de agrupamento de forças pode ser inato: o que é ininteligível.

Por outro lado é afirmar que podemos obter no estado de pureza perfeita o elemento inato, que o podemos desembaraçar da ganga de que o rodeiam as influências do meio e da educação: o que é impossível. Esta impossibilidade impõe-nos a maior desconfiança na fixação da parte devida à *ineidade*.

Por último, afirmar que o carácter seja inato implica uma asserção contra a qual se insurge a nossa experiência íntima, a experiência dos educadores e a prática da humanidade inteira—que os elementos essenciais do carácter, as tendências, sejam imodificáveis para sempre! Provamos que nada disso assim sucede (II, III), e que se pode modificar, reprimir ou reforçar um sentimento.

Se a humanidade inteira não fôsse desta opinião não se daria ao trabalho de educar as crianças. A natureza sozinha tomaria isso a seu cargo com as suas leis imutáveis.

Estes pontos de vista teóricos bastam para infirmar a doutrina da *ineidade* do carácter. Para fortalecer esta convicção leiam-se os trabalhos recentes sobre o carácter¹, e sobretudo a terceira parte da obra de Paulhan. Ai se verá que a maior parte das vezes ha pluralidade de tipos no mesmo individuo, que a evolução faz desaparecer umas tendências e traz outras com a idade; que sam frequentes as substituições de carácter numa mesma pessoa. O que isto quer dizer é que nada é tam raro como um carácter!

Na imensa maioria das crianças o espectáculo duma anarquia de tendências. Não tem a educação precisamente

¹ Ribot, *Revue pädagog.*, nov. 1892; Paulhan, *Le Caractère*, 1 vol., 239 páginas, 1894, E. Alcan; Peres, *Le caractère de l'enfant à l'homme*, 1892, E. Alcan.

por fim ordenar essa desordem e organizar essas tendências com estabilidade e unidade? Muitas vezes até, quando se julga a obra acabada, chega a crise da puberdade, que tudo revolve, como um vento de tempestade; e se o jovem daí por diante isolado não toma por sua conta a obra de unificação moral, se não forja o seu carácter, tornar-se-ha uma destas «marionettes» de que nós falamos (paj. 25).

Além de que, se o carácter fôsse inato, e se cada um ao nascer já encontrasse de todo feita a unidade da sua vida, como presente de *boas vindas*, devíamos encontrar caracteres em volta de nós.

Onde estão eles?

É o mundo político que os fornece? Salvo altas excepções, que tornam penoso o contraste, não se encontram vidas inteiramente orientadas para um fim superior: a dispersão das ideias e dos sentimentos é grande, a agitação comum, e rara a acção fecunda: na maior parte das vezes não se vêem mais que almas de crianças em corpos de homens.

Não se viu na literatura a quasi unanimidade dos que trabalhavam pela pena consagrar as suas forças, depois do terrível furacão de 1870, à glorificação da besta humana? E o que mostra a justeza de opinião de Manzoni¹ é que a natalidade deminui tanto mais, quanto aumentam as excitações. Em vez de estimular o que ha de maior e de mais nobre em nós, quasi todos os nossos escritores se têm dirigido aos nossos instintos inferiores, têm-nos considerado como reduzidos à medula espinal e à medula alongada; em vez duma literatura de pensadores, têm-nos dado uma literatura para decapitados morais. Mas de que serve proseguir! Se o carácter implica unidade e estabilidade, se implica orientação para fins superiores, não pode

¹ Ut. p. 208.

ser inato. Essa unidade e essa estabilidade, que repugnam à anarquia natural, que somos, devem ser lentamente conquistadas. Os que não podem ou não querem intentá-lo devem renunciar igualmente ao que constitui a grandeza da personalidade humana, isto é, a liberdade e o domínio do Eu.

Bay-le-Don 19 de janeiro de 1884.



Parte teórica

LIVRO PRIMEIRO

Preliminares

CAPÍTULO PRIMEIRO

O mal a combater: as diversas formas de abulia no estudante e no trabalhador intelectual

Desejava Caligula que os romanos só tivessem uma cabeça para os decapitar dum golpe. É inútil formar semelhante desejo quanto aos inimigos que temos a combater. A causa de quasi todas as nossas faltas de bom êxito, e de quasi todas as nossas desgraças é uma única: é a fraqueza da nossa vontade; é o nosso horror pelo esforço, principalmente pelo esforço duravel.

A nossa passividade, a nossa leviandade, a nossa dissipação sam outros tantos nomes para designar este fundo de universal preguiça, que é para a natureza humana o que a força da gravidade é para a matéria.

O verdadeiro antagonista da vontade perseverante só pode ser uma força contínua. As paixões sam por natureza transitórias, duram tanto menos quanto sam mais violentas; à parte os raros casos, em que vam

até uma fixidez e força que confinam com a loucura, a sua intermitência não nos permite considerá-las em si mesmas como verdadeiros obstáculos à continuidade do esforço. Nos intervalos dos seus acessos ha tempo para uma grande soma de trabalho. Mas ha um estado d'alma fundamental, de ação continua, a que se chama moleza, apatia, preguiça, mandriice. Renovar freqüentes esforços não é mais que renovar a luta contra este estado natural, sem que aliás possamos esperar vitória definitiva.

Estado fundamental, natural, dizemos nós. Com efeito, o esforço continuado por muito tempo não é aceite pelo homem, senão sobre a pressão da necessidade.

Os viajantes sam unânicos em declarar que nos povos não civilizados se observa a incapacidade absoluta para todo o esforço perseverante. Ribot nota judiciosamente que os primeiros esforços de atenção voluntária devem ter sido feitos pelas mulheres sujeitas a um trabalho regular, com medo às pancadas, em quanto os senhores repousavam e dormiam. Não vemos nós desaparecer dalgum modo à nossa vista os Feles Vermelhos que preferem deixar-se exterminar a tentar um trabalho regular, que lhes daria o maior desafogo?

Sem ir procurar tam longe exemplos muito conhecidos, não é sabido com que lentidão a criança se sujeita ao trabalho regular? Quam raros sam os camponeses e os operários que procuram fazer melhor do que se fez antes deles, e do que se faz em volta deles! Podeis, como fez Spencer,¹ passar em revista os objectos de que vos servis durante o dia: não ha

¹ Spencer. *Introduction à la Science Sociale*, p. 321 e 328. F. Alcan.

nenhum só que um ligeiro esforço de inteliência não tornasse mais apto para o uso que dele se faz, e concluiréis, como o autor, que «em verdade, quasi parece que a maior parte dos homens têm por fim atravessar a vida, dispendendo o minimo de pensamento possivel.» Se agora interrogarmos as nossas lembranças de estudante, quantos trabalhadores poderemos citar entre os nossos camaradas? Por ventura quasi todos eles não fazem o minimo esforço necessário para passar nos seus exames? Além disso, desde o colégio o esforço pessoal, o esforço de reflexão é-lhes tam penoso! Saem-se tam bem dos seus exames, em todos os paises, com simplez esforços de memória! É verdade que o seu ideal não é demasiadamente elevado. O que eles desejam, e Manenvrier di-lo em excelentes termos, no que respeita ao nosso país «sam logares de funcionários, logares mal pagos, pouco considerados, sem futuro, sem horizonte, em que o homem envelhece sobre uma almofada de coiro, em que assiste cada dia numa ridicula occupação quasi esteril à decadência e ao embotamento gradual das suas faculdades, mas onde em compensação goza do inefavel prazer de ser dispensado de pensar, de querer e de trabalhar.

Uma regulamentação tutelar... imprime à sua actividade o movimento regular dum relógio, e dispensa-o da honra fatigante de trabalhar e de viver.»¹

Também não devemos acusar exclusivamente o funcionário. Qualquer cargo, qualquer carreira por elevada que seja, nunca basta a salvaguardar a personalidade, o vigor e a energia. Durante os primeiros anos pode o espirito achar em que se applique activamente. Mas cedo o numero de combinações novas, o

¹ *L'Education de la bourgeoisie*, 3.^a edit. 1888.

número e a possibilidade dos casos, que exijam o esforço de reflexão e de investigação, diminuem. O desempenho das mais altas funções, e que aparentemente exigem poderosos esforços de espírito, tornam-se pura questão de hábito. O advogado, o magistrado, o médico, o professor vivem sobre um fundo adquirido que só muito lenta e raramente aumenta. O esforço diminui dum para outro ano; dum para outro ano se esgotam as ocasiões de exercitar as qualidades superiores do espírito. Está rasgado o trilha; daí por diante a inteligência enfraquece por falta de exercício, e com ela a atenção, a reflexão e o vigor do raciocínio. Se não se forma ao lado da carreira uma ordem de preocupações intelectuais, não se pôde escapar a este embotamento gradual da energia.

Mas como o nosso livro se destina principalmente aos estudantes e aos trabalhadores intelectuais, é necessário considerar de muito perto as formas que nelles toma o «mal a combater».

A forma mais grave do mal no estudante é essa atonia, essa «languidez d'alma»,¹ que se manifesta em todos os actos dum rapaz. Dorme muitas horas a mais, levanta-se entorpecido, mole, indolente e veste-se devagar, bocejando e perdendo um tempo consideravel. Não se sente «de maré», não tem gosto por nenhum trabalho. Faz tudo «friamente, tristemente e frouxamente». Descobre-se-lhe a preguiça na própria fisionomia, onde se lhe pode ler a languidez; tem um ar vago, e ao mesmo tempo mole e preocupado. Nem vigor, nem precisão de movimentos. Depois de ter perdido a manhã, vai almoçar, vai ao café ler os jornais até os anúncios, porque isso entretém e não exige esforços. Isso não obstante, à tarde encontra um pouco

¹ Fenelon. *Education des filles*, cap. II.

de vigor, mas este vigor gasta-o em conversas, em discussões estereis, e principalmente (porque todo o preguiçoso é invejoso) em difamações; homens políticos, literatos, professores, todos recebem a sua parte de critica. À noite o infeliz deita-se mais irritado que na véspera, porque esta atonia que o acompanha no trabalho, acompanha-o as mais das vezes, no prazer: nenhuma alegria se colhe sem dificuldade, e toda a felicidade supõe qualquer esforço. Um livro a ler, um museu a visitar, um passeio nos bosques sam prazeres que exigem uma iniciação, sam prazeres activos. Como por outro lado os prazeres activos sam os únicos que valem, os únicos renovaveis indefinidamente e à vontade, o preguiçoso impõe-se a vida mais vazia, que é possível imaginar-se. Os preguiçosos deixam escapar os prazeres por entre os dedos, só para não terem o trabalho de fechar a mão. S. Jerônimo compara-os engraçadamente a estes soldados de gravura, que têm sempre a espada erguida, sem nunca ferir.

A preguiça fundamental não impede de nenhum modo os instantes de energia por ímpetos irregulares. O que repugna aos povos não civilizados não sam os esforços violentos: é unicamente o trabalho regularizado e contínuo, que no fim de contas consome uma quantidade de energia bem superior: um dispêndio ainda que fraco, mas constante, acaba por consumir mais do que o fazem grandes dispêndios separados por longos repousos. O preguiçoso suporta perfeitamente a guerra, que exige violentos esforços momentâneos, seguidos de longos períodos de inactividade. Os árabes conquistaram um vasto império. Não o conservaram porque lhes faltou a constância dos esforços que organizam a administração dum país, criam as estradas, fundam as escolas e as indústrias. Assim os estudantes preguiçosos, instigados pela aproximação dos exa-

mes podem produzir um violento esforço. O que lhes repugna são os esforços moderados, mas reiterados, diários, durante meses e anos.

E tanto é no esforço moderado mas contínuo que reside a energia real e fecunda, que todo o trabalho, quando se afasta deste tipo, pode ser considerado como um *trabalho preguiçoso*. Trabalho contínuo implica, escusado é dizê-lo, continuidade de direcção. Ora a energia da vontade traduz-se menos por esforços múltiplos que pela orientação para um mesmo fim de todas as faculdades do espírito. Eis, com efeito, um tipo de preguiçoso muito frequente. Certo mancebo é vivo, alegre e enérgico. Raras vezes está sem fazer nada. Durante o dia leu algum tratado de geologia, um artigo de Brunetiere sobre Racine, percorreu vários jornais, releu algumas notas, esboçou um plano de dissertação, traduziu algumas páginas de inglês. Não esteve inactivo durante um único instante. Os seus camaradas admiram o seu poder de trabalho e a variedade das suas occupaões. Todavia devemos designar este mancebo com o nome de preguiçoso.

Para o psicólogo não ha nesta multiplicidade de trabalhos senão o indício duma atenção espontânea duma certa riqueza, mas que ainda se não tornou atenção voluntária. Este pretenso poder de trabalho variado não mostra mais que uma grande fraqueza de vontade. Este estudante fornece-nos um tipo de preguiçoso frequente, a que nós daremos o nome de *tipo disperso*. É este «passeio de espírito»¹ é sem dúvida agradável, mas não passa dum passeio de recreio. Nicole chama «espíritos de mosca»² a estes

¹ Leibnitz. *Theodicée*. § 56.

² *Du danger des entretiens*.

trabalhadores que vão poisando aqui e ali, sem proveito. São, para lembrar a bela imagem de Fénelon, «como uma vela acesa num lugar exposto ao vento».

O grande inconveniente da dispersão dos esforços é que nenhuma impressão tem tempo de se acabar. Pode-se dizer que a lei absoluta que reje o trabalho intelectual, é que as ideias e sentimentos que alojamos em nós, como se alojam hóspedes de passagem numa estalagem, são e ficam para nós estranhos que de pressa esqueceremos. Veremos no capítulo seguinte que o verdadeiro trabalho intelectual implica orientação de todos os esforços numa direcção única.

Esta repugnância pelo verdadeiro esforço, isto é, pela coordenação de todos os esforços particulares em vista dum fim preciso, complica-se com uma não menor aversão ao esforço pessoal. Com efeito, uma coisa é a criação duma obra, o trabalho de invenção, de disposição original, e outra é o armazenamento na memória daquilo que os outros fizeram. Por outra parte, se o esforço pessoal é penoso, é porque implica necessariamente coordenação. As duas formas supremas do trabalho intelectual estão inseparavelmente unidas no trabalho de criação. Do mesmo modo se pode observar quanto este trabalho desagrade à grande maioria dos alunos, que todavia serão amanhã «a classe dirigente». Os alunos de Filosofia, por exemplo, são bons alunos, estimulados pelo exame final. São laboriosos e em geral exactos no seu trabalho. Infelizmente não reflectem nada. A sua preguiça de espírito traduz-se por uma propensão a pensar com as palavras e nada mais. Assim, ao estudar a psicologia, nenhum deles terá a ideia que fazendo psi-

¹ *Education des filles*. Ch. V.

colojta applicada desde o principio e durante todo o dia, como Jourdain fazia prosa, sem o saber, seria infinitamente simplez examinare-se a si mesmos, e encontrar exemplos pessoais, em voz de refer os que lhes citam os seus livros. Mas não, têm uma tendência invencível para *aprender*, em vez de *investigar*. A enorme sobrecarga, que tem de impôr assim à memória, atemoriza-os menos, que o mais ligeiro esforço pessoal. São todos passivos, exceptuando, bem entendido, mas em pequeno número — a *élite* dos bons alunos.

A prova experimental desta incapacidade de esforços pessoais é-nos dada pelos concursos trimestrais para o logar de primeiro. A maioria dos alunos teme este exercício. Compôr sobre um assunto, em que não se trata ainda de encontrar por si mesmos, mas na maioria dos casos simplesmente redistribuir, segundo um plano novo, os materiais fornecidos pelo curso — pôr na sua exposição a nitidez e a *lucidus ordo* que o leitor exige — é um exercício francamente desagradavel.

Está claro que esta repugnância pelo trabalho, a levam consigo para as universidades, aliás sem grande prejuizo, pois que nenhum exame se occupa do que seja o candidato e do que ele valha: apenas se avalia o estado de memória e o nivel minimo afinjido pelas coisas sabidas. Um estudante consciencioso, se reflectir, confessará a si mesmo quanto é pequena, durante um ano de direito, de ciências naturais, de história, a soma de esforços que não sejam puramente de memória.

Também é curioso seguir, até nos sábios, as formas subltis que a preguiça sabe revestir. Preguiça, bem entendido, que de nenhum modo exclui um grande trabalho e grandes fainas: porque aqui a quantidade não exclui a qualidade. Ainda mais, a quantidade do tra-

balho é muitas vezes prejudicial à sua qualidade. Por exemplo, os eruditos escarnecem de bom grado os filosofos. Todavia é para estes que eles firam as castanhas do lume, como o Ratão da fábula. Ratão é o simbolo do trabalho de erudição:

Ratão mete a patinha
Duma maneira engraçadinha,
Afasta um pouco a cinza e tira o dedo;
Depois inda outra vez a mete a medo;
Tira a castanha, e duas d'outra vez
E até surripia tres.

É com effeito um trabalho que se deixa e que se retoma. Constantemente sustentado por textos, o espirito não tem que fazer obra de criador, e pode estudar com proveito ainda quando tenha perdido a sua fina ponta de penetração. Talvez o tempo se encarregue de confirmar as previsões de Renan sobre as ciências de pura erudição. Não têm futuro. Os seus resultados são precários, muito sujeitos a controvérsias — e de mais, as vinte mil obras que cada ano se vão amontoar na Biblioteca Nacional, terão antes de cinquenta anos ajuntado, sem contar os jornais e periódicos, um milhão de volumes à colecção actual.

Um milhão de volumes! Tomando como espessura média por volume dois centímetros, temos uma pilha quatro vezes mais alta que o Monte Branco!

Cada vez mais a história se desembaraçará dos nomes próprios para se ater aos grandes factos sociais, sempre muito hipotéticos nas suas causas e nos seus effeitos, e a erudição pura perderá, morta pela enormidade de materiais amontoados, toda a autoridade junta dos espiritos pensantes. A acumulação será cada vez menos considerada como trabalho. A essas tarefas vir-se-ha a dar o seu verdadeiro nome de «empreitadas». Reservar-se-ha o nome de *trabalho* para

a elaboração da obra, eliminação das minúcias inúteis, e para a concentração, que produz o supremo esforço do pensamento. Criar, com efeito, é procurar a *silhouette* essencial, dominadora, e assentá-la em plena luz. As minúcias inúteis «ao lado» não fazem mais que alterar a verdade, e indicam de certo modo, para a vista exercitada, as infiltrações nos ímpetos de energia intelectual do fundo de preguiça incoercível que ha em nós.

Ah! mas pode dizer-se que o nosso sistema de ensino tende a agravar esta preguiça intelectual fundamental. Os programas secundários parecem destinados a fazer de todo o aluno um *disperso*. Obrigam estes infelizes adolescentes a conhecer superficialmente tudo, e não lhes permitem penetrar qualquer coisa a fundo pela variedade de matérias a absorver. Como é que um rapaz poderá pensar que o sistema de ensino secundário é absurdo? E no entanto ele tende a matar o espírito de iniciativa, e todo o desejo de lealdade no trabalho. Ha poucos anos o poder da nossa artilharia era mediocre: hoje está decuplicado. Porquê? Porque o obus rebentava ao ferir o obstáculo; rebentava contra ele, sem lhe fazer grande prejuizo. Hoje, pela invenção dum *detonador* especial, o obus caminha ainda alguns segundos depois de ter batido, penetra profundamente, e é então que alojado na espessura do alvo, num contacto apertado por todos os lados, rebenta despeçando e pulverizando tudo.

Na nossa educação actual esqueceram-se de juntar ao espírito o seu detonador: nunca deixam que os conhecimentos adquiridos penetrem profundamente. — Queres parar? Caminha! Caminha! — Mas eu ainda não aprendi; este sentimento está apenas esboçado em mim por esta leitura. — Caminha! Caminha! Novo judeu errante has de andar sem parar: has de atravessar as matemáticas, a física, a química, a zoologia,

a botânica, a geologia, a história de todos os povos, a geografia das cinco partes do mundo, duas línguas vivas, muitas literaturas, a psicologia, a lógica, a moral, a metafísica, a história dos sistemas... Caminha, caminha para a mediocridade, e leva do liceu ou do colégio o hábito de tudo estudar superficialmente, de tudo julgar segundo as aparências!

Esta rápida carreira pouco abrandará na Universidade, e para muitos estudantes tornar-se-ha mais rápida ainda.

Ajunta também que as condições da vida moderna tendem a reduzir a nada a nostra vida interior, e levam a dispersão do espírito a um grau, que difficilmente se poderá exceder. A facilidade das comunicações, a frequência das viagens, a deambulação no mar e na montanha dissipam o nosso pensamento. Nem sequer ha tempo para ler. Vive-se uma vida agitada e ao mesmo tempo vazia. O jornal com o estímulo factício que dá ao espírito, a ligeireza com que as informações levam o interesse através dos factos diversos das cinco partes do mundo, fazem que para muita gente a leitura dum livro se torne enfadonha.

Como resistir à dispersão do espírito, que tende a produzir o meio, quando a educação não nos preparou de modo algum para essa resistência? Não é desolador pensar que a obra capital, a educação da vontade em parte nenhuma é empreendida directa e conscientemente? Tudo o que neste sentido se faz é com objectivos diferentes: cuidam apenas em mobilar a inteligência, e não cultivam a vontade senão até onde é necessário para o trabalho intelectual. Que digo eu, cultivam-na? Excitam-na, eis tudo. Pensa-se unicamente no presente. Hoje, um aparelho completo de repressão e de galvanização: a censura do professor, os escárneos dos camaradas; as punições dum lado, e do outro as recompensas e os elogios; amanhã, ape-

nas a perspectiva lonjinha e vaga dum exame de licenciado em direito, de doutorado em medicina, que os mais preguiçosos chegam a conquistar. A educação da vontade faz-se ao acaso, saia o que sair: e a pesar disso não é a energia que faz o homem completo? Não ficariam estereis sem ela os dons mais brilhantes da inteligência? Não é ela o instrumento por excelência de tudo o que os homens têm feito de grande e de belo?

Coisa estranha! toda a gente intimamente diz o que nós aqui dizemos. Toda a gente sofre desta desproporção entre a cultura demasiado tensa do espírito e a fraqueza da vontade. Mas ainda não apareceu nenhum livro sobre os meios de levar a bom termo a educação da vontade. Não sabem, nem fazem mais do que recommençar essa obra que os nossos professores nem sequer esboçaram. Interrogai dez estudantes ao acaso entre os que trabalham pouco; as suas confissões resumem-se nisto: dantes no liceu o nosso professor estabelecia para cada dia, ou melhor para cada hora, a tarefa que tínhamos a cumprir. A ordem a executar era clara e precisa: tínhamos que estudar tal capítulo de história, tal teorema de geometria, de fazer um certo tema, ou de traduzir certa passagem. Além disso, éramos auxiliados, encorajados ou castigados: estimulava-se a emulação com ardor e habilidade. Hoje nada de semelhante. Não temos nenhuma tarefa fixa. Dispomos do tempo a nosso modo. Como nunca tivemos iniciativa alguma na distribuição do nosso trabalho, pois não nos ensinaram nenhum método apropriado à nossa fraqueza, estamos exactamente no caso de alguém que fôsse lançado à água, completamente nu, depois de lhe terem ensinado a nadar, cuidadosamente envolvido numa triplice couroça de cortiça. Está claro que nos afogámos. Não sabemos trabalhar, nem querer; ainda mais, não sa-

bemos onde estudar os meios de fazer por nós mesmos a educação da nossa vontade. Não ha nenhum livro pratico sobre este assunto. Por isso resignámo-nos e tratámos de não pensar na nossa abdicação. Isto é muito doloroso. Além disso ha o café, a cervejaria, os camaradas que sam duma alegria relativa. Afinal, o tempo sempre vai passando...

Esse livro que tantos mancebos se queixam de não ter, é o que nós tentámos escrever.

CAPÍTULO II

O fim a atingir

Se bem que os programas de ensino não se occupem da vontade, nós sentimos que só valem pela energia e que nada de profundo se pode tentar sobre um fraco. Por outro lado, sabendo que os nossos esforços dam a medida aproximada do poder da nossa vontade, quasi nos não encomodamos por nos fazer valer a esse respeito. Exajeramos o trabalho que fazemos. Nada nos custa declarar que nos levantamos às quatro horas da manhã, sabendo que ninguém nos fará a injúria de vir verificar o que dizemos. E quando, às oito horas, visitais esse diligente trabalhador e o encontrais na cama, reparai que cada uma das vossas raras visitas coincide com uma extraordinária má sorte, com um teatro, ou uma *soirée* da véspera, o que explica que não esteja a trabalhar desde as quatro horas. No entanto esse desesperado trabalhador é reprovado nos exames.

Não ha assunto em que a mentira entre os estudantes seja tam comum.

Ainda mais, não ha jovem que a si próprio não minta e não tenha grandes illusões sobre o seu próprio trabalho, e sobre a sua capacidade de esforço. Mas que sam estas mentiras senão uma homenagem

prestada a esta grande verdade — que o homem nada vale senão pela sua energia?

Qualquer dúvida emitida por outrem sobre a nossa vontade fere-nos cruelmente.

Contestar o nosso poder de trabalho não é acusar a nossa fraqueza e a nossa pusilanimidade? Crermos-nos incapazes dessa perseverança de esforços, sem a qual temos de renunciar a elevarmo-nos acima da pobreza intelectual da maior parte das pessoas que enchem as chamadas carreiras liberais, não é considerarmo-nos irremediavelmente perdidos?

A homenagem indirecta prestada ao trabalho prova a existência dum desejo de energia nos estudantes. O nosso livro não é mais que o exame dos processos que pode pôr em prática um rapaz de vacilantes veleidades, para fortificar em si mesmo o desejo de trabalhar até o transformar primeiramente em resolução firme, ardente e duravel, e por fim em hábitos invencíveis.

Por trabalho intelectual deve-se entender ou o estudo da natureza e das obras doutrem, ou então a produção pessoal. O trabalho de produção exige primeiramente o estudo, e contém todos os géneros de esforços intellectuais. O instrumento de trabalho é, no primeiro caso, a atenção propriamente dita, e no segundo a meditação ou concentração em si mesmo. Trata-se em ambos os casos de atenção. Trabalhar é estar atento. Infelizmente a atenção não é um estado estavel, fixo, duravel. Não poderíamos compará-la a um arco constantemente tenso. Consiste antes num repetido número de esforços, de tensões mais ou menos intensas e seguindo-se com uma rapidez maior ou menor. Numa atenção enérgica e persistente os esforços seguem-se de tam perto, que dam a illusão da continuidade. Continuidade aparente, que pode durar apenas algumas horas cada dia.

O fim a alcançar é pois obter esforços de atenção intensos e perseverantes. Seguramente um dos mais belos resultados, que podemos conquistar, cultivando o poder sobre nós mesmos, é a repetição diária de esforços penosos, corajosamente aceites, porque a juventude ardente e trasbordante tende a fazer constantemente predominar a vida animal sobre a vida fria, aparentemente descolorida e falsa da maior parte dos trabalhadores da inteligência. Mas esforços intensos e perseverantes não bastam; podem ser anárquicos e dispersivos. Devem, pelo contrário, ser orientados para um mesmo fim. Para que uma ideia ou sentimento se aclimate em nós, obtendo a naturalização são necessárias condições de frequente assistência e intimidade. É necessário que por uma lenta e perseverante progressão e influência uma ideia ou um sentimento estendam o círculo das suas relações, que se imponham pouco a pouco pelo seu valor pessoal. Vêde como se criam as obras d'arte. Um pensamento, muitas vezes um pensamento da juventude, que nasceu viável, permanece a princípio limbo e obscuro no homem de génio. Uma leitura, qualquer incidente da vida, uma expressão feliz lançada de passagem por qualquer autor ocupado noutro assunto, ou não preparado para esta ordem de pensamentos, e que entrevê a ideia sem lhe compreender a fecundidade, dá a esta ideia em incubação consciência do seu valor e do seu possível destino. Desde então alimentar-se-ha de tudo. Viajens, conversações, leituras variadas fornecer-lhe-ham elementos assimiláveis de que se vai saciar e fortificar. É assim que Goethe incubou durante trinta anos a sua concepção do *Fausto*. Levou todo este tempo a germinar, a crescer, a lançar raízes cada vez mais profundas, e a beber na experiência os sucos nutritivos de que esta obra de génio é feita. Assim deve succeder, guardadas as devi-

das proporções, com qualquer ideia importante. Se ela não faz mais do que passar por nós, é como nula e não concebida. É preciso que se lhe dê uma atenção repetida, frequente, cordial; é necessário não a abandonarmos até que possa viver por si mesma, até que se haja tornado um centro de organização. É necessário mantê-la na consciência por muito tempo, obrigando-a constantemente a voltar lá, adquirirá assim a vitalidade necessária para chamar a si, por essa força misteriosa de magnetização, que se chama associação de ideias, os pensamentos fecundos e poderosos, que se lhe ham de encorporar. Este trabalho de organização da ideia ou do sentimento efectua-se lentamente pela meditação calma e paciente. Acontece com estes desenvolvimentos o mesmo que com aqueles admiráveis cristais de laboratório: exigem no seio dum líquido absolutamente tranquilo o depósito lento e regular de milhares de moléculas. É neste sentido que toda a descoberta é obra da vontade. Foi «pensando sempre nisso» que Newton verificou a sua descoberta da gravitação universal. Se ha ainda quem duvide de que o génio seja uma «longa paciência», que escute a confissão de Darwin: «Como assunto de meditação e de leitura eu só escolhia aqueles que me fizessem pensar directamente naquilo que tinha visto, ou que viesse provavelmente ver... estou certo que essa disciplina é que me tornou capaz de realizar o que em ciência realizei.» Seu filho acrescenta: «Meu pai tinha o poder de não perder de vista um assunto durante um grande número de anos.»¹

Mas de que serve insistir numa verdade tão evidente? Basta-nos resumir. O fim a atinjar pelo tra-

¹ *Vie et correspondance de Darwin*, trad. Varingny, 1888, 2 vol. pag. 69, 135.

balhador intelectual é a energia da atenção voluntária, a energia que se traduz não somente pelo vigor e frequência dos esforços, mas ainda e sobretudo por uma orientação muito clara de todos os pensamentos para um fim único, e pela subordinação durante o tempo necessário das nossas volições, sentimentos e ideias à ideia directriz e dominadora, pela qual trabalhamos. A preguiça humana ha de nos afastar sempre desse ideal, mas devemos tender a realizá-lo o mais completamente que nos fôr possível.

Antes que examinemos de perto os meios de transformar numa vontade duradoira um desejo fraco e indeciso, importa desembaraçarmo-nos de duas teorias opostas, mas igualmente funestas para o domínio de nós mesmos.

CAPÍTULO III

Rejeição das teorias desanimadoras e falsas a respeito da educação da Vontade

§ I

Não deve a polémica passar dum trabalho preparatório, que o escritor tem de fazer cuidadosamente, mas que deve guardar para si. Não ha nada tam impotente como a pura negação: para convencer, de nada serve o criticar; o que é necessário é construir.

E porque o nosso livro é um trabalho de construção, porque apresenta uma doutrina mais sã e mais solidamente apoiada sobre os mais claros dados da psicologia, é que nós atacamos aqui duas teorias muito espalhadas, e tam deploraveis pelos seus resultados práticos, como especulativamente falsas.

Falsa em si e praticamente lamentavel no mais alto grau é a teoria que considera o carácter como imutavel. Exposta por Kant, e renovada por Schopenhauer, tem esta hipótese por si o apoio de Spencer. Segundo Kant, escolhemos o nosso carácter no mundo *noumenal*; e esta escolha é irrevogavel. Apenas «des-cidos» no mundo do espaço e do tempo, o nosso carácter, e por consequência a nossa vontade, fica tal e qual como está sem que o possamos modificar por muito pouco que seja.

Schopenhauer declara também que os diferentes caracteres são inatos e imutáveis. Por exemplo, não se pode mudar a espécie de motivos à qual a vontade do egoísta é acessível. Pod'is pela educação enganar um egoísta, ou antes corrigir-lhe as ideias e levá-lo a compreender que o meio seguro de alcançar o bem estar e o trabalho é a honestidade, e não a velhacaria. Mas temos de renunciar a tornar a sua alma sensível ao sofrimento de outrem: isso é, de certo, muito mais impossível que mudar o chumbo em ouro. «É possível fazer ver a um egoísta que renunciando a uma pequena vantagem pode realizar uma muito maior; e a um mau que, causando a outrem um sofrimento, a si mesmo inflige um outro muito maior. Mas refutar a maldade e o egoísmo em si mesmos, isso é que é impossível. Não, tanto como provar a um gato que ele faz mal em gostar dos ratos.»¹

Herbert Spencer considera o assunto de modo muito diferente. Admite com a escola inglesa que o carácter pode ser transformado com o tempo sob a pressão das forças exteriores, das condições da vida; mas esse trabalho exige séculos. Praticamente esta teoria é desanimadora, porque eu estudando não posso contar com dez séculos de vida, mas somente com vinte anos de plasticidade. Se quiser tentar a obra do meu melhoramento moral, não o perderei fazer. Não poderei lutar contra o meu carácter, herança que me foi legada pelo meus antepassados, e que representa milhares, talvez até milhões de anos de experiências, organicamente registadas no meu cérebro. Que fazer contra uma formidável coligação de antepassados que, apenas eu me quiser desembara-

¹ *Fondement de la morale*, p. 172, trad. Bourdeau F. Alcan.

çar duma parte do legado que me transmitiram, se ligam contra a minha fraca vontade pessoal? Nem mesmo é razoável tentar a revolta, porque o desbarato é certo de antemão. Posso todavia consolar-me com a ideia de que os meus descendentes num espaço de cinquenta mil anos, pelo jogo regular do meio social e da hereditariedade, se hão de assemelhar a máquinas aperfeiçoadas, continuamente tornadas a montar durante séculos, e dando em resultado a dedicação, o espírito de iniciativa, etc.

Posto que esta questão do carácter, considerada sob este ponto de vista, ultrapasse os limites do que nos propusemos tratar, devemos examiná-la na sua generalidade e na posição mais forte para os nossos adversários.

As teorias que acabámos de expor parecem-nos um notável exemplo da preguiça de espírito, que é o pecado original indelevel nas mais altas inteligências, preguiça de espírito, que os faz sofrer passivamente a sugestão da *linguagem*. Estamos todos tão habituados a pensar com as palavras, que elas ocultam-nos a realidade de que são meros sinais. Porque é única, a palavra arrasta-nos a crer na unidade real das coisas. É a esta sugestão provocada pela palavra *carácter* que devemos a teoria preguiçosa do carácter imutável. Efectivamente, quem não vê que o *carácter não é mais que uma resultante*? Ora uma resultante de forças está sempre em via de se modificar. O nosso carácter tem uma unidade análoga à da Europa: o jogo das alianças, a prosperidade ou a decadência dum Estado modificam sem cessar a resultante. O mesmo sucede com as nossas paixões, ideias e sentimentos, que estão numa perpétua transformação e que, além disso, pelas alianças que juntamente contraem e desfazem podem mudar a intensidade, e até mesmo a direcção da resultante. Assim

o nosso tratado será a demonstração da possibilidade duma mudança de carácter.

Se examinarmos os argumentos em favor da teoria não encontramos em Kant senão razões *a priori*; e estas razões *a priori*, que ele reputa necessárias para fundar a possibilidade da liberdade, desligar-se-hiam do sistema, como coisa morta, se Kant não tivesse confundido o fatalismo com o determinismo, o que nós veremos.

Em Schopenhauer ha mais vacuidades do que argumentos, porque gosta de alardear erudição e amontoar autoridades. As autoridades não valem a menor prova de facto. Eis os únicos argumentos que nele encontramos: 1.º se o carácter fôsse perfectível «devíamos encontrar notavelmente mais virtude na metade mais edosa da humanidade que na mais nova», o que não sucede; 2.º quemquer que uma vez se mostrou um mau homem perdeu para sempre a nossa confiança, o que mostra que todos crêmos na *imutabilidade do carácter*.

O que provam, para quem reflectir, semelhantes argumentos? Serão efectivamente argumentos? Em que é que tais asserções, aliás exactas no conjunto, provam que ninguém pode modificar o seu carácter? Provam somente (o que não deixará dúvidas a ninguém) que a imensa maioria nunca empreendeu a sério nenhuma reforma do carácter. Constatam que as inclinações regulam quasi todos os actos da vida sem intervenção da vontade. A maior parte dos homens são governados pelo exterior: seguem a moda, a opinião, pensando tanto em resistir como pensamos em não seguir a terra no seu movimento de translação à roda do sol. Haverá quem conteste a preguiça quasi universal? A maioria dos homens passam a vida à procura de subsistência: trabalhadores, pobres, mulheres, crianças, mundanos, quasi não

reflectem: são «títeres»¹ um pouco complicados e conscientes, mas que têm o princípio de todos os seus movimentos na região dos desejos involuntários e das sugestões estranhas.

Arrancados à animalidade por uma lenta evolução, sob a pressão de crueis necessidades da luta pela vida, a maior parte, desde que as condições exteriores cessam de os aguilhoar, tendem a retroceder. Aqueles a quem uma ardente sede de ideal e uma certa nobreza de alma não dam motivos interiores para proseguir a tarefa penosa do seu libertamento cada vez mais completo da animalidade, deixam-se ir ao sabor da corrente. Por isso não nos espanta observar-se que o número de velhos virtuosos não ultrapasse o dos jovens, e razão ha para desconfiar dum patife bem averiguado.

O argumento válido seria provar que toda a luta é inútil, e que um egoísta nunca pode realizar importantes sacrificios, só porque os desejou. Semelhante asserção não merece que a examinemos. Vêem-se os cobardes afrontar a morte para ganhar dinheiro! Não ha paixão que não possa eliminar o medo da morte. Ora o maior bem que o egoísta possui é seguramente a vida. Não se viram já egoístas levados por um entusiasmo passageiro sacrificar a sua existência à patria ou a qualquer nobre causa? Se este estado passageiro foi possível, em que ficava durante este tempo o famoso — *operari sequitur esse*? Um carácter que se transforma radicalmente, ainda que seja durante meia hora, não é um carácter imutável, e ha esperanças de renovar essas mudanças cada vez com uma maior frequência.

Além disso onde encontrou Schopenhauer caracte-

¹ Port. Royal. Logique.

res, absolutamente egoístas, por exemplo desde o primeiro ao último pensamento, desde o primeiro ao último sentimento? Uma tal simplificação da natureza humana provavelmente nunca se realizou; e mais uma vez a crença de que o carácter seja uma coisa una, um bloco homogêneo, assenta sobre uma observação excessivamente superficial. O carácter é uma resultante de forças heterogêneas; e a nossa asserção, fundada sobre a observação dos homens vivos, e não sobre abstracções, basta para deitar por terra a injénua teoria de Kant e de Schopenhauer. Quanto a Spencer bastará observar-lhe que as boas tendências são tam hereditárias e tam fortemente organizadas como as más, e que se pode ter *por si*, com habili-dade, tanto poder ancestral, como se poderia ter *contra si*. Em todo o caso a questão não passa duma questão a mais ou a menos, e a continuação deste livro acabará com ela, conforme o esperámos.

Deixemos, pois, esta teoria do carácter imutável, já que ela se não segura muito bem de pé. Ah! nós temos também os nossos teóricos do desânimo, e em particular Taine, que, com uma estreiteza de vistas inconcebível num tam grande espírito, não soube distinguir o fatalismo do determinismo. Reajindo contra o espiritualismo *cousiniano*, foi até o ponto de considerar a nossa vida como independente da nossa vontade, e a virtude como um produto, tal qual como o açúcar. Imagem injénua e infantil, que pela sua brutalidade afastou por muito tempo os espíritos do estudo do determinismo psicológico, e que falseou, a quando do seu aparecimento e ainda muitos anos depois, a significação do livro de Ribot sobre as doenças da vontade. Tanto é verdade que nestes delicados assuntos, mais vale uma leição de adversários que um amigo decidido mas desastrado.

§ II

Falta-nos ainda arredar do nosso caminho uma teoria de feição mais arrogante, que afirma a possibilidade de nos tornarmos senhores de nós mesmos, mas que, considerando demasiadamente fácil esse trabalho de libertação, tem levado o desânimo a tantos ou mais espíritos que as teorias fatalistas. Queremos falar da teoria do livre-arbitrio.

O livre-arbitrio, cujo destino se tem procurado ligar ao da liberdade moral, nada tem que ver com ela. Porque, apresentar aos jovens como fácil, como dependente dum *fiat*, o trabalho longo, penoso e todo de perseverança, que é a libertação de si mesmo, é votá-los previamente ao desânimo. Quando o convívio assíduo com os homens de vontade da antiguidade encheu o mancebo de entusiasmo, convém pô-lo em presença do trabalho por excelência, não lhe dissimulando nenhuma das dificuldades. Mas é necessário igualmente mostrar-lhe o triunfo seguro, se perseverar.

Tornámo-nos tam senhores de nós mesmos por um *fiat*, como a França se tornou poderosa depois de 1870 por um *fiat*. A pátria levou vinte anos de esforços perseverantes e penosos a levantar-se. Do mesmo modo o nosso levantamento pessoal será um trabalho de paciência. Pois como! Ha criaturas que passam trinta anos a exercer um duro officio para ganhar o direito de descansar depois no campo, e a esta obra tam grande e tam nobre do domínio de nós mesmos não se havia de consagrar nenhum tempo! Disso depende o que havemos de valer, e consequentemente o que temos de ser, e o papel que temos a desempenhar. Por esse trabalho podemos impôr ao mesmo tempo a estima e o respeito a todos. Só as-

sim se nos abrirão largamente as fontes da felicidade (porque toda a felicidade profunda provém da nossa actividade bem regulada), e com esta obra quasi nenhum adulto se inquietaria? O desprezo, que affectamos votar-lhe, oculta evidentemente um sofrimento secreto, que aliás todos nós temos experimentado.

Qual o estudante que não sentiu dolorosamente a desproporção entre os seus desejos de bem trabalhar e a fraqueza da sua vontade? Sois livres! diziam os nossos mestres! E esta afirmação, com desespéro a sentiamos mentirosa. Ninguém nos ensinava que a vontade se conquista lentamente, ninguém pensava em estudar os meios de a conquistar. Ninguém nos exercitava nessa luta, ninguém nos amparava; e então, por uma reacção muito natural, aceitávamos com transporte as doutrinas de Taine e dos fatalistas, que ao menos nos consolavam e nos ensinavam a resignação perante a inutilidade da luta. E deixavamo-nos ir tranquilamente ao sabor da corrente, aturdindo-nos para não sentirmos a mentira dessas doutrinas consoladoras da nossa preguiça. Ah! sim, a causa essencial dessas doutrinas fatalistas da vontade é a teoria injénua, e ao mesmo tempo funesta, dos filósofos do livre-arbítrio! A liberdade moral, como a liberdade política, como tudo o que tem algum valor neste mundo, deve ser conquistada por uma grande luta e incessantemente defendida. É a recompensa dos fortes, dos habéis, dos perseverantes. *Ninguém é livre se não merece ser livre.* A liberdade não é nem um direito, nem uma coisa já feita: é uma recompensa, a mais alta recompensa, e a mais fecunda em felicidade. É para todos os acontecimentos da vida o que a luz do Sol é para uma paisagem. A quem a não conquistar serão recusadas todas as alegrias profundas e duráveis da vida.

Oh! nenhuma questão tem sido mais obscurecida, que a questão vital da liberdade. Bain chama-lhe a *luchadura enferrujada da metafísica*. É claro que entendemos por liberdade o domínio de nós mesmos; e o seguro predomínio em nós dos nobres sentimentos e das ideias morais sobre os impulsos da animalidade. Não devemos sonhar assim o impecavel domínio de nós mesmos: muito poucos séculos nos separam dos selvajens antepassados, que se abrigavam nas cavernas, para que possamos desembaraçar-nos absolutamente da herança de irascibilidade, de egoísmo, de concupiscência e de preguiça, que eles nos legaram. Os grandes santos, que venceram nesta luta sem tréguas da nossa natureza humana com a natureza animal, não conheceram a alegria dos triunfos perenos e incontestados.

Mas, notemo-lo de novo, a obra cujas grandes linhas traçamos, não é tam difficil como a obra de santificação de nós mesmos, porque uma coisa é lutar contra a nossa preguiça e contra as nossas paixões, e outra procurar extirpar de nós, absolutamente, o egoísmo. Mesmo reduzido a estes termos o combate é longo e difficil. Nem os ignorantes, nem os vaidosos poderão sair vencedores dêsse combate.

Ha uma tática a seguir, que é necessário conhecer, e um longo labôr, que é necessário aceitar. Entrar na arena sem conhecer as leis da psychologia, ou sem seguir os conselhos de quem as conhecer, é tentar vencer ao xadrez um adversário experimentado, sem conhecer o movimento das peças. Mas dirão os partidários dum quimérico livre-arbítrio: se nada podeis crear, se, por um *fiat* voluntário não podeis dar a tal motivo ou mobil uma força que ele naturalmente não tem, não sois livres! Com certeza que somos livres, e não o pretendemos ser doutra maneira: em vez de pretender dar força a um motivo por uma

simplez volição (?) por um acto bizarro, misterioso e contrário a todas as leis científicas, nós pretendemos dar-lho por uma inteligente aplicação da lei de associação. Não dominámos a natureza humana, senão obedecendo-lhe. A única garantia da nossa liberdade são as leis da psicologia, que são igualmente o único instrumento possível da nossa libertação. Para nós só ha liberdade dentro do determinismo.

Eis-nos no ponto preciso do debate. Dizem-nos: se não aceitais que a vontade possa, *sem de nenhum modo o desejar*, unicamente pela sua livre iniciativa assegurar a preponderância a um motivo sem força sobre poderosos moveis, *tendes de presumir o desejo*. O vosso estudante se não deseja trabalhar, nunca trabalhará. Eis vos caído numa predesinação mais cruel que a predesinação calvinista; porque o calvinista predesinado ao inferno não o sabe, e a esperança do céu nunca o abandona. Mas o vosso estudante por um profundo exame de consciência pode saber que não tem o desejo, a graça, e que portanto todo o esforço é inútil: deve deixar à porta toda a esperança.

Eis a questão posta nitidamente. Tenho ou não tenho desejo de melhor: se o não tenho, todo o esforço é vão. Ora, como o desejo não depende de mim, pois que a graça está onde quer, eis-me chegado ao fatalismo; ainda mais, à predesinação! — Muito bem; mas concedendo isto, concedemos mais do que parece. Notai que o desejo do melhor, *por fraco que seja*, já basta, porque empregando os meios de cultura convenientes, podemos desenvolvê-lo, torná-lo firme e transformá-lo numa solida e duravel resolução. — Mas esse desejo, por muito fraco que o postuléis, é necessário tê-lo! Se não preexiste, nada podeis fazer!

— Admitimo-lo plenamente: estamos certos de que

os partidários da liberdade pelo *fiat*, nos concederão que nada de profundo ha a fazer sobre uma decisão de melhorar, que não assenta sobre um certo desejo de melhorar! Fazer contra vontade uma obra de grande fôlego, não *amar* o que se procura realizar, é roubarmo-nos toda a probabilidade de bom êxito. Para termos bom êxito, é necessário amarmos o nosso trabalho. — Mas, ainda uma vez, o vosso estudante ou tem esse amor, ou não. Se o não tem, está condenado sem remissão. — Bem; concedemos esse dilema. Sim, o desejo é necessário: sem o desejo de libertação, não ha liberdade! Mas os dolorosos efeitos desta predesinação atinjem apenas uma categoria de pessoas, que os próprios partidários do mais absoluto livre-arbitrio consideram como miseraveis predesinados.

Com efeito, esse grupo de predesinados coincide com o dos alienados, atinjidos de *loucura moral*. Admitimos, sem o poder demonstrar, e unicamente porque nunca encontramos casos negativos, que se perguntarem a qualquer homem não atinjido de alienação, se prefere a carreira gloriosa dum Pasteur à dum bêbado envilecido, este homem responderá que sim. Isto é evidentemente um postulado; mas quem o contestará?

Haverá homens *absolutamente* insensíveis ao esplendor do génio, à beleza, à grandeza moral? Se uma fera assim existe, ou já existiu, confesso que o seu caso me deixa frio. E se o meu postulado é verdadeiro, e é, decerto, para a totalidade dos homens *humanos*, isso me basta. Porque desde que um homem prefira aos mais repelentes exemplares da espécie humana, a grandeza dum Sócrates, dum Régulus, dum Vicente de Paula, esta preferência, por fraca que seja, é suficiente. Porque, preferir implica *amar*, *desejar*. Esse desejo, por fugitivo que se su-

ponha, pode ser protegido e fortalecido. Aumentará-se o cultivarem, e transformar-se-ha pelo jôgo habi-mente manejado das leis psicológicas, numa resolução viril. É assim que duma glande, refeição dum rato, sai um poderoso carvalho, que desafia os furacões.

Por conseguinte, não nos perturba nada estarmos caídos nessa predestinação, porque a não ser um grupo de alienados incuráveis, e talvez um grupo de algumas feras irredutíveis, todos somos predestinados para o bem. De nenhum modo, pois, a moral tem necessidade de ligar a sua sorte a teorias tam arriscadas — e repetimo-lo, tam desanimadoras como a do livre-arbítrio. *A moral tem apenas necessidade de liberdade, o que é muito diferente. E esta liberdade só é possível no determinismo e pelo determinismo.* Para assegurar a nossa liberdade, basta que a nossa imaginação seja capaz de conceber um plano de vida a realizar. O nosso conhecimento, e a nossa prática das leis de psicologia, permitir-nos-ha por meio de desvios e de alianças assegurar a preponderância do plano escolhido, e obrigar a trabalhar nos nossos projectos o tempo, que é o grande poder de libertação em nós.

A nossa concepção de liberdade não é talvez tam sedutora para a preguiça como a teoria do livre-arbítrio; mas tem sobre esta última a vantagem de ser adequada à realidade da nossa natureza psicológica e moral, e de não nos expôr ao ridículo duma afirmação orgulhosa de absoluta liberdade, constantemente contraditada por uma demasiada sujeição aos inimigos interiores. Se esta contradição fosse apenas divertida para o psicólogo observador, não passaria de meio mal; mas é que não tarda a produzir o desânimo nos mais bem intencionados. De mais, esta teoria do livre-arbítrio tem afastado — o que é uma

perda irreparavel — muitos espíritos penetrantes do estudo das condições da vontade.¹

Agora que o caminho está desembaraçado das teorias em voga sobre a natureza da vontade, podemos penetrar a fundo no nosso assunto, e estudar de perto a psicologia da vontade.

¹ Para adquirir esta convicção basta saber em que profundo esquecimento caiu a obra psicológica mais sólida que produziu a escola de Cousin, no que diz respeito à vontade. Queremo-nos referir ao *Quadro de actividade voluntária para servir à ciência da educação* por Debs. Amiens, 1844, 196-páginas in 8.^o.

Debs, segundo cremos, morreu aos trinta e quatro anos. Ha no seu livro páginas duma grande penetração, se atendermos à data da obra. A páginas 30 e seguintes lê-se uma exposição da teoria reproduzida por W. James — que a vontade não liga os termos senão na ordem mental.

O que não teria feito nesta ordem de estudos o espírito tam fino de Jouffroy, se não fôsse desviado pelas discussões bizantinas, então em moda, sobre o livre arbitrio! Esta teoria suspendeu durante meio século o estudo da vontade.

LIVRO SEGUNDO

A psicologia da vontade

CAPÍTULO PRIMEIRO

Estudo do papel que as ideias representam na vontade

Se os elementos da nossa vida psicológica fôsem simples, nada seria mais fácil que estudar os perigos e os recursos que apresentam na obra do domínio de nós mesmos. Mas estes elementos formam entre si ligas e até mesmo combinações, que tornam delicado o trabalho de análise por miúdo.

É contudo fácil de notar que os elementos da nossa vida íntima se reduzem a tres: as nossas ideias, os nossos estados afectivos e as nossas acções.

§ I

A palavra ideia encerra muitos elementos diferentes. A distinção mais profunda, que o psicólogo, preocupado com as relações entre a inteligência e a vontade, pode efectuar entre as nossas ideias é a distinção das ideias centripetas e das ideias cen-

trífugas. Um grande número de ideias vêm-nos de fóra. Referindo-se a essas ideias diz Montaigne que «não foram joeiradas»; são verdadeiros hóspedes de passagem, que não sofreram nenhum trabalho de assimilação, e às quais a nossa memória unicamente serve de depósito. Estão aí alojadas lado a lado as ideias contraditórias, e todos nós temos na cabeça um montão de pensamentos vindos das nossas leituras, das nossas conversações e até dos nossos sonhos: estranhos que, para se introduzirem dentro de nós, se aproveitaram da nossa preguiça de espírito, e a maior parte ao abrigo da autoridade de algum escritor ou de algum mestre.

É neste arsenal, onde há bom e mau, que a nossa preguiça e a nossa sensualidade irão encontrar justificações. Das ideias desta natureza somos nós senhores; podemos pô-las em linha, fazê-las evoluir à nossa vontade: mas, se temos todo o poder sobre elas, não têm elas quasi nenhum sobre nós.

A maior parte são palavras, nada mais. É a luta das palavras contra a nossa preguiça e a nossa sensualidade é a luta da panela de barro contra a panela de ferro. Fouillée, falando das ideias-forças, defendeu uma tese, que é falsa duma maneira geral. Não viu que o que a ideia tem de força executiva lhe vem quasi sempre da sua aliança com as verdadeiras forças, que são os estados afectivos. A cada momento nos vem a experiência demonstrar o fraco poder da ideia. Vai uma grande distância do puro assentimento formal à fé eficiente e instigadora de actos. Desde que a inteligência se encontra só na luta, sem auxílio alheio, contra a coorte brutal das forças sensuais, está condenada à impotência. No estado de saúde é impossível esse isolamento da inteligência; mas a doença dá-nos provas claras de que toda a força instigadora de actos importantes emana da sensibilidade.

Que a inteligência não tenha em si nenhuma força, não o pretendemos; mas que ela é impotente para remover ou recalcar as pesadas e massiças tendências animais, eis o que nos parece bem certo. Ribot demonstrou com o auxílio de exemplos frisantes que, quando a sensibilidade está profundamente atinjida, quando a *alegria* que segue à sensação não aparece, quando a ideia fica seca e fria, um ser inteligente torna-se até incapaz de mover a mão para fazer uma assinatura. Qual de nós ao despertar, depois de uma noite agitada e de um repouso imperfeito não se encontrou ainda num estado semelhante? Mergulhados num torpôr profundo, com a inteligência bastante clara, vemos o que seria preciso fazer, mas, ah! sentimos que, apesar disso a ideia tem pouca força por si mesma. Mas se sentimos neste momento a criada parlamentar com um visitante anunciado, de que nos tínhamos esquecido, a vergonha de nos encontrarmos em falta, o que é um sentimento, deita-nos fora da cama a toda a pressa. Os casos citados em Ribot constituem uma viva ilustração do contraste entre os efeitos da ideia e os do sentimento. Um dos doentes de que ele fala, e incapaz de fazer o mínimo movimento voluntário, posto que tivesse a inteligência intacta, foi o primeiro a saltar da carruagem em que ia, quando ela esmagou uma mulher na estrada. Infelizmente, há quem acredite que os estados patológicos são estados à parte, quando eles não são mais do que um aumento da realidade. Assim como um avaro estará sempre pronto a rir-se dos ridículos de Harpagon, sem os aplicar a si, da mesma forma nos repugna vermo-nos nos estados bem claros das doenças mentais. Mas toda a nossa experiência nos convenceu da impotência da ideia. Sem falar dos alcoólicos que *sabem* muito bem as consequências que têm de tirar da sua embriaguez, mas que só as sen-

tem ao primeiro ataque de delirium, quando já é tarde em demasia, o que é a imprevidência senão a visão das ameaças do futuro, sem o sentimento dessas ameaças? Depois vem a miséria e dizem: ah! se eu soubesse! Sabiam, mas não com aquele conhecimento sensível e comovido, o único que vale em face da vontade.

Abaixo desta camada de ideias tam pouco penetrantes, ha as ideias que podem ganhar algum beneficio com o apoio de sentimentos passageiros. Por exemplo, acabamos de passar muitos dias numa meia preguiça, a lêr, enquanto o livro que devíamos fazer fica de lado, porque o esforço se recusa, apesar das excellentes razões, que a nós mesmos nos damos bruscamente o correio traz-nos a noticia do triumpho dum camarada, deixando-nos picados pela emulação; e o que as mais altas e sólidas considerações não poderam conseguir, consegue-o de repente uma onda emotiva de ordem inferior. Lembrar-me hei sempre dum acontecimento que me mostrou com deslumbrante evidência a diferença que a ideia faz da emoção.

Era numa antemanhã e eu atravessava uma camada de neve de rápida inclinação, e cujo fundo desaparecia no escuro, lá escorregando. Nem por um momento perdi o sangue frio. Tinha a consciência da minha situação critica e uma vista clara do perigo. Consegui, pensando muito a sério que me ia matar, abrandar e depois parar de todo a minha carreira, cem metros mais abaixo. Muito calmo, atravessei lentamente a camada de neve ajudando-me com o alpenstock; e uma vez em segurança nos rochedos, definitivamente salvo, fui (talvez por causa do esgotamento provocado pelos esforços excessivos) tomado dum violento tremor. Batia-me o coração, cobriu-se-me o corpo dum suor frio, e somente então eu senti

um medo, um terror extremo. Num instante a *ideia do perigo tornou-se sentimento do perigo*.

Mais profundas que estas ideias de origem externa adoptadas provisoriamente por estados affectivos transitórios, ha as ideias que, apesar de provenientes também do exterior, estão em harmonia com sentimentos fundamentais, e que formam com eles uma aliança tam estreita, que não se sabe se é a ideia que absorveu o sentimento ou o sentimento a ideia. Neste grau já se confundem com as ideias de origem interna, que nascem da nossa profundidade e que sam a tradução em fórmulas claras do nosso próprio carácter e mais profundas tendências. A nossa personalidade affectiva dá-lhes uma ardente coloração; sam até certo ponto sentimentos. Tal como a lava, que resfriada à superfície, se conserva durante anos ardendo a uma certa profundidade, assim essas ideias conservam na sua metamorfose intellectual o calor da origem affectiva. Sam ao mesmo tempo as inspiradoras e os sustentáculos de toda a actividade prolongada numa certa direcção.

Todavia, note-se bem, estas ideias não sam perfeitamente ideias: sam substitutos claros, precisos e commodamente manejaveis dos sentimentos, isto é dos estados psicológicos poderosos, mas lentos, pesados e dificeis de manejar. Sam muito diferentes dessas ideias de superfície que constituem «o homem verbal» e que não passam de palavras, sinais vazios das coisas significadas. De certo modo lhes vem a energia pelas raizes. É uma energia emprestada, que vam beber na fonte viva dos sentimentos, das paixões, numa palavra dos estados affectivos. Quando uma ideia como esta de que falamos nasce numa alma que a acolha ardentemente, por um duplo e misterioso fenómeno de endosmose, que estudaremos, a ideia atrai a si os sentimentos próprios para a fecundar: fortifica-se e

alimenta-se deles de certa maneira; e por outro lado a clareza da ideia passa para os sentimentos e dá-lhes não o vigor mas a *orientação*. A ideia é para os sentimentos o que a magnetização é para as inumeráveis correntes da barra de ferro macio; dirige-as no mesmo sentido, destrói os conflitos e, do que era apenas ajuntamento incoerente, forma uma corrente disciplinada, duma força centuplicada. É assim que basta por vezes em política a fórmula feliz dum homem popular para dirigir a um fim bem claro as forças até aí anárquicas e contraditórias duma democracia.

Mas reduzidas a si mesmas as ideias não têm força contra a brutalidade das inclinações. A quem não aconteceu já ser de noite tomado por um medo despropósito, absurdo, e ficar na cama, o coração a bater-lhe com violência, as fontes inchadas pelo af fluxo de sangue e ser incapaz, apesar de lhe não ter enfraquecido a razão e de continuar clara a inteligência, de abandonar essa ridícula emoção? Àqueles que ainda não tenham experimentado coisa semelhante aconselho-os a que leiam no campo, depois da meia noite, com hibernia e grande vento, a *Porta murada* dos contos fantásticos de Hoffman; verão à evidência quam pouco pesam a sua razão e as suas ideias claras, contra a emoção do medo. Sem falar de sentimentos tão fortes e quasi instinctivos, podemos estudar a diferença do poder realizador da ideia e dos estados afectivos, observando os sentimentos *adquiridos*. Compare-se a crença «psitácica» puramente intelectual da burguesia das pequenas cidades com a crença sentida dum dominicano. Porque sente a verdade religiosa, este último pode-lhe fazer o sacrificio absoluto de si mesmo, privar-se do que o mundo aprecia, aceitar a pobreza, as macerações, e um regimen de vida muito duro. O burguês, para quem a crença é de ordem intelectual, vai à missa, mas não tem

a mínima repugnância pelo mais tórpe egoismo. É rico e explora sem piedade uma pobre criada que alimenta mal, exigindo dela continuamente um trabalho extenuante. Comparem-se ainda as veleidades do socialismo dum *boulevardier*, que não se privaria dum prazer, nem mesmo duma despesa de pura vaidade, com o socialismo sentido dum Tolstoi, que acumula todos os bens — nobreza, fortuna, génio, e que vive a vida do camponês russo. É por isso também que a ideia da inevitabilidade da morte é abstracta para a maior parte das pessoas. E esta ideia, apesar de tudo tam consoladora e tranquilizante, tam própria para enfraquecer os nossos sentimentos ambiciosos, o orgulho e o egoismo, e para secar a fonte dos nossos sofrimentos, não tem influência sobre a nossa conduta. Como não havia de ser assim se até nos condenados à morte essa ideia, geralmente só é sentida nos últimos momentos. «Esse pensamento estava sempre presente, mas duma maneira vaga e geral, e ele não podia detêr nele o espirito. Assim ao passo que estremecia de terror e se tornava vermelho com o fogo, pensando que em breve ia morrer, pôs-se involuntariamente a contar os varões da grade do tribunal, espantando-se por ver um quebrado e perguntando-se a si mesmo se o concertariam... foi só na noite desse último e triste dia, que o pensamento da sua situação desesperada e do espantoso desenlace de que se aproximava se apresentou ao seu espirito em todo o seu horror; até então não tinha entrevisto senão duma maneira vaga a possibilidade de morrer tam cedo. »¹

É inutil acumular exemplos. Cada qual pode, procurando na sua experiência passada, encontrar uma

¹ Dickens Oliver. Twist, ch. L. II, trad. franc. 1883.

ampla colheita de factos característicos, que o convenceram fortemente das nossas conclusões. Não, a ideia por si mesma não é uma força. Seria uma força, se existisse só na consciência. Mas como lá se encontra em conflito com estados affectivos é obrigada a ir buscar aos sentimentos a força que lhe falta para lutar.

§ II

A impotência da ideia é tanto mais desoladora, quanto nós temos pleno poder sobre ela. O determinismo da associação dos estados de consciência, habilmente utilizado dá-nos na região intelectual uma liberdade absoluta. Sem as mesmas leis da associação, que nos permitem quebrar uma cadeia de estados associados, introduzir-lhe elementos novos e tornar a ligar a cadeia. Enquanto eu procurava um exemplo concreto destinado a «ilustrar» esta afirmação teórica, o acaso, fiel fornecedor das criaturas que seguem uma ideia, veio trazer-mo. Ouviu-se o apito duma fábrica. Esse som, esse estado presentativo quebrou contra a minha vontade a trama das ideias que eu seguia, e introduziu bruscamente na minha consciência a imagem do mar, um perfil de montanhas da Córsega, depois o admirável panorama que se descobre dos cais de Basfia. É que o apito tinha exactamente o mesmo som que o apito do paquete que eu ouvi tantas vezes durante tres anos. Pois bem! Eis a nossa libertação: é a lei do mais forte. Um estado presentativo é em regra mais forte que um estado representativo, e se o apito ouvido pode partir uma série de ideias, nas quais *queremos* pensar, bastará que empreguemos conscientemente o mesmo processo. Podemos, quando queremos, produzir em nós estados presentativos — introduzir, para nos libertarmos

de associações muito fortes, estados presentativos, que rompam violentamente a cadeia. Ha sobretudo um estado presentativo notavelmente docil e cómodo: o movimento, e entre os movimentos, os que constituem a linguagem. Podemos pronunciar palavras em voz alta e podemos lêr. Podemos até, à maneira dos religiosos nas suas tentações, fustigar-nos e quebrar com violência as associações perigosas. Podemos assim impôr pela força a ideia a que queremos assegurar a vitória, de modo que por sua vez seja o ponto de partida duma nova direcção do pensamento. De mais, temos um poderoso auxiliar para a nossa tarefa na grande lei da memória. Toda a lembrança precisa para se gravar profundamente duma repetição frequente e prolongada. Tem sobretudo necessidade duma atenção viva e simpática, se assim se pode dizer. Os substractos cerebrais das cadeias de ideias que expulsámos da consciência, e que mantemos no exilio, anemiam-se, apagam-se e arrastam com a sua atrofia o desaparecimento das ideias correspondentes. Somos, pois, senhores dos nossos pensamentos: podemos arrancar as más plantas e até mesmo destruir a porção de terrço que elas trazem.

Ao contrário, quando queremos conservar as associações presentes e deixá-las desenvolver, devemos ter primeiro grande cuidado em afastar os estados presentativos estranhos ao nosso assunto e próprios a fazer irrupção na consciência: procuramos o silêncio, a calma, e podemos até fechar os olhos se a trama dos nossos pensamentos é frágil. Além disso chamâmos em nosso auxilio os estados presentativos que nos podem auxiliar: falâmos em voz alta, escrevemos os nossos pensamentos; a escrita sobretudo constitui um socorro maravilhoso nas longas meditações. Ampara o pensamento e faz cúmplices do movimento das ideias os olhos e a mão. Uma disposi-

ção natural, fortemente cultivada pela profissão, faz com que eu não possa ler sem *articular*, de maneira que o pensamento é sustentado por tres cadeias de sensações presentativas, e até por quatro, porque é difficil articular sem ouvir a palavra.¹

Em resumo, porque nós temos pleno poder sobre os nossos músculos, especialmente sobre os dos órgãos dos sentidos, ou sobre os que se põem em jogo na linguagem, é que nos podemos libertar da escravidão da associação de ideias. Pode isso differir segundo a natureza de cada um de nós: em psicologia actualmente, é-se culpado de querer generalizar o seu caso, pois que se descobrem cada dia novos tipos, que até aí se confundiam.²

Mas para mim, a única lembrança completamente à minha disposição, e sempre a primeira a ser evocada quando quero intervir no meu pensamento para lhe modificar o curso, é a prèimajinação dum movimento. Não tenho poder sobre o meu pensamento, senão porque sou senhor dos meus músculos.

Seja qual fôr o ponto de vista sob que encaremos a educação da vontade por nós mesmos, a conclusão dêste capítulo é bastante desanimadora. Temos todo

¹ Sabido é que a lembrança duma palavra é muito complexa e que se compõe de quatro elementos, a saber: 1.ª duma imagem motriz (palavra pronunciada); 2.ª duma imagem visual (palavra impressa ou manuscrita); 3.ª duma imagem auditiva (palavra ouvida); 4.ª duma imagem motriz gráfica (palavra escrita). Sendo impossivel o pensamento sem a linguagem, é claro que sob toda a trama de pensamentos se desenvolvem uma ou muitas tramas, formadas das imagens, de que acabamos de falar. Quando se escreve, as quatro tramas de imagens podem servir de apoio para o pensamento.

² Cf. Ribot. *L'évolution des idées générales*. F. Alcan. 1891.

o poder sobre as nossas ideias mas, ai! o poder das nossas ideias na luta contra a preguiça e sensualidade é quasi desprezível: vejamos se podemos ser mais felizes, estudando os recursos que oferecem os estados affectivos para a obra do domínio de nós mesmos.

CAPÍTULO II

Estudo do papel que os estados afectivos representam em relação à vontade

§ 1

É difícil encarecer o poder que os estados affectivos têm sobre a nossa vontade. Tudo podem, e até mesmo fazer-nos afrontar sem hesitação a morte e o sofrimento. Verificar o seu poder é verificar uma lei empírica universal. Mas é possível transformar essa lei empírica numa lei científica, isto é, fazê-la derivar duma lei mais alta e considerá-la como uma consequência deduzida duma verdade evidente.

Se separarmos pela análise os elementos que, conjuntamente fundidos, constituem o sentimento, concluímos que acontece com ele o mesmo que com um *adágio* de Beethoven: ha um motivo fundamental sob todas as variações, que ora o occultam, ora o põem em relêvo. Esta frase, renascendo sempre sob mil formas, é como a alma juntamente diversa e una que dá vida ao desenvolvimento musical. Essa frase que suporta o *adágio* inteiro com as suas prodigiosas riquezas, tem por correspondente no sentimento uma tendência elementar. Essa tendência é que dá ao sentimento a sua unidade. Sobre ela se podem desenvolver as variações mais ricas das sensações

do prazer e da dor, e das recordações. Mas é ela que vai colorir com uma gradação particular todos estes elementos secundários. Como as criaturas, que em Descartes não existem senão por uma *criação continuada* de Deus, do mesmo modo os nossos prazeres, as nossas dores, as nossas sensações e as nossas recordações não têm realidade senão por uma espécie de criação continuada: é a energia viva da tendência que nelas resplandece. Desapareça ela, e ficará apenas um conjunto de estados psicológicos frios, mortos — puras, descoloridas e ineficazes abstracções.

Este fundo substancial dos sentimentos deixa-nos compreender porque é que eles têm em nós um tão grande poder. Com efeito, o que são as tendências, senão a nossa actividade, a nossa vontade de viver, que fortemente disciplinada pela dor foi constrangida a abandonar muitas direcções no seu desenvolvimento para se espalhar nas devidas direcções, sujeitando-se de certo modo à lei de morrer ou de se escoar em canais, que são as tendências particulares organizadas?

Esta actividade disciplinada pela dor, e que, finalmente, se vai traduzir por séries de movimentos musculares ligados entre si, e constituindo uma acção ou tal grupo de acções claramente diferenciadas das outras, é a forma inicial de toda a tendência.

A actividade sem a disciplina da dor, dispersar-se-hia em todas as direcções e ficaria emasculada: a experiência força-a a canalizar-se em tendências, e estas tendências, a nosso ver, constituem a nossa energia central, primitiva, que por jácios ardentes atravessou a crosta superficial das ideis adquiridas e dos sentimentos secundários de origem externa. É a nossa força viva que se derrama nos músculos apropriados e se traduz em actos habituais: e é isso

mesmo que explica a potência motriz das inclinações. Consistem num grupo de movimentos, ou antes, numa massa de movimentos elementares. Por exemplo, o material muscular posto em jôgo pela cólera, pelo amor, etc. . . . é sempre o mesmo no seu conjunto em todos os casos. É, além disso, sensivelmente o mesmo em toda a espécie. Tal como é, assim foi para as inumeráveis gerações que nos transmitiram a existência. Sobre este fundo um pouco falho, borda cada um as suas inovações pessoais, mas o seu conjunto é tam coerente, que as próprias crianças de berço lhe compreendem a significação. Esta ligação entre tal tendência e tal série de expressões musculares foi transmitida por hereditariedade. É um laço multi-secular. Compreende-se que as tramas conscientemente ligadas por mim entre tal ideia e tal movimento muscular quasi não tenham força ao lado dêsses outros laços tornados automáticos: a única probabilidade de não serem destruídos nesta luta desigual seria, conforme prevemos, o procurar alianças e fazer causa comum com as tendências hereditárias: desta forma poder-se-hia arriscar uma luta em que a trama frágil que liga a ideia ao movimento não suportasse o choque.

A força do sentimento manifesta-se por uma grande riqueza de efeitos. Um sentimento vivo pode perturbar os estados psicológicos, que sejam aparentemente os mais independentes dêle, como a percepção dos objectos sensíveis. É verdade que toda a percepção, ainda elementar, é uma interpretação de certos sinais. Eu não vejo esta laranja, julgo somente por certos sinais que deve ser uma laranja. Mas esta interpretação com o hábito torna-se instantânea, automática, portanto bem difícil de alterar. Pois bem, o sentimento repele a cada momento a verdadeira interpretação e sujerê uma interpretação halucinatoria,

que toma na consciência o lugar da outra. Sem falar do medo que provoca, à noite, interpretações absurdas dos ruídos mais naturais, não é certo que o odio nos cega sobre os factos mais evidentes? Lembremo-nos, para nos convencermos bem desta curiosa falsificação, dos erros das mãis sobre a beleza dos filhos, ou tornemos a ler a bela *boutade* de Molière que ri das ilusões provocadas pelo amor:

• É a pálida em brancura
A um jasmim comparavel,
É a negra de meter medo
Uma morena adoravel

Mas não é somente a percepção que pode falsificar o sentimento. Os sentimentos fortes não respeitam os sentimentos mais fracos. Por exemplo, e brevemente teremos que sublinhar a importância dêste facto, a vaidade, sentimento tam vivo em muita gente, pode expulsar da consciência sentimentos realmente experimentados. Os sentimentos que é conveniente e elegante experimentar sam fortemente sujeridos pelo amor próprio. Esses estranhos hospedam-se na consciência e escondem os sentimentos reais como um espectro, que appareceu deante duma parede, oculta ao halucinado os desenhos da tapeçaria, tal qual o faria uma pessoa realmente presente. É em consequência duma auto-sugestão desta natureza que o estudante sacrifica ás profundas alegrias da sua idade e do seu estado a pretensos prazeres que, desembaraçados da ganga dos sentimentos sujeridos pela vaidade e pelos companheiros, sam miseraveis. É assim também que os mundanos, superficiais por gosto e incapacidade, nunca vam procurar no fundo de si mesmos os sentimentos reais que experimentam a meio da sua vida ao mesmo tempo afadigada, tola e esteril. Contraem o hábito de se afi-

gurar que experimentam realmente os sentimentos de convenção, que é de distinção na sua roda parecer experimentar, e este hábito acaba por matar neles a possibilidade duma emoção verdadeira. Esta sujeição ao «que dirão os outros» faz deles seres amáveis, polidos e sem nenhuma originalidade: gentis bonecos mecânicos, cujos cordelinhos estão nas mãos dos outros. Até nos mais terríveis momentos o que eles sentem é tudo convencional.

É claro que podendo adular as nossas percepções e os nossos sentimentos, coisas pesadas e sólidas, os estados afectivos terão toda a facilidade em perturbar esses frageis estados psicológicos, que são as lembranças. E como qualquer julgamento, qualquer crença depende de investigações mais ou menos completas, seguidas duma avaliação precisa dos elementos da investigação, é claro que o sentimento poderá ter aqui consequências prodigiosas. «O principal uso que fazemos do amor à verdade é persuadirmo-nos que é verdadeiro aquilo que amamos». ¹ A quasi todos se nos afigura que nos decidimos por um lado, escolhendo um, entre muitos caminhos a seguir! Ah! mas quasi sempre a nossa decisão é tomada em nós e não por nós: não vai nisso a minima participação do nosso querer consciente: as inclinações, certas da vitória definitiva, consentem de certo modo que a inteligência delibere; querem assim abandonar-lhe a esteril satisfação da crença de que é rainha, mas na realidade é uma rainha que se pavoneia e declama, mas não governa.

Com efeito a inteligência, que tam docilmente se submete às violências dos estados afectivos, já não oferece essa mesma submissão à vontade. Não gosta

¹ Nicole. *De la connaissance de soi*. I, VI.

de executar as secas ordens que dela recebe: potência sentimental, sam-lhe necessárias ordens comovidas e repassadas de paixão. Mostrou-nos a patologia como um homem, absolutamente incapaz de querer, foi o primeiro a saltar da carruagem para prestar os mais solícitos cuidados a uma mulher esmagada ¹.

Isto para uma volição particular.

Com muito mais razão uma vontade duravel e poderosa deve ser apoiada por sentimentos igualmente poderosos e, senão constantes, pelo menos excitados com frequência.

«Uma sensibilidade intensa, diz Mill, é o instrumento e a condição que nos permitem exercer sobre nós mesmos um império poderoso; mas para isso torna-se necessário que seja cultivada. Tendo recebido essa preparação, não cria apenas os herois do primeiro impulso, mas também os herois da vontade que se possui. Prova a história e a experiência que os mais apaixonados caracteres mostram o máximo de constância e de rigidez no sentimento do dever quando a sua paixão foi dirigida nesse sentido ²». Observemo-nos cuidadosamente a nós mesmos e veremos que, à parte os actos que por hábito se tornaram automáticos, toda a volição é precedida duma onda emotiva, duma percepção afectiva do acto a executar. Umas vezes, como já vimos, a ideia do trabalho a executar não tem o poder de nos fazer levantar, ao passo que o sentimento de vergonha por sermos encontrados na cama, não obstante termos prometido na véspera que nos levantaríamos de madrugada, basta para nos obrigar a vestir à pressa;

¹ Ribot. *Maladies de la volonté*. Loc. cit., p. 48 et 52 note f. Alcan.

² Mill. *Assujettissement des femmes*, 150, 199.—Ribot. *Maladies de la volonté*, 117, 118, 169.

outras vezes é o sentimento duma injustiça, que nos impele a um protesto, que nos é custoso, etc., etc. Além disso, a educação tam pouco racional, que hoje em dia dá às crianças, é fundada em parte sobre uma percepção vaga da verdade. O sistema das recompensas e das punições assenta sobre uma crença confusa de que só as emoções podem movimentar as vontades. Assim as crianças, que têm a sensibilidade a um nível muito baixo, são ineducáveis em relação à vontade, e consequentemente em todos os outros sentidos. «Devemos confessar que entre todas as dificuldades da educação, nenhuma é comparável à de educar as crianças privadas de sensibilidade... todos os seus pensamentos são distrações... *escutam tudo e não sentem nada.*»¹

Se considerarmos as sociedades e as suas volições colectivas como uma ampliação do que se passa nos indivíduos, veremos duma forma bem clara que as ideias não dirigem as sociedades senão indirectamente e apoiando-se nos sentimentos. «O advento duma ideia, observa Michelet, não é tanto a primeira aparição da sua fórmula como a sua definitiva incubação, quando, depois de ter sido aquecida pelo amor, desabrocha, fecundada pela força do coração»². Spencer sustenta, e com razão, que são os sentimentos «que governam o mundo»³. Objecta-lhe⁴ Stuart Mill que «não foram as emoções e as paixões humanas que descobriram o movimento da terra». Certamente que não. Mas essa descoberta derivou para seu proveito de sentimentos poderosos, sem os quais não teria tido

¹ Fénelon. *Education des filles*, ch. IV.

² *Les Femmes de la Révolution*, 1854, p. 321.

³ Spencer. *Pourquoi je me repare de Aug. Comte*

⁴ *Aug. Comte et le Positivisme*, 100, 199. Trad. Clemenceau, F. Alcan.

influência nenhuma sobre o procedimento humano. Foi na alma dum Pascal e dum Spinoza, que a ideia germinou. Foi principalmente neste último que o sentimento da insignificância do nosso globo no meio do universo, e por consequência o sentimento da nossa extrema pequenez, tam profundamente penetrou, que ninguém pode viver intimamente com a sua obra, sem que experimente um pouco a grande calma das coisas eternas. Foi só nos filósofos meditativos que esta descoberta produziu efeitos práticos, porque somente nelles provocou a eclosão de profundas emoções. A vontade duma nação ou dum grupo político é uma resultante de estados afectivos (interesses, receios comuns, simpatias comuns etc.) e as ideias puras são pouco eficazes para conduzir os povos. Basta-nos, aliás, chamar a atenção dos nossos leitores para este ponto. Encontraram na história numerosas provas da fraqueza da ideia e da força das emoções sobre o procedimento.

Saberão, por exemplo, dar o respectivo logar às ideias puras de emoção; aos sofrimentos, às cóleras, aos receios e às esperanças no sentimento patriótico que nos anima a todos. Quanto às provas individuais, o mais distraído olhar lançado sobre a «comédia humana» fornecê-las-ha às dezenas. Além dos exemplos que já citamos no capitulo primeiro deste livro, há de também reparar nas devotas que, tendo todo o escrúpulo em não faltar a uma reza, não hesitam em despedaçar as dentadas a reputação das suas «amigas»; homens políticos, alardeando a sua filantropia e que recuam com horror perante a ideia de visitar casebres repugnantes, de entrar em contacto com os pobres, tantas vezes sujos e sempre grosseiros! Há de, em certas ocasiões, como que paralisados, assistir às perturbações provocadas na sua própria consciência pela sensualidade, e ficarão surpreendidos com

as ideias ignobeis que uma secreção acumulada num ponto do corpo é capaz de fazer germinar no pensamento habitualmente mais senhor de si mesmo. Contraporam a esta impotência da ideia, o sacrifício absoluto, não só da existência, mas até de todo o amor próprio, que pode produzir um profundo sentimento religioso. . . Compenetrar-se-ham da verdade do provérbio da Imitação: *Qui amat non laborat*. Com efeito, para quem ama tudo é fácil e agradável de cumprir. Ham de vêr com que estranha facilidade o sentimento materno pode transformar as ideias de honra e patriotismo: que ele viva, que viva infame, mas que viva! Mas verám também por um fenómeno inverso, o patriotismo ardente duma Cornélia provar que aos mais poderosos sentimentos se podem opôr vitoriosamente sentimentos de criação secundária e artificial. Prova este exemplo que é possível desenraizar os mais sólidos sentimentos instintivos. Depois dum tal inquérito, ainda que sumário, ninguém poderá recusar-se a constatar a supremacia dos estados afectivos sobre a vontade.

§ II

Desgraçadamente, se o lado afectivo da nossa natureza tem uma tam manifesta preponderância sobre a nossa vida psicológica, o nosso poder sobre ele é fraco. E o que é mais grave é que, não só nos podemos convencer por um exame dos factos que esta fraqueza é *real*, mas ainda podemos provar que o não pode deixar de ser. Esta impotência é, com efeito, apenas uma consequência da própria natureza do sentimento. Noutra parte demonstramos¹ que qual-

¹ *Revue philosophique*, mai 1890, Sensation, plaisir et douleur, F. Alcan.

quer acção sobre o mundo exterior tem necessariamente os nossos músculos por instrumentos: sem músculos não ha acção exterior. Ora, toda a impulsão vinda de fora, qualquer que seja o caminho seguido, tem por efeito provocar uma resposta do ser, que a recebe, e resposta muscular, bem entendido. As impressões externas sam extremamente variadas: extremamente variadas por consequência serám as adaptações musculares. Mas seja qual fôr a forma tomada pelo acto muscular, necessita dum dispêndio de lôrça. A natureza foi enjenhosamente providente em relação a este dispêndio: basta que uma impressão fira os sentidos, *subitamente* o coração põi-se a bater mais de pressa, a respiração acelera-se, e o conjunto das funções de nutrição é como que fustigado. Este abalo fisiológico immediato é o que constitui propriamente a emoção.

Esta é tanto mais forte, quanto mais forte é esse abalo; e se o abalo faltar, faltará a emoção. Ora este abalo é automático; ainda mais, escapa, quasi que absolutamente à intervenção da nossa vontade, o que é deveras penoso para o domínio de nós mesmos.

Não podemos suster, nem mesmo moderar directamente as pancadas do coração; não podemos abreviar um acesso de terror, impedindo a quasi-paralisia dos intestinos. Ninguém mais do que nós está compenetrado da ideia de que sam raros os homens senhores de si mesmos: que a liberdade é uma recompensa de esforços prolongados, que poucas pessoas têm a coragem de tentar. Daí resulta que quasi todos os homens sam escravos da lei do determinismo, que sam dirigidos pela sua vaidade, pela sua irascibilidade e que por consequência sam, na sua maioria, como diz Nicole «titeres», pelos quais devemos ter piedade. Qualquer que seja a afronta que dêles tenhamos recebido, a única attitude que convém a um

filósofo é a calma, e uma serenidade superior. Que Alceste, o qual acredita no livre arbítrio, se indigne, — aliás sem resultado, é justo; mas o que a nós nos convém é a tranquilidade sorridente de Filinto:

... Posto que a cada passo o possa simular,
Na vossa cólera, ninguém me ha de encontrar.
Nem me hei de ofender mais por ver primeiro
Algum homem velhaco, injusto, interesseiro,
Que depois de ter visto abutres estaimados,
Ou macacos crueis, ou lobos enraivados...

Eis teoricamente qual deve ser a atitude do pensador. Quando se vingar deve ser com perfeita tranquilidade. Nem propriamente falando o sábio se vinga. Procura unicamente garantir-se para o futuro, castigando os que atentam contra a sua tranquilidade, de maneira que ninguém afinal ignore que mais vale deixá-lo tranquilo. Mas em vez deste grande sossêgo desdênhoso, o que vemos nós? Uma beliscadura do amor próprio, uma indelicadeza que nos atinja, provocam imediatamente um abalo fisiológico, inda que a gente não queira. O coração põi-se a bater irregularmente, convulsivamente: fica como doido. Um grande número das suas contracções são imperfeitas, espasmódicas, dolorosas. O sangue é levado ao cérebro em ímpetos violentos, congestionando esse órgão tão delicado, e ocasionando uma torrente de pensamentos violentos, de ideias de vingança, ideias absurdas, exajeradas e impraticáveis; e a nossa filosofia assiste impotente a esse desencadear tão animal, que reprova e condena. E donde vem essa impotência? É que a emoção tem por antecedentes incondicionais a perturbação visceral, sobre a qual a nossa vontade nada influi. E não podendo sustentar essa perturbação orgânica, não podemos impedir que a sua representação, a sua tradução em termos psicológicos invadam a consciência.

Será necessário multiplicar os exemplos? Não temos na sensualidade uma prova «crucial» da causa orgânica da perturbação psíquica?

A loucura transitória e o automatismo das ideias não cessa porventura, quando cessa a causa psicológica? Será necessário dar de novo o exemplo do medo analisado mais atrás? Não é duma limpida clareza que *não devemos* ter poder contra os sentimentos, porque as suas causas essenciais, de ordem fisiológica, escapam ao nosso domínio? Permita-se-me uma análise pessoal, que acabará de mostrar este conflito desigual entre o pensamento e as vísceras? Ha tempo vieram participar-me que meu filho, que saíra de manhã, ainda não tinha aparecido em casa duns amigos, onde devera estar. Imediatamente o coração me começou a bater muito mais de pressa. Mas raciocinei, e logo encontrei uma explicação plausível para semelhante ausência.

Não obstante, a extrema aflicção das pessoas que me rodeavam, e a ideia sugerida não sei por quem de que a criança pudesse ter ido brincar à beira da rápida e grossa corrente que passa perto da minha casa, acabaram de me perturbar. Imediatamente, apesar de sentir que esta desastrada hipótese era duma ridícula improbabilidade, o abalo fisiológico, de que agora falávamos, tornou-se extremo: o coração batia-me tanto, que parecia estalar, sentia no tegumento piloso um vivo sofrimento, como se os cabelos se eriçassem; tremiam-me as mãos, e as mais loucas ideias passavam-me pela cabeça, sem embargo de todos os meus esforços para expulsar este temor, que eu julgava injustificado. Passada meia hora a procurar, encontrou-se a criança; mas o coração continuava-me a bater violentamente. E, facto curioso, como se este abalo que eu reprovava, *frustrado* no seu fim, quisesse apesar disso ser utilizado, pois que o ma-

terial de cólera e de inquietação era sensivelmente o mesmo, fui levado a fazer uma cena com a pobre criada, que não tinha culpa nenhuma do sucedido.

Todavia logo acabei, perante a dolorosa expressão da pobre rapariga, e decidi-me a deixar que a tempestade serenasse; por si mesma, o que ainda levou algum tempo. Pode cada qual fazer sobre si observações análogas, e chegará à desoladora conclusão de que nada podemos contra os nossos sentimentos.

§ III

Eis-nos, pois, metidos num bêco sem saída. A obra do domínio do eu é manifestamente impossível.

O título do livro é mentiroso. A educação do eu é um engodo. Porque, dum lado não tenho poder sobre o meu pensamento; o emprêgo inteligente do determinismo faz-me livre e permite-me jogar com as leis da associação das ideias; mas a ideia é debil, tem apenas uma força irrisória em relação às potências brutais, contra as quais temos de lutar.

Por outro lado, se os sentimentos sam onnipotentes em nós; se regulam à sua vontade percepções, recordações, juízos e raciocínios; se até mesmo os sentimentos fortes destroem e expulsam os fracos, se numa palavra exercem um despotismo quasi sem limites, sam despostas até o fim, e nem aceitam as ordens da razão, nem a inspecção da nossa vontade.

Somos ricos de meios de acção, mas unicamente onde esses meios sam inutilizaveis. A constituição que reje a nossa vida psicológica assegura a onnipotência a uma plebe indisciplinada e ingovernavel: os poderes sensatos, de poder só têm o nome; têm voto consultivo, mas não deliberativo.

Resta-nos, pois, num ímpeto de desespero deitar fora a lança e o arnês, abandonar o terreno de com-

bate, aceitar com resignação o desbarato, e refugiar-mo-nos num fatalismo que ao menos nos dará consolações aos nossos aviltamentos, preguiças e cobardias.

§ IV

Felizmente a posição não é tão desesperada, como seríamos tentados a crê-lo. A força, que a inteligência não possui, pode dar-lha um factor essencial que até aqui temos omitido.

O que actualmente ela não pode, vai o tempo, o grande poder libertador, permitir-lhe em fim a possibilidade. Podemos assim suprir a liberdade immediata, que não temos, por uma estratégia, por meios mediatos e indirectos.

§ V

Mas antes de expor o método que temos para nos libertarmos, é conveniente não desprezar nenhum dos nossos recursos, e experimentar se, não podendo nada ou quasi nada sobre o *essencial* dos nossos estados affectivos, não poderemos ter alguma acção, tentando influir sobre o material secundário da emoção.

Não temos nenhum predomínio directo pelos meios psicológicos sobre o material fisiológico essencial, que comprehende a maior parte dos órgãos não submetidos à vontade, e principalmente o coração. Os nossos únicos meios de acção sam exteriores e pertencem à terapeutica. Uma violenta cólera pode ser dominada pela absorção de certa dose de digitalina, cuja acção consiste em regularizar as contracções do coração.

Podemos pôr termo às mais violentas efervescências sexuais pela absorção de calmantes. Podemos

vencer a preguiça, o torpor físico e intelectual pela injeção de café. Mas esta bebida acelera os movimentos do coração, dá-lhe um andamento espasmódico e predispõe muitas pessoas para a cólera. Num grande número de criaturas nervosas o café ocasiona dispneia, uma sensação de constrição e tremor nos membros: predispõe assim para as angústias, para as inquietações sem motivo, e até para os terrores despropositados.

Mas os nossos meios de acção de pressa se enumeram; e, tudo somado, quasi não vale a pena falar no poderio directo sobre o essencial dos sentimentos.

Não acontece o mesmo para tudo o que no material do sentimento é muscular. A tradução exterior do sentimento pertence-nos, pois que somos senhores de executar ou não executar os movimentos. Ha entre o sentimento e a sua tradução exterior uma associação constante.

Ora é uma lei geral em psicologia, que quando dois elementos quaisquer, estiveram frequentemente associados, um tende a despertar o outro.

É em consequência desta lei que os mais profundos psicólogos práticos se ocuparam da educação do sentimento; e tanto Inácio de Loyola como Pascal, recomendam os actos externos da fé como eminentemente próprios a dispôr a alma para o estado affectivo correspondente. Sabe-se que no estado de sono hipnótico a attitude que corresponde a uma emoção é soberana para sugerir esta última. «Seja qual for a paixão que se quiser exprimir pela attitude do paciente, apenas os músculos necessários a essa paixão entram em actividade, a própria paixão subitamente se manifesta e toda a organização lhe corresponde!»

¹ Cf. Braid. *Neurypnology*.

Afirmava Burke, segundo refere Dugald Stewart, ter muitas vezes experimentado que nele a cólera se acendia, à proporção que ia imitando os sinais exteriores desta paixão. Os cães, as crianças, e até as pessoas grandes, que lutam a brincar, não acabam geralmente por se zangar a sério? Não sam contageosos o riso e as lágrimas?

Não observou o povo que ha mais alegria, onde ha mais alegres companheiros?

Não é uma pessoa triste e melancólica um desmancha-prazeres, uma verdadeira calamidade para uma família? O cerimonial chinês, tam próprio para dar uma verdadeira ideia de autoridade, não foi deliberadamente estabelecido por Confucio, que, tal como Loyola, era de opinião que os gestos tendem a sugerir os sentimentos correspondentes? As pompas católicas, com todo o seu cerimonial duma psychologia tam profunda, não sam singularmente próprios para fazer uma grande impressão sobre as almas, ainda as menos crentes? Desafio qualquer homem de fé a que obste a um movimento de respeito na sua alma, no momento em que aos cantos succede, no meio do maior silêncio, a prostração simultânea dos fiéis. Ainda na mesma ordem de ideias, a visita dum amigo transbordando felicidade não nos vem sossegar no meio das maiores inquietações?

Além disso, é inutil amontoar mais exemplos: facilmente se encontram, procurando-os.

Infelizmente, o que nós podemos provocar, sam os sentimentos *já existentes*. Assim despertam-se, reavivam-se, mas não se criam. Os sentimentos assim renovados ficam muito fracos; o processo que actua de fora para dentro, não pode ser considerado senão como um auxiliar poderoso. Serve antes para *manter* o sentimento na plena luz da consciencia. É o que já vimos serem os movimentos, e em especial a escrita

para o pensamento: um socorro precioso para impedir que as distrações façam vacilar a atenção. Ajuda a manter no primeiro plano a cadeia de estados de consciência, sempre pronta a partir-se e a deixar que se introduzam no seu lugar estados novos. Mas julgar que assim se pode sugerir numa alma um sentimento, que lá não está senão em germen, ou que nem em germen está, é ignorar que o elemento essencial de todo o sentimento escapa ao nosso poder.

Assim quando uma emoção se manifesta em nós, não podemos impedir que ela se traduza exteriormente. A cólera para se exprimir *tem necessidade* dos punhos fechados, dos dentes cerrados, da contracção dos músculos da face, duma respiração ofegante: *quos ego!* posso ordenar aos meus músculos que se distendam e à minha boca que sorria; posso moderar os espasmos respiratórios. Mas se eu não experimentei extinguir as primeiras manifestações, ainda fracas, da emoção nascente, se a deixei aumentar, os meus esforços provavelmente ficam inúteis, sobretudo se interiormente a vontade não chega a mandar em socorro outros sentimentos, tais como o sentimento da dignidade pessoal, o medo dalgum escândalo, etc. O mesmo se poderia constatar em relação à emoção sensual. Se o espírito é cúmplice do desejo, se enfraquece a resistência interior, a resistência dos músculos, agentes do desejo, dura pouco. E, regra geral, nada serve bloquear o inimigo, levantando contra ele trabalhos materiais, se as tropas que investem, sentem que os chefes enfranquecem e estão dispostos a pactuar. Essa recusa dos músculos em obedecer à paixão deve ser energeticamente apoiada por todas as potências interiores solidárias. Daí vem que *de fora* pouco podemos sobre o interior. A nossa influência *directa* para provocar na alma um sentimento ou para imobilizar, reduzir à inpotência,

e principalmente para destruir um sentimento, é pois fraca.

O que esses meios externos nos fornecem é apenas um *complemento*: complemento precioso sem dúvida, mas que não faz mais do que juntar-se a uma acção interna já vigorosa.

§ VI

Se estivéssemos, pois, encerrados no presente e vivessemos cuidando apenas do dia de hoje, sem previsão, toda a luta seria inútil. Assistiríamos impotentes ao conflito das ideias, dos sentimentos e das paixões dentro de nós. A luta havia de ser interessante, mas a inteligência não passaria de espectadora antecipadamente desanimada. O máximo que ela poderia era, como quem joga nas corridas, divertir-se a fazer cálculos sobre o resultado da luta: acabaria até por adquirir nesse prognóstico uma certa infalibilidade. Além disso, para a maior parte da gente a inteligência não tem outro papel, porque quasi todos são logrados pela sua presciência. Porque eles prevêem o que ha de suceder, e ha de suceder precisamente o que o seu desejo *quer* que aconteça, é que eles se julgam livres. A inteligência envergonhada da sua impotência gosta de alimentar a doce ilusão de que é soberana. Mas na realidade as inclinações tratam os negócios sem ela, que tem tanta influência sobre o resultado do conflito como o meteorologista sobre o grau de saturação da atmosfera, sabendo que ha de chover no dia seguinte.

Mas o que é regra, e regra merecida pelos que nada se esforçaram para conquistar a sua liberdade, não é de modo algum uma regra necessária. Pode cada um chegar a dar a lei a si mesmo. A liberdade que o presente nos recusa, permite-nos o tempo que

a conquistemos. O tempo é o nosso libertador. É a soberana potência que liberta a inteligência, e que lhe dá a possibilidade de se subtrair à vassalagem das paixões e da animalidade. Porque os estados affectivos de toda a ordem são forças brutais e cegas, e o papel das pessoas que não vêem, ainda que fôsem hercules, é ser dirigidos pelos que vêem claro. A inteligência, tornando-se habil, vai pela sua aliança com o tempo, isto é por uma tática paciente, tranqüila, mas tenaz, apoderar-se lenta e seguramente do poder e até da ditadura, duma ditadura apenas temperada pela preguiça do soberano e pelas revoltas temporárias dos súbditos.

É a natureza e os efeitos desta libertação pelo tempo, que nós devemos estudar na presente ocasião. Em seguida estudaremos os meios práticos de nos libertarmos.

CAPÍTULO III

A supremacia da inteligência

§ 1

O que é de capital importância na obra da conquista do eu é a ligação em sólidos hábitos das ideias e do procedimento, ligação tal que ao surgir a ideia no espirito, se lhe siga o acto com a precisão e rigor duma reflexa. Ora nós já adquirimos a desoladora certeza de que só o sentimento pode produzir os actos com este quasi-automatismo. Esta ligação entre uma ideia, a ideia de trabalhar, por exemplo, e a sua tradução em actos não se opera a frio.

É necessário que a soldagem para ser sólida e difficil de quebrar, seja realizada por meio do calor dos estados affectivos.

Desta maneira pode adquirir uma solidez extrema. Demais disso, que é a educação senão pôr em actividade sentimentos poderosos para criar hábitos de pensar, de trabalhar, isto é para organizar no espirito da criança sistemas ligados de ideias com ideias, de ideias com sentimentos, de ideias com actos? É primeiro levada pelo medo, pelo amor próprio, pelo desejo de agradar a seus pais, que a criança disciplina pouco a pouco a atenção, que reprime a tendência a

fazer barulho, os gestos exuberantes, que se conserva asseada e que trabalha; por outras palavras, empregam-se sentimentos naturais e poderosos, habilmente aplicados, para desfazer o laço entre certas inclinações e a sua expressão natural, e para operar entre certas ideias e certos actos, até aí desligados, robustas soldajens.

As emoções religiosas nos meios ou nas épocas de fé profunda formam uma massa de extrema energia, porque são compostas de sentimentos elementares, isoladamente poderosos e agrupados num feixe coherente. O medo à opinião pública, o respeito pela autoridade de pessoas revestidas dum carácter sagrado, e as recordações acumuladas pela educação; o temor dos castigos eternos, a esperança do céu, o terror dum Deus justiceiro por toda a parte presente, tudo olhando e tudo escutando, e discernindo ainda os mais secretos pensamentos, tudo isso é como que fundido num estado afectivo extremamente complexo, mas que à consciência se afigura simplez. A chama ardente desse sentimento tam vigoroso, dam-se soldajens definitivas entre ideias e actos: é assim que nas naturezas religiosas e superiores, uma injúria pode não provocar a cólera, tanto a sua resignação é pronta e sincera; e nem a castidade causa lutas, de tal modo as incitações sexuais que abrasam o cérebro dos seres moralmente inferiores estão destruídas, enfraquecidas ou depuradas. Belo exemplo de triunfo obtido contra tendências tam poderosas, unicamente pelo antagonismo de sentimentos superiores.

Dizia Renan: «Sinto que a minha vida é sempre governada por uma fé que eu já não tenho; a fé tem isso de particular, que actua ainda depois de ter desaparecido». Isto não é de modo algum particular à fé. Toda a emoção sincera que durante muito tempo ligou os actos a certas ideias pode desaparecer, mas

deixa atrás de si esse laço, assim como no silojismo o meio termo desaparece, apenas trouxe a conclusão.

Mas semelhantes ligações, que o sentimento ata tam facilmente, pode tambem a ideia formá-las com a condição de conseguir a cumplicidade dos estados affectivos. Nada mais frequente: na educação que recebemos na família e no liceu, os pais e os professores podem fazer as soldajens que quizerem, como já vimos. Do mesmo modo a religião.

Mas na obra de educação de nós mesmos por nós mesmos já assim não succede. A tarefa é muito mais complicada; exige um profundo conhecimento da nossa natureza psicológica e dos seus recursos. A saída do liceu, os mancebos guiados até aí pelos pais ou pelos professores, que tinham um trabalho regular e perfeitamente definido imposto pelo regulamento, encontram-se dum para outro dia sem preparação especial, sòzinhos numa grande cidade, sem vigilância, muitas vezes sem conselhos e principalmente sem um trabalho definido: porque preparar um exame não é o mesmo que ter dia a dia o emprego do tempo bem traçado. Mais sanções tambem não têm: a única (e tam afastada, tam pouco eficaz!) é o revês temido no fim do anno.

Mas a maior parte dos estudantes, aprovados apesar de tudo quasi sem trabalho, dizem para afastar todo o raciocínio: trabalharemos a valer no último mês!

Vai ser necessário, no meio de circunstâncias tam ingratas assegurar o predomínio da ideia, e conseguir-lhe apoio em sentimentos que já existem no estudante. É questão de tática; mas primeiro devemos examinar bem os nossos recursos, sem omitir nenhum, e observar de muito perto a questão de saber como se ham de formar os laços necessários entre tais ideias e tal procedimento.

§ II

Examinaremos em primeiro lugar *as relações da ideia com as potências afectivas favoráveis à obra do domínio do eu.*

Os filósofos que se ocuparam das relações da inteligência com o sentimento, e esses bem mais numerosos, distinguem duas espécies de conhecimento: o conhecimento propriamente intelectual e o conhecimento *pelo coração*¹. É uma forma incorrecta de expor uma verdade fundamental. Todo o conhecimento é intelectual. Mas quando o conhecimento é acompanhado por uma emoção, ha fusão íntima dos dois elementos, o intelectual e o sensível; e o sentimento por assim dizer mais volumoso e mais intenso que a ideia coloca-se em plena luz da consciência, lançando na penumbra a ideia associada. Vimos mais acima exemplos de ideias frias até certa data, que, bruscamente, despertam emoções violentas, de tal modo que depois a ideia mal pode surgir na consciência, sem que arraste consigo a lembrança da emoção, lembrança que é afinal de contas a emoção no estado nascente. É assim que actualmente, após uma experiência demasiado viva², basta-me pensar que vou a escorregar por uma rampa, para imediatamente experimentar o sentimento da vertigem. Eis aqui entre uma ideia e um estado afectivo anteriormente desconhecido, uma ligação que infelizmente se tornou automática duma só vez. Tais ligações poder-se-ham cimentar artificialmente? Se a resposta fôsse negativa, lá se ia a educação da vontade. Mas acabámos de ver que toda a

¹ Cf. especialmente Clay: *L'Alternative*, trad. Burdeau, p. 229, P. Alcan.

² Vide acima, Livro II., cap. I, § 1.

educação assenta sobre essa possibilidade. Todavia, poderá um estudante livre, que só depende de si, emprender igualmente por sua própria conta o que os pais e os professores podem conseguir? Se a resposta é negativa, a educação de cada um por si mesmo será impossível.

Que tais associações sejam difíceis de conseguir, isso é certo. Que exijam tempo e perseverança também é certo. Mas que sejam possíveis, eis o que ainda mais certo julgamos. Ora esta possibilidade é a nossa libertação. Afirmá-lo é afirmar que somos livres. Pois bem, não hesitamos em fazer essa afirmação. Sim, somos livres. Todos podemos, se o desejarmos, associar, por exemplo, à ideia dum trabalho desagradável, sentimentos que o tornem fácil daí por diante. Dizemos *sentimentos*, porque em geral no trabalhador intelectual esta associação faz-se com um grande número de estados afectivos. Além disso essa associação é raras vezes o resultado duma experiência única, como no exemplo citado mais acima. Procedemos como um desenhador, por traços sucessivos de *crayon*; cada associação realizada deixa na consciência, graças à lei do hábito que começa a actuar desde a primeira experiência, uma espécie de esboço sumário; as que se realizam nos momentos de plena energia trazem os traços decisivos que ham de acabar a obra esboçada, que depois, pacientemente, se completará por meio de retoques.

Esta lenta elaboração é necessária, porque o trabalho solitário do pensamento é tam contrário à natureza humana, e a atenção contínua e perseverante é tam penosa para o mancebo que, para lutar contra a repulsão que inspira este estado de imobilidade, e em especial de concentração, de atenção sobre uma ideia, não é inútil reunir num feixe sólido e coerente todos os poderes afectivos, próprios para sustentar

a vontade na sua resistência contra as potências fatais da inércia e da preguiça.

Dêste modo se examinarmos o que sustenta a energia nesta longa e fastidiosa série de esforços, que necessita a composição dum livro de grande fôlego, e ao qual nos entregamos de todo o coração, achamos uma poderosa coalisão de sentimentos orientados para o mesmo fim: o sentimento da energia, que o trabalho nos dá num tam alto grau de vivacidade; a meditação recompensada pelos resultados, pelas alegrias da descoberta; o sentimento de superioridade que nos dá a luta por um fim elevado; o sentimento de vigor, de bem estar físico, que dá a actividade encaminhada e inteiramente utilizada por uma forma aproveitável. Ajuntemos a estes moveis tam fortes a consciência da estima por parte daqueles que, nada fazendo, nos seguem uns com uma inteira simpatia e outros com uma ponta de inveja: alegrias do horizonte intelectual que se vai alargando. Ajuntemos ainda as satisfações do amor próprio, da ambição, a descontrar: a alegria de ver alegres os que nos sam caros, e enfim moveis mais elevados—o amor da humanidade, os serviços que se podem prestar a tantos mancebos que erram, ignorantes do caminho a seguir para chegar à ciência das ciências, que é a do governo de nós mesmos.

Sentimentos egoistas no presente e no futuro, sentimentos altruístas e impessoais dam-nos um tesouro rico de tendências, de emoções e de paixões, que podemos chamar em nosso auxilio, e cujas energias até então incoerentes, podemos coordenar para transformar num fim até aí frio e desagradavel, num fim vivo e atraente.

Sobre esse fim nós projectamos tudo o que em nós temos de entusiasmo quente e vibrante, tal como o amante apaixonado que adorna a sua bem-amada

com os seus sonhos e os seus desejos; com a diferença de que nele esta objectivação de illusões é simples e espontânea, ao passo que para nós ela é procurada pela vontade, deliberadamente, e só com o tempo ganha espontaneidade.

Como! Pois o avaro chega a sacrificar a sua saúde, os seus prazeres e até a sua honestidade ao dinheiro, e não poderíamos nós chegar a amar suficientemente um fim generoso, como é o trabalho intelectual, para lhe fazer o sacrificio, cada dia renovado durante algumas horas, da nossa preguiça! Aquele comerciante levanta-se todas as manhãs as cinco horas, e fica à disposição dos seus fregueses até as nove horas da noite, na esperança de poder um dia retirar para o campo e gozar uma ociosidade completa, e os nossos mancebos desdeñariam passar cinco horas, deante da mesa de trabalho, para a si mesmos assegurarem agora e no futuro as alegrias múltiplas da alta cultura intelectual! Fosse esse trabalho desagradavel — mas feito de todo o coração nunca o é — podemos estar certos de que, pelas leis da associação de ideias, o hábito diminuirá os sofrimentos do esforço, e não tardará a torná-lo agradável.

Com efeito, o nosso poder de tornar attraente por associação o que dantes não era, vai muito lonje. Podemos enriquecer os sentimentos favoraveis à nossa vontade, a ponto de os transformar.

Quem reconheceria no delicioso sentimento do místico, que segundo a expressão de S. Francisco de Sales deixa «escoar e liquiefazer a sua alma em Deus» uma síntese de amor, e dêsse medo dos primeiros homens, que nus e lançados no meio duma natureza, potência incomensuravel com a sua, tinham o vivo sentimento do seu estado miseravel e o terrôr das forças naturais? Da mesma forma, até o sentimento da brevidade da vida «dessa fuga da hora, dessa car-

reira imperceptível, de enlouquecer a quem a medita, dessa infinita desfilada de pequenos segundos, que roem o corpo e a vida dos homens ¹ pode vir em nosso auxílio, ensinando-nos a desprezar as distrações vulgares.

Seguramente não podemos excitar nem criar sentimentos, que não existam na consciência. Mas não creio que os sentimentos elementares possam faltar numa consciência humana. Em todo o caso se ha homens que podem diferir tanto dos seus semelhantes, não é a esses que nos dirigimos. Escrevemos um tratado para mancebos normais e não um manual de teratologia. E além disso tais monstros não existem. Onde se viram, por exemplo homens, cujo carácter distintivo fôsse a crueldade e que nunca, em qualquer circunstância, tivessem sentido piedade pelas suas pessoas de família ou por si mesmos? Dizemos nunca, porque ainda que esses movimentos fôsem muito raros, não seria menos certo que eles sam e serão possíveis. Sabemos por outro lado que os sentimentos mais complexos, mais elevados, sam sínteses formadas pela associação íntima de muitos sentimentos elementares ². Por outro lado é manifesto que a atenção rigorosa e prolongada, concedida pelo espírito a um estado de consciência qualquer, tende a trazê-lo para a plena luz da consciência: por consequência permite-lhe despertar os estados associados e tornar-se um centro de organização. Por isso sustentamos (e cada um pode verificá-lo em si) que podemos encorajar, fortificar estados afectivos dalgum modo tímidos e humildes, que até aí mal tinham um sôpro, constranjidos e hu-

¹ Guy de Maupassant. *Fort comme la mort*.

² Cf. Spencer. *Psychologie*, I ch. *Sentiments*. Trad. Ribot. F. Alcan.

milhados pelas potências vizinhas. Vejetavam ingloriamente como essas estrelas que não deixam de brilhar em pleno dia, ainda que os ignorantes não suspeitem da sua presença. A nossa atenção, da qual podemos dispôr, faz a função de potência criadora, que não temos.

Por outro lado como se explica o êxito dos romances, e especialmente como é que todos os compreendem?

É que aproveitam sentimentos que na vida ordinária quasi não fêem ocasião de se exercer. É como uma pequena guerra na ausência da guerra «a valer»; E se grande parte do público pode seguir os romances dos grandes mestres, não prova isso que na maioria dos leitores os sentimentos dormem, e só esperam a ocasião de aparecer em plena luz da consciência? O que o romancista pode sobre nós seria estranho que, senhores da nossa atenção e da nossa imaginação, o não pudéssemos nós. Ora nós podemos-lo. Posso por exemplo, provocar em mim óleras artificiais, o enternecimento, o entusiasmo, enfim o sentimento de que necessito para chegar ao fim desejado.

Não se vêem as descobertas scientificas criar, no sentido humano da palavra, sentimentos inteiramente novos? Ha nada mais frio em aparência que o mecanismo cartesiano? E todavia essa teoria abstracta caíndo na alma ardente de Espinosa, não coordenou num sistema novo sentimentos nele dispersos até aí, agrupando-os em volta do fortissimo sentimento que ele tinha da nossa nulidade, e não provocou a eclosão do mais apaixonado e do mais admiravel dos romances metafísicos que temos? Pode-se dizer porventura que o sentimento de humanidade seja inato no homem? Não é um produto consciente, uma síntese nova, síntese duma força incomparavel? E não é evidente ter Mill razão quando escreve que «o culto da

humanidade pode apoderar-se duma vida humana, colorir-lhe o pensamento, o sentimento e a acção com um poder, de que a religião apenas poderá dar uma ideia, uma espécie de ante-gózo.¹

E de mais, não é o papel da inteligência orientar e operar a fusão de sentimentos elementares anárquicos, dando-lhes uma expressão nítida? Porque todo o estado afectivo, todo o desejo permanece por si mesmo vago, cego e por consequência impotente.

Salvo os sentimentos instintivos, como a cólera e o medo, que por si mesmos se traduzem exteriormente, a maior parte necessita a cooperação da inteligência. Provocam na alma um mal estar, um sofrimento, e é o espírito que dá a esse mal estar um significado preciso. É ao espírito que incumbe a investigação dos meios de satisfazer o desejo. Se formos surpreendidos por uma tormenta no Monte Branco, sofrendo frio e o terror duma morte horrível, é a inteligência que nos sujeira cavarmos numa parede de neve uma gruta onde esperaremos o fim do perigo. Se formos, como Robinson Crusoe, lançados a uma ilha deserta, que farão todas as nossas inclinações, dolorosamente exageradas, se uma inteligência não trabalhar para satisfazê-las? Se estou na miséria e desejo sair dela, é ainda a inteligência que vai dar ao meu procedimento uma direcção clara e definida. Compare-se a indeterminação e o vago do abalo produzido pelo instinto sexual num mancebo perfeitamente puro e ignorante, com a clareza e energia que tomará nele o desejo depois duma primeira experiência, e compreender-se-ha que auxiliar representa a inteligência para os estados affectivos. Basta, por isso, para dar a um desejo, a uma

¹ Stuart Mill. *Utilitarisme*, ch. III, Trad. Le Monnier. F. Alcan.

emoção, uma vivacidade muito grande, tornar o objecto que se persegue perfeitamente preciso para o espírito, de forma que todos os seus aspectos amáveis, sedutores ou simplesmente uteis sejam postos em relevo.

Vemos, pois, que só pelo facto de sermos inteligentes e capazes de prever (pois que saber é definitivamente prever) podemos utilizar todos os meios ao nosso alcance, e que já estudamos, para reforçar os sentimentos aliados. Pouco podemos directa e exteriormente sobre os nossos estados affectivos; mas o nosso poder adquire uma extensão extrema pela aplicação inteligente da lei da associação.

Veremos que a este poder podemos fornecer um auxílio que o duplica, colocando-nos num meio próprio à eclosão de certos sentimentos, meio familiar, ou meio de camaradas, de relações, de leituras, de exemplos, etc. Além disso, teremos que estudar demoradamente esta forma indirecta de acção sobre nós mesmos (livro V).

Essas considerações que aí ficam são muito próprias a dar-nos coragem. Se a ideia para se soldar ao acto necessita do calor dos estados affectivos, ninguém pode duvidar de que podemos produzir esse calor, onde nos for útil, não por um *fiat*, mas pelo emprego bem pensado das leis da associação. A supremacia da inteligência deixa desde já de parecer impossível.

Mas devemos examinar de mais perto ainda as relações de ideia com o sentimento. O sentimento é um estado volumoso, pesado, difícil de despertar, e por consequência podemos prever *a priori* o que a experiência confirma — que o sentimento é um estado relativamente raro na consciência. O ritmo do seu aparecimento e desaparecimento é muito largo. As emoções têm como que um fluxo e um refluxo. Nos

intervalos a alma está no estado de calma, de tranquillidade análoga ao período do mar sereno. Esta natureza periódica dos estados afectivos vai permitir-nos assentar, com uma grande firmeza, o triunfo da liberdade razoavel. Por natureza o pensamento está também votado a um perpétuo vai-vem; mas o mancebo já educado não só pela severa disciplina das coisas, como pela educação dos pais e dos professores, adquiriu um grande poder sobre ela. Pode manter por muito tempo na consciência as representações que lhe aprouver manter. Em face da instabilidade dos estados afectivos uma ideia opõe-se claramente pela sua duração e persistência. Está presente durante a onda do sentimento para lhe utilizar o movimento; durante o refluxo pode aproveitar activamente a sua ditadura provisória para preparar os trabalhos de defesa contra o inimigo, e para reforçar os seus próprios aliados.

Quando o sentimento sobe à consciência (pois que não se trata aqui senão de sentimentos favoraveis ao nosso fim) devemos aproveitar a ocasião para impelir a nossa barca. «É necessário aproveitar os bons movimentos, como a voz de Deus que nos chama, para tomar resoluções eficazes¹.» Seja qual fôr o sentimento aliado que invada a alma, utilizemo-lo sem demora para a nossa obra. Se soubermos do êxito dum camarada, e se isso puder incitar a nossa vontade vacilante, vamos depressa ao trabalho! Depressa, desembaracemo-nos corajosamente desta tarefa, que nos torturava ha alguns dias, porque sendo incapazes de a atacar de frente, e incapazes também de nos desembaraçar da sua obsessão, constituía para nós como que um remorso. Se hoje tivermos, a seguir

¹ Leibnitz. *Nouveaux essais*, II, § 35.

a uma leitura, o sentimento da grandeza e da santidade do trabalho, tomemos depressa a pena na mão! Ou mais simplesmente, se experimentarmos esse sentimento de pleno vigor físico e intelectual, que torna o trabalho agradável, depressa ainda, atiremo-nos ao trabalho!

Esses bons momentos é necessário utilizá-los para tomar sólidos hábitos e para saborear, de forma a conservar-lhe muito tempo o aroma, as alegrias viris do pensamento produtivo e fecundo, e o orgulho do dominio do eu.

O sentimento, ao retirar-se, terá depositado como um nateiro abençoado, o hábito fortificado do trabalho, a recordação das alegrias que se sentem assim, e as resoluções enérgicas.

Depois de desaparecer o sentimento, na calma que sucede, o poder ditatorial pertence à ideia, que fica sôzinha na consciência. Mas as ideias, como faz notar Schopenhauer, «são o dique, o reservatório onde, ao abrir-se a fonte da moralidade, fonte que nunca se escoa, se acumulam os bons sentimentos e donde, na ocasião própria, se irám distribuir onde forem necessários por canais de derivação¹.» Equivale isto a dizer que a ligação realizada entre a ideia e os movimentos, sob a influência dos sentimentos, é duravel; e que por outro lado, tendo sido a ideia frequentemente associada aos sentimentos favoraveis, acontece que na própria ausência desses sentimentos presentativos actuais, ela pode, pelas leis de associação, despertar-se num estado fraco, é certo, mas sufficiente para provocar o acto.

¹ *Fondement de la morale*, trad. française. F. Alcan, p. 125.

§ III

Depois de estudarmos as relações da inteligência com os estados affectivos favoráveis, resta nos estudar as relações da inteligência com os estados affectivos prejudiciais à obra do domínio do eu. Vimos já que o nosso poder sobre os nossos estados affectivos, desejos e paixões é muito fraco, se é que chega a ser apreciável. Os nossos meios são apenas indirectos. Só temos poder sobre os nossos músculos e sobre o curso das nossas ideias. Podemos reprimir as manifestações das emoções, suprimir a sua linguagem natural. O cortesão e o mundano (que é um cortesão muito mais medroso dum poder mais tirânico e inteligente, isto é, da opinião pública) adquirem num grau elevado o poder de reprimir qualquer tradução aparente do seu ódio, da sua cólera, da sua indignação ou do seu desprezo.

Além disso um desejo, uma tendência estão absolutamente separados do mundo exterior; não podem satisfazer-se senão por actos musculares.

A cólera satisfaz-se por injúrias ou por pancadas; o amor por abraços, beijos e carícias; mas os nossos músculos dependem da nossa vontade; e como podemos recusar momentaneamente o exercício dos membros a uma paixão, é claro que podemos desenvolver o nosso poder e chegar a afogar em nós mesmos a emoção.

Exigindo toda a tendência, pela lei da conservação da força, que a dispendam, a tendência assim contrariada exteriormente é impelida para o interior e contraindo a abraçar o cérebro, provocando nele um galope desordenado de ideias, que por sua vez irão despertar sentimentos associados. É neste sentido que Pascal diz: «Quanto mais espírito se tem, tanto maiores se tornam as paixões».

Mas, não o esqueçamos, pertence-nos a direcção dos nossos pensamentos; podemos impedir que o incêndio se comunique cada vez mais. Uma vez temos que atizar o fogo, se virmos que é impossível apagá-lo; e, por exemplo, podemos deixar que a nossa cólera desabafe em palavras e em projectos de vingança, seguros como estamos de nos vencermos, quando esse desvio tiver esgotado suficientemente o abalo estúpido e cego, que força a nossa vontade a uma retirada prudente.

Deixemos até certo ponto que o adversário esgote as forças antes de tomar a ofensiva.

Outras vezes podemos travar a luta directamente. Porque uma tendência um pouco complexa, como já vimos, é cega e portanto precisa da inteligência.

Está suspensa por assim dizer duma ideia. É a união do tubarão, cuja vista é fraca e o olfacto nulo, com o seu «piloto» que o guia para a presa, e sem o qual o esqualo vai adiante dele brutalmente, sem discernimento. Por isso o primeiro efeito de toda a paixão e de todo o desejo é perverter a inteligência, fazer-se legitimar. Não há preguiçoso que não exponha excelentes razões por não fazer nada, e que não tenha sólidas repostas para opôr a quem o incite a lançar-se ao trabalho. Um déspota seria imperfeito se não estivesse convencido da sua superioridade sobre aqueles que explora, e se não fivesse examinado os múltiplos inconvenientes da liberdade. Uma paixão legitimada pelos sofismas torna-se temível. Por isso é a ideia, ou o grupo de ideias, que serve de «piloto» ao estado affectivo, que devemos visar para atingir este. São estes sofismos que devemos desagregar, desmoronar. São as ilusões, com que a paixão rodeia o seu objecto, que é necessário dissipar. E assim a visão clara da mentira e do erro; a descoberta dum enganoso futuro para além das falaciosas promessas do presen-

te; a previsão de conseqüências dolorosas para a nossa vaidade, para a nossa saúde, para a nossa felicidade e para a nossa dignidade, suscitarão em face do desejo, que sem isso teria abafado as considerações tendentes a contrariá-lo, outros desejos e outros estados afectivos. Estes far-lhe-ham opposição, e se não chegarem a vencê-lo, não lhe deixarão mais do que uma vitória duvidosa e precária. A tranqüila posse da consciência, substituir-se-ia a guerra e a inquietação. Dêste modo, contra a preguiça contente de si mesma, poder-se-ham armar na consciência adversários que se ham de exercitar na luta, e que terminarão por alcançar vitórias cada vez mais frequentes e mais decisivas. Recordam-se dessa adorável figura de *Querubim* no Casamento de Figaro: «Já não sei o que sou, exclama ele! Ha já algum tempo que sinto o peito agitado; palpita-me o coração à simplez vista duma mulher; as palavras amor e voluptuosidade fazem-no estremecer e perturbar. Enfim, a necessidade de dizer a alguém — amo-vos — tornou-se para mim tão instante que o digo só de todo, a correr no parque, à tua amante, a ti, às árvores, ao vento... Ontem encontrei Marcelina... *Susana* (rindo): ah! ah! ah! ah! ah! — *Querubim*: E porque não? É mulher! e donzela! uma mulher! ah! como estes nomes são doces!» Se *Querubim* fôsse capaz de reconsiderar por um momento, dando-se a olhar Marcelina de perto, a compenetrar-se da sua fealdade, da sua velhice e do seu pretenciosismo, teria sido o seu desejo gravemente ferido; e quem o mataria? O exame atento, a verdade. Uma grande paixão não deixa acordar o espirito crítico; mas se o descrédito voluntário do objecto da paixão fôr possível, a paixão corre o risco de morrer.

O preguiçoso, ainda mesmo o que mais fortificado estiver exteriormente com boas razões sofisticas, tem

momentos de elevação em que a superioridade pela felicidade do trabalho sobre uma vida ociosa lhe aparece nitidamente: e esses momentos, a seguir, tornam impossível uma vida de preguiça isenta de remorsos.

O que é possível, quando ha verdades a opôr a sofismas, é ainda possível em casos que parecem mais difíceis: quando se trata de opôr a sofismas verdadeiras ilusões voluntárias, ou ainda mais, quando é necessário opôr a uma verdade que contraria a obra de domínio do eu, uma rede de ficções uteis.

É claro que uma ficção não pode ter nenhuma influência sobre o procedimento, se não lhe acrescentarmos fé. Se apenas fôr uma fórmula vã, só «*psitacismo*», de nada nos servirá.

E aqui talvez alguém nos detenha com risos! Pois quê! poderemos enganar-nos a nós mesmos, conscientemente, deliberadamente, e ser voluntariamente logrados? Isso é absurdo. — Sim, absurdo em aparência, mas perfeitamente explicavel para quem reflectir no extraordinário poder de libertação que nos dam as leis da atenção e da memória.

E com effeito, a lei mais geral da memória não é que toda a lembrança, não sendo reavivada de quando em quando, tende a perder a clareza, a empalidecer cada vez mais, e a desaparecer depois da memorial usual¹? Ora nós somos senhores da nossa atenção numa larga escala. Podemos, por conseqüência, condenar à morte uma lembrança, bastando para isso a recusa de a considerarmos de novo: podemos, ao contrário, dar-lhes a intensidade de relêvo com que a quisermos na consciência, prodigalizando-lhe os cui-

¹ Acrescentamos esta palavra *usual* no intuito de deixar intacta a questão de saber se alguma lembrança se perde em absoluto.

dados duma vigorosa atenção. Todos os trabalhadores da inteligência chegam a reter apenas o que *querem* reter. Tudo aquilo sobre que se não volta de novo, aquilo em que se não quer pensar mais, desaparece definitivamente (salvo, está claro, uma minoria de excepções).

Leibnitz compreendeu bem que influência pode ter esta lei, quando desejamos formar com o tempo uma convicção que não temos. «Podemos, diz ele, *fazer-nos crêr* o que queremos, desviando a atenção dum objecto desagradavel, para a aplicar a outro que nos agrade; o que faz que, encarando mais as razões duma decisão favorita, a acreditemos por fim mais verosimil». Em resumo, uma convicção deriva necessariamente dos motivos presentes ao espirito. Mas juntar esses motivos é de certo modo fazer um inquérito. E, se quisermos, podemos alterar esse inquérito por duas formas. Em primeiro lugar é-nos lícito deixá-lo incompleto, recusando encarar certas considerações ainda que importantes. A preguiça é-nos tam natural que nada mais facil do que acabar cedo com um inquérito, que exija uma certa actividade de espirito. Essa facilidade duplica, quando tememos encontrar motivos que nos desagradem. Depois, truncado que seja o inquérito, é nos lícito na apreciação do valor dos motivos deixar que os nossos desejos pesem sobre aqueles que nos agradem, e fazer falcatrua com os pesos. Um rapaz que ama uma rapariga, e que está previamente decidido a desposá-la, recusar-se-ha a tomar informações sobre os pais, sobre o seu estado de saúde, sobre as orijens da sua fortuna. Provam-lhe que essas orijens sam escuras? Que lhe importa! Porventura se deve tornar responsavel uma rapariga pelas faltas dos seus ascendentes? Ao contrario, se ele procura desembaraçar-se de laços que o incomodem e de promessas que a surpresa dos

sentidos e a inexperiência lhe arrancaram, será terrivel na questão da responsabilidade familiar, indo até os mais afastados antepassados.

Tanto é verdade que os motivos não sam comparaveis a pesos sempre idénticos consigo mesmo. Assim como um número colocado adeante doutro, ou de dois outros se torna dez, cem vezes maior, assim também um motivo associado a este ou àquele sentimento, toma valores muito diferentes.

E, como somos em grande parte senhores dessas associações, podemos conceder às ideias que preferimos o valor e a eficácia que nos agrada.

Além disso podemos ainda apoiar essa construção interior com influências favoraveis de fora. Dispomos não somente do presente, mas ainda pela memória do passado: por um habil emprêgo dos recursos da inteligência tornamo-nos senhores do futuro. Temos a liberdade de escolher as nossas leituras de forma a eliminar os livros que possam estimular as inclinações sensuais, predispor-nos a um sonhar vago e sentimental, tam favoravel à preguiça.

Podemos em especial eliminar, quer violentamente, quer por uma grande frieza, os camaradas que, pela sua feição de espirito, carácter, ou género de vida, fortifiquem em nós as más disposições, nos dissipem, nos arrastem, e que saibam legitimar a sua preguiça com razões especiosas. Nem todos temos um mentor que nos lance ao mar no momento perigoso; mas ha um meio muito simplez de nada temer duma ilha de perdição: é não a abordar.

Eis em globo os meios que temos de lutar contra os poderes inimigos da razão. Podemos não os deixar exprimir-se pela linguagem que lhes é natural; podemos deitar abaixo por uma sábia estratégia os erros, os sofismas nos quais se apoiam os nossos desejos, e até mesmo tirar todo o crédito a verdades funestas

A estes meios de acção juntemos a disposição intelligente dos meios exteriores, e o afastamento do meio próprio para alimentar as nossas paixões e as condições que lhe sejam propícias.

§ IV

Mas este conjunto de processos táticos constitui antes a preparação para a guerra, do que a guerra propriamente dita. Esta preparação pode ser subitamente interrompida por alguma paixão que tenha crescido sem embargo dos nossos esforços, ou muitas das vezes aproveitando-se da nossa falta de atenção e do sono da vontade. Mas quando a tempestade ruje, quando a sensualidade invade, por exemplo, a consciência não devemos esquecer que os alimentos de que a paixão se pode alimentar são ideias, e que essas ideias, que a paixão tende a associar em seu proveito, podemos nós tentar associar em nosso benefício. Se a luta é desigual, e o incêndio caminha cada vez mais, é necessário que a nossa «fina e pura vontade superior» que «a ponta do nosso espírito»¹ o não consinta. E, como esta maré crescente de estados affectivos não é um poder único, movimento dum só ímpeto, pois são poderes pesados e divididos, que encobrem na onda tumultuosa os poderes opostos mas vencidos, pertencem-nos esforçarmo-nos por apoiar com atenção e simpatia os nossos infelizes aliados.

Talvez consigamos coligá-los e retomar vitoriosamente a ofensiva, ou pelo menos determinar a retirada em boa ordem: a reconquista de nós mesmos será assim mais fácil, mais rápida e mais decisiva. Por

¹ S. Francisco de Sales. *Introdução à vida devota*, parte IV.

exemplo, num ímpeto de sensualidade podemos não perder de vista por um só momento a vergonha do nosso desbarato; podemos evocar, e talvez manter no espírito, a preimaginação clara da depressão que se ha de seguir à saciedade, a perda dum belo e puro dia de trabalho produtivo. Da mesma forma, numa ocasião de preguiça, como as têm os mais diligentes, podemos, sem que alguma vez consigamos sobrepujar a nossa inércia nem vencer as revoltas da «besta» entorpecida, reevocar as alegrias do trabalho e do pleno domínio do eu.

Seguramente a crise será menos longa e a nossa reconquista mais fácil. Devemos até, muitas das vezes, renunciar à luta directa e, por exemplo, acalmar o abalo sexual, levantando-nos, passeando, indo fazer uma visita, etc.; numa palavra, procurando eliminar a ideia fixa, cansá-la, desorganizá-la, obrigando-a pelo menos a repartir a consciência com outros estados introduzidos artificialmente. Da mesma forma se pode enganar a preguiça, lendo um livro de viagem, tocando música; depois, quando o espírito acorde, devemos aproveitar dêsse rebate para fazer a tentativa de voltar ao trabalho momentos antes abandonado por cobardia ou entorpecimento.

Enfim, se a vontade fôr vencida, o que deve ser frequente, não devemos desanimar. Basta que, semelhante a um nadador que encontra uma rápida corrente, avancemos um pouco, ou basta até, para não desesperar, que sejamos arrastados com menos velocidade do que haveríamos sido, se nos deixássemos ir. Tudo havemos de obter do tempo. É ele que forma os hábitos e lhes dá a força e a energia das inclinações naturais. O poder de quem nunca desespera é maravilhoso. Nos Alpes encontram-se gargantas no granito, que têm cem metros de profundidade; esses fossos prodigiosos, foi a passagem incessante, du-

rante os estíios, das águas carregadas de areia que os cavou: tanto as mínimas acções, repetidas indefinidamente, acabam por produzir resultados em completa desproporção com as causas. É verdade que não dispomos de centenas de séculos como a natureza, mas também não temos de perfurar granito. Trata-se no nosso caso de destruir os maus hábitos, e de os formar excelentes pouco a pouco. O nosso fim é apenas fechar a sensualidade e a preguiça em limites razoáveis, sem esperar fechá-los dum modo absoluto.

Além disso os nossos próprios desbaratos podem voltar-se a nosso favor, tanto é verdade serem numerosos os recursos para o nosso aperfeiçoamento! Com efeito, essa espécie de amargo desgosto, de fadiga física e frouxidão intelectual, em que nos deixa a sensualidade satisfeita, é excelente para que quem a mastigue e remastigue lhe sinta o amargor e lhe grave a recordação na memória.

Alguns dias de absoluta preguiça não tardam a provocar um sentimento «de intolerabilidade» acompanhado dum desgosto por nós mesmos, precioso para o nosso avanço. É bom ter de tempos a tempos dessas experiências claras e tam concludentes quanto possível para que, por comparação, a virtude e o trabalho pareçam o que na realidade sam — fontes de pura felicidade e instigadoras de todos os sentimentos mais nobres e mais enérgicos: sentimento da sua própria força, orgulho de se sentir um trabalhador solidamente experimentado e admiravelmente preparado para prestar grandes serviços aos seus semelhantes e ao seu país. Nesta luta para a libertação ha, pois, desbaratos que equívalem a vitórias.

Mas já é tempo de abandonar as considerações gerais. Está finalmente estabelecido que podemos ligar, em sistemas solidamente cimentados, tal volição com tal série de actos, e inversamente, podemos desfazer

associações incómodas por mais sólidas que sejam. Daí resulta que a educação da nossa própria vontade é possível por nós mesmos.

Resta agora estudar de perto *o como* das associações, isto é, os processos eficazes para chegar à plena posse do eu.

Dêsses os melhores processos e mais eficazes sam duma origem e dum manejo subjectivos. Sam os processos puramente psicológicos.

Os outros sam processos que chamaremos exteriores, objectivos. Consistem no emprêgo inteligente, que põi à disposição de quem deles se sabe servir o mundo exterior, no seu sentido mais lato.

LIVRO TERCEIRO

Os meios interiores

Os meios interiores, cuja eficácia é infalível para criar, fortificar ou destruir certos estados afectivos, e que devem necessariamente preceder a utilização dos meios exteriores, compreendem:

I. A REFLEXÃO MEDITATIVA

II. A ACÇÃO

Acrescentaremos em apêndice o estudo da higiene corporal nas suas relações com a forma de energia especial, que tomamos como objecto de estudo, isto é, com o trabalho intelectual.

CAPÍTULO PRIMEIRO

A reflexão meditativa

§ 1

Dizemos reflexão meditativa para distinguir claramente esta operação intelectual das operações similares. Não entendemos por estas palavras, escusado é dizê-lo, o devaneio sentimental que é, como veremos, um dos inimigos que temos a combater na obra do domínio de nós mesmos. Ao passo que no devaneio a atenção dormita, deixando que as tramas de ideias e sentimentos perpassem molemente na consciência, encadeando-se ao sabor dos caprichos da associação das ideias, e tantas vezes da forma mais imprevista, a reflexão meditativa não deixa nada ao acaso.

Essa reflexão, todavia, difere do estudo que tem por fim adquirir conhecimentos precisos, pois que tende, não a «mobilar a alma», mas a «forjá-la¹». No estudo, com efeito, o que procuramos é conhecer; com a reflexão meditativa sucede² muito diferentemente. O nosso fim é provocar na alma movimentos

¹ Montaigne, III. III.

de ódio ou de amor. No estudo somos dominados pela preocupação da verdade; na reflexão meditativa pouco nos importa a verdade. Preferimos uma ilusão útil a uma verdade prejudicial: toda a nossa investigação é dominada exclusivamente por um motivo de utilidade.

É necessário, para empreender com proveito esta operação, ter estudado de muito perto a psicologia. É necessário que as mínimas particularidades da ciência da nossa natureza nos sejam familiares. As causas das nossas produções intelectuais e das nossas volições devem-nos ser conhecidas. É necessário ter deslindado as relações destes fenómenos uns com os outros e prescrutado a sua influência recíproca, as suas associações e combinações. É necessário além disso conhecer as influências do meio físico, intelectual e moral sobre a nossa vida psicológica.

Tudo isto precisa dum grande hábito de observação e duma observação fina e subtil, dirigida nesse sentido utilitário especial.

Ainda uma vez, a tarefa consiste para nós em investigar com paciência os motivos capazes de despertar em nós ímpetos de amor ou de ódio, de cimentar entre ideias e ideias, entre sentimentos e outros sentimentos e entre ideias e sentimentos alianças e combinações, ou em destruirmos as associações que julgarmos finestas. Consiste em utilizar as leis da atenção e da memória para apagar ou gravar na consciência o que achamos digno de ser apagado ou gravado. É necessário que façamos «distilar na alma» as ideias e os sentimentos favoráveis, e que o que é ideia abstracta o transformemos em afectos sensíveis e vivos. A reflexão meditativa atinge o seu fim depois de ter provocado poderosos movimentos afectuosos ou vigorosas repulsões. Ao passo que o estudo procura saber, a reflexão deve procurar a acção.

Se considerarmos que a acção é tudo no homem, e que só valemos em proporção do que bem fazemos; se por outro lado nos lembrarmos que as nossas acções sam quasi unicamente, senão unicamente, provocadas por estados affectivos, comprehender-se-ha immediatamente a capital importância que ha em estudar bem o mecanismo delicado pelo qual se desenvolvem ou amplificam os affectos favoraveis à nossa tarefa.

§ II

Em quimica, se numa solução contendo muitos corpos em saturação, mergulharmos um cristal, das profundezas da solução as moléculas da mesma natureza que o cristal, movidas por uma atracção misteriosa vêm agrupar-se lentamente à volta d'ele. O cristal aumenta pouco a pouco, e se o sossêgo durou semanas ou meses obtêm-se esses admiraveis cristais, que pelo seu volume e pela sua beleza, fazem a alegria e o orgulho dum laboratório. Mas perturba-se a cada instante o trabalho agitando o liquido? O depósito faz-se irregularmente, forma-se mal o cristal e fica muito pequeno. O mesmo acontece em psychologia. Mantém-se no primeiro plano da consciência um estado psychológico qualquer: insensivelmente por uma afinidade não menos misteriosa que a outra, os estados intellectuais e os estados affectivos da mesma natureza vêm agrupar-se à volta d'ele. Se este estado foi mantido durante muito tempo, pode organizar à sua roda uma massa consideravel de poderes, adquirir duma maneira decisiva uma soberania quasi absoluta sobre a consciência, e fazer calar tudo o que não seja esse estado. Se esta «cristalização» se operou lentamente, sem abalos nem interrupção, toma um carácter de solidez notavel.

O grupo assim organizado tem alguma coisa de

poderoso, de calmo e definitivo. E note-se que não ha nenhuma ideia que não possa, se assim o quisermos, criar em nós um «clan» muito consideravel. As ideias religiosas, o sentimento maternal, e até os sentimentos miseraveis e vergonhosos, como o amor do dinheiro pelo dinheiro, podem alcançar em nós um poder absoluto.

Mas raros sam os homens, e com mais razão os mancebos, que realizam em si o grande sossêgo necessario para este trabalho de lenta «cristalização». Para o estudante a vida é muito facil e variada, principalmente em Paris e nas grandes cidades. Uma onda de excitações externas de toda a espécie vem bater-lhe no limiar da consciência; a uma ideia outra ideia succede, depois ainda outra; depois dum sentimento sobrevém, como numa carreira desordenada, vinte, trinta sentimentos diversos. Juntaí a esta inundação os milhares de sensações que assaltam os sentidos; juntaí os cursos, os jornais, as conversações, e só podereis comparar esta corrida, através da consciência, à fuga tumultuosa duma corrente que choca desesperadamente as pedras que lhe obstroem o leito, fazendo um barulho ensurdecedor.

Os que por instantes se interiorizam, e que para além do momento presente procuram entrever o futuro, sam em muito pequeno número. É tam bom deixarmos-nos ir na corrente desordenada das impressões! Isso exige tam pouco esforço! É só deixarmos-nos aturdir e levar! Assim, como nota Channing, a maior parte dos homens desconhecem-se tanto como nós desconhecemos os países do centro da África¹. Nunca por sua vontade volveram os seus olhares do mundo exterior para os diriirem para si mesmos: ou antes,

¹ De l'éducation personnelle.

como escancararam a consciência às coisas de fóra, não têm nunca a coragem de ir, sob esta torrente de origem externa, sondar o fundo sólido e permanente do seu próprio ser. Daí resulta que vam através da vida, à mercê dos acontecimentos exteriores, tam pouco originaes, tam pouco senhores de si mesmos, como as folhas que rodopiam impelidas pelo vento de outono. O proveito que tiram das suas experiências é nullo: deixar errar o olhar sobre tantas coisas equivale a nada olhar. Só fazem uma grande colheita de descobertas aqueles que mergulham na torrente das impressões sem se deixar arrastar, e que conservam a presença de espírito necessária para agarrar na passagem as circunstâncias, as ideias e os sentimentos que *escolham*, e aos quais farão a seguir sofrer um verdadeiro trabalho de assimilação.

Uma vez conscientes claramente do nosso fim, que é fortificar a nossa vontade, e em particular a nossa vontade de trabalhar, é preciso fazer a selecção de todas as circunstâncias exteriores, de todas as impressões, ideias e sentimentos, obrigar os poderes favoráveis a deter-se, a produzir os seus efeitos integralmente, e deixar que se escapem, sem ao menos um olhar de atenção, os poderes hostis. O segredo do bom éxito é aproveitar tudo o que fôr util para os nossos fins.

§ III

Está pois claramente indicado o trabalho do psicólogo pelos estudos que precedem. Ei-lo nas suas linhas gerais:

1.º Quando um sentimento favoravel passa na consciência, impedir que a atravessasse rapidamente, fixar a atenção sobre ele, obrigá-lo a despertar as ideias e os sentimentos que puder despertar. Por outros termos, obrigá-lo a proliferar, a dar tudo o que puder.

2.º Quando um sentimento nos falta ou recusa despertar, examinar com que ideia ou com que grupo de ideias pode ter alguns laços; fixar a atenção sobre essas ideias, mantê-las fortemente na consciência, e esperar que, pelo jogo natural da associação, o sentimento desperte.

3.º Quando um sentimento desfavoravel à nossa obra irrompe na consciência, não lhe prestar atenção, procurar não pensar nele, e de certo modo fazê-lo morrer de inanição.

4.º Quando um sentimento desfavoravel cresceu e se impõe à atenção, sem que lha possamos recusar, dirigir um trabalho de critica malévola sobre todas as ideias de que esse sentimento depende e sobre o próprio objecto do sentimento.

5. Trazer sobre as circunstâncias exteriores da vida um olhar penetrante, indo até as menores particularidades, de maneira a utilizar intelijentemente todos os recursos e a evitar todos os perigos.

Tal é, por assim dizer, o programa geral que cada um deve procurar aplicar.

§ IV

Mas ha certos pontos sobre os quais é necessário insistir. Quando cada um se compenetrar da necessidade de não ser um «fujitivo de si mesmo», quando compreender que a distracção é uma fraqueza análoga ao tremor dos membros, saberá o estudante procurar momentos para o recolhimento; deixará de dispersar o espírito como fazem os seus camaradas; deixará de ler à tarde dez jornais, não desperdiçará o tempo a jogar cartas, a discutir com azedume sobre frioleiras e a aturdir-se por todas as formas. Considerará questão de honra estar senhor de si mesmo, e não se deixará arrastar inerte pela corrente que arrebatava os outros.

Ora o meio mais eficaz de chegar a esta posse do eu é suscitar na alma vigorosas afeições ou veementes repulsões. Procurará, pois, por meio de reflexões simples e familiares «obrigar-se» a amar o trabalho e a detestar a vida mole, inútil e tola do ocioso. A sua própria experiência lhe fornecerá estas reflexões a cada instante. Não as deixará expulsar imediatamente do pensamento por outras ideias. Terá o cuidado de as *saborear*. Obrigá-las-há a tomar todo o desenvolvimento e amplitude. Em vez de pensar com palavras, como o vulgo, ha de querer ver duma forma *concreta e circunstanciada* aquilo em que reflectir. Ver duma forma geral, e como que a correr, é o método dos espíritos preguiçosos. Os espíritos reflectidos deixam ao contrário distilar gota a gota e «produzir o seu mel¹» no pensamento os diversos pontos da meditação. Todos sabem e repetem, por exemplo, que o trabalho produz muitas alegrias de toda a espécie. É enumerá-las: primeiro, sam as intensas satisfações do amor próprio; depois a alegria mais elevada de sentir as suas faculdades fortificarem-se, de encher os pais de felicidade, de se preparar uma velhice feliz, etc.. Mas o nosso estudante não se contentará com uma enumeração puramente verbal. As palavras sam sinais curtos e cómodos, que substituem para o pensamento as próprias coisas sempre complexas, sempre embaraçosas, e que obrigam a um esforço de imaginação tanto mais consideravel, quanto maior é o número das minúcias. Por isso os espíritos preguiçosos pensam com as palavras, coisas abstractas e mortas; de modo que a sua resonância na vida interna é nula. Além disso as palavras sucedem-se muito depressa, e da multidão de imagens que tendem a nascer evoca-

¹ G. Sand. *Carta a Flaubert*.

das por elas, nenhuma atinge a clareza. O resultado destas evocações superficiais é para o espírito uma fadiga estéril: fica-se por assim dizer atordoadado por esse torvelinho de imagens que abortam. O remédio para este mal está em ver claramente nas minúcias. Não deveis, por exemplo, dizer: meus pais vam ficar satisfeitos! Evocai a lembrança de vosso pai, vêde as manifestações da sua alegria a cada um dos vossos triunfos, contemplai-o em imaginação a receber os cumprimentos dos amigos da familia. Representai-vos o orgulho de vossa mãe e o seu prazer nas férias quando passear pelo braço desse filho, motivo do seu orgulho; e assisti em pensamento à refeição da tarde, em que se fala de vós. Podeis saborear até a vaidade injénua duma irmãzinha por esse irmão mais velho. Por outras palavras: procurai pela evocação precisa de certas particularidades, de certos gestos, de certas palavras, sentir profundamente a felicidade dos seres amados, que por vós se impõem de cara alegre os mais pesados sacrificios, que se privam de muitas alegrias para tornar a vossa mocidade mais feliz, e que tomam sobre si os encargos da existência, para que os vossos ombros andem mais leves.

Da mesma forma será necessário evocar até as menores particularidades concretas as alegrias da velhice quando corôa uma vida de trabalho, a autoridade das nossas palavras, do que escrevemos, o respeito de todos, o grande interesse que a vida ainda tem, quando privada de muitos prazeres materiais, etc. Assim devem «saborear-se» também as considerações que dizem respeito à independência que dá o trabalho, o sentimento de força e de poder que desenvolve, as felicidades inumeraveis que traz aos enérgicos, e as alegrias a que duplica o sabor...

Quando se meditou muito nestas considerações e ainda noutras, quando se deixou impregnar o pensa-

mento por muito tempo e freqüentemente do seu perfume, é impossível que um entusiasmo tranqüilo mas viril não vivifique a vontade. Mas, ainda outra vez, quando um movimento de fervor se descubra, é necessário insistir, dar-lhe toda a amplitude e energia. Quando, até, se tratar dum sentimento bruscamente introduzido na consciência por um acontecimento exterior, por exemplo, uma cerimônia em honra dum sábio, é necessário imediatamente procurar desenvolvê-la e fortificá-la.

Inútil é dizer que quando as considerações sam de natureza a fazer nascer uma aversão pela vida que procuramos evitar, é necessário igualmente formar uma viva e forte ideia das mais precisas particularidades. É necessário, por assim dizer, ruminar as monstruosidades da vida preguiçosa. Se engulirmos um grão de pimenta, nota um antigo, não o sentimos. Mas se o mastigamos e revolvemos em todos os sentidos com a língua, pica-nos o céu da boca, produz um sabor acre insuportável, obriga-nos a espirrar e a chorar. É necessário proceder assim, figuradamente, com a vida de preguiça e de sensualidade, de maneira a provocar-nos o desgosto e a vergonha. E este desgosto não se deve aplicar somente ao mal, mas a «tudo aquilo de que ele depende e que d'ele depende». Não devemos fazer como o gastrônomo, a quem os médicos proibiam o melão, que, de cada vez, lhe causava graves recaídas. «Não o come porque o médico o ameaça com a morte se o comer; mas atormenta-se com essa privação, fala d'ele... quer ao menos cheirá-lo e julga felicíssimos os que o podem comer...». Assim, não somente devemos detestar a vida preguiçosa, esse miserável estado em que o espírito deso-

¹ S. Francisco de Sales. *Introdução a vida devota*.

capado e vazio a si mesmo se devora, tornando-se a presa de preocupações mesquinhas e ridículas; como é necessário que nos abstenhamos de invejar a existência dos ociosos e de falar nisso. Numa palavra, é necessário detestar não só a doença, mas ainda o melão que provoca as recaídas.

Como se vê, o grande segredo para fortificar um sentimento, qualquer que seja, é manter intensamente e por muito tempo na consciência as ideias às quais ele está preso; é dar a essas ideias um relêvo, um vigor e uma precisão muito grande. É indispensável *ver concretamente*, na minuciosidade viva e característica. Além disso esse método permite ao sentimento que se desenvolva por meio da atracção própria que exerce sobre os sentimentos similares, e pela riqueza de considerações que uns e outros despertam.

Para ajudar este trabalho talvez seja conveniente fazer leituras com o fim preciso de favorecer a eclosão de tal sentimento particular. Os exemplos que havemos de desenvolver na parte prática do livro podem auxiliar muito os que não têm o hábito desta espécie de reflexões. Os livros que expõem os benefícios ou as alegrias do estudo e os horrores duma vida ociosa serão excelentes a título de auxílio. A leitura de memórias, como as de Mill, de cartas como as de Darwin, etc., podem produzir bellos resultados.

Se a meditação fôr bem conduzida, se conseguirmos fazer fóra e dentro a tranqüilidade, o silêncio, que permitem que os movimentos emotivos se propaguem até as profundidades da consciência, chegar-se-ha fatalmente a uma resolução. Mas ainda quando se não forme uma resolução, não devemos crêr que esses esforços se tenham perdido para o nosso avanço. Como nota Mill: «Quando o homem está neste estado excepcional, as suas aspirações e as suas faculdades tornam-se o modelo pelo qual ele compara, e por con-

seguinte julga, os seus sentimentos e as acções dos outros momentos. As tendências habituais modelam-se e afeiçoam-se sobre estes movimentos de nobre excitação, mau grado a sua fugacidade ¹. Com efeito acontece connosco o mesmo que com esses instrumentos que, segundo se diz, se aperfeiçoam sob os dedos dum grande artista. Quando observamos com olhos firmes toda a nossa vida, é impossível que o momento presente não tome para nós um significado diferente do que se a vivêssemos dia a dia, e quando se tem vivido em imaginação as alegrias que dá o trabalho, e sofrido as amarguras da vida fraca do «abúlico», é impossível que o nosso pensamento e a nossa actividade não recebam um vigoroso e enérgico impulso. Infelizmente se não voltarmos muitas vezes a completar o esboço, e reforçar os traços do desenho esboçado, bem depressa a torrente das solicitações externas passando de novo através da consciência, terá feito por apagar tudo. Os bons movimentos, se os não repetirmos, não produzirão a colheita dos actos.

§ V

É pois duma importância capital não termos pressa de nos tornar a lançar no torvelinho das impressões exteriores. É necessário o recolhimento, dar aos ímpetos de entusiasmo pelo trabalho e à repulsão pela preguiça o tempo de conseguir o seu fim, isto é, produzir resoluções firmes.

A resolução viva, claramente formulada é nesta obra da renovação do eu duma necessidade absoluta. Até certo ponto ha duas espécies de resoluções, am-

¹ *Assujettissement des femmes.*

bas produzidas pela meditação. Ha grandes resoluções gerais, que abraçam toda a existência e que orientam decididamente a vida para um polo.

Estas resoluções sucedem geralmente a longas hesitações entre muitas vidas possíveis. Mais geralmente ainda decidem lutas penosas, determinam nas grandes almas uma repulsa brusca e definitiva, numa crise de entusiasmo, da sugestão tam forte das solicitações da família, das relações e dos prejuizos mundanos que tendem a aguilhoar a vida do mancebo sobre a via habitual, frequentada pelo grande número.

Para as almas fracas, para as naturezas gregárias, a resolução é a paz vergonhosa e cobarde dos vencidos, o triunfo da mediocridade, o abandono definitivo de toda a tentativa de luta, o consentimento na vida de toda a gente, e a recusa de atender por mais tempo as solicitações dum ideal de tal modo elevado que o não comporta a má qualidade da sua alma. Entre estes dois casos claros que terminam por irrevogáveis decisões encontram-se todos os graus de fraqueza nos mancebos, que têm momentos de se reconquistar, que não conseguem obrigar a calar os apelos duma vida superior, mas que por falta de vontade recaem sem cessar na vida que desprezam.

Escravos revoltados e irados, que não aceitam como os procedentes a perda dos seus direitos, que sentem a beleza duma vida de trabalho, e que não podem trabalhar, que sofrem os horrores duma vida de preguiça e que não fazem nada! Mas escravos, que o conhecimento das leis da psicologia pode libertar, se não desesperarem demasiado cedo do seu resgate, e se o não quiserem imediatamente.

Se estas resoluções têm uma grande importância, é porque sam até certo ponto uma conclusão. Sam a tradução numa fórmula precisa e breve duma inumerável quantidade de veleidades, de experiências, de

reflexões, de leituras, de sentimentos e de inclinações.

Por exemplo, para a direcção geral do modo de proceder, devemos escolher entre duas grandes hipóteses que temos sobre o fim geral do Universo. Ou aceitamos como os cépticos, que o mundo tal como existe é de certo modo o resultado dum lance feliz de jogo, que não se reproduzirá mais; que a vida e a consciência apareceram na terra apenas por acaso; ou aceitamos a tese oposta, e acreditaremos que o Universo está em via de evolução para uma perfeição cada vez maior e mais elevada.

A tese céptica tem por si um único argumento: nós não sabemos nada; estamos fechados «neste canto afastado da natureza» nesta «pequena masmorra». Seria grande pretensão querer erigir em leis universais o nada que conhecemos. A tese oposta tem por si a verdade de facto e, de certo modo, a posseção. Conhecemos apenas o nosso mundo, mas este mundo é ordenado, e ha já muito tempo, porque a vida supõe a invariavel estabilidade das leis da natureza. Se hoje com as qualidades visiveis do trigo, por exemplo, coexistem as qualidades comestiveis, amanhã caracteres diferentes e depois de amanhã propriedades venenosas, nenhuma vida se poderia organizar. Vivo, logo as leis da natureza são constantes. Datando a vida do período silúrico, ha já alguns milhões de anos que as leis da natureza são o que são. Eis aquilo a que faziamos alusão, ao dizermos que a tese «moralista» tem por si a posseção.

Por outro lado, esta longa evolução que dura ha tantos milhares de anos, produziu seres pensantes, e estes seres pensantes seres morais. Como admitir, pois, que a marcha das coisas não tenda para o pensamento e para a moralidade? A história natural e a história humana ensinam que todos os horrores do

struggle for life terminaram na formação duma humanidade superior.

Por outro lado tal como a vida, o pensamento implica ordem e constância. O caos é impensavel. Pensar é organizar, é classificar. E o pensamento e a consciência não são as únicas realidades que conhecemos? Aceitar a tese céptica, o que é, senão proclamar que a única realidade conhecida é uma pura quimera? Proclamar semelhante coisa não tem para nós grande sentido. São proposições que se formulam verbalmente, sem termos nada em que as apoiar.

Teoricamente, pois, ha razões muito fortes a favor da tese moralista. Praticamente são decisivas. A tese céptica acaba por justificar o egoísmo pessoal, por não reconhecer valor senão na habilidade. Se a virtude recebe alguns elogios é a título de habilidade superior. Ajuntemos a estas considerações que a escolha não é facultativa. É obrigatória, porque não escolher é ainda escolher. Aceitar uma vida de preguiça e de prazer é aceitar de facto a hipótese de que a vida humana não tem valor senão como instrumento de prazer. Ora isso é um tese que por ser simplez não é afinal menos metafísica. Muitas criaturas são mais metafísicas do que julgam; simplesmente o são sem o saber, e eis tudo.

É pois impossivel deixar de escolher entre duas grandes hipóteses metafísicas. Esta escolha pode ser precedida por anos de estudos e de reflexões. Depois, subitamente, um belo dia um argumento toma um relevo mais vivo, a beleza e a grandeza da tese moralista apoderam-se-nos da alma, e a gente toma a nossa resolução. Decidimo-nos a aceitar a tese moral, porque só ela fornece a razão da nossa existência, porque só ela dá um sentido aos nossos esforços para o bem, às nossas lutas contra a injustiça e imoralidade. Feita a escolha já não permitimos por um só

instante que as razões cépticas penetrem no espírito; repelimo-las, porque ha um dever superior ao prazer de filosofar, o dever de trabalhar, mas trabalhar honestamente. Guardâmos ciosamente a nossa fé moral, que se torna um principio de vida e dá à existência um sabor, uma elevação, uma frescura que nunca ham de conhecer os *dilettanti*, cujo pensamento é impotente para produzir afeições e uma actividade sólida e viril.

A partir dessa resolução solene está a vida orientada. Cessam os nossos actos de vacilar ao sabor dos acontecimentos exteriores. Deixaremos de ser um instrumento docil nas mãos de homens mais enérgicos do que nós. E, ainda que acossados pela tempestade, não deixaremos de seguir o nosso caminho; estamos em fim bem preparados para as tarefas superiores. Esta decisão é como o cunho para as moedas: podem os estragos do uso apagar alguns traços, mas nunca deixarão de se conhecer as grandes linhas do desenho gravado sobre o bronze.

Esta grande resolução moral deve ser acompanhada, no trabalhador, duma outra resolução: como Hércules, disputado ao mesmo tempo pelo vício e pela virtude, deverá aceitar resolutamente a vida de trabalho e repelir a vida preguiçosa.

Isto para as resoluções gerais que, de ordinário, apenas se tomam uma vez durante toda a vida. Estas resoluções solenes sam a aceitação dum ideal, a afirmação duma grande verdade contida...

Mas fixado que seja esse fim, não o atinjiremos dum só impulso; e nem o atinjiremos senão querendo os meios. Um estudo atento indica-nos quais sejam os meios mais apropriados. Esses meios é necessário que os queiramos, e toda a volição implica uma resolução. Mas essas resoluções parciais tornam-se singularmente faceis, quando a grande resolução foi devida

e seguramente tomada. Derivam dessa resolução como os corolários dum teorema. Podemos todavia, se uma resolução particular nos custa a tomar, por exemplo a resolução de traduzir um certo texto de Aristóteles, pensar nas considerações que sejam adequadas a despertar-nos o gosto por essa tarefa: se o texto por si mesmo fôr desagradável, não poderemos negar que o esforço necessário para firar um sentido duma página, que talvez nunca o tivesse, não constitua uma vigorosa ginástica. Da penetração de espírito que desenvolve essa luta travada pouco a pouco contra cada palavra, contra cada proposição, e o esforço para encontrar uma sequência lógica, só se pode fazer uma ideia exacta, quando em seguida a oito dias de semelhante trabalho, applicâmos as faculdades assim disciplinadas a uma página das meditações de Descartes, ou a um capítulo de Stuart Mill. Sentimo-nos como aqueles soldados romanos, que faziam o exercício com uma carga, que tinha o dôbro do fardo exigido em tempo de guerra. É raro que, tendo a resolução de conjunto permanecido presente, não bastem para mover a vontade algumas considerações simples, familiares e bem definidas sobre determinada resolução particular.

O que fica dito mostra como no ensino os professores se privam dum importante elemento de bom êxito, não fazendo preceder cada ordem de estudos, duma exposição muito persuasiva das vantagens gerais e particulares, que os alumnos podem tirar dêsses estudos. Por mim posso dizer que estudei durante anos com má vontade o latim, cuja utilidade nunca ninguém me tinha mostrado: por outro lado curei dessa má vontade os alumnos que dela se resentiam, fazendo-os ler e completando-lhes a admiravel exposição de Fouillée sobre a importância dos estudos clássicos.

§ VI

Todavia uma objecção se ha de apresentar sem dúvida, e obstinadamente, ao espírito dalguns leitores. Têm ouvido muitas vezes repetir que ha antinomia entre a actividade e a meditação prolongada, e que os pensadores sam em geral pouco propensos à vida prática: assim a utilidade da reflexão meditativa prolongada para a acção não lhes parece nada certa. É que confundem com os agitados os homens de acção verdadeiramente dignos d'este nome. O agitado é o contrario de homem de acção. O agitado tem a necessidade de se mexer: a sua actividade traduz-se dia a dia por uma acção frequente e incoerente. Mas, como os bons êxitos na vida, na politica, etc., não se obtêm senão por esforços continuados na mesma direcção, esta agitação ruídosa faz muito barulho, mas trabalho preciso, principalmente bom trabalho, pouco ou nenhum. A actividade orientada, segura de si mesma, implica a meditação profunda. Os grandes homens de acção, como Henrique IV e Napoleão, antes de se decidirem, reflectiam longamente, quer por si mesmos, quer pelos seus ministros (Sully). Quem não medita, quem não tem sempre presente na memória o fim geral a atingir, quem não procura assiduamente os melhores meios para conseguir os fins parciais, torna-se necessariamente juguete das circunstâncias: perturba-o o imprevisto, obrigando-o incessantemente a desvios de caminho, que acabam por lhe fazer perder a direcção geral. Todavia, vê-lo-hemos, a acção deve seguir sempre a reflexão meditativa: ela por si só não basta, posto que seja condição necessária de toda a vida activa e fecunda.

Condição necesssária, dizemos nós, porque todos somos, mais c'o que pensâmos, estranhos de nós mesmos. Com toda a razão nos podemos entristecer,

quando observâmos que não ha um homem entre mil, que seja uma personalidade; quâsi todos sam, não só no conjunto do seu proceder, mas também nos seus actos particulares, uns como títeres movidos por uma associação de forças prodijiosamente mais poderosas que a sua. Vivem tanto uma vida própria como esse pedaço de madeira, que eu lanço à torrente, e que é arrastado sem saber como nem porquê. Repetindo um pensamento célebre: sam movidos como ventoi-nhas conscientes dos seus movimentos e inconscientes do vento que as move. A educação, as poderosas sugestões da linguagem, a pressão extremamente forte dos camaradas e do público, os povérbios de feição categorica, e finalmente as inclinações naturais guiam a maior parte dentre nós, e bem raros sam aqueles e, movidos por tantas correntes insuspeitas, orientam resolutamente a sua viagem para um porto previamente escolhido, e sabem deter-se frequentemente para tomar o ponto e rectificar a direcção.

• Até para os que ousam tentar essa reconquista de si mesmos é tam restrito o tempo da posse do eu! Até os vinte sete anos somos levados sem reflectir muito no nosso destino; e quando começâmos a querer tomar a direcção da vida, somos apanhados por engrenajens que nos arrastam. O sono toma um terço da existência; os trabalhos regulares — vestirmo-nos, comer, dizer, as exijências do mundo, as obrigações do emprêgo, as más disposições, as doenças, deixam muito pouco tempo para a vida superior! Vai-se indo, vai-se indo; os dias sucedem-se, e quando começâmos a ver claro na nossa existência, estamos chegados à velhice. Daí esse prodijioso poder da igreja católica, que sabe onde ha de conduzir as criaturas, e que, posta pela confissão e pela direcção das almas ao corrente das mais profundas verdades da psicologia prática, traça uma larga via para o grande reba-

nho de títeres, ampara os fracos que vacilam, e impele numa direcção sensivelmente uniforme essa multidão, que sem ela teria descido ou permanecido, sob o ponto de vista da moralidade, ao nível do animal.

Sim! quasi todos sofrem incrivelmente as sugestões vindas do exterior! Em primeiro lugar é a educação da família; e as famílias de filósofos são raras! Raras por consequência são as crianças que recebem uma educação racional. Até aqueles que são favorecidos com uma tal educação vivem imersos numa atmosfera de tolices. A sociedade habitual, os criados, os amigos que sofrem poderosamente a influência da opinião pública, atulham a memória da criança com fórmulas correntes na sociedade. Ainda mesmo que a família pudesse levantar fortes diques contra estes prejuízos, a criança ha de ter professores, dos quais bem poucos reflectem, e camaradas invadidos pelo espirito comum. Depois, vivendo entre os seus semelhantes, a criança, ainda que muito bem educada, terá que falar a mesma linguagem. Ora a linguagem é de origem popular. A multidão fê-la à sua imagem. Nela vasou a sua mediocridade, o seu ódio a tudo o que é superior, e o seu juízo espesso e simplório, que não vai além das aparências. Por isso se encontram na linguagem das multidões, associações de ideias eloquiosas para a fortuna, para o poder, para os feitos de guerra, e de desprezo para a bondade, para o desinteresse, para a vida simplez e trabalho intelectual. Sofremos num grau elevado essa penosa sugestão. Quereis a prova? Que pronunciem deante de vós a palavra «grandeza» e ha cem probabilidades contra uma de que a palavra evocará ideias de poder, de aparato, em vez de vos fazer pensar na grandeza moral. Todos pensarão em Cesar e ninguém em Epicteto. É de felicidade que se trata? Eis que surtem no espirito ideias de riqueza, de poder e de

aplausos! Fazei, como eu o fiz, a experiência sobre quinze palavras características daquilo que faz com que para um pensador a vida valha a pena de ser vivida; fazei crêr que procurais, sob o ponto de vista psicológico, as imagens que acompanham a palavra para que ninguém ponha em dúvida o alcance moral deste exercício, e ficareis edificadas. Haveis de concluir que a linguagem é o mais poderoso instrumento de sugestão, que possui em prejuízo dos espiritos de valor, a ignorância tola e vulgar.

Ora sobre esta tolice universal, cada camarada do nosso estudante architecta um conjunto de obrigações, que ha de converter em moeda corrente conforme as ocasiões das despesas quotidianas. Os provérbios contêm sobre uma forma viva e concisa a sabedoria das nações, isto é, as observações das pessoas, que não conhecem as regras elementares duma boa observação, e que não suspeitam sequer em que possa consistir uma experiência comprovativa.

Estes provérbios repetidos incessantemente acabam por tomar uma autoridade, que não é de bom tom contestar. Fala-se dum mancebo que sacrifica estupidamente os prazeres, verdadeiramente dignos deste nome, à vaidade de passear de cervejaria em cervejaria com qualquer mulher grosseira e caprichosa: «paga o seu tributo à mocidade!» dirá algum respeitável figurão, que quer alardear largueza de ideias. Por vezes até incita o mancebo a continuar, manifestando-lhe o seu vivo desgosto por já se lhe ter passado o tempo destas loucuras.

Pois bem! É necessário ter a coragem de o dizer: essas fórmulas consagradas fazem ao mancebo um mal, que não é possível calcular, impedindo-o de reflectir, de vêr a verdade. E como em todos os países da Europa e da América, somos lançados ao sair do colégio ou do liceu, sem nenhuma vigilância real, e

sem tutela moral, nalguma grande cidade; e como nunca nos precaveram contra esta fatal atmosfera de prejuízos absurdos, que se respira num meio de estudantes, explica-se o nosso procedimento incoerente e desastroso. Esses bandos de estudantes turbulentos, tam censurados pelos homens *bem comportados*, sam as ideias sem crítica, que enchem os cérebros destes «homens bem comportados», realizadas objectivamente.

A sugestão é tam forte que, os que conseguem desembaraçar-se dela na sua meia idade, sam para invejar. Quando a fraqueza da vontade e a força das inclinações inferiores ajudam, muitos apressam-se a tentar legitimar com provérbios a sua juventude estragada, e a sua idade madura que continua a mocidade. Os erros acumulados pela educação, pelo exemplo, pela linguagem, pelo meio, e favorecidos pelas inclinações, formam no espirito como que um nevoeiro espesso, que desvirtua o sentido das coisas. Para dissipar este nevoeiro ha apenas um meio: refugiar-mo-nos muitas vezes na solidão meditativa; substituir as sugestões mediocres das pessoas que nos rodeiam, pelas sugestões dum grande espirito, e deixar que num calmo silêncio esta benéfica influência nos penetre até o fundo da alma. A solidão propicia a esta penetração é facil ao estudante: nunca daí por diante elle encontrará uma tam plena liberdade, e é verdadeiramente triste que se seja tam pouco senhor de si mesmo na época em que a independência é completa.

Mas nem por isso é menos verdade que podemos neste refúgio interior, seja por nós mesmos, seja com o auxilio dos mesmos pensadores, dissipar pouco a pouco as nossas illusões. Em vez de julgar as coisas, guiando-nos pelo valor que os outros lhe dam, habituar-nos-hemos a olhá-las em si mesmas. Principal-

mente teremos que abandonar esse hábito de julgar dos nossos prazeres e impressões, segundo a opinião. Veremos como o vulgo, que se contenta com os prazeres inferiores por incapacidade de gozar os prazeres superiores, não somente reveste os primeiros com aparências mentirosas, reservando para eles todos os termos eloquiosos da linguagem, mas cobre ainda de desprezo e de escárneos os prazeres superiores — infamando assim tudo o que é digno de respeito.

Um filósofo que reflecta, e não se deixe abandonar na corrente, é um cismático, um orijinal, um doido. O que medita é um abstractor de quinta-essência, que caiu nalgum pòço e se ficou a olhar as estrelas. Os epítetos laudatórios, os dactilos alegres sam para o vício, e os pesados espondeus para a virtude: quanto um é gracioso e elegante, tanto o outro é austero, ríjido e pedantesco. O próprio Molière, com todo o seu génio, não nos poderia fazer rir do vício. Celimena, a *coquette*, sem bondade nem sinceridade, não é ridícula: é o honesto homem de quem todas as palavras e todos os gestos manifestam uma alta rectidão, é Alceste, que tem o dom de ser cómico. E em todos os alunos dos dois sexos ha um grande espanto, quando chegam a saber que Alceste é um elegante mancebo, tanto a palavra virtude arrasta poderosamente as sugestões inclusas na linguagem corrente, que, mais uma vez é o sedimento conservado de tudo o que é vulgar e baixo. Max Müller avalia o número das palavras empregadas por um inglês culto em tres ou quatro mil; o das palavras empregadas pelos grandes mestres em quinze ou vinte mil.

É no catálogo das palavras, que só raramente se empregam na conversação, e que formam a diferença entre a bagagem dum mundano e a dum pensador, que se encontra tudo o que é grande, nobre e elevado. Infelizmente com essa espécie de elevação pro-

duzida pelo pensamento na linguagem, acontece o mesmo que nas montanhas: pode o vulgo fazer sobre os cumes curtas excursões, mas as planícies é que ele habita. Eis porque as associações de ideias são contrárias a tudo o que é elevado. «Desde crianças que ouvimos representar um certo número de coisas como bens, e outras como males. Os que de tal nos falaram imprimiram no nosso pensamento a ideia das suas predilecções, e assim nos habituámos a avaliar da mesma forma, e a juntar-lhes os mesmos impulsos e as mesmas paixões¹»; «não julgámos das coisas segundo o seu verdadeiro preço, mas segundo o valor que têm na opinião dos homens.»

É na reflexão atenta que o estudante encontrará o remédio, e saberá ver por si mesmo. Que se lance na vida, como todos outros, é bem necessário: sem isso não teria experiência alguma e não saberia evitar nenhum perigo. Mas que depois de ter feito a experiência da vida comum, entre de novo em si mesmo, que analise cuidadosamente as suas impressões: desde esse momento deixará de se enganar sobre o valor, sobre a relação das coisas consigo mesmo; porá de parte o que é de importação estranha. Deste modo terá tirado, dentro em pouco, da vida do estudante vulgar a conclusão que a resume: isto é, que ela geralmente é o sacrifício dos prazeres duráveis e das alegrias altas e serenas feito à vaidade. Vaidade de parecer livre, de encher as cervejarias de gritos e de balbúrdia, de beber como um beberrão, de voltar para casa às duas horas da manhã por basófia, de se envaidecer na companhia de pessoas que ha de ver amanhã com outros não menos tolos do que ele.

Depois da vida presa do internato, e da vigilância

¹ Nicole. *Danger des entretiens.*

tam inquieta dos pais, é claro que ha neste procedimento uma estrepitosa manifestação de independência. Mas de que serve semelhante manifestação? O sentimento real da sua independência, eis a grande alegria. O resto não passa de vaidade. Ha uma falsíssima apreciação do produto puro em felicidade desta vida ruídosa. E, pelo que diz respeito à vaidade, é tam facil satisfazê-la duma maneira inteligente! Quanto a alegria de ser apreciado pelos professores, de fazer excelentes exames, de corresponder às esperanças dos pais, e de ser considerado grande homem na sua terra, deixa muito para tras essa satisfação vaidosa do estudante que se entrega aos prazeres faceis, satisfação ao alcance do mais grosseiro dos carregadores ou caixeiro que acaba de receber o ordenado.

Ensimesme-se pois o estudante e faça incidir uma critica penetrante sobre esses prazeres que não passam de fadigas e dissabores dissimulados por uma ilusão de vaidade. Que, ainda mais, disseque um a um os prejuizos, os sofismas que pululam contra o trabalho intelectual; que abra bem os olhos e fite de perto, nas minúcias, alguns dos seus dias e os princípios que o guiam. Ajude também estas reflexões com leituras bem escolhidas; e ponha de lado tudo o que de algum modo não venha em auxilio da sua vontade. Descobrirá assim um mundo novo. Não mais será condenado a contemplar, como os prisioneiros agrilhoados na caverna de Platão, as sombras das coisas: verá face a face a pura luz da verdade.

Criará assim uma atmosfera de impressões salutaras e viris; será uma personalidade, uma inteligência senhora de si mesma. Não mais será impellido nas mais contrárias direcções pelas incitações vindas quer das suas cegas tendências, quer da linguagem, quer dos camaradas, do mundo e do meio.

É claro, todavia, que pode refugiar-se na mais pro-

funda solidão, e aí pelo pensamento viver no meio do mundo. A solidão que nós pedimos consiste em recusar acesso às preocupações mesquinhas, em se constringer a não aceitar senão os objectos e as considerações capazes de despertar na alma os sentimentos que se pretende experimentar. Esta obra de nenhum modo necessita dum refúgio na *Grande Chartreuse*, e é perfeitamente compatível com as ocupações habituais. Basta que durante o passeio ou em sua casa se reserve momentos de «refúgio interior» e que cada dia, ou cada semana, durante um tempo mais ou menos longo dirija a sua atenção para os motivos susceptíveis de despertar sentimentos de repulsão ou de amor.

§ VII

Não somente o nosso mancebo escapará à vassalagem das sugestões vulgares e aos erros provocados pela paixão; não somente o seu proceder se amoldará mais à verdade, mas escapará também a graves perigos. O domínio do eu, com efeito implica reconquista do eu sobre as mil sugestões do mundo exterior; mas implica também, e sobretudo, o domínio da inteligência sobre os poderes cegos da sensibilidade. Se lançarmos um olhar atento sobre o procedimento das crianças, da maior parte das mulheres e da maior parte dos homens, ficamos surpreendidos com a sua tendência a proceder segundo o impulso do primeiro momento, e com a tão manifesta incapacidade em que se encontram para adaptar o seu modo de proceder a fins que estejam um pouco afastados. A cada instante são as emoções que neles dominam, que os impellem a praticar este ou aquele acto. A uma onda de vaidade sucede uma onda de cólera, um ímpeto de affecto, etc.; e depois de eliminados os actos habituais ou obrigatórios, o que resta obedece principalmente em

sociedade à necessidade de dar boa opinião de si a criaturas, cujo critério é ordinariamente pouco elevado. E tem a inclinação tamanha força para se dar injenuamente como tipo do bem, que o público considera como homens de acção os turbulentos, que não podem nunca estar no mesmo lugar, os agitados. Quem quer que se refugie na sua solidão para meditar e pensar, incorre em censuras. Apesar disso tudo o que de grande e duravel se fez no mundo foi criado pelos meditalivos e pelos pensadores. O trabalho frutuoso da humanidade foi realizado tranquilamente, sem pressas nem tumultos, por esses sonhadores de que ainda há pouco falávamos «que caem a um pôco e se ficam a olhar para as estrelas». Os outros, os ruidosos, os homens políticos, os conquistadores, os agitados que enchem a história com as suas tolices, considerados a distância não têm mais do que um papel medíocre na marcha da humanidade. Quando a história, tal como actualmente se compreende, e que não passa dum amontoado de anedotas destinado a satisfazer a curiosidade um tanto injénua do bom público letrado, tiver dado lugar à história escrita por pensadores para pensadores, ficar-se-ha surpreendido ao ver como a acção dos «grandes agitados» tão pouco modificou a larga corrente da civilização. Os verdadeiros heróis da história, que são os grandes inventores nas ciências, nas artes, nas letras, na filosofia e na indústria, tomaram o lugar que de direito lhes cabe, e que é o primeiro. Um pobre meditador como Ampère, que nunca soube ganhar dinheiro, e de quem a porteira se ria até chorar, fez mais com as suas descobertas para revolucionar a sociedade e até a guerra moderna, do que um Bismarck e um Moltke reunidos. Pasteur e Duclaux fizeram progredir mais a cultura da terra do que cinquenta ministros da agricultura, postos uns a seguir aos outros.

Como quereis, pois, que o estudante resista à opinião geral, que enche de elogios a agitação que confunde com a acção fecunda? Como quereis que ele não considere como uma necessidade dar-se pelo menos a si mesmo a ilusão de viver, isto é, de fazer barulho e de agir inconsideradamente, pois que isso é que é viver, segundo a fórmula geralmente aceite! Uma parte das nossas desgraças vem duma fatal necessidade de agir imediatamente, necessidade estimulada pelos louvores do público.

Esta agitação não teria por si mesma um grande perigo na solidão, por não saber em que se gastar. Mas por essa tendência a agir inconsideradamente, torna-se o estudante o joguete das circunstâncias exteriores. A chegada dum camarada à hora do trabalho, uma reunião pública, uma festa, um acontecimento qualquer arrastam-no. Porque, facilmente se pode notar, o imprevisto transtorna as vontades fracas. A salvação está apenas na reflexão meditativa: a previsão dos acontecimentos exteriores pode mesmo substituir a falta de energia. O estudante pode *eliminar o imprevisto* da sua existência. Pode facilmente prever as ocasiões de dissipação que se lhe poderam apresentar. Sabe, por exemplo, que certo camarada procura arrastá-lo quer para uma cervejaria, quer para um passeio — pode perfeitamente preparar com antecipação as fórmulas de recusa — ou, se a recusa pura e simples lhe é penosa, pode preparar uma desculpa e abreviar assim toda a insistência¹; mas, uma

¹ Não aprovamos de modo algum a intransigência de Kant neste ponto. Como! Pois havia de me ser permitido matar um homem quando se tratasse da minha legítima defesa, e não se me permitiria uma desculpa neste mesmo caso de uma legítima defesa contra os indiscretos? É mais que um

vez mais, se não estivermos decididos prévia e firmemente a entrar em casa para executar certo trabalho, e se não tivermos preparado as fórmulas que ham de acabar com qualquer tentativa de aliciação para não trabalhar, corremos grave risco de perder o nosso dia. Prever sob o ponto de vista psicológico é preimaginar os acontecimentos. Essa preimaginação se é viva e clara, equívale a um estado de meia tenção tal que a resposta ou o acto se executa com uma grande rapidez: tam bem que entre o pensamento do acto ou da resposta a dar, e a realização objectiva deste pensamento, não ha o tempo material para que as incitações dos acontecimentos exteriores e as exortações dos camaradas se possam intercalar. Os acontecimentos hostis à nossa decisão não fazem de certo modo mais do que provocar a execução automática dos actos conformes à decisão.

Só para os seres fracos é que a vida é feita de imprevisto. Para quem não tem um fim claramente fixado, ou para quem tendo fixado esse fim, não sabe manter sobre ele os seus olhares, deixando-se constantemente distrair, é que a vida se torna incoerente. Pelo contrario, para quem se detém frequentemente a «retomar o ponto» e a rectificar a direcção, nada se torna imprevisto: mas devemos ter claramente consciência do que somos, das nossas faltas habituais, das causas, que ordinariamente nos fazem perder o nosso tempo — e traçar em consequência disso um

direito, é um dever defender contra eles o nosso trabalho e o nosso pensamento. E muitas vezes a única arma que temos para nos proteger sem grave offensa doutrem. A desculpa imperdoavel e odiosa é a desculpa prejudicial a alguém. Uma verdade dita com intenção de desagradar é tam culpavel como uma inexactidão. O que torna o acto culpavel é a intenção malévola

programa: não nos devemos, de certo modo, perder de vista.

Poderemos assim chegar a diminuir em cada dia parte do acaso na nossa existência. Não sómente, *saberemos* sem excitação o que devemos dizer e fazer em determinada ocorrência exterior, por exemplo, afastar-se de tal camarada, mudar de quarto, de restaurante, fugir algum tempo para o campo; mas poderemos ainda instituir um plano completo e minucioso de batalha contra todos os acasos interiores.

Este plano é duma importância capital. Quando fôr bem concebido, sabemos o que ha a fazer quando uma sugestão sexual se nos introduz no pensamento e que não podemos expulsá-la; sabemos o que ha a fazer para vencer os acessos de sentimentalidade vaga, e como triunfar da tristeza e do desalento. Como um bom general já medimos os obstáculos provenientes das qualidades do inimigo, das dificuldades do solo, dos defeitos das suas próprias tropas — mas, apreciámos também as probabilidades de bom êxito, considerando os defeitos do comando do inimigo, as vantagens de tal depressão do terreno, de tal relêvo do solo e das qualidades de viveza das suas próprias tropas. Então podemos ir para a frente. Os inimigos exteriores e interiores são conhecidos, assim como a sua tática e os seus pontos fracos: a vitória final não é duvidosa, porque tudo está previsto, até a retirada em boa ordem depois de um desbarato parcial.

São precisamente os perigos interiores e exteriores que podem assaltar o estudante, aqueles a que devemos consagrar a nossa atenção. Devemos estudar a tática própria para os vencer. Ver-se-ha como se podem utilizar as circunstâncias exteriores, e fazer concorrer para a educação da vontade por nós mesmos, ainda o que habitualmente ajuda a favorecer o

nosso abatimento moral. Tanto é verdade que a reflexão e a inteligência são libertadoras seguras, e tanto é certo com o tempo o triunfo dos poderes da luz contra os pesados e cegos poderes sensíveis.

§ VIII

Como se vê a reflexão meditativa é duma fecundidade maravilhosa em resultados: dá origem a amplos movimentos afectivos; transforma em resoluções enérgicas as veleidades; neutraliza a influência das sugestões da linguagem e da paixão; permite mergulhar no futuro um olhar lúcido e prevêr os perigos de origem interna, evitando que as circunstâncias externas, o meio, venham em auxílio da nossa preguiça nativa. E serão estas importantes vantagens os únicos benefícios que daí podemos tirar? Não; porque, seja qual fôr o auxílio que ela nos preste directamente, é também rica em resultados indirectos.

Permite tirar da experiência de cada dia regras provisórias a princípio e que se vão confirmando, precisando, e que acabam por adquirir a autoridade e clareza de *princípios directores* do procedimento. Esses princípios são formados pelo lento depósito, no fundo do pensamento, de múltiplas observações minuciosas: esse depósito não se realiza nos turbulentos nem nos agitados; por isso estes não aproveitam do passado, e, como para os alunos distraídos, encontram-se sempre neles os mesmos solecismos e incorrecções — mas aqui são solecismos e incorrecções no modo de proceder. Ao contrário, para os que reflectem, o passado e o presente são como uma perpétua lição, lição que permite não tornar a reproduzir as faltas evitáveis. Estas lições condensam-se pouco a pouco em regras, que são como que a experiência concentrada e reduzida ao estado de elixir.

Estas regras, formuladas em máximas, ajudam a disciplinar os desejos variáveis, os movimentos naturais que têm direcções divergentes, e a fazer predominar no modo de proceder uma ordem constante e segura.

Esta força inerente a todo o princípio claramente formulado provém de duas causas concorrentes.

Antes de mais nada ha uma regra quasi absoluta em psicologia: é que toda a ideia de acto a executar ou não executar, se é muito clara tem, na ausência de estados affectivos hostis, um poder de realisação, que se explica pelo facto de que entre a ideia e o acto não ha uma diferença essencial. Um acto concebido é já um acto que começa. A preimaginação é como que a «repetição geral» do acto; é uma meia tenção, que precede a tenção final, de tal modo que o acto preconcebido é rapidamente executado. A turbamulta das inclinações não tem tempo de dar o rebate.

Por exemplo, resolvestes voltar para casa a fim de trabalhar, e previstes que um camarada, que já vos tinha convidado para o acompanhar ao teatro, insistirá no pedido. Preparais a resposta e preveni-lo-heis da seguinte forma: «Estou inconsolavel, contava acompanhar-te, mas ha um certo contratempo que me obriga absolutamente a voltar para casa». O tom decidido e muito firme com que o direis, tirar-vos-ha a vós mesmo toda a possibilidade de retroceder, e igualmente tirará ao vosso amigo toda a possibilidade de insistir.

Em politica sam os homens de iniciativa firme e audaciosa que arrastam os indecisos, os timoratos e os argumentadores: assim na consciencia sam os estados claros e decisivos que ficam senhores da situação. Se fixardes minuciosamente o procedimento que deveis seguir, a execução do programa traçado de antemão prevê as sugestões da preguiça e da vaidade.

Eis a primeira causa do poder para os principios.

Não é a única, nem mesmo a mais importante. Com effeito, para pensar não podemos arrastar connosco uma incomodativa bagagem de imagens. Substituímos as classes de objectos particulares por abreviações cómodas, por sinais que temos ao alcance da mão, e que sam afinal as palavras. Sabemos que, quando queremos, basta manter por um instante a atenção sobre o sinal para vêr surgir as imagens particulares; da mesma forma centenas de rotíferos resequidos resuscitam se deixarmos cair sobre eles uma gota de água. O mesmo acontece com os nossos sentimentos. Sam coisas pesadas e incómodas, difficilmente manejáveis para o pensamento: por isso se substituem no uso corrente por palavras, que sam sinais curtos, manejáveis e, pela associação, altamente adequados a despertar os sentimentos que representam. Certas palavras sam por assim dizer vibrantes da emoção que significam; tais sam as palavras — honra, grandeza d'alma, dignidade humana... tração, cobardia etc.

Pois bem, os principios sam também abreviações concisas, enérgicas, soberanamente propicias para despertar os sentimentos complexos, mais ou menos poderosos que representam na consciencia usual.

Quando a meditação provocou movimentos de affecto ou repulsa, como estes sentimentos depressa desaparecem, é conveniente conservar uma fórmula que de novo os possa chamar em caso de necessidade, e que de certo modo os resuma... Isto é tanto mais util quanto um fórmula precisa se fixa no pensamento com uma grande solidez. Facilmente evocada traz consigo os sentimentos associados de que é o sinal práctico: recebendo d'elles o poder, comunica-lhes em troca a sua clareza, a sua comodidade em ser despertado, e a sua facilidade de transporte. Se na educação do eu não tivermos regras claras, perde-se to-

da a destreza, toda a vista de conjunto na luta contra o meio e contra as paixões. Sem elas combatemos na sombra, e as mais belas vitórias ficam infecundas.

Assim as regras do procedimento dam à vontade a decisão, o vigor rápido que assegura o triunfo; são substitutos cómodos dos sentimentos que queremos despertar. Estes novos e inapreciáveis auxiliares do nosso libertamento é ainda a meditação que no-los suscita, pois que só ela permite ao espírito abstrair das nossas experiências incessantes, das coexistências e das seqüências constantes de que é feita a nossa ciência da vida, isto é o nosso poder de prever e de dirigir o futuro.

§ IX

Em resumo, a reflexão meditativa produz impetus afectivos preciosos quando os soubermos utilizar.

É além disso a grande libertadora, pois que nos permite resistir à efervescência dos sentimentos, das paixões e das ideias, que se precipitam sem ordem para a luz da consciência. Permite também que nos detenhamos a meio da torrente das excitações vindas do mundo exterior, e este poder de nós reconquistarmos, de nos tornarmos senhores de nós mesmos é uma causa fecunda de felicidade, visto como em vez de nos deixarmos levar passivamente, sem nunca lançarmos a vista para tras, podemos voltar sobre as lembranças agradáveis da existência, *rumina-las* e revivê-las.

Além disso não representará nada compenetrarmos os conscienciosamente da nossa personalidade? Não se experimenta dalgum modo a alegria que tem um bom nadador de lutar contra a vaga, umas vezes deixando-a inturjecer e passar sobre ele como uma carícia, outras vezes provocando-a e voltando-se-lhe de

través? Se o sentimento do nosso poder na luta victoriosa contra os elementos provoca profundas emoções agradáveis, que interesse palpitante não tomaremos nós na luta da vontade contra os poderes brutais da sensibilidade? É por ter pintado as alegrias do domínio do eu, que Corneille foi elevado tão alto na admiração da posteridade. Se as suas personagens houvessem tido a vitória menos facil, se a sua luta tivesse sido mais longa contra as fatalidades da nossa natureza animal, o seu teatro teria sido mais profundamente humano; e porque ele nos oferece um ideal tão nobre, Corneille tornou-se não somente o primeiro dos nossos poetas dramáticos, mas também o génio mais alto e admiravel de todos os tempos.

CAPÍTULO II

O que é meditar, e como se deve meditar?

§ 1

Se a reflexão meditativa tem uma importância tão capital no nosso trabalho de libertação, é urgente que procuremos como se deve meditar, e que examinemos os auxílios materiais, que dalgum modo nós podemos prestar neste exercício o conhecimento das leis psicológicas e a experiência.

Mais uma vez, trata-se despertar em nós, por meio da reflexão meditativa, poderosos movimentos de afeição ou de ódio, de provocar resoluções, de estabelecer regras de procedimento, de escapar ao duplo turbilhão dos estados de consciência de origem interior, e dos estados de consciência provocados pelo mundo exterior.

A grande regra geral para reflectir e meditar duma maneira útil deriva do próprio exame da natureza do pensamento. Nós pensamos *com as palavras*. Como já atrás indicamos, para pensar devemos-nos desembaraçar das imagens reais, por que são pesadas, embaraçosas e de difícil manejo. Substituímo-las por sinais curtos, faceis de reter e de transmitir a outrem: esses sinais são as palavras gerais. Essas palavras

associadas às coisas têm a propriedade de poder evocar essas coisas quando quisermos, com tanto que a palavra tenha entrado na memória após a experiência das coisas, ou pelo menos que se lhe tenha acrescentado essa experiência. Infelizmente, quando somos crianças, aprendemos primeiramente as palavras, salvo no que diz respeito aos conhecimentos elementares, percepções simples, etc...

Para a maior parte dessas palavras nós não tivemos tempo, ou não tivemos a possibilidade ou coragem de juntar «o grão das coisas à sua palha».

São espigas ligeiras ou vazias até. Todos nós sem excepção temos um grande número dessas palavras na memória. Eu nunca ouvi rujir¹ um elephante; a palavra *rujir* é para mim uma espiga vazia. O vulgo tem um sem-número destas palavras.

Ha quem declare, por exemplo, para fechar uma discussão que «a experiência» já se pronunciou, ignorando, aliás, as condições necessárias para que uma experiência valha. E assim por diante. Se examinarmos as frases usuais que pronunciámos, ficaremos espantados com o vago de muitos dos nossos pensamentos, e chegaremos a descobrir que até os mais inteligentes falam muitas vezes como papagaios, sem que as suas palavras correspondam a qualquer realidade.

Pois bem, meditar é de certa maneira malhar a palha para lhe fazer cair o grão. Aqui a grande regra que tudo domina é a de substituir as palavras pelas

¹ A palavra *barrir* que aqui representámos pelo vocábulo *rujir*, mas que em francês apenas se aplica ao elefante, não tem em português termo que lhe corresponda, o que tira à frase a clareza precisa.

(Nota do tradutor).

coisas. Não por uma imagem vaga e indeterminada das coisas, mas pelas coisas vistas até as mínimas particularidades. Devemos sempre particularizar o nosso pensamento, torná-lo concreto. Se se tratar, por exemplo, de nos decidirmos a não fumar, examinaremos todos os inconvenientes do fumo, sem omitir nenhum, desde os dentes que se tornam negros, até os vinte mil reis ou mais por ano, que nos custa um único cigarro fumado depois de cada refeição. Verificar-se-ha a justíssima observação de Tolstoi — que o tabaco embota a penetração do espírito. Experimentar-se-ha num dia de perfeita lucidez intelectual, seguir uma subtil dedução filosófica e continuá-la depois, fumando. Veremos como nos custa, depois de ter fumado, fixar o pensamento e compreender. Algumas experiências semelhantes convencer-nos-ham de que o tabaco embota a *finia ponta* superior do espírito.

Pensar-se-ha, por outro lado, que o prazer de fumar é um desses prazeres puramente físicos, que não tardam a desaparecer como prazeres para dar origem a um tirânico hábito. Meditaremos em todos os casos em que essa tirania faz sofrer. Por estas observações, e por outras ainda, dar-se-ha uma grande força, nos momentos de posse do eu, à resolução que se tomou de não mais fumar. Assim se deve também proceder minuciosamente, quando tratâmos das satisfações múltiplas que nos traz o trabalho.

É, descendo ainda a fazer o mais minucioso trabalho de análise, que chegaremos a dissipar as subjectos da linguagem, as ilusões da paixão, e a verificar meticulosamente as afirmações mentirosas. Assim, nós examinaremos na parte prática do livro a afirmação, tantas vezes reiterada, de que só em Paris se trabalha bem.

Enfim, é ainda pela observação minuciosa que a

previsão dos perigos, provenientes das nossas paixões e da nossa preguiça, terá probabilidades de ser impecável, tal como a previsão dos perigos e dos auxílios que nos advêm do meio, das relações, da profissão, dos casos accidentais, etc.

Para nos auxiliar nas nossas meditações devemos evitar o ruído, recolher-nos, consultar os livros que se relacionem com o assunto da nossa meditação actual, e reler as nossas notas. Por um trabalho enérgico de imaginação representar-nos-hemos duma forma clara, precisa e concreta as minúcias do perigo que corremos, e as vantagens deste ou daquele modo de proceder. Não nos basta pensar rapidamente; é necessário ver, ouvir, sentir, tocar. É necessário, por uma reflexão intensa, fazer com que o objecto examinado nos seja tam presente, como se realmente o fôsse. Que digo eu, tam presente? Mais presente; porque assim como a arte torna uma cena, uma paisagem mais lógica e mais una, mais verdadeira portanto que a realidade, assim a nossa imaginação nos deve tornar o objecto da meditação mais claro, mais lógico, mais verdadeiro do que é na realidade, e por consequência mais vivo e mais capaz de influir.

§ II

Coisas ha que concorrem para que as nossas reflexões produzam o seu efeito. Enriquecidos com as experiências dos seus predecessores, enriquecidos com as observações pessoais incessantemente verificadas pela confissão, os grandes directores católicos da consciência, para os quais levantar na alma poderosas emoções é não um meio, mas o fim supremo, mostram-nos quanta importância tem em psicologia as mais pequenas práticas. Não podemos assistir a uma cerimónia numa igreja, sem que nos sintamos

penetrados de admiração pela ciência impecável que presidiu aos mínimos pormenores. Por exemplo, numa cerimónia fúnebre, todos os gestos, todas as atitudes, todos os cânticos, o órgão, a própria luz dos vitrais, concorrem com uma lógica maravilhosa para transformar em grandes vôos religiosos a dor dos parentes. Para os que assistem a tais cerimónias com a fé sincera, a emoção deve-lhes penetrar a alma até às mais íntimas profundidades.

Mas até na igreja essas cerimónias tão eficazes têm a excepção, e os directores de consciência aconselham um certo número de processos seguríssimos para nos moverem. Sem falar do «refúgio do ermo» e para nos ocuparmos apenas das práticas que eles aconselham na solidão, não podemos deixar de nos surpreender com o auxílio que eles pedem ao físico para amparar o moral. S. Domingos inventa o rosário, avivando assim a meditação com uma ocupação manual, e até certo ponto com um jogo. S. Francisco de Sales recomenda, principalmente nos momentos de tédio, que se recorra aos actos exteriores, às atitudes próprias a sugerir os pensamentos, às leituras, às palavras pronunciadas em voz alta. Não fala constantemente Pascal de «inclinar o autómato»? O próprio Leibnitz (*Systema theologicum*) diz numa passagem pouco conhecida: «Não posso participar do pensamento daqueles que, sob o pretexto de adorar em espírito a verdade, eliminam do culto divino tudo o que fira os sentidos, tudo o que excite a imaginação, tendo assim em pouca conta a imperfeição humana... não podemos, nem fixar a atenção sobre as nossas ideias interiores, nem gravá-las no nosso espírito, sem as auxiliar exteriormente... E esses sinais serão tanto mais eficazes, quanto mais expressivos.»

Assim, aproveitando a experiência, devemos, na re-

flexão meditativa, em quanto nós não vem a inspiração, recorrer a leituras especialmente apropriadas ao nosso fim. Deveremos amparar a atenção por meio de palavras pronunciadas em voz alta, e que é, como já vimos¹, um seguro meio para violentar as nossas representações, e obrigá-las a obedecer-nos. Deveremos inclusivamente escrever as nossas meditações, usar, numa palavra, para dirigir a vontade as nossas representações, da precedência que sobre elas têm os estados presentativos, e muito especialmente aquelles que já recomendámos (palavras pronunciadas, escrita, etc.). É assim que poderemos expulsar da consciência os principais obstáculos à reflexão, a lembrança dos prazeres sensíveis, as distrações da imaginação, e implantar nela a trama das ideias impostas pela vontade.

Quanto ao tempo mais conveniente para estas espécies de meditações afectivas, parece-nos ser a semana, que termina as férias e precede o recommençar dos estudos. Em todas as férias, isto é, tres vezes por ano, é bom repetir completamente as meditações úteis numa espécie de refúgio, que é agradável procurar, perdendo-se nos bosques ou à beira do mar. Semelhantes «refúgios» são infinitamente proveitosos. Retemperam a vontade, fazem do estudante uma personalidade consciente. Mas devemos, durante o ano escolar, conseguir numerosos instantes de reflexão nos intervalos da acção. Quando adormecemos, ou quando acordamos durante a noite, ou ainda nos momentos de repouso, em vez de deixar que mesquinhas preocupações nos invadam a consciência, nada mais fácil que renovar as nossas boas resoluções, e destinar as nossas ocupações e recreios. Que ocupação

¹ Veja-se Livro II, cap. I, § 2.

haverá ainda mais util, quando de manhã despertamos, enquanto nos vestimos e nos preparâmos para trabalhar, do que «fazer reverdecer a planta dos bons desejos» e traçar o programa da nossa actividade durante o dia? Estes hábitos de meditação frequente alcançam-se muito depressa. E depois tomar esses hábitos é tão fértil em bons resultados, que não nos cansaremos de aconselhar aos mancebos o esforço necessário para fazer d'este hábito uma necessidade.

CAPITULO III

O papel da acção na educação da vontade

§ 1

A reflexão meditativa é indispensavel, mas sòzinha é impotente. Reúne para uma acção comum as forças dispersas da alma, juntando-as no mesmo vôo: mas assim como os poderosos ventos do largo se espalham inutilmente, se não encontram um vela para inflar e impelir, assim também as emoções ainda as mais vigorosas morrem esterilmente, se cada um dos seus ímpetos não capitaliza uma parte da sua energia na nossa actividade. Se é sob a forma de lembranças, que se deposita na memória do estudante uma parte do trabalho por ele executado, é sob a forma de hábitos activos, que se deposita na nossa actividade. Nada se perde na nossa vida psicológica: a natureza é um guarda-livros minucioso. Os nossos hábitos, por mais insignificantes que sejam na aparência, por pouco que os repetamos, formam com as semanas, meses e anos, um total enorme, que se inscreve na memória orgânica sob a forma de hábitos, que se não podem desarraigar.

O tempo, este aliado tão precioso do nosso libertamento, trabalha com a mesma obstinação tranqüila

contra nós, quando o não obrigamos a trabalhar para nós. Utiliza em nós, pro ou contra nós, a lei dominante da psicologia—a lei do hábito. Soberano, seguro do triunfo, o hábito caminha insidiosamente e sem se apressar. Dir-se-hia que conhece a prodigiosa eficácia das lentas acções, infinitamente repetidas. Um primeiro acto, ainda que penoso, depois de executado uma vez, já custa menos a repetir. A uma terceira, a uma quarta reprodução, o esforço diminui ainda e vai-se atenuando até desaparecer. Mas que digo eu — desaparecer! Este acto, que a princípio era penoso, torna-se pouco a pouco uma necessidade; e, sendo francamente desagradável ao princípio, é a sua não execução que se tornará dolorosa. Para os actos que nós queremos executar, que aliado precioso ele não é! Como ele consente em transformar prontamente numa bela e larga estrada o caminho pedregoso, por onde nos custava passar! Torna-se necessária uma doce violência para nos conduzir aonde tínhamos decidido ir, mas ao que a princípio a nossa preguiça se recusava.

Esta fixação em hábitos da nossa energia não é apenas a reflexão meditativa que a pode executar, é a acção. Mas não basta proclamar em termos gerais a necessidade da acção. Esta palavra encobre, e a maior parte das vezes esconde, as realidades que exprime. Aqui, o que nos interessa é a acção do estudante. Ora, para o estudante, trabalhar é executar um sem-número de actos especiais; e assim como não ha vontade, mas unicamente actos voluntários, da mesma forma não ha acção mas unicamente actos particulares. Actuar para o estudante, por exemplo em filosofia, é levantar-se às sete horas e ler com uma atenção penetrante um capítulo de Leibniz ou de Descartes, é tomar notas, etc. Até o ler esconde uma grande quantidade de esforços sucessivos. Ajar é

ainda rever as notas, aprendê-las com toda a boa vontade, é procurar os materiais duma dissertação, ordenar-lhe o plano geral, depois o plano de cada parágrafo; é meditar, pesquisar, emendar, etc.

Raras sam na vida as ocasiões de praticar feitos brilhantes. Mas, assim como uma excursão ao Monte Branco se resolve nalguns milhares de passos, de esforços, de saltos, de entalhes na neve; do mesmo modo a vida dos grandes sábios se resolve em longas séries de esforços pacientes. Proceder é, pois, executar mil pequenas acções. Bossuet, que foi um admirável director de consciência preferia «aos grandes e extraordinários esforços, comque nos elevamos em grandes vôos, mas donde caímos numa profunda queda», «os pequenos sacrificios, que sam muitas vezes mais excruciantes e opressivos», os ganhos modestos mas seguros, os actos faceis mas repetidos, e que se transformam em hábitos insensíveis... Pouco basta por dia, se em cada um deles adquirirmos esse pouco... Com efeito, o homem corajoso não é o que pratica qualquer grande acto de coragem, mas o que executa denodadamente todos os actos da vida. É o aluno que, não obstante toda a sua repugnância, se obriga a ir procurar uma palavra no dicionário, que acaba a sua tarefa sem embargo do desejo de preguiçar, é o que leva até o fim a leitura duma página enfadonha.

E por essas mil acções, aparentemente insignificantes, que a vontade se tempera: «todas as obras dam algum acrescentamento». Devenhos, à falta de grandes esforços, executá-las a cada passo ainda que pequenos, mas isso proficuamente e com toda a boa vontade. *Sui spernit modica paulatim decideret.*

A grande regra é escapar, ainda nas mais peque-

¹ Veja-se Bossuet de Lauson.

nas acções, à influência dominante da preguiça, dos desejos e das impulsões exteriores. Devemos até procurar a ocasião de alcançar destas pequenas vitórias. Chamam-vos durante o vosso trabalho, e tereis um momento de revolta: levantai-vos imediatamente, e fazei por ir desembaraçada e alegremente aonde vos chamarem. Depois das aulas ha um amigo que vos quer arrastar consigo — e o tempo está tam lindo —: ide para casa trabalhar com afinco. O mostrador duma livraria chama-vos a atenção no momento em que vos dirijis a casa: passai do outro lado da rua e caminhaí rapidamente. É por tais «sacrifícios» que vos habituareis a triunfar das vossas inclinações e a ser activo em tudo e sempre...

Inclusivamente, quando dormirdes ou passeardes ao acaso, que seja por terdes tomado a resolução dêsse repouso. É assim que desde os bancos do liceu, no estudo, a criança aprende uma ciência mais preciosa que os latins ou matemáticas: a ciência de se dominar, de lutar contra a distracção, contra a dificuldades desagradaveis, contra o incómodo de procurar no dicionário ou na gramática, contra o desejo de perder o tempo sonhando. Por uma consequência consoladora concluímos que os progressos levados a efeito no estudo sempre estam, diga-se o que se disser, na razão directa dos progressos executados nesta obra do dominio do eu: tanto é verdade que a energia da vontade é ao mesmo tempo a mais preciosa das conquistas, e a mais fecunda em consequências felizes. «

É porque terám estés pequenos esforços tanta importância? É porque nenhum dêles se perde: cada um concorre para a formação do hábito com a sua quota parte; cada um torna os actos seguintes mais faceis. As nossas acções actuam sobre nós depositando em hábitos de atenção: o hábito de nos entregar-

mos vivamente ao trabalho, e o hábito de dar tanta importância às solicitações dos desejos, como ás impertinências das moscas.

Além disso, a acção, como vimos precedentemente, ampara com eficácia o próprio pensamento. Lançando a cada instante, na consciência, os estados presentativos da mesma natureza que as nossas ideias, fortifica a atenção e excita-a, quando ela se apaga. Escrever os pensamentos, tomar notas durante a leitura, precisar as objecções formulando-as, tudo isto, já o dissemos, representa para o pensamento, o mesmo papel de apoio que os trabalhos manuais de laboratório para o sábio, e que as fórmulas para o geômetra.

Mas ha um outro resultado extremamente importante da acção. Proceder é dalgum modo proclamar, manifestar, a nossa vontade. Os nossos actos alistam-nos publicamente num partido. Todos os moralistas afirmam a necessidade, para quem quizer adoptar um género de vida em conformidade com o dever, de se lançar «audaciosamente e de improviso no bom caminho, em opposição completa com todos os nossos hábitos e com todas as nossas inclinações interiores... é necessário arrostar tudo, arrancarmo-nos ao nosso velho eu» e, segundo a vigorosa expressão de Veuillot, é necessário servir Deus «descaradamente». Não podemos apreciar demasiadamente a energia que aos sentimentos e à vontade junta uma manifestação pública e ruídsa.

Os nossos actos anteriores obrigam-nos mais do que se pode imaginar: primeiramente por uma necessidade lógica, que faz com que uma vida incoerente de tal modo nos choque, que preferimos ficar semelhantes a nós mesmos, a andar ainda que seja para melhor; e depois, por um respeito humano, muito poderoso e justificado: porque sabemos que essa incoerência dos nossos actos parecerá sinal duma fraqueza de

vontade, muito próxima da loucura. E aí está porque é importante, quando acabamos com uma vida de preguiça, pôr-lhe termo ostensivamente, tomando compromisso de honra perante nós e perante os outros. Muda-se de restaurante, de aposento, de relações: cada palavra que se pronuncie deve ser uma afirmação da vontade de proceder bem: todo o sofisma desanimador deve ser repellido com polidez, mas energicamente. Nunca se deve deixar que deante de nós metam a ridículo o trabalho, nem que louvem a vida do estudante que se deixa ir ao sabor da corrente. Sermos considerados pelos outros, tal como desajariamos ser, duplica o nosso poder de melhoramento, por que isso põi ao serviço da nossa fraqueza essa necessidade tão profunda que nós temos da aprovação de outrem, até das pessoas que não conhecemos.

Ajuntemos a essas diversas influências da acção o prazer que dá o trabalho, prazer tão vivo, que muita gente trabalha por trabalhar, sem um fim e sem proveito, e muitas vezes até com grande prejuízo. Este prazer tem alguma coisa de enebriante, de capitoso, que provém talvez de que a acção, mais do que nenhuma outra coisa, nos dá o sentimento da nossa existência e da nossa força.

É pois sob todos os pontos de vista indispensável, juntar à meditação a acção: indispensável porque só ela pode estabelecer sólidos hábitos; e ainda mais, transformar em *necessidades*, actos, que a princípio eram abertamente desagradáveis. É trabalhando que nos tornaremos águerridos para lutar contra as tendências fatais da nossa natureza, triunfar constantemente e em cada minuto, de tudo o que é hostil ao pleno domínio do eu. Além disso, manifestando exteriormente a nossa vontade, a acção obriga-nos a um compromisso de honra; consolida as nossas resoluções,

e ora por si mesma, ora chamando em seu auxílio o poder da opinião — para mais segurança, traz-nos em recompensa as suas fortes e viris alegrias.

§ II

Ah! mas o tempo da actividade voluntária é bem curto, e uma grande porção da existência é consumida pelas necessidades fisiológicas e sociais. Até os cinco ou seis anos a criança vive uma vida animal. A sua existência é dormir, comer e brincar: vive ocupada em desenredar o caos das impressões externas que lhe assaltam o limiar da consciência, e longe de dominar o mundo exterior, anda como que assombrada. Até os dezoito anos tem demasiado trabalho em estudar o que os outros pensaram para poder pensar por si mesma.

Segundo as aparências, ela poderia, ao terminar os seus estudos secundários, possuir-se e voltar para o estudo de si mesma e para a observação da sociedade em que entra, aguçadas e temperadas as suas faculdades por anos de cultura desinteressada. Infelizmente, se é certo que conhece suficientemente o mundo físico, no qual caminha, os seus olhares velam-se bruscamente, uma nuvem se interpõe entre as suas faculdades de observação e ela própria dum lado; entre o seu espírito crítico e a sociedade por outro lado. Sonhos vagos, grandes ímpetos sem fim enchem a sua consciência: é que nesta idade dá-se uma revolução no corpo do adolescente; começa a puberdade. Na idade em que ele se poderia dominar, as paixões invadem-lhe a alma. Desgraçado dêle, se, como acontece nas Faculdades da Europa e da América, o deixam entregue a uma ampla liberdade, sem apoios, sem um director de consciência, e sem a pos-

sibidade de abrir caminho por entre a espessa atmosfera de ilusões que o abafa!

O estudante fica como que atordoado, incapaz de se guiar, arrastado pelos prejuízos que o circundam.

Qual é o homem feito, que reportando o pensamento a essa época, não amaldiçoou a imprevidência dessa sociedade que nos abandonou, ao sair do liceu ou do colégio, absolutamente isolados, numa grande cidade, sem amparos morais e sem outros conselhos, a não serem as estúpidas fórmulas de uso corrente, para enfeitar de cores brilhantes o que não passa duma vida de bestialidade? E, coisa estranha! em muitos pais de família encontra-se uma espécie de prejuízo contra a vida dum estudante trabalhador e honesto, tamanha é a influência das ideias correntes!

Acrescentai a isto que no seu isolamento o mancebo nem sequer sabe trabalhar: nunca lhe deram um método de trabalho apropriado às suas forças e à natureza do seu espírito. Por isso os anos de estudos superiores ficam geralmente perdidos para a obra de libertação do eu. Com tudo sam esses os anos belos, radiosos da vida! O estudante possui-se quasi em absoluto. As mil sujeições da vida social mal pesam sobre ele. Não se lhe vê ainda no pescoço o sinal da coleira, isto é, do officio, do modo de vida! Também não tem ainda os cuidados que ha de ter como chefe de família. Os dias pertencem-lhe, sam realmente d'ele. Mas ah! o que é a liberdade exterior para quem não é senhor do eu? Mandais em tudo aqui, excepto em vós mesmo¹, e os dias vam passando demasiadamente estereis. Além disso, até mesmo nesta plena liberdade, as fatalidades da existência roubam muito tempo. O levantar, meia hora

¹ Beaumarchais, *Le mariage de Figaro*.

para se vestir, as idas e vindas necessárias de casa para a Faculdade, de casa para o restaurante; as refeições, o tempo da digestão incompatível com o trabalho do espirito; algumas visitas, algumas cartas a escrever, contratempos imprevistos, passeios necessários, horas perdidas porque se não está bem disposto: este conjunto de necessidades imperiosas consomem, se lhe ajuntarmos as oito horas necessárias aos que trabalham, aproximadamente dezesseis horas por dia. A conta é facil de fazer. Ao depois, a estas necessidades virám juntar-se as da profissão, e então ainda cerceando todo o tempo possível às refeições e aos passeios, raros serám os que disponham de cinco horas por dia, bem suas, disponiveis para o trabalho preferido e para a meditação tranqüila! Por outro lado, se do trabalho aparente deminuimos o tempo das investigações nos livros, o tempo gasto a copiar e a escrever, e ainda o tempo que se passa a respirar, e durante o qual nenhum esforço é possível, ver-se-ha quanto é curto o tempo do *esforço real do espirito*. Aqueles que reflectirem ham de se indignar contra essas mentirosas biografias tam próprias para desaminar os mancebos, e nas quais nos mostram sábios e homens políticos *trabalhando cada dia quinze horas!*

Felizmente, como nota Bossuet numa passagem já citada, pouco é necessário em cada dia, se em todos se adquirir esse pouco: até no mais lento passo se pode caminhar; o caso é não parar nunca. O que importa no trabalho intellectual não é a regularidade, mas a continuidade. Dizem que o génio não é mais do que uma longa paciência. Todos os grandes trabalhos foram executados pela paciência perseverante. Newton descobriu a gravitação universal a pensar sempre nisso. «É inaudito o que se faz com tempo, quando temos a paciência de o esperar e de não nos apressarmos.»

escreve Lacordaire. Veja-se a natureza: uma torrente, que assolou o vale de Saint-Gervais, trouxe consigo apenas uma quantidade insignificante de depósitos. Ao contrário os gelos e as chuvas, a marcha difficilmente perceptível das geleiras, desagregam todos os anos, quasi que pedra a pedra as paredes rochosas, e arrastam para os vales massas predijiosas de detritos. Certa torrente rolando cascalho vai gastando dia a dia o granito sobre o qual corre, e com o andar dos séculos chega a cavar na rocha gargantas duma grande profundidade.

O mesmo acontece com as obras humanas: procedem por acumulação de esforços tam pequenos, que considerados em si mesmos não parecem estar em proporção com a obra executada.

A Gália, outrora coberta de florestas e de pântanos, foi cultivada, sulcada de estradas, de canais e de caninhos de ferro, e semeada de aldeias e cidades à custa de miríades de esforços musculares insignificantes em si mesmos. Cada uma das cartas que compõem a gigantesca *Summa* de S. Tomás de Aquino, foi necessário que ele as escrevesse; em seguida foi preciso que os operários tomassem um a um os caracteres tipográficos dos respectivos caixofins para a imprimir: foi dêsse labôr incessantemente repetido durante algumas horas em cada dia, e durante cincoenta anos, que saiu essa obra prodijiosa. A acção, a actividade corajosa toma com efeito duas formas de valor desigual. Ora procede por grande impulsos, por grandes impetos de energia, ora se torna o trabalho obstinado, perseverante, paciente.

Até na guerra as qualidades de resistência à fadiga e ao desánimo sam as qualidades fundamentais, e é sobre elas que de quando em quando surjem os feitos brilhantes. Mas no trabalho não chega a haver dêsses brilhantes sucessos: os bruscos impetos de

trabalho exajerado não sam para recomendar sob nenhum ponto de vista, e quasi sempre sam seguidos de períodos de abatimento e de preguiça.

A verdadeira coragem consiste numa longa paciência perseverante. O que importa para o estudante é nunca estar ocioso. É facil de notar que o tempo tem um valor incomparavel, pois que os instantes perdidos sam-no para sempre e irrevogavelmente. É necessário, pois, economizá-lo.

Apesar disso não sou de nenhum modo partidário dêsses preceitos rigorosos, do emprêgo do tempo, programas mui bem traçados, em que o emprêgo das horas foi previamente fixado. É raro segui-los exactamente; e a nossa preguiça é tam habil em criar simulacros de razão, que freqüentemente se serve dêles como desculpa para nada fazer nas horas que não estejam destinadas ao trabalho. Os únicos artigos que escrupulosamente se respeitam sam os que estabelecem o repouso, o passeio. Por outro lado, a impossibilidade de seguir à risca os preceitos nas minúcias estabelecidas, habitua a vontade a considerar-se vencida nos seus esforços: o sentimento de que somos e seremos sempre vencidos nessa luta pela regra, é muito próprio para produzir o desánimo. Além disso acontece muitas vezes estarmos mal dispostos para o trabalho nas horas para isso destinadas, e acharmo-nos bem dispostos nas horas reservadas para o recreio.

É necessario pois mais liberdade no trabalho intellectual e mais espontaneidade: o fim a alcançar na educação da nossa energia não é a estreita obediência a ordens de cabo de esquadra prussiano. Não, de certo. O fim que o estudante se deve propôr é muito outro: deve procurar ser sempre e em tudo activo. Não ha horas para essa tarefa, porque todas as horas sam propícias para tal fim.

Ser activo é logo de manhã saltar da cama abaixo com diligência, é vestir-se com desembaraço, é assentar-se à mesa do trabalho sem hesitações, não permitindo que nenhuma preocupação estranha lhe entre no espirito. Ser activo é nunca ler passivamente, é fazer constantemente esforço. Mas ser activo é também levantar-nos resolutamente para ir dar um passeio, ou partir a visitar um museu, quando sentimos que a reserva de força nervosa se esgota, e os esforços deixam de ser fecundos. Porque é grande tolice perseverar por muito tempo em esforços este reis, que esgotem e desanimem. É necessário saber aproveitar esses instantes de folga para visitar colecções de quadros, etc., — ou em conversas com amigos inteligentes. Pode-se até ser activo a comer, esforçando-nos por mastigar os alimentos, de maneira que e evite ao estômago um excesso de trabalho.

A grande desgraça do estudante são os momentos de inércia, de não-querer, tola e desperdiçados numa preguiça vergonhosa. Gastam-se horas a vestir, perdem-se manhãs a bocejar e a percorrer indolentemente um livro, e depois outro. Não sabemos tomar nenhuma resolução terminante e nítida, nem a de nada fazer, nem a de trabalhar. Não ha a minima necessidade de procurar occasiões de ser activo, porque todos os dias se apresentam desde o despertar até o deitar na cama.

O meio capital de chegar ao domínio da sua energia, é nunca adormecer sem fixar a tarefa exacta a desempenhar no dia seguinte. Não falo aqui da quantidade a fazer, porque podemos aplicar a essa medida exacta o que ainda ha pouco dizíamos dos «empregos do tempo». Falo apenas da natureza do trabalho.

No dia seguinte de manhã, ao acordar, tomamos bruscamente posse do nosso espirito, obrigamo-lo,

sem lhe dar tempo a distrações, a prender-se imediatamente à tarefa, ainda mesmo durante a *toilette*, arrastamos o corpo para a mesa de trabalho, e assentamo-nos de pena na mão sem lhe dar tempo sequer a recalcitrar.

Além disso se, durante um passeio, durante uma leitura, se levanta na consciência um remorso de estar ocioso, se nos sentimos tocados da graça, se constatarmos um bom movimento, é necessario aproveitá-lo imediatamente. Não devemos, pois, nunca imitar aqueles que, na sexta feira de manhã, deliberam heroicamente que, a partir de segunda feira, sem falta, se ham de agarrar ao trabalho: se o não fizerem *imediatamente*, a sua pretensa resolução não passa duma mentira para consigo mesmos, duma impotente veleidade. Como diz Leibniz, devemos aproveitar os nossos bons movimentos «como a voz de Deus que nos chama». Desperdiçar esses bons movimentos, enganá-los adiando a sua execução para outro dia: não os aproveitar imediatamente para criar bons hábitos, e obrigar a alma a saborear as alegrias viris do trabalho, de maneira a conservar-lhe o sabor, é o maior crime que se pode fazer contra a educação da energia.

Não sendo o fim sujeitarmos-nos a um regulamento, mas proceder vigorosamente em tudo e sempre, é necessario utilizar os quartos de hora e os minutos. Ouvi o que, a respeito de Darwin, diz seu filho. ¹ «Um dos traços do seu carácter era o respeito pelo tempo: nunca se esquecia de que o tempo é uma coisa preciosa... economizava os minutos... nunca perdia alguns minutos que se lhe apresentassem, com

¹ *Vie et correspondance de Ch. Darwin*. Paris, 1888. 2 vol. I, 135 e seg.

a desculpa de que não valia a pena pôr-se a trabalhar... executava tudo rapidamente, com uma espécie de ardor represado. Esses minutos, esses quartos, que quasi toda a gente perde tam insensatamente sob o pretexto de que não vale apena começar alguma coisa, acabam por formar no fim do ano um total enorme. Foi d'Aguesseau, segundo creio, que não tendo nunca o almoço pronto às horas, apresentou um dia a sua mulher como «*hors d'oeuvre*» um livro escrito durante os quartos de hora de espera. É tam facil durante cinco ou dez minutos aplicar o espirito, ler com fervor um parágrafo, avançar algumas linhas no trabalho, copiar um trecho, pôr em ordem as matérias das notas e das leituras!

Por isso ha razão em dizer que nunca falta o tempo a quem o sabe aproveitar. Quam justa é a observação de que aqueles que dispõem de mais horas vagas são os que têm menos tempo para fazer o que devem: tanto é verdade que, queixar-se de não ter tempo para trabalhar, é confessar que se é um fraco e que se tem horror ao esforço.

Mas, se examinarmos os motivos por que perdemos tempo, veremos que na maior parte dos casos a nossa fraqueza é até certo ponto alimentada pela indeterminação da tarefa a executar. É duma experiência constante para mim que, se antes de adormecer, não vir claramente a tarefa do dia seguinte, a manhã será infrutuosa.

Não se deve nunca fixar um fim geral nem dizer: «Amanhã hei de trabalhar», nem tampouco: «Amanhã começarei o estudo da moral de Kant»; é necessário fixar sempre uma tarefa clara e particular, dizendo: «Amanhã começarei resolutamente, e pelo principio, a leitura da *Razão Prática* de Kant, ou — estudarei ou resumirei tal capítulo de fisiologia».

Ao preceito de fixar claramente a sua tarefa, é ne-

cessário acrescentar o de terminar sempre, e terminar conscienciosamente o que se começou, para não ter que voltar a esse trabalho. Não ter nunca a necessidade de retomar um trabalho, proceder de tal modo que o que fazamos seja definitivo, é uma economia de tempo extraordinária. É assim que o estudante deve fazer as suas leituras solida e energicamente; que deve resumir por escrito, copiar se tanto fôr necessário os extractos que preveja lhe venham a ser uteis, e depois repartir as suas notas pelos títulos dum quadro de matérias, que lhe permitirá tornar a encontrá-los quando assim o quizer. Dessa maneira, a não ser que se trate dum livro de ter à cabeceira, nunca mais haverá mister recommençar a sua leitura. Assim caminha-se lentamente; mas como se não dá um passo, senão depois de ter definitivamente firmado os anteriores, não temos nunca de recuar; e, num passo lento e continuo, avançamos, e, até como a tartaruga da fábula, chegamos antes da lebre, mais aji, mas menos metódico. E, em nossa opinião, não ha regra mais essencial para o trabalho do que esta: *Age quod agis!* Faze cada coisa por sua vez, conscientemente, sem pressa, sem agitação. O grande pensionario de Witt dirijia todos os negócios da República; e não obstante isso tinha horas vagas para prazeres mundanos e para cear de companhia. Perguntavam-lhe como é que podia arranjar tempo para terminar negócios tam múltiplos, e ainda para se divertir: «Não ha nada mais facil, respondia: trata-se apenas de não fazer mais que uma coisa ao mesmo tempo, e de nunca deixar para o dia seguinte o que se puder fazer no próprio dia».

Lord Chesterfield recomendava ao filho que não perdesse tempo, até na latrina; e citava-lhe, como exemplo, um homem que levava para lá algumas páginas duma edição vulgar de Horácio «que depois lá

metia como em sacrificio a Cloacina» ! Sem levar a economia do tempo até esse ponto, é certo que a utilização de todos os instantes a favor dum fim único é duma grande proficuidade.

Uma actividade que não saiba sujeitar-se à lei de não fazer mais do que uma coisa ao mesmo tempo é uma actividade desordenada. Desprovida de unidade, volita de objecto em objecto. É talvez peor que a ociosidade, porque esta se aborrece de si mesma, ao passo que essa agitação, pela sua esterilidade acaba por tornar o trabalho aborrecido; substitui a alegria tam forte da tarefa «que avança», o mal estar, a perturbação, o desánimo produzido pelas tarefas múltiplas que a gente não chega a terminar. S. Francisco de Sales vê nessas mudanças perpétuas uma astúcia do diabo. Não se devem, diz ele, seguir muitos exercícios ao mesmo tempo «porque muitas vezes o inimigo esforça-se por nos fazer empreender e começar muitos projectos, a fim de que, sobrecarregados por mutitas tarefas, não acabemos nada, e deixemos tudo imperfecto... Algumas vezes até sujere-nos a vontade de empreender e começar alguma excelente tarefa, que elle já previa não levaríamos a efeito, para nos desviar de atinjar uma menos excelente, que facilmente teríamos levado a efeito»¹.

Por outro lado, tenho muitas vezes observado que sam as coisas começadas e não acabadas, que fazem perder mais tempo. Deixam como que um mal estar análogo ao que dá o trabalho de investigação duma solução de problema, procurada durante muito tempo e em vão; sente-se um descontentamento; o assunto de trabalho abandonado vinga-se do nosso desprezo ocupando o espirito e inabilitando-o para os outros

¹ *Traité de l'amour de Dieu, VIII, XI.*

trabalhos: provém isso de que a atenção excitada não teve a sua legítima satisfação. Pelo contrario, o trabalho executado lealmente deixa no espirito um sentimento de contentamento, e até de apetite satisfeito: o pensamento fica aliviado dum cuidado, e livre para se entregar a novas occupaões.

O que é verdade a respeito dum trabalho interrompido, é igualmente muito verdadeiro a propósito dum trabalho que se deve fazer, e que se não faz. Tomo, por exemplo, o sentimento de que é necessário escrever uma carta, e não a escrevemos. Os dias passam; conserva-se este pensamento como um remorso que se vai avolumando. Não se escreve nunca; a obsessão torna-se tam penosa, que nos resolvemos enfim a trabalhar; mas, depois de o fazer, já não nos traz a essa hora tardia a alegria que nos dá um dever bem cumprido.

Façamos pois cada coisa no momento em que é necessário fazê-la, e façamo-la bem a fundo.

§ III

Depois que num mancebo se consolidou este importante e fecundo hábito de se decidir resolutamente, de agir sem agitação febril, pronta, simplez e sinceramente, não ha alto destino intelectual que elle não possa desejar. Se ele tem algumas ideias novas, ou se encara questões velhas por uma forma nova, ha de trazer no pensamento essas ideias durante oito ou dez anos de trabalho assíduo. Vam chamar a si centenas de imagens, de comparações, de semelhanças escondidas para toda a gente; vam organizar esses materiais, alimentar-se dèles, fortificar-se e aumentar. E, como da glande do carvalho saem poderosas árvores, assim dèsses pensamentos fecundados pela atenção durante anos, sairám vigorosos livros que ham de ser

para as pessoas honestas na sua luta contra o mal, o que para os soldados são os clarins tocando a avançar; ou então esses pensamentos concretizar-se-ham e realizarão uma bela vida, completamente unida, perfeitamente direita, toda feita de actividade generosa.

Não o devemos dissimular: se tivermos a grande felicidade de poder atinjar a vida da inteligência, a aristocracia que nos confere a instrução é tão mortalmente odiosa como a aristocracia do dinheiro, se não nos fizermos perdoar essa superioridade intelectual pela superioridade da nossa vida moral. Todos vós, os que ao sair do ensino secundário, ficastes estudantes de direito, de ciências, de letras, de medicina, tendes o dever de ser os mais activos, os mais perseverantes benfeitores dos que têm de se limitar a ganhar duramente a vida, sem que possam lançar um olhar para além da hora presente.

Os estudantes formarão necessariamente a classe dirigente em todos os países, até nos países do sufrágio universal. Porque a multidão, incapaz de se dirigir por si mesma, dirigir-se-ha pela inteligência daqueles que domaram e fortificaram o espírito por muitos anos de cultura desinteressada. Essa situação cria deveres a todos os mancebos que receberam o benefício do ensino superior; porque é claro que, para conduzir os outros, é necessário primeiro sabermo-nos conduzir a nós mesmos. Para pregar aos outros a moderação, o desinteresse e a dedicação é necessário pregar com o exemplo, e saber aceitar alegremente uma vida de trabalho e de actividade enérgica pela palavra e pelos actos.

Ah! se em cada ano uma meia dúzia de estudantes entrassem nas suas aldeias, nas suas pequenas cidades, como médicos, como advogados, como professores, bem decididos a não deixar passar uma ocasião de falar, de trabalhar em favor do bem, decididos

a testemunhar a qualquer homem, por muito modesta que seja a sua situação, o maior respeito, a não deixar nunca passar uma injustiça sem um protesto activo e perseverante, a introduzir nas relações sociais mais bondade, mais verdadeira equidade e mais tolerância, em vinte anos, para a felicidade duma pátria, de cada pátria, constituir-se-hia uma aristocracia nova absolutamente respeitada, e que seria poderosíssima para o bem geral. Todo o mancebo que deixa as Universidades e que só vê na advocacia, na medicina, etc., o dinheiro que esses modos de vida lhe podem trazer, que não pensa senão em se divertir tola e grosseiramente, não passa dum miserável e o sentimento público cada vez se engana menos a esse respeito.

§ IV

Mas, objectar-nos-ham, o trabalho contínuo, a preocupação constante duma ideia, essa actividade sempre desperta, não poderá ser muito prejudicial à saúde? Essa objecção vem da falsa ideia que em geral se faz do trabalho intelectual. Continuidade é tomada aqui no sentido humano. É claro que o sono interrompe o trabalho e implica repouso. É claro também, segundo o que mais acima dissemos, que a maior parte do tempo da vigília é de toda a necessidade que seja distraído das ocupações intelectuais. Trabalhar é somente obrigar o espírito a pensar unicamente no objecto do nosso estudo, durante todo o tempo, em que não lemos nenhuma outra ocupação. Por outro lado a palavra — trabalho — não deve evocar a imagem dum estudante sentado, com o busto inclinado sobre uma mesa: pode-se ler, meditar, compôr, a passear: é o melhor método, o menos fatigante e o mais fecundo em descobertas. O passeio facilita singularmente o trabalho de assimilação dos materiais

intelectuais, e a sua disposição num plano para a execução.

Com efeito, ser um trabalhador intelectual não supõe de nenhum modo, como corolário, que se seja imprevidente. Hoje especialmente, que conhecemos tão bem as relações do físico com o moral, mereceríamos tornarmo-nos o escárnio dos ignorantes se não soubéssemos cuidar da nossa saúde. A aquisição dos materiais é a parte somenos da tarefa: a sua escolha e a sua organização têm outra importância, e não obrigam a estar sentado. Um sábio não é o que sabe mais particularidades, mas o que tem um espírito sempre activo, sempre trabalhando. Não se deve confundir a ciência com a erudição. A erudição é muitas vezes a preguiça do espírito. Uma boa memória não basta para criar; é necessário que o espírito domine os materiais, e que estes o não obstruam.

Posto que seja de bom tom parecer doente à força de trabalhar; posto que isso pareça honrar muito a nossa vontade, é bem necessário reconhecer que seria preciso provar que só o trabalho é causa do nosso enfraquecimento. É impossível prová-lo. Seria necessário poder fazer a conta das outras causas de enfraquecimento, o que é empresa absurda. E, dizemo-lo resolutamente, não sabemos nunca se o que se atribui ao trabalho não vem, por exemplo, da sensualidade. Não creio que muitas vezes haja mancebos no colégio, e ao depois estudantes, perfeitamente ajuizados *surmenés*: ah! o único *surmenage* nesta idade, é o que causam os hábitos viciosos.

Atribuindo à sensualidade a sua parte de estrago produzido, se apesar de tudo ainda houver *surmenage*, provém ele das decepções da inveja, do ciúme, e principalmente dum amor-próprio excessivo, filiado numa falsa compreensão do nosso lugar na sociedade, e num sentimento exajerado da personalidade. Se for-

mos suficientemente enérgicos para expulsar da consciência estes sentimentos destruidores, já uma grande causa de fadiga ficará eliminada.

Parece-nos que só o trabalho intelectual bem ordenado, respeitador da higiene, isto é da vida, e ainda do tempo, nos pode permitir um elevado desenvolvimento do pensamento; o trabalho liberto dos compromissos da sensualidade, o trabalho alegre e confiante, sem ciúme, sem vaidade ferida é eminentemente próprio para fortificar a saúde. Se fornecermos à atenção belas e fecundas ideias, o pensamento elabora-as e organiza-as. Se deixarmos o acaso das impressões fornecer os materiais, a fadiga é sensivelmente a mesma que quando a vontade preside à sua escolha. Mas é raro que o acaso, esse inimigo do nosso repouso, não traga consigo um sem-número de contrariedades.

Com efeito o homem vive em sociedade, e tem a necessidade da estima e do elogio de outrem. Como os outros têm raras vezes tão boa opinião de nós, como nós mesmos; como, por outro lado, a um grande número dos nossos semelhantes falta o tacto e muitas vezes até a caridade, acontece frequentemente, em todas as situações, que a vida social é fecunda em dificuldades que desgostam. É um incitamento a mais para o trabalhador ver que os criminosos pagam cruelmente a sua preguiça, porque no seu espírito vazio rebentam, como num campo inculto, um sem-número de ervas daninhas. Passam o tempo a ruminar ideias mediocres, desgostos mediocres, ciúmes e ambições mediocres.

Nada de semelhante para a felicidade como trocar preocupações por ocupações; e quem diz felicidade, diz saúde. Tanto é verdade que o trabalho é a lei fundamental da humanidade, e que qualquer pessoa, que se liberta desta lei, renuncia ao mesmo tempo a todas as alegrias elevadas e perduráveis!

Ajuntemos a estas observações que o trabalho *disperso*, sem método, fadiga; e que se imputa muitas vezes ao trabalho em si mesmo o que provém da sua má direcção. O que fadiga é a multiplicidade das occupaões, das quais nenhuma traz consigo a alegria tranqüilizante das tarefas acabadas. O espirito chamado para diversos lados conserva durante o trabalho como que uma surda inquietação. São os trabalhos deixadas no estado de esboço que produzem uma ruminação intelectual muito incómoda.

Dizia Michelet a M. de Goncourt que aos trinta anos sofria horribes enxaquecas causadas pela variedade de coisas que fazia. Resolveu não ler mais livros, mas fazê-los: «Desde esse dia, ao levantar-me sabia muito claramente o que tinha a fazer, e não fixando mais o pensamento do que sobre um objecto ao mesmo tempo, curei-me¹». Nada mais verdadeiro: querer executar ao mesmo tempo muitas obras, é votar-se a uma fadiga certa. *Age quod agis*. O que fazemos, façamo-lo a valer. Não é somente o meio de caminhar depressa, como já vimos, mas é também o meio seguro de evitar a fadiga, e de colher as amplas alegrias das tarefas levadas a bom termo.

§ V

Em resumo, se a meditação desperta na alma poderosas emoções, não as pode capitalizar sob a forma de hábitos. Ora a educação da vontade é impossível sem a criação de excelentes e sólidos hábitos; sem eles teriam os nossos esforços que recommençar constantemente. Só eles permitem fixar as nossas con-

quistas e seguir à frente. Ora esses hábitos, sabemos-lo agora, somente a acção os pode criar.

Para actuar é necessário executar corajosamente cada uma das pequenas acções que concorrem para alcançar um fim. A acção fixa o pensamento, filia-nos publicamente num partido; produz uma alegria profunda.

Ah! o tempo da actividade, já de si tão curto, é assim diminuído pela falta de método do estudante no seu trabalho; apesar disso, já o dissemos «pouco nos basta em cada dia, se em todos eles produzirmos esse pouco». A paciência dos esforços incessantemente renovados produz resultados prodigiosos. É, pois, o hábito da actividade incessante que o estudante deve adquirir. Deve, para o conseguir, fixar todos os dias a tarefa do dia seguinte, aproveitar os bons movimentos, terminar todo o trabalho começado, não fazer mais que uma coisa ao mesmo tempo, e não desperdiçar nenhuma parcela de tempo. Tais hábitos permitir-lhe-ham esperar os mais altos destinos, e permitir-lhe-ham também que pague à sociedade a dívida de reconhecimento, que os benefícios recebidos constituem um dever.

O trabalho assim compreendido nunca pode *surmenar*. A fadiga que se atribui ao trabalho provém quasi sempre dos excessos da sensualidade, das inquietações, das emoções egoístas, dum mau método: o trabalho bem compreendido, o hábito dos pensamentos nobres e elevados só pode fortificar a saúde, se é certo que seja uma condição fisiológica excelente ser calmo, tranqüilo, feliz.

¹ *Journal des Goncourt*, 12 mars 1864.

CAPÍTULO IV

A higiene corporal considerada sob o ponto de vista da educação da vontade no estudante

§ I

Até aqui estudamos o lado psicológico da questão. Falta-nos examinar as condições fisiológicas do domínio do eu. A vontade e a sua forma mais elevada, a atenção, são inseparáveis dum sistema nervoso. Se os centros nervosos se esgotam rapidamente, ou se uma vez esgotados, só recobram o vigor com uma extrema lentidão, nenhum esforço, nenhuma perseverança é possível. A debilidade corporal é acompanhada por uma vontade fraca, por uma atenção breve e pouco durável.

Em todas as ordens da actividade o bom êxito depende mais da energia infatigável que de qualquer outra causa; a primeira condição de todo o bom êxito na conquista do eu, é ser, segundo uma expressão célebre, «um bom animal». Quasi sempre o entusiasmo moral coexiste com esses momentos radiosos em que o corpo, como um instrumento bem afinado, executa a sua parte, sem notas falsas e sem distrair para si a consciência íntima. Nesses momentos de pleno vigor, a nossa vontade é poderosa e a atenção pode ser fortemente aplicada. Ao contrário, quando

somos fracos, deveis, sentimos pesadamente as cadeias que ligam o nosso espírito ao corpo, e os revezes da vontade têm muitas vezes por causa doenças de ordem fisiológica.

Acrescentai a essas considerações que a recompensa natural de todo o trabalho que exercita as forças sem o esgotar, é um sentimento de bem estar, de alegria, que dura por muito tempo. Se o esgotamento aparece logo ao princípio do trabalho, o sentimento agradável da força aumentada não aparece, e o que o substitui é uma sensação penosa de fadiga, de desgosto: para os infelizes assim debilitados o trabalho, desprovido da alegria penetrante, que é a sua recompensa, torna-se uma empreitada, um desgosto, uma dor.

Além disso, todos os psicólogos estão de acordo sobre a importância das condições fisiológicas para a memória. Quando uma circulação activa carrega para o cérebro um sangue bem alimentado e bem puro, as lembranças, e portanto os hábitos, gravam-se com prontidão e por muito tempo.

Condição duma volição e duma atenção prolongada e vigorosa, eminentemente favorável à memória, a saúde não se limita a recompensar o trabalho pela alegria, que é a sua consequência; tem além disso sobre a felicidade uma extrema influência. É, como alguém disse, o número que colocado adiante dos zeros da vida, lhes dá o valor. A imagem é feliz, e Voltaire dizia-o de Harlow, que possuía uma mulher encantadora e todos os bens da fortuna: «Não tem nada se não tiver bem».

Infelizmente o trabalho intelectual mal compreendido pode ser prejudicial. Impõe a imobilidade do corpo, impõe o sedentarismo, a reclusão em quartos mal arejados; impõe enfim a posição de estar sentado. Esses graves inconvenientes, aos quais vem jun-

tar-se uma má higiene alimentar, não tardam a debilitar o estômago: as dijestões tornam-se laboriosas, e como o estômago está enlaçado numa apertada rede de nervos, a reflexão das perturbações deste órgão sobre o sistema nervoso é considerável. Após as refeições, a cabeça conjecciona-se e os pés arrefecem com facilidade; sente-se um torpor, uma sonolência, que bem depressa é substituída por uma irritabilidade, que contrasta singularmente com a alegria dos camponeses e dos operários depois do almoço. O estado nervoso pecca pouco a pouco, e muitos trabalhadores intelectuais chegam a não poder dominar as suas impressões: o coração palpita-lhes à menor contrariedade, e o estômago contrai-se-lhes. É o primeiro grau de *nervosismo*; por que o nervosismo tem quasi sempre como ponto de partida um estado defeituoso das funções nutritivas. O cérebro deixa de ser o grande regulador, e em vez dos ritmos calmos e vigorosos da vida sã, aparece a irritabilidade e a perturbação da vida doentia.

Todavia, o grande poder que nos confere o tempo para a obra do domínio de nós mesmos, igualmente no-lo confere para mudar o nosso temperamento e fortalecer a saúde. Numa passagem célebre Huxley compara-nos a jogadores do xadrez: temos como parceiro um adversário paciente e impiedoso, que nos não perdoa a menor falta, mas que paga com uma generosidade exuberante aos bons jogadores. Este adversário é a natureza; e tanto peor para quem ignora as regras do jogo. Estudando essas regras, que são as leis descobertas pelos sábios, e sobretudo applicando-as, estamos certos de ganhar a partida ao jogo, que é a saúde.

Mas acontece com esta conquista da saúde o mesmo que com a conquista da nossa liberdade: não é de nenhum modo o resultado dum *fiat*, mas antes

dum sem-número de pequenas acções, que executamos centenas de vezes por mês, ou que nos recusamos a executar. Devemos fixar a atenção sobre muitos pontos e attribuir a cada particularidade a sua importância. É necessário ter cuidado com o calor, com o frio, com a humidade: é necessário velar pela pureza da atmosfera, velar pela iluminação, pelas refeições, ter um exercício suficiente, etc.

Mas, exclaimar-se-ha, tais cuidados tornarão a vida ridícula, e consumirão todo o tempo! Puro sofisma. Esses cuidados são uma mera questão de hábito. Não é necessário mais tempo para comer segundo as regras do que para comer mal. Não é necessário mais tempo para passear um bocadinho, do que para ficar preguiçosamente a dizer mal num *fauteuil*, ou a ler os jornais ao café. Também não é uma perda de tempo apreciável renovar de tempos a tempos o ar do gabinete de trabalho. Basta fixar, duma vez para sempre, as modificações a operar no regimen de vida. O único motivo que ha para não proceder razoavelmente, é a preguiça: preguiça intelectual para prever, preguiça física para executar.

Mais uma vez: a recompensa será a saúde, isto é, a condição de tudo o mais, tanto do bom éxito como da felicidade.

As funções às quais devemos atender com mais cuidado, são as funções de nutrição. Uma questão essencial é a da natureza e número dos alimentos a ingerir. Até os trabalhos de Berthelot a questão da alimentação era puramente empirica. Hoje estabelece-se o problema duma forma muito clara. Sabe-se actualmente que um alimento gordo ou hidrocarbonado não pode substituir a albumina na reconstituição dos tecidos. A albumina é, pois, necessária à alimentação. Mas, por outro lado, se em vez de dar uma ração sufficiente de albumina, se ultrapassar a dose, o resul-

tado alcançado é extremamente curioso. Esta ração exajerada provoca, em detrimento dos nossos órgãos, uma precipitação de albumina muito superior à quantidade de albumina ingerida ¹.

Basta ingerir diariamente uma quantidade de alimentos azotados aproximadamente igual a 75 gramas. Tudo o que se absorve a mais desta quantidade tende a provocar uma precipitação de albumina nos músculos.

Eis um primeiro ponto: o estudante come nos restaurantes duas ou tres vezes mais carne do que é útil comer.

Além disso, qualquer que seja a quantidade de albumina ingerida, se não absorvermos ao mesmo tempo alimentos gordos ou hidratos de carbono, a precipitação da albumina opera-se; cessa no caso contrário. É daí o nome dado a esta alimentação, quando se misturam com os 75 gramas de albumina, de ração azotada protegida.

Por outro lado, sabe-se que o trabalho provoca principalmente a decomposição da gordura ou das féculas. Sabe-se além disso que o homem deve dispendir diariamente 2800 e até, em certos casos 3400 calorias, se o trabalho for intenso ². Produzindo 75 gramas de albumina 307 calorias, tem ainda o trabalhador intelectual de encontrar aproximadamente 2700 calorias. Como não se assimilam mais que 200 a 250 gramas de gorduras ($225 \times 9,3 = 2092$ calorias), ainda ha que pedir aproximadamente 600 calorias aos alimentos hidrocarbonados (150 gramas pouco mais

¹ Cf. G. Sée. *Formulaire alimentaire* 1893.

² 1 grama de albumina dá. 4,1 calorias
1 grama de gordura 9,3
1 grama de hidrato de carbono dá . 4,1

ou menos). O que ha a fazer é simplesmente procurar nos livros especiais o valor de cada alimento em albumina, em gordura e em alimentos hidrocarbonados para compôr a alimentação de cada dia.

Feita a experiência, impõe-se uma conclusão: a de que comemos excessivamente, principalmente carne. Impomos ao estômago e aos intestinos um trabalho absurdo. Num grande número de pessoas abastadas, a maior parte das forças adquiridas pelo labor de digestão são gastas em digerir. E não se julgue que exajeramos. Durante o acto da digestão, com efeito, dejeríamos as paredes do estômago e dos intestinos, se a sua superficie não se renovasse constantemente o tecido que as protege, e que se reforma com uma grande rapidez, à proporção que os sucos digestivos o atacam. Só esse trabalho é enorme. Os intestinos têm sete a oito vezes o comprimento do corpo, e trinta centímetros de largura, termo médio. A superficie em actividade do estômago e dos intestinos é pois de 5 metros quadrados pelo menos. Acrescentai ao trabalho consideravel que constitui o renovoamento incessante durante muitas horas por dia, das vilosidades que tapetam uma tal superficie, as forças que se empregam na mastigação, as forças dispendidas pelos movimentos peristálticos do estômago, pela formação duma quantidade consideravel de saliva, pela produção dos sucos digestivos do estômago, do pâncreas, da vesícula biliar, e far-se-ha uma ideia do prodigioso dispêndio de forças indispensavel ao acto digestivo.

Não é evidente que os homens, que comem muito, são puros animais reduzidos ao papel pouco honroso de servidores do seu tubo digestivo? Ainda ha a notar que a maior parte, perante a quantidade de peiscos a engulir, acha fastidioso o trabalho de os mastigar bem: tornam assim mais pesado o trabalho da

dijestão, e prolongam-no, porque os sucos dijestivos só lentamente podem penetrar massas muito pouco divididas.

Quam útil seria uma pequena brochura que indicasse, para cada alimento, a sua percentagem em albumina, em gorduras, em alimentos hidrocarbonados assimilaveis! Os tratados especiais dão a percentagem em azote: ora nós sabemos hoje que muitos compostos azotados não são, propriamente falando, alimentos reparadores. Com um tal quadro podia o estudante compôr aproximadamente a lista dos seus alimentos, com o duplo resultado de se alimentar bem, e de evitar aos órgãos dijestivos um trabalho exajerado produzido em detrimento do trabalho intelectual. A questão do número e da hora das refeições parece uma questão bem modesta, ao lado da capital importância da dosagem dos alimentos. Não que pretendesemos ver o estudante pesar, como fazia Cornaro, todos os seus alimentos; mas, depois de algumas pesagens, já estaria ao facto do que aproximadamente deve comer, e evitaria pelo menos o enorme desperdício de forças, a que está votado o mancebo frequentador de restaurantes, e que, em meio do ruído das conversações e das discussões, come até ficar repleto.

Não podemos deixar de falar também no uso do café. Não deve ser proibido. Tomado em grande quantidade, e preparado com filtro, que o esgota completamente, enerva. Preparado à maneira árabe, de infusão, em pequenas chávenas, é menos irritante e fornece um auxiliar útil ao trabalho da dijestão. Até fóra das refeições, uma pequena quantidade pôde, de manhã por exemplo, expulsar esse peso de pensamento, de que tantos trabalhadores se queixam, e provocar uma viva excitação intelectual. Com a condição de que se não abuse e de que, por outro lado, se apro-

veite imediatamente essa excitação para nos deitarmos ao trabalho, não ha inconveniente em o usar.

A hygiene da respiração é mais simples: a falar a verdade respirar ar puro quasi não parece uma necessidade. Quantas vezes tenho visto rapazes, que preferem respirar um ar viciado e repugnante a introduzir com o ar puro algum frio. A hygiene das casas de educação e dos aposentos tem estado, sob este ponto de vista, num estado primitivo. Não obstante está averiguado que o ar viciado nos torna inquietos, irritados e descontentes. O organismo, não tendo o estímulo são, que lhe dá o ar puro, é levado a procurar estímulos viciosos. O estudante não é obrigado a «ruminar» no seu quarto um ar já respirado: pode arejá-lo muitas vezes, e pode até, o que é bem melhor, trabalhar ao ar livre.

Além disso pode passear no quarto, e ler ou falar em voz alta. É sabido que os surdos mudos, que não têm o exercício da fala, têm também os pulmões muito fracos: a custo podem apagar uma vela colocada a alguns centímetros da boca. A palavra é uma ginástica enérgica do pulmão.

É necessário notar igualmente que a attitude curvada de quem escreve ou lê é um forte obstáculo aos movimentos respiratórios; obstáculo que pôde com o andar do tempo tornar-se deveras prejudicial. Devemos, para lutar contra esta causa de enfraquecimento, contrair o hábito de conservar o busto muito direito para desembaraçar o peito e assegurar a liberdade aos movimentos respiratórios.

Todavia estas precauções são insuficientes, e é indispensavel parar frequentemente com o trabalho, levantarmo-nos, e recorrer aos excelentes exercícios a que Lagrange chama «a ginástica respiratória». Esses exercícios consistem em profundas inspirações, análogas às que fazemos quando pela manhã, instintiva-

mente, nos espreguiçamos. Elevam-se muito lentamente os dois braços e afastam-se, respirando tão profundamente quanto seja possível, abaixam-se em seguida expulsando o ar inspirado. É útil até, ao elevar os braços, levantarmos-nos sobre a ponta dos pés como se diligenciássemos fazer-nos maiores: essa operação provoca o endireitamento das curvaturas da coluna vertebral, levantamento que permite às costelas descrever de baixo para cima um segmento de círculo sensivelmente maior que o segmento habitualmente percorrido. Além de que este exercício impede a anquilose das costelas, «desprega» também um grande número de vesículas pulmonares deprimidas, e onde o oxigénio não penetrava. A superfície das trocas entre o ar e o sangue aumenta.

Marcy observou que o ritmo da respiração fica modificado ainda no repouso, depois de semelhantes exercícios. Note-se que o emprêgo de *halteres* aqui é contra-indicado, pois que nenhum esforço é possível sem parar a respiração.

Estas precauções, com as quais nos damos muito melhor, não passam apesar disso de paliativos, que de nenhum modo podem dispensar o exercício propriamente dito.

O exercício evidentemente não cria nada por si mesmo. Actua indirectamente melhorando o conjunto das funções nutritivas.

Pode cada um, no seu quarto, como acabámos de ver, aumentar a capacidade respiratória por meio de exercícios aos quais recorre de tempos a tempos, mas não se pode fazer com que o sangue circule rapidamente e, por conseguinte, passe mais frequentemente nos pulmões. A função respiratória e a função circulatória são de certo modo a mesma função sob dois aspectos diferentes. Tudo o que activa uma actua sobre a outra.

Lavoisier numa comunicação à Academia das ciências (1789), chamava a atenção para o facto de que um homem assimilava, em jejum, depois de um trabalho muscular, perto de tres vezes mais oxigénio do que em repouso. Consequentemente, o primeiro efeito de exercício é fazer entrar no organismo uma quantidade considerável de oxigénio.

Ao passo que o estudante, habitualmente imóvel, vive uma vida diminuída, o que pratica o movimento ao ar livre entra no trabalho com um sangue mais rico e uma respiração mais activa. O cérebro torna-se capaz de esforços mais enérgicos e mais prolongados. O próprio trabalho do coração diminui, produzindo todavia mais trabalho; porque, ao passo que a imobilidade tende a fazer estagnar o sangue nos capilares, estagnação acompanhada de diminuição nas combustões vitais, no exercício, por uma acção «de vizinhança» é a circulação provocada nos capilares pelos músculos que actuam; e o «coração periférico», constituído pela elasticidade das finas artérias, reduz em muito do trabalho próprio o trabalho do órgão central.

Mas não são estes os únicos benefícios da actividade muscular, porque os músculos são, como demonstrou Paul Bert, fixadores de oxigénio. São propriamente órgãos respiratórios: opera-se neles uma troca extremamente importante de oxigénio inspirado e de ácido carbónico a eliminar. Ora, quanto mais enérgicas são essas trocas, tanto mais enérgica é também a combustão das gorduras da alimentação: não «queimando» a imobilidade as reservas gordurosas, permite o seu depósito em toda a parte, o que conduz directo à obesidade. Por outro lado esses depósitos não são os únicos inconvenientes da preguiça corporal, se é verdade, como parece estar demonstrado, que o artritismo, a gota, a litíase renal, o mau hálito, têm por causa essencial os produtos incom-

pletamente queimados, por falta duma respiração suficientemente enérgica. Ora essa respiração dos músculos, tam importante, não se realiza somente durante o trabalho: estes órgãos conservam durante muito tempo uma superactividade respiratória.

Note-se por outro lado que o exercício é absolutamente indispensavel para a maior parte dos manebos de familias abastadas, que comem em demasia. O exercício, até o exercício violento, é-lhes util para queimar o excesso de materiais ingeridos. Se comer-mos muito e tivermos uma vida ociosa, todos os vasos que recebem o quilo se engorjitam. As indisposições e faltas de apetite sam freqüentes de manhã, principalmente quando o repouso da noite veio agravar esta supranutrição. O estômago torna-se então preguiçoso e o sangue, à letra, está «espesado», isto é, sobrecarregado de materiais não queimados. Produz-se um estado paradoxal muito freqüente ao acordar: sente-se essa lassidão, esse torpor, essa preguiça de espirito que provém da acumulação de reservas. Ha uma prova crucial de que é essa a origem de tal lassidão, a saber: se tivermos a coragem de nos atirmos resolutamente ao trabalho, à proporção que a fadiga deveria aumentar, diminui, como diminuem pela oxigenação os materiais acumulados em excesso no sangue.

Em resumo, o exercício provoca um vivo e enérgico trabalho de assimilação, o transporte acelerado dum sangue rico, e em opposição a evacuação rápida dos materiais de desassimilação.

Além dèsses efeitos gerais sôbre a saúde, quasi não vale a pena fazer notar os efeitos felizes do passeio sôbre os movimentos peristálticos do estômago.¹

¹ Sendo a attitude geral do estudante a posição assentada ou de pé, os músculos que envolvem as vísceras abdomi-

§ II

Até aqui só temós encarado o exercício sob o ponto de vista das funções de nutrição. É esse o ponto de vista essencial para o nosso assunto, pois que a vontade e a atenção estão numa dependência, muito estreita do bom estado do organismo.

O exercício muscular tem além disso relações menos importantes, mas mais intimas com a vontade. Com effeito, é por actos musculares que a vontade começa timidamente a ensaiar-se na criança. A longa aprendizagem de que necessitamos para nos tornarmos senhores dos nossos movimentos tempera a nossa vontade e disciplina a nossa atenção. Qual de nós não tem o sentimento clarissimo de que hoje mesmo, às horas de preguiça profunda, tentar um movimento, levantar-se, sair, etc., é um acto de vontade difficil? E quem pode, por consequência, contestar que a actividade muscular, ou melhor, os movimentos vivos, precisos (porque a marcha, não tardando a tornar-se automática, quasi que não tem valor sob este ponto de vista) sejam excellentes ensaios de vontade e de atenção? É isto tam verdade que aos nevropatas, incapazes de atenção, se prescreve o exercício muscular. Um esforço implica o querer, e o querer desenvolve-se, como todas as nossas faculdades, por meio da re-

nais estão geralmente num estado de frouxidão. A sua inactividade deixa-os sem força contra os depósitos gordurosos que aumentam o volume do abdomen, e além disso deixam de amparar vigorosamente o estômago que tem tendência a dilatar-se. No seu belo livro indica Lagrange os processos que a ginástica sueca emprega para combater este estado de coisas. Esses processos consistem em sete movimentos que é facil executar todos os dias em nossa casa. Cf. *Exercice chez les adultes*, p. 355 seg. (E. Alcan.)

petição. Além disso o trabalho muscular, desde que tenda para a fadiga, torna-se uma dor; e, saber resistir a uma dor, não será vontade, e da mais elevada?

E assim vemos que o exercício é directamente, por si mesmo, como que uma escola primária da vontade.

Poder-se-ha dizer que ele não tenha influência sobre a inteligência? De nenhum modo. Essa influência é real: a preguiça corporal é funesta; as nossas percepções renovam-se pouco; ficamos voluntariamente em casa numa triste monotonia; deixamo-nos invadir pelo aborrecimento e pelo tédio. E essa maneira de ser tam triste, cuja experiência nós temos feito, vem apenas do amortecimento da vida física, das ideias lentas em acordar, da ausência de excitações exteriores. Este estado contrasta singularmente com a lucidez das ideias, com a grande vivacidade e riqueza de impressões de quem medita passeando nos campos. Não se pode, pois, negar a extrema influência do exercício sobre as nossas faculdades.

§ III

Todavia o estudante deve examinar de perto os erros consideráveis que correm a respeito desse exercício físico, cujos benefícios acabámos de provar. Muitas vezes se confundem duas coisas muito diferentes: a saúde e a força muscular. O que constitui uma saúde robusta é o vigor dos órgãos respiratórios e do aparelho digestivo. Andar de saúde é dizer bem, é respirar livremente, é ter uma circulação enérgica e regular; é além disso resistir facilmente às variações de temperatura. Ora estas qualidades de resistência não têm nenhum laço de causalidade com a força muscular. Os atletas de feira, os que fazem da força pro-

fissão, podem ter uma saúde muito fraca, e qualquer homem de gabinete possuir uma saúde de ferro coexistente com um poder muscular mediocre.

Não devemos procurar a força atlética, mas até evitá-la, porque não nos fortificamos senão pelo exercício violento; e além de que tais exercícios entram o jôgo regular da respiração, e provocam uma congestão muito sensível nas veias do pescôço e da fronte. É bem certo que sam extenuantes. Ora é impossível suportar ao mesmo tempo esforços físicos intensos e esforços intellectuais enérgicos. E demais, o esgotamento provocado pelos esforços deixa o corpo predisposto para os resfriamentos tam frequentes nos camponeses e nos habitantes das montanhas.

Acrescentemos que o exercício violento só é util nos casos em que é necessário queimar reservas nutritivas provenientes dum excesso de alimentação; ora o trabalhador, que faz esforços enérgicos de atenção, gasta tanto ou talvez mais materiais que o camponês que cultiva a terra. De maneira que o estudante digno deste nome não se pode comparar de forma alguma ao funcionário assentado no seu escritório deante duma empreitada; sempre a mesma, e cuja inteligência é tam preguiçosa como o corpo. Quanto mais se trabalha intellectualmente, menos necessidade se tem desse exercício muscular destinado a queimar o excesso dos materiais não empregados.

Coisa curiosa, em França, louvâmos a educação atlética, que os mancebos ingleses recebem, e admirâmo-la sem discernimento, com essa total ausência de espirito científico, que caracteriza o espirito público actual. Somos como que deslumbrados por alguns grandes colégios em que a pensão chega a atingir 5:000 francos por ano, e pelos riquíssimos filhos de lords que frequentam as universidades como amadores: não considerâmos que essa minoria deve com-

parar-se justamente a minoria dos homens de desporto entre nós.

Os ingleses inteligentes não vêem com prazer o exajêro dos exercícios físicos nas escolas inglesas. Wilkie Collins no prefácio do *Marido e Mulher*, escrito em 1871, constata na sociedade britânica um perigoso desenvolvimento de grossaria e brutalidade: o abuso dos exercícios físicos tem contribuído para isso, diz o autor, em grande parte. Mattheu Arnold, cuja imparcialidade ninguém contestará, inveja o sistema de educação francesa. O que caracteriza, segundo ele, os bárbaros e os Filistinos é os primeiros só apreciarem as dignidades, as satisfações da vaidade, os exercícios do corpo, os desportos, e os prazeres ruídosos; e os segundos só a febre e a confusão dos negócios, a arte de ganhar dinheiro, o conforto, as intrigas. Ora a educação inglesa, segundo ele, tende a aumentar o número dos Filistinos e dos bárbaros. Nota com razão que «os puros trabalhadores da inteligência sam tam mcras como os puros atletas». Pode acrescentar que os ginásios gregos, onde o exercício físico era tido em grande conta, eram desonrados pelos amores contra a natureza. Haverá porventura algum trabalhador intelectual, que não possa consultar a sua experiência pessoal? O nosso capital de forças não está separado em dois compartimentos por divisões hermeticamente fechadas: o compartimento das forças cerebrais e o das forças físicas. Tudo o que dispendemos a mais em exercícios violentos, perde-se para os trabalhos do pensamento.

Que o imbecil incapaz de reflectir se encha de alimentos e bebidas fermentadas, e que depois dispenda as forças que lhe restarem da dijestão em exercícios fatigantes; que contemple desvanecido os seus músculos de atleta, não vemos nenhum inconveniente nisso. Mas propôr uma tal vida aos nossos futuros

médicos, aos nossos futuros advogados, aos nossos sábios e literatos é um contrasenso. As grandes vitórias humanas não se ganham em parte nenhuma com os músculos; ganham-se com descobertas, com grandes sentimentos, com ideias fecundas. Daríamos os músculos de quinhentos carregadores, mais os músculos perfeitamente inúteis de todos os homens de desportos, pela inteligência poderosa dum Pasteur, dum Ampère ou dum Malebranche. Além disso o homem mais bem exercitado não vencerá nunca na corrida um cavalo, nem sequer um cão; e um gorila não teme na luta um héracles de feira.

A nossa superioridade não consiste, pois, no pêso dos nossos músculos: a prova está em que o homem domesticou os animais, ainda os mais poderosos e encarcera tigres e leões para divertimento das crianças que freqüentam os jardins públicos.

É evidente que o papel da força muscular diminui de dia para dia, porque a inteligência substitui-a pelas forças incomparavelmente mais poderosas das máquinas. Por outro lado o destino dos homens poderosos pelos seus músculos, é serem assimilados cada vez mais ao papel de máquinas: sam instrumentos doces nas mãos dos que pensam. Um empreiteiro que não trabalha dirige os operários; e os empreiteiros sam por sua vez dirigidos por um enjenheiro de mãos sem calosidades.

Em resúmo: a campanha emprehendida para fazer dos nossos filhos atletas é absurda. Assenta sobre uma grosseira confusão entre a saúde e a força muscular; tende a fazer dos nossos mancebos, em detrimento do seu poder intelectual, lutadores sem delicadeza. Entre os fortes em temas e os fortes no box a nossa escolha não pode hesitar. Não se tome por um progresso essa tendência a fazer-nos voltar à animalidade. Excesso por excesso, preferiria os das escolas

de outrora, que deram S. Tomás de Aquino, Montaigne e Rabelais, aos das escolas que nos derem vencedores ao remo.

Franicamente, se tirassem a esses torneios o prêmio que lhes concede uma vaidade tôla (tôla, pois que vaidade é essa que se liga a superioridades tão inferiores às de muitos animais!), ninguém se sujeitaria às fadigas que necessita a preparação duma luta a remar. Não é a Inglaterra rotineira e brutal, que nós devemos imitar sob este ponto de vista; antes a Suécia, que renunciou completamente, nas suas escolas e para os seus mancebos, aos ruinosos esforços físicos. Ai tratam de preparar mancebos robustos e sãos, e compreenderam que o abuso dos exercícios físicos conduz mais seguramente que o estudo excessivo ao *surmenage*.

Do que fica dito resulta que, nos exercícios que devem ser recomendados aos estudantes, a escolha será dominada por uma regra absoluta: esses exercícios nem devem enervar, nem ir sequer até a fadiga excessiva.

§ IV

Se, no que diz respeito ao exercício físico, se cometem erros tão prejudiciais, outros não menos funestos são geralmente admitidos no que respeita ao trabalho intelectual. Toda a gente representa esse trabalho como devendo ser necessariamente sedentário. Como já dissemos, a ideia dum trabalhador intelectual desperta imediatamente a imagem dum homem assentado, com a cabeça entre as mãos para meditar, e o peito comprimido contra a mesa para escrever. Repetimo-lo, não ha ideia mais falsa.

O primeiro trabalho não pode ser executado senão deante da mesa de estudo. Para traduzir é necessario

ter a gramática e o dicionário; para ler é necessário amparar a atenção e fixar as lembranças, tomando notas e lançando no papel as sugestões evocadas pelo autor. Mas, executado que seja esse primeiro trabalho, todo o outro trabalho de memória propriamente dito, não só pode ser executado fora de casa, mas até ganha muito em ser executado em pleno campo ou num jardim público.

Além desse trabalho de memória, a meditação e a procura dum plano de organização de materiais, são consideravelmente facilitadas pelo passeio ao ar livre.

Por mim confesso que todas as ideias novas, que live a felicidade de descobrir, me surtiram nos meus passeios. O Mediterrâneo, os Alpes ou as florestas da Lorena formam como que o fundo de todas as minhas concepções. E se é verdade, como afirma Herbert Spencer¹, a quem não podemos suspeitar de preguiçoso, «que a organização dos conhecimentos é muito mais importante que a sua aquisição»; e se, como ele diz, «para esta organização duas coisas são necessárias, o tempo e o trabalho espontâneo do pensamento», proclamo que essa organização, nunca é tão vigorosa como em pleno campo. *Quidquid conficio aut cogito, in ambulationis fere tempus confers*². Os movimentos no passeio, o sangue que circula vivamente, o ar puro e fresco que impregna o corpo dum oxigênio mais abundante, tudo isto faz com que o pensamento tenha um vigor e uma espontaneidade, que raras vezes tem no trabalho sedentário. Conta Mill, nas suas *Memórias*, que compôs uma grande parte da sua *Lógica* de caminho para os escritórios da companhia das Índias. Tanto é verdade que o traba-

¹ De l'Éducation p. 204, Paris: F. Alcan.

² Cicero. Ad Quintil. 3.

lho fecundo pode ser em larga parte executado ao ar livre e em plena luz do dia.

§ V

Agora que tratamos do exercício, iremos falar do repouso.

Repouso não é preguiça. Ainda mais, a preguiça é incompatível com o repouso. Com efeito, o repouso supõe trabalho prévio e, se não a fadiga, pelo menos a necessidade de reparar as forças. Jamais preguiçoso algum saboreou as alegrias do descanso bem merecido, porque, como diz Pascal, se o frio é agradável para nos aquecermos, o trabalho é agradável para repousarmos. O descanso, sem o trabalho que o torne necessário, é a ociosidade com o seu triste aborrecimento, com a sua intolerabilidade. O repouso glorioso, como diz Ruskin, é o repouso do cabrito montês, que se deita a arquejar no seu leito de granito, e não o do boi no curral, ruminando a sua pastagem.

O repouso por excelência é o sono. Calmo e profundo permite a restauração completa das forças. Pouco depois do despertar, experimenta-se um bem estar e sente-se uma provisão de energia para o trabalho diário. Desgraçadamente a questão do sono é uma das mais enredadas em ideias falsas. Com essa mania de tudo regulamentar com uma autoridade tanto mais risível, quanto é certo que a sua ciência quasi não passa de um amontoado de leis empíricas, os higienistas limitam a seis ou sete horas o tempo do sono. A única regra aqui applicavel é a de ter apenas uma muito geral, a saber — de não nos deitarmos muito tarde, e saltar da cama apenas acordarmos.

Dizemos — não nos deitarmos muito tarde, — porque é necessário condenar terminantemente o traba-

lho prolongado até a meia noite. Sabe-se que a temperatura do sangue começa a baixar às quatro horas da tarde, e que o sangue para a noite tende a carregar-se de materiais de desassimilação.

Nunca o esforço intelectual é tam intenso a essa hora; e se nos parece que estamos mais bem dispostos que durante o dia, desconfio bem de que seja porque o espirito embotado se contenta mui facilmente com um trabalho medíocre, causador de illusões.

E de mais, essa contensão tardia do espirito é-lhe funesta e causa uma agitação, que põi o repouso em risco de se tornar muito insufficiente. Pode criar-se uma espécie de febre no momento em que tudo nos convida ao sono: mas como isso é um mau cálculo! Produz-se o *surmenage* no cérebro com um trabalho medíocre em detrimento da frescura e de vigor da meditação do dia seguinte. O resultado mais certo dessa absurda violação das leis naturais é aumentar a irritabilidade. Devemos reservar para a noite os trabalhos materiais, notas feitas a lapis no livro, e que é conveniente apontar melhor, buscas de passos a citar, esclarecimentos, etc.

Quanto ao trabalho matutino, contesto-lhe igualmente a utilidade. Antes de mais nada, é raro que tenhamos a energia de nos levantarmos todos os dias às quatro horas. É necessário contar com outro auxilio que não o da vontade, sempre fraca, quando se trata, por exemplo no inverno, de passar do doce calor da cama para a atmosfera fria do quarto.

Numa cidade do centro habitava eu um quarto, em casa dum padeiro, cujos moços tinham ordem, quando acabavam de trabalhar, de me obrigar a levantar apesar dos protestos da «besta violentada».

Durante um inverno inteiro, assentei-me à mesa de trabalho às cinco horas. Tirei dessa longa experiência a conclusão de que apesar de ser bastante

demorado em me agarrar ao trabalho, sempre o conseguia leimando. O trabalho não tardava em tornar-se excelente, e todas as aquisições de conhecimentos eram definitivas; mas ficava o resto do dia um pouco sonolento; e, depois de tudo somado, o aproveitamento das belas horas do dia vale bem mais que esse trabalho temporão.

A única vantagem do método é que se não perde nenhum dia: cada dia traz o seu trabalho, ao passo que guardando o trabalho para as horas livres corre-se o risco, tendo a vontade fraca, de desperdiçar o tempo devido ao esforço.

Não devemos todavia exajerar o tempo do repouso na cama, por duas razões: o sono prolongado habitualmente para além do tempo necessário, e variavel para cada pessoa, «torna o sangue espesso». Toda a manhã fica prejudicada: ficamos vagarosos, indolentes, tristes. Arrefecemos facilmente, ficamos impressionáveis. Mas não é este o mais grave inconveniente do repouso exajerado: podemos estabelecer como uma regra absoluta, sem excepção, o seguinte: todo o estudante que preguiça na cama até tarde, ficando lá por muito tempo, depois de despertar, cai invencivelmente em hábitos esgotantes.

Dize-me a que horas te levantas, dir-te-hei se és vicioso.

§ VI

Fora das horas do sono, o repouso toma a forma de recreio. É indispensavel não trabalhar duma maneira ininterrupta. A velha comparação do espirito com o arco que, sempre tenso, acaba por perder a sua fôrça, é exacta. O trabalho, sem a sua recompensa natural, que é o repouso, torna-se um esforço penoso. Até para a assimilação das nossas aquisições, para

o seu desenvolvimento e sua fecundidade é necessário deixar algum tempo entre os diversos trabalhos. Este repouso é um ganho puro e simplez para o próprio trabalho. Com efeito o trabalho intelectual não progride sem um trabalho activo nos centros nervosos. Inversamente vê-se muitas vezes que um trabalho activo nos centros nervosos, ainda quando não seja acompanhado de nenhuma consciência, avançou as nossas investigações intellectuais.

Hoje já não ha que defender a fecunda descoberta da correlação das ideias e dum «substratum nervoso». Ora, quando o trabalho intelectual cessa, a actividade dos centros nervosos não acaba imediatamente: o trabalho inconsciente continua e, decididamente é a fixação e a elaboração das recordações que aproveita com isso. É pois tolice ter pressa em passar a um novo trabalho. Em primeiro lugar perde-se o benefício desse trabalho espontâneo, que se opera nas regiões subconscientes do espirito, e por outro lado é necessário de certo modo contrariar as correntes: angúneas estabelecidas, e readaptá-las a um plano novo. Sucede o mesmo que com um comboio lançado a toda a velocidade, e que é necessário parar e obrigar a retroceder, para em seguida o dirigir noutro sentido.

Mais vale deixar que se esgote muito naturalmente o impulso adquirido, repousando um pouco e fazendo algum exercício, e esperar que a calma se restabeleça na circulação cerebral. Numa longa prática do ensino muitas vezes vi alunos que tinham dificuldade em seguir a marcha do curso, e que não percebiam bem o encadeamento das questões, voltar transformados depois de quinze dias de repouso intellectual absoluto nas férias de Páscoa. Uma certa arrumação fez-se no seu pensamento; a organização dos materiais ficou concluída, e ei-los definitivamente senhores do seu curso. Sem esta benéfica suspensão de novas acqui-

sições talvez nada de semelhante se produzisse nelas.

Ainda não se proclamou suficientemente a necessidade de repouso para o trabalho. Como Töpffer tem razão quando diz ¹: «É necessário trabalhar, meu amigo, e depois nada fazer, ver gente, tomar ar, passear ao acaso, porque é assim que se dijere o que se aprende, que se observa, e que se liga a ciência à vida, em vez de a ligar apenas à memória.»

Mas não é necessário procurar o repouso como um fim. Não é nem deve ser mais do que um meio de reanimar a nossa energia.

Todavia ha muitas formas de descansar, e a escolha das distrações não pode ser indiferente para quem quizer fortificar a sua vontade. Os caracteres essenciais duma boa distracção devem ser acelerar a circulação e o ritmo respiratório, e especialmente provocar um forte trabalho nos músculos do torax, da columna vertebral, dos planos musculares do estômago, e repousar a vista.

A primeira vista estas condições requeridas levam-nos a banir completamente, como tendo todos os inconvenientes do sedentarismo e as mais das vezes os inconvenientes duma atmosfera viciada, os jogos de cartas, o xadrez e em geral todos os jogos, aos quais nos entregâmos em compartimentos fechados, com um ar sobrecarregado do fumo de tabaco e pouco renovado.

Pelo contrario, a marcha em pleno campo, os passeios encantadores nos bosques ocupam uma parte do programa imposto. Desgraçadamente estes prazeres não satisfazem a todas as condições indicadas, porque deixam imoveis os músculos da columna verte-

¹ Presbytère, LI.

bral que interessam à respiração e os que envolvem o estômago. Em compensação inundam os pulmões de ar puro e repousam agradavelmente os olhos. A patinagem, o mais intenso dos prazeres do exercício e um dos mais completos como variedade de movimentos; a natação no verão, o mais vigoroso dos exercícios respiratórios tem um maravilhoso poder de descanso para o trabalhador intelectual. Acrescentai a esses exercícios o remo com as belas paisagens que orlam os rios, e a jardinagem com os movimentos variados que impõe.

Em casa, em dias de chuva, o bilhar ou a marcenaria sam occupações excelentes. No jardim pode-se jogar a bola, a boia, a pela, todos esses velhos jogos franceses, que não deviam ser suplantados pelo *croquet*, nem pelo *lawn-tennis*. Durante as férias nada iguala as alegres excursões, de saco ao ombro, nos Alpes, nos Pireneus, nos Vosges, na Bretanha. É necessário vijar durante os meses de trabalho (em férias não tem isso inconvenientes) que o exercício, ainda que provoque o suor, nunca vá além da lassidão. Qualquer fadiga é um exajêro, porque, junta ao trabalho intelectual, torna-se *surmenage*.

Além dos immediatos beneficios das distrações bem compreendidas, a alegria dos exercícios são tem, como toda a emoção alegre e ligeira, uma função hienica muito grande. O melhor fortificante como se diz, é a alegria; a alegria física é como que o canto de triunfo do organismo bem equilibrado. E, quando

¹ Não falamos aqui nem da caça, tantas vezes extenuante, e que em nenhum caso pode ser um exercício habitual, nem da esgrima, que provocando uma fadiga nervosa é formalmente contra-indicada para os trabalhadores intellectuais. Veja-se Lagrange, *L'Exercice chez les adultes*, p. 299 e seg. F. Alcan.

a estas alegrias animais vem juntar-se a íntima satisfação do trabalho intelectual, que não exclui nenhuma felicidade — ou melhor, que dá um sabor tam franco e tam saboroso aos outros prazeres — a felicidade é completa. Para os mancebos, bastante senhores de si mesmos para regular a sua vida como convém, a vida vale bem a pena ser vivida: todos podemos fazer parte dessa coorte eleita, se o soubermos querer.

§ VII

Em resumo, a energia da vontade, mas da vontade perseverante, implica a possibilidade de longos esforços. Ora, não havendo saúde, não pode haver esforços duráveis. A saúde é pois uma condição essencial da energia moral. Ninguém alcança isto, se não for geometra, dizia Platão; ninguém alcança isto, diremos nós agora, se não seguir as leis da hygiene no que elas têm de certo.

Assim como a vontade é feita de pequenos esforços repetidos, também os seus alicerces são construídos de pequenos cuidados hygiénicos: cuidados concernentes à alimentação, ao ar que se respira e ao movimento do sangue. Supõe um repouso e exercícios físicos bem compreendidos.

A este propósito tivemos que combater o exajêro, actualmente em moda na nossa imitação irreflectida da Inglaterra. Levámos o nosso escrúpulo a examinar as distracções prejudiciais e as que são uteis, não sem ter, de caminho, precisado as condições dum trabalho intelectual fecundo: é que a intelligência, a sensibilidade e a vontade dependem em grande parte do estado do corpo. Se uma alma, como diz Bossuet, é senhora do corpo que anima, não o será por muito tempo, se o corpo enfraquecer e se arruinar. Nestas

condições podemos tentar um esforço heroico, mas este esforço heroico não poderá ser seguido immediatamente de outros mais, porque um esgotamento absoluto será a consequência do primeiro. E na vida, tal como no-la fez a civilização, as ocasiões de heroísmo são raras; são raras que não é de nenhum modo para essas ocasiões que nos devemos preparar, mas antes para os esforços minuciosos reiterados, repetidos cada dia e até cada hora. Ver-se-ha além disso que uma vontade temperada por esse perpétuo esforço estará pronta mais que outra qualquer para as acções brilhantes, quando soar a hora de as realizar. Mas a esses esforços repetidos chama-se constância, espírito de sequência; e desde que ha perseverança no esforço, é necessário que haja perseverança também na eclosão das forças. Não se pensa até que ponto os antigos tinham razão, quando enunciavam a famosa máxima: *Mens sana in corpore sano*.

Sejamos, pois, sadios para fornecer à nossa vontade as provisões de energia física, sem as quais todo o esforço, de qualquer ordem que seja, ficará caduco e infecundo.

CAPÍTULO V

Breve recapitulação

Eis-nos chegados ao termo da primeira parte do nosso tratado.

Determinámos primeiro a natureza dos inimigos que mereciam ser combatidos nesta luta tam nobre e tam fecunda contra os poderes inferiores. Assentámos em que as paixões, se têm tanta importância nesta luta para a conquista do eu, é pelo auxílio que prestam à grande inimiga — a preguiça — força de inércia que tende incessantemente a fazer descer o homem até o grau donde com tanto custo se elevou por séculos de esforços. Concluimos que não devíamos entender por domínio do eu uma vontade intermitente. A suprema energia é a energia contínua, prolongada durante meses e anos. A pedra de toque da vontade é a continuidade.

Em seguida, tivemos que desembaraçar o nosso caminho de duas teorias filosóficas, a nosso vêr tam desanimadora uma como outra. Pretende uma que nada podemos sobre o nosso carácter, que é predeterminado e inato, que somos o que somos, e que nada podemos tentar para nos libertarmos: teoria absurda e que denota um tal hábito de pensar com palavras, e uma tal ignorância dos dados elementares da psi-

coloja, que nos surpreenderia vê-la defendida por filósofos de valor, se não conhecessemos a sugestão poderosa exercida pelas teorias preconcebidas, sugestão que dá ao espírito antolhos que o impedem de ver os dados mais manifestos.

A outra teoria, a do livre arbítrio, nem é menos injénua, nem menos funesta, porque considera a reforma do carácter como obra dum momento, e porque afastou de certo os moralistas do estudo da psicologia; e todavia é apenas no conhecimento profundo das leis da natureza que podemos encontrar as indicações que nos permitam a reforma do nosso carácter.

Desembaraçado destas duas teorias o terreno, entramos no estudo psicológico do assunto propriamente dito. Observámos o grande poder que temos sobre as nossas ideias e o fraco apoio que elas nos podem dar directamente sobre o sentimento, que tudo pode sobre nós.

Mas felizmente com o auxílio do tempo e duma diplomacia penetrante podemos superar todas as dificuldades, e por processos indirectos alcançar o triunfo, ainda quando o desbarato parecia certo. Estes processos que nos dam o domínio de nós mesmos foram pacientemente estudados nos capítulos sobre a reflexão meditativa, sobre a acção; e, compenetrados das estreitas relações que ha entre o físico e o moral, tivemos que examinar num capítulo sobre higiene as condições fisiológicas favoráveis ao exercício da vontade.

A parte puramente teórica da nossa obra está, pois, terminada: resta-nos descer às particularidades, e aplicar à vida do estudante as grandes leis gerais, estudadas até aqui em si mesmas. Por outras palavras: devemos estudar de perto os perigos que ameaçam a autonomia moral do estudante, e os socorros que pode

encontrar para se precaver, ou em si mesmo, ou no exterior.

Dividimos esta segunda parte, que é um tratado prático, em dois livros — IV e V.

O livro IV compreende duas grandes divisões: uma consagrada aos inimigos que devemos combater (*pars destruens*), outra (*pars construens*) é a exposição das meditações próprias para provocar no mancebo um vivo desejo duma vida enérgica, unicamente sujeita à vontade.

O livro V exanima os aliados exteriores que o estudante pode encontrar para a educação da sua vontade na sociedade que o rodeia.

II

Parte prática

LIVRO QUARTO

As meditações particulares

CAPÍTULO PRIMEIRO

Os inimigos que devemos combater: a sentimentalidade vaga e a sensualidade

§ 1

Os inimigos que precisam de ser combatidos, já o vimos, são em número de dois: a sensualidade e a preguiça.

Sendo a preguiça o abandono perpétuo de si mesmo, constitui «o meio» necessário ao desenvolvimento de todos os gérmenes viciosos, e num certo sentido, toda a paixão baixa implica preguiça. Com alguma boa vontade não rezeáramos declarar que todas as paixões inferiores são, como diziam os estoicos, um relaxamento da vontade. E na verdade, ter paixões, o que é senão deixar de ser senhor de si mesmo? A paixão é a animalidade vitoriosa, é a onda cega da hereditariedade que obscurece a inteligência, que a oprime, e mais ainda, que a põe ao seu serviço; é a supressão em nós da humanidade, o rebaixamento

daquilo que ao mesmo tempo constitui a nossa honra e a nossa razão de ser: recuamos, enquanto ela reina, na série zoológica.

Todavia as paixões são menos perigosas por causa da sua pouca duração, do que as forças que têm uma acção nociva a todo o momento, e que nós comparamos à acção da gravidade. E assim como um edificio só é sólido, quando o architecto aproveita em favor da estabilidade dos muros as próprias leis da gravidade, do mesmo modo a obra da nossa regeneração não será duradoura senão quando houvermos neutralizado a acção dos poderes hostis, opondo-lhe a organização vitoriosa das forças favoráveis ao nosso fim, e quando até tivermos obrigado certos poderes hostis a lutar a nosso favor.

Mas como reconhecer à primeira vista e por que forma, se uma força nos é hostil ou favorável? Nada mais simples. Toda a força psicológica é perigosa para a nossa vontade, se actua no mesmo sentido que a preguiça; e vantajosa se actua em sentido contrário.

A obra a realizar torna-se, pois, muito clara. É necessário, antes de mais nada, enfraquecer ou destruir tanto quanto possível os poderes que tendem a arruinar a energia e prestar toda a força àqueles que tendem a dar-lhe mais vigor.

As causas de enfraquecimento da vontade perseverante são numerosas: a primeira em importância é essa sentimentalidade vaga e frequente nos mancebos, que leva insensivelmente a imaginação a comprazer-se em devaneios voluptuosos, que são a causa habitual dos funestos hábitos solitários. Vêm em seguida a influência nociva dos camaradas que abandonaram todo o esforço de melhoramento de si mesmos, a vida de cafés e restaurantes, a tristeza, o desânimo, a terrível coorte de sofismas de que se servem os preguiçosos para desculpar a sua ociosidade, so-

fismas tantas vezes repetidos que se impõem até às pessoas esclarecidas, e que acabam por adquirir a autoridade e a evidência de axiomas: axiomas funestos, se em verdade existissem.

§ II

Começaremos, pois, o estudo dos dados psicológicos funestos para a vontade, pelo exame do sentimentalismo vago, das aspirações sem fim.

No colégio o adolescente, mantido pela disciplina da casa, ocupado por tarefas múltiplas e obrigatórias, com o brio assegurado pela emulação, pelo cuidado dos exames, obrigado a levar uma vida sóbria e cuidadosamente regrada, quasi não tem tempo para se abandonar a longos devaneios, hoje bem menos ainda, porque foi diminuído o número das horas de estudo, e aumentado o das horas de recreio.

Ah! ele não pode, como o faziam outrora todos os alunos internos, consagrar grande porção dos estudos da noite ao devaneio e à evocação de cenas de ternura apaixonada. Mas, ao sair do liceu, bruscamente lançado sozinho numa cidade, sem pais, sem vigilância, sem trabalho imediatamente obrigatório, e até mesmo sem trabalho claramente definido, as horas de completo abandono, de moleza, de preguiça absoluta multiplicar-se-hão. Por desgraça, nesta época, também as transformações fisiológicas há muito tempo principiadas, terminam. O crescimento está quasi terminado; o enorme esforço necessário à criança para desenredar e ordenar o seu mundo exterior já acabou: a grande quantidade de forças agora sem emprego vai tornar-se uma causa de perturbações; o despertar dos sentidos dá ao pensamento cores e reflexos que ele não tinha. A imaginação contribui para isso: é esse estado de sofrimento real, mas poetizado

pela literatura, que Beaumarchais tam bem pintou na figura de Querubim. Não se ama nenhuma mulher determinada, ainda se está na fase de «amar o amor». Ha em nós, nessa idade, um tal poder de transfiguração, um tal vigor de vida exuberante, uma tal necessidade de se expandir para o exterior, de se dedicar a alguma cousa, de se sacrificar, que é uma época abençoada.

Mas ah! é um momento decisivo na vida: *é preciso* que esse ardor se dispenda. Se esse ardor não se emprega em occupaõis honrosas, corre-se o risco de ser consumido em prazeres vis e vergonhosos. É neste momento que se trava a luta hercúlea entre o vício e a virtude: qualquer que seja o expediente tomado, adoptar-se-ha com um fogo extremo.

Para a grande maioria dos mancebos a escolha não sofre dúvidas. Vam para onde os leva o enfado pelo estudo, os exemplos deploraveis, a ausência de sãos divertimentos, a fraqueza da vontade e a sua imaginação já maculada e corruta. É impróprio dizer deles que desertam da luta, pois que não tentam nem por instantes combater.

Devemos além disso confessar que os belos romances que se vivem em imaginação, e o futuro que cada qual arranja a seu bel-prazer, sam infinitamente mais interessantes que o trabalho e exigem menos esforços. É assim, desde que o estudo se torna fastidioso, como um estudante pode sempre guardar para o dia seguinte o que deve fazer na ocasião, entrega-se a esses devaneios que absorvem o melhor do seu tempo. Quantos mancebos vivem assim um romance construído com todas as peças durante semanas e semanas, repetindo o tema de cem maneiras diferentes, imaginando a sua heroína em outras tantas conjunturas, dirijindo-lhe até em voz alta palavras, que nunca lhe parecem bastante ternas, bastante doces, bastante

calorosas! Ah! como as paixões dos nossos romancistas sam pálidas e desbotadas comparadas com os nossos próprios romances dos dezoito anos. Às situações e às personagens desses romancistas falta essa grande superabundância de afeições, essa generosidade de interesse que sam o apanágio desses anos privilegiados.

Só depois, quando a imaginação se dirige para assuntos sérios, e que se tornou mais fria é que nós pedimos aos romancistas que substituam por nós o poeta que nós éramos, mas que já não tornámos a ser. Infelizmente esses belos romances sam construídos nas horas devidas ao trabalho, e a maior parte das vezes os mancebos tomam de tal modo o hábito de devanear, que todo o trabalho sério se torna impossível. Uma palavra lida, uma sugestão basta para nos tornar estranhos ao nosso trabalho. Depressa passa uma hora, primeiro que nos reconquistemos. E além disso, por contraste, a vida solitária do estudante isolado no seu quarto, os seus trabalhos tanta vez enfadonhos, parecem tam amargos, que toda a coragem desaparece. É tam duro descer dum ceu encantado ao prosaísmo da vida real!

De qualquer modo o devaneio vago é muito prejudicial. Quantas horas fecundas para o trabalho se consomem assim, ficando inuteis e vazias!

Este desperdício de inteliência e de sentimento provém de causas superficiais, dum desregramento de imaginação, mas infelizmente também de causas profundas.

Uma delas é a transformação fisiológica de que já falámos. É o advento da virilidade. É por outro lado a distância consideravel entre esta capacidade fisiológica e a capacidade social correspondente. Apenas acabou os seus estudos secundários o mancebo tem que trabalhar, durante oito a dez anos, para se criar uma situação que lhe permita casar segundo as con-

veniências». Está estabelecido entre nós que uma rapariga deve «comprar» o seu marido, e raros sam os mancebos que ousam afrontar o casamento sem dote e contar com a sua juventude, com o seu ardor e com a sua coragem para chegar ao bem estar. Preferem esperar, e fazem muitas vezes um péssimo cálculo: porque infelizmente o dote não vai sem a rapariga, e muitas vezes o dinheiro é contrabalançado por uma saúde vacilante, gostos de luxo dispendioso, incapacidade para todo o trabalho interior, e pelos inconvenientes que resultam para a mulher e para o marido da ociosidade dela.

Com tais hábitos sociais, um estudante raras vezes se pode casar antes dos trinta anos; de modo que os dez mais belos anos da vida se passam ou em lutas sempre penosas contra as necessidades fisiológicas, ou no vício.

Ora raros sam aqueles que lutam durante muito tempo; e é numa vida tola, absurda e imoral que a maioria dos estudantes desperdiça a sua juventude.

É triste calcular a soma de desgraças causadas pela moda fatal do casamento tardio.

Quantas alegrias, quanta saúde e energia loucamente desperdiçadas! Porque, se o casamento tem inconvenientes, se ele impõe rudes encargos, impõe-nos na idade em que se é capaz de os suportar alegremente. Os esforços necessários para viver e fazer viver os seus ao menos não sam esforços exclusivamente egoístas: formam para o mancebo uma viril e sã disciplina de trabalho por outrem.

Além disso, se o casamento sem dote tem inconvenientes, também tem grandes vantagens morais! O marido e a mulher sentem a sua absoluta solidariedade. É um interesse primordial para a mulher conservar a seu marido a inteligência clara, e velar pela sua saúde.

Não delega em qualquer criada sem moralidade o cuidado de preparar a refeição: os diversos pratos sam para ela um teclado estudado e conhecido, que ela toca habilmente, conhecendo bem os efeitos que tem sobre a saúde daquele que é tudo para ela. O marido por outro lado sente-se com o encargo de almas: pode prever as probabilidades de morte por um seguro sobre a vida. Quando vai para o trabalho deixa em casa uma mulher de bom senso e de coração, sã de corpo e vigorosa; sabe que ao voltar encontrará sempre uma afeição segura e boas consolações para os seus dissabores. Sabe que encontrará a casa limpa, asseada, com esse ar de festa, que fôem as habitações felizes.

Para um mancebo não ha sentimento mais fortificante que o que produz esta associação de duas pessoas de bom senso e de coração contra a desgraça e contra a doença.

A proporção que se caminha na vida a afeição e a felicidade aumentam: o trabalho dum e a economia do outro permitem embelezar o interior. Cada novo enfeite comprado, cada novo movel é o resultado do sacrificio de todo o prazer, de toda a alegria que não é comum. Isto, sem falar dos filhos, cria laços duma força extraordinária. Nas famílias que começam modestamente o bem estar aumenta com a idade, os encargos diminuem e a velhice é perfeitamente feliz, porque não se goza bem da segurança, do sossego e da fortuna, senão depois de ter trabalhado longamente para os obter. Tanto isso é verdade que, como diz o poeta:

«O homem só goza longamente e sem remorsos
Esses bens que pagou por seus duros esforços...»¹

¹ Sully Prudhomme, *Le Bonheur*, X, *Le Sacrifice*.

Não devemos pois hesitar em casar cedo; e como isso só é possível renunciando a dotes avultados, teremos a vantagem de escolher a nossa mulher só pelos seus merecimentos, apenas pelas suas qualidades. Além disso é necessário confessar que as raparigas, que desposarem muito tarde os nossos estudantes, cada vez sam menos aptas para o casamento. A educação de estufa que recebem, a falta de exercício, de ar livre, o abuso do espartilho tornam-nas frequentes vezes impróprias para os encargos da gravidez: bem poucas têm a coragem ou a força de amamentar os filhos. Os médicos sam unânimes em afirmar a frequência alarmante de enfermidades graves.

A ociosidade absoluta em que elas passam os anos seguintes à saída do colégio, a alimentação excelente que recebem, a ausência de toda a fadiga, as *soirées* excitantes aonde as levam, a ópera, a leitura de romances sentimentais, que lhes permitem, e que lhes dam os jornais de modas e de meninas, fazem com que a sua imaginação não possa deixar de se perverter. Não se calcula quanto sam terríveis os sofrimentos ocultos das raparigas ociosas.

Além disso, educadas longe da vida, não vendo senão as aparências polidas das relações mundanas, certas de ante-mão do dia seguinte, não conhecem nada da verdade, e fazem de todas as coisas ideias eminentemente próprias para produzir, ao surgir a realidade, dolorosas desilusões.

Ha quem diga, porém, que as meninas ricas têm pelo menos a superioridade da instrução. Ah! sobre este ponto ha grandes illusões. Essas meninas, só por excepção alcançam uma cultura sólida. Podem armazenar na memória grande número de coisas, mas não espereis delas os esforços da imaginação criadora.

Só com extrema dificuldade se obtém delas «a per-

sonalidade.» Manuel, inspector geral, presidente durante longos anos do júri da admissão de raparigas, verificou esse facto muitas vezes nos seus relatórios anuais.

E depois, façam o que fizerem, nós temos, quando as desposamos, tais vantagens sobre elas, que só podem parecer ao marido, principalmente se o marido trabalha e pensa, alunas mediocres.

Mas até sem instrução superior, a mulher de espirito recto, pensar judicioso, de observação penetrante é absolutamente preciosa para o homem de talento. Com efeito este vive cada vez mais acima da humanidade. Prosegue com perseverança a caça às ideias e acaba por não sentir contacto com o mundo que o rodeia. A mulher, essa, vive completamente neste mundo. Pode aí fazer ricas colheitas de observações, que o marido, desdenhoso de minúcias, não pode perceber; ela serve de traço de união entre o mundo e ele; por vezes, ao retirar a rede, traz uma pesca miraculosa de preciosos ensinamentos, dos quais o marido vê o alcance geral.

Stuart Mill fala constantemente, em termos extremamente elojiosos, de M.^{me} Taylor; ao contrário, os seus amigos, e principalmente Bain, declaram que ela era de espirito muito ordinário.¹ Não compreenderam que para um pensador, como Mill, muito confinado na abstracção, se M.^{me} Taylor era de juízo penetrante e de espirito observador, devia ter-lhe fornecido, como declara Mill, a matéria para as suas mais belas teorias económicas. Ora na sua economia politica Mill louva constantemente o espirito eminentemente pratico das mulheres, e o seu génio mi-

¹ Bain. *Stuarie Mill, a criticism*. London, 1882, p. 163.

nucioso. Eis aí a grande influência de M.^{me} Taylor; e por um motivo muito semelhante, uma mulher dotada dum espírito de observação um pouco terra a terra, mas penetrante, é mais preciosa para o pensador que um harém de mulheres sábias¹.

Mas, por muito cedo que se possa casar um mancebo dado ao trabalho intelectual, como não o pode fazer logo à saída do liceu ou do ginásio, fica solteiro por muitos anos ainda, durante os quais lhe é necessário lutar para se libertar da vassalagem das necessidades fisiológicas. Esta luta é um puro trabalho de tática; sendo mal empreendida, o desbarato é certo.

§ III

Num livro escrito principalmente para mancebos de dezoito a vinte e cinco anos não devemos reatar tratar essa questão tão importante da sensualidade. Não falar duma coisa, de que os mais puros génios sofreram, é hipocrisia pura. Kant tem sobre este assunto uma página muito bela substituída na tradução francesa por muitas linhas de pontos! Esses pontos dizem muito sobre o estado de espírito do público em semelhante questão; e quando se pensa na grossaria de assuntos em que os homens «bem educados» conversam depois de jantar, na sala de fumo, é ne-

¹ A mulher sofre duma miopia intelectual, diz Schopenhauer, que lhe permite por uma espécie de intuição ver duma forma penetrante as coisas próximas.

Quanto a nós, ao contrário, o nosso olhar passa, sem se deter, pelas coisas que se nos metem pelos olhos dentro, e procura muito para além; temos necessidade de ser levados a uma maneira de ver mais simples e mais rápida. *Penées e fragments*, F. Alcan, p. 131.

cessário ser bem tolamente injénuo para tomar por moeda de título legal esse pudor que não passa de hipocrisia, e para não ousar dizer o que todo o homem de coração deve dizer.

Não passa duma grande verdade que a sentimentalidade vaga produzida pela puberdade muito depressa se transforma em sensualidade. As imagens confusas, precisam-se, os vagos desejos tornam-se actos e o estudante, ou se deixa levar por hábitos vergonhosos, ou, como a maioria dos mancebos mais ousados ou mais ricos, frequenta as mulheres, cujo mister é venderem-se.

As consequências d'este estado de coisas, de tal modo se exajeram por hábito, que o quadro por muito carregado não espanta ninguém. Não é menos verdade que a saúde se resente muito seriamente dos excessos: os mancebos que os cometem apresentam um ar envelhecido; produz-se a consumpção dorsal, a debilidade muscular, um grande peso na medula espinal, sintomas ocultos e que se desprezam no ímpeto de loucura da exuberância animal. Desbotam-se as côres, desaparece a frescura; os olhos têm um aspecto embaciado e langoroso, e são rodeados dum círculo azulado. A fisionomia exprime o abatimento. Tudo denota uma fadiga, que repetindo-se frequentemente não tarda a invadir as próprias fontes da vida: é de certo modo o começo das gastralgias, das nevralgias, das hipertrofias do coração, dos enfraquecimentos da vista, que desde os trinta anos começam a atribular a existência dos imprevidentes.

Mas não é sómente sobre o corpo que se faz sentir a desastrosa influência da sensualidade: a memória embota-se duma maneira prodijiosa, o espírito perde toda a elasticidade e todo o vigor. Arrasta-se como que molemente e tomado de torpôr. A atenção é fraca e vacilante. Os dias fojem numa indiferença

apática, numa languidez, numa preguiça desanimadora. Perde-se principalmente essa alegria máscula que dá o trabalho: o qual se torna uma maçada desde que lhe falta a sua recompensa natural.

Enfim, o hábito do prazer físico substitui pelas emoções grosseiras e fortes, as emoções mais doces e mais duradouras da alma. Esses violentos abalos arruinam a alegria dos prazeres calmos. E, como as alegrias sensuais são curtas e deixam após de si a fadiga e o desgosto, o carácter torna-se habitualmente triste, melancólico, duma tristeza acabrunhada que leva a procurar os prazeres estrepitosos, brutais e violentos. É um círculo vicioso desolador.

É inútil acrescentar a este quadro, de nenhum modo carregado, as consequências sociais da devassidão, tão dolorosas para a mulher numa sociedade como a nossa, semi-bárbara ainda, que assegura aos manebos das classes abastadas a impunidade da sedução.

As causas da sensualidade são múltiplas. Já vimos que ha uma orgânica. Assim como o chamamento do estômago toma na consciência a forma desse sofrimento chamado fome; assim como o chamamento das vias respiratórias está na insuportável sensação de sufocação que se produz logo que o ar cessa de chegar aos pulmões, assim ha um chamamento dos órgãos, quando o fluido seminal aí se acumula, chamamento brutal, imperioso e que por um poder mal explicado, enquanto o desejo não fôr satisfeito, perturba o jogo regular da inteligência.

Todavia não ha aqui, como no caso da fome, sofrimento por falta, mas sim sofrimento pela plethora. Ha superabundância de forças a dispendir.

Ora em fisiologia, como num orçamento, os trespasses de fundos são possíveis, e podem-se escrever num capítulo diferente as cenas desempregadas. Ha

um sistema de equivalências a encontrar, e qualquer que seja a origem da força superabundante, uma fadiga, de qualquer espécie que seja, consome-a e destrói-a.

De tal modo que se a necessidade ficasse sempre igual, a luta contra ela, contra as suas solicitações, seria fácil. Mas essa necessidade é como que fustigada, superexcitada por muitas causas, que por vezes transformam as solicitações num ímpeto de loucura furiosa, que pode levar a cometer actos insensatos, criminosos.

A primeira causa de superexcitação está no nosso regime alimentar. Já o vimos, quasi todos nós comemos demasiadamente. A nossa alimentação é ao mesmo tempo demasiadamente abundante e demasiadamente forte; como diz Tolstoi¹, nós alimentamo-nos como garanhões. Olhai para esses estudantes que saem da mesa — vermelhos, congestionados, a falar alto, numa alegria violenta — e dizei-me se o trabalho intelectual lhes será possível durante as horas de digestão laboriosa que se vai seguir, e se não é a pura animalidade que neles vai triunfar.

Acrescentemos a esta causa o facto de estarem sentados durante longas horas, e muitas vezes na atmosfera quente das salas de aula, ou na atmosfera pesada e espessa dos cafés no inverno. Acrescentemos ainda o sono prolongado, que é uma causa certa de sensualidade exasperada: dizemos causa certa, porque nessa apatia matinal que se sucede ao sono, a vontade é como que dissolvida: reina a besta sem opposição. O próprio espirito é sonolento — e se a muitas pessoas parece que o trabalho de meditação dessas horas sôbias é excelente, é porque se iludem: a fina

¹ Sonata de Kreutzer

ponta do espírito está embotada; as ideias mais banais parecem originaes, e quando vamos a escrever os belos pensamentos da manhã é que vemos que nada se fez: o pretendido trabalho do espírito não passava dum automatismo sem valor.

Automatismo com efeito; e o autómato em nós é o animal desleixado, com os seus instintos e seus desejos: a sua inclinação natural no fim de contas é o prazer sensual. De maneira que podemos estabelecer, como uma regra sem excepção, como já dissemos mais acima, que um mancebo que fica no leito uma ou muitas horas depois de acordar é *fatalmente* vicioso.

A estas causas de ordem física vem acrescentar-se a atracção do meio. A convivência com camaradas mediocres, sem carácter, sem energia e sem moralidade só pode ser prejudicial. E infelizmente, é necessário confessá-lo, ha entre os estudantes de todos os países um número consideravel de verdadeiros tratantes. Entre os grupos produz-se uma tola emulação, e os mais doidos, os peores são os que dam aos outros as regras do tom. No restaurante, principalmente nas mesas numerosas das pequenas faculdades, as refeições são ruidosas e travam-se discussões aceras e sem método sobre ridicularias: os rapazes saem de lá excitados, preparados para sofrer as sugestões dos camaradas grosseiros e atrevidos. Correm-se todas as cervejarias, e a orjia começa. Após abalos tam violentos fica-se incapaz por muito tempo de voltar ao trabalho sossegado e às alegrias delicadas do pensamento. Essas libertinagens depositam como que um mau fermento, que desorganiza os sentimentos superiores tam instaveis no mancebo.

Se fôsem estas as únicas causas de depravação, poderiam ainda assim as naturezas simplesmente boas evitá-las: desgraçadamente ha outras sugestões de or-

dem mais elevada, e sofismas correntes, geralmente aceites, que legitimam os peores excessos.

Na parte psicológica do livro estudámos as relações entre a tendência e a inteligência.

Cega por si mesma, a tendência recebe do intellecto a sua direcção precisa, e desde o momento em que se torna consciente do seu fim e dos seus meios, o seu poder redobra. Por outro lado, a tendência atrai, de certo modo, e agrupa em volta de si as ideias da sua mesma natureza; empresta-lhes o seu poder e recebe em troca um poder aumentado. É uma aliança estreita; mais que uma aliança, uma solidariedade tal, que tudo o que enfraquecer uma das partes contratantes, enfraquece a outra, e tudo o que reforçar uma, reforça a outra.

Isto é principalmente verdadeiro para as tendências de ordem sexual. Aí as imagens têm um poder consideravel de realização. Vam reflectir-se com uma rapidez prodijiosa nos órgãos reprodutores.

Quando a tendência está excitada, abraça completamente a inteligência e tende a produzir uma sugestão violenta, quasi hallucinatória; inversamente, nenhuma tendência é mais facilmente despertada pelas ideias ou pelas imagens. O papel da imaginação na paixão amorosa é tam grande, que seria impossivel exajerá-lo. Num espírito ocioso principalmente, pode dizer-se que o trabalho automatico do pensamento tem por objecto principal essa ordem de desejos. E a prova é que o amor nunca pôde ser occupação dominante da vida, a não ser nas populações escolares e na «sociedade elegante» actual, porque os mundanos vivem na mais deploravel ociosidade. Para os que trabalham, o amor é apenas o que normalmente deve ser.

Por isso mesmo é uma grande desgraça quando nessa luta já tam difficil, em vez de ser amparado e

encorajado pelo meio em que vive, o estudante só encontra excitações e incitamentos para capitular. Aqui o menor acidente pode quebrar a cana do leme tão frágil, e entregar a alma ao automatismo da paixão. Sucede com a consciência do mancebo o mesmo que com o mar no mês de março: nunca está calmo, e quando o parece estar, um exame atento descobre poderosas «ondas do fundo» que o menor vento pode transformar numa vaga temerosa. Seria pois necessário evitar com um cuidado escrupuloso tudo o que pudesse provocar uma tempestade ainda que momentânea.

Mas como proceder quando se vive no meio duma sociedade e duma literatura que prodigalizam as excitações? O mancebo respira uma atmosfera enebriante. Tudo à volta dele parece combinado para perturbar o seu discernimento no que diz respeito aos prazeres do amor.

É bem certo que a grande maioria das pessoas «bem educadas» é estranha aos prazeres artísticos e intelectuais, e que muitas das vezes também é incapaz de sentir profundamente e por uma forma durável as belezas da natureza. Os prazeres sensuais, não somente acessíveis ao homem, mas a quasi todos os animais, não exigem sacrificios prolongados: atinjem-se facilmente, e bem depressa os gostos delicados desaparecem, ou não se é mais capaz de outros prazeres, que não sejam prazeres grosseiros.

O resultado deste estado geral de coisas é que muitas vezes as reuniões mundanas são simples excitações sensuais mascaradas por pretextos diversos — música, jogos cénicos, etc.. O mancebo que, ao voltar duma «soirée», torna a entrar no seu modesto quarto de estudante, vai com a imaginação completamente perturbada: o contraste das luzes, das dansas, das *toilettes* provocantes comparadas com o seu po-

bre quarto de trabalho é funesto para a saúde do seu espirito. Não ha impressão mais desanimadora para ele, porque ninguém o habituou a fazer a critica desses supostos prazeres. Nunca se deixou penetrar desta verdade que, sendo tão rico de forças e de illusões, é incapaz de ver as coisas na realidade. Ele architecta a seu modo o seu mundo exterior e as personagens que nele obriga a moverem-se: a sua hallucinação é tão viva que se interpõe entre ele e a realidade, occultando-lha.

Não é pois de admirar que, por contraste, a sua vida tão calma, tão tranquila, tão livre, tão verdadeiramente feliz lhe pareça insuportavelmente monótona e triste. Nunca ele tentou, pobre estudante, entrar em si mesmo.

Nada na sua educação anterior o pôs de sobre-aviso contra esses perigos. Muito ao contrario! A literatura contemporânea é na sua maior parte uma glorificação do acto sexual. A dar crédito a muitos dos nossos romancistas, a muitos dos nossos poetas, o mais elevado, o mais nobre fim que um ser humano se pode propôr é a satisfação dum instinto, que é comum a nós e aos animais! Já não é do pensamento, nem da acção que nos devemos orgulhar, mas sim duma necessidade fisiológica! «O que Carlyle mais violentamente detestava em Thackeray, é que ele representasse o amor, à francesa como se occupasse toda a nossa existência e lhe causasse o maior interesse: ao passo que o amor (aquilo que vulgarmente se considera tal) está limitado a um pequenissimo numero de anos da vida do homem, e até nessa insignificante fracção de tempo, não passa dum dos objectos de que o homem tem que se ocupar entre uma multidão de objectos infinitamente mais importantes... A falar a verdade toda a questão de amor é uma futilidade tão miseravel, que numa época he-

roica, ninguém se daria ao trabalho de pensar nisso, e ainda muito menos de abrir a boca sobre tal. ¹

E Manzoni ²: «Eu sou daqueles que dizem não se dever falar de amor de maneira a inclinar a alma dos leitores para essa paixão... o amor é necessário neste mundo, mas existirá sempre e suficientemente. Em verdade, pois, não é útil darmos-nos ao trabalho de o cultivar, porque querendo cultivá-lo, o que se faz é ir provocá-lo, onde não havia necessidade disso.

Ha outros sentimentos de que a moral tem necessidade, e que um escritor deve segundo as suas forças fazer penetrar cada vez mais nas almas, tais como, a piedade, o amor do próximo, a brandura, a indulgência, o espírito de sacrifício...

As palavras de Carlyle e as de Manzoni são das mais sensatas que se têm escrito sobre assunto tão importante. Além da tendência absurda da literatura para uso do público, isto é, no fim de contas, da literatura de segunda ordem, corre também um grande número de sofismas que desarmam logo de começo o estudante que tenta dominar-se a si mesmo. A maior parte desses sofismas têm médicos por autores. Lançaram-nos com esse tom decisivo e com essa fé robusta, que muitos dentre eles têm, quando afirmam com indubitáveis axiomas, proposições derivadas de induções verdadeiramente infantis.

Antes de mais nada citam eles o exemplo dos animais para provar, pela série inteira, a necessidade natural que ha em exercer essas funções fisiológicas. Como se as largas intermitências dessa função na maior

parte dos animais não fôsem contra a tese, e como se por outro lado não constituísse a supremacia do homem saber libertar-se das necessidades puramente animais.

Que é além disso uma necessidade, da qual tantos homens têm sabido eximir-se? E não teremos o direito de ficar estupefactos, quando lemos na obra dum médico celebre que «o amor ocupa na vida um lugar preponderante? Quando se chega a uma certa idade, quando já quasi se não pode ter outra esperança, salvo a de descer com grande velocidade a ladeira que nos leva para a velhice, reconhecemos que tudo é vaidade, excepto o amor!» O amor físico, está claro, porque não se trata de outra coisa em todo o capítulo.

Pois como! o conjunto das alegrias intellectuais e artisticas, o amor da natureza, os esforços para melhorar a sorte dos pobres e dos deserdados da sociedade, o amor paternal, a caridade, tudo isso nada seria, e tudo isso se haveria de trocar por alguns instantes dum espasmo que é comum aos animais?

Que o próprio Renan tenha pronunciado palavras análogas, isso compreende-se; esse grande estilista nunca tratou os seus estudos com preocupações humanas. O seu optimismo beato, sinal exterior duma alma que afinal era mediocre, não tem nada que repugne a tais concepções. Mas que um médico, que todos os dias trata de perto com a dor humana, que todos os dias vê morrer criaturas, professe uma tal opinião, isso é muito para espantar.

Mas, ainda mais uma vez, se isso fôsse o fim supremo da vida humana, porque é que os amores senis nos haviam de parecer dignos de desprezo? E que existência seria a dos velhos, a quem a idade pôs fóra da humanidade, ou falando com mais propriedade, da animalidade?

¹ Citado pela mulher de Carlyle.

² Citado por Boughi. Cf. *Revue des Deux Mondes*, 15 de julho de 1893, p. 35 q.

Tais máximas são insensatas e ignobeis, digamo-lo francamente; e além disso denotam naqueles que as enunciam uma concepção tão miserável e tão falsa da realidade, que ficamos espantados por encontrá-las em homens de ciência, que deveriam estar habituados às inferências sólidas.

Examinemos a nossa vida inteira, examinemos a de outrem. Não é evidente que na grande maioria dos camponeses, dos operários, das criaturas que vivem uma vida sã e activa, que não comem todos os dias até apanhar indigestões, e que não passam metade do dia na cama, o amor não passa, como diz Carlyle, dum *hors d'œuvre*?

Que seja tudo para os ociosos, está bem. Bem o sabemos. Até se escrevem para eles jornais e livros destinados a estimulá-los. Ah! mas como eles são rudemente castigados! Na idade em que de todo já não podem ter essas satisfações a vida perde para eles o encanto e todo o interesse: dam-nos o grotesco e repugnante espectáculo de malandros impotentes.

Quão triste é afirmar que não há para o velho outras ocupações que não sejam as de se comprazer em imagens sensuais! Não vale cem vezes mais, como fazia Cícero, felicitar-se por ter fugido à escravidão das paixões e consagrar-se à política, à literatura, às artes, à ciência, à filosofia?

A opinião estúpida de que o amor é tudo na vida acompanha-se muitas vezes de sofismas monstruosos. Declara-se a castidade prejudicial à saúde! Não se vê todavia que as ordens religiosas, em que a castidade é a regra absoluta, sejam mais fecundas em doenças do que a prostituição.

Se fecharmos num quarto um mancebo, sem livros, sem a possibilidade de trabalhar, certamente que a sugestão sensual se poderá tornar irresistível e produzir uma perturbação grave, não na saúde, mas na in-

teligência. Mas para um mancebo activo e enérgico a sugestão nunca se torna incoercível. Mais uma vez, os trespasses de fundos são possíveis, e o trabalho bem depressa triunfa do desejo. Por outro lado os perigos são problemáticos da continência, nada são em comparação das consequências do excesso contrário. Quando só em Paris há dois hospitais para as doenças dessa origem, quando cada ano o número de pessoas atinidas de amolecimento da medula espinal e de ataxia locomotriz em consequência de excessos, vai aumentando, é pelo menos irrisório ver o autor dum enorme livro, de 1500 páginas em 8.^o, sobre higiene, proclamar que a continência definha a saúde! Não é evidente que o prazer venéreo é ruinoso, e que ao contrário a continência dá ao organismo, à inteligência, um vigor, uma plenitude de energia admiráveis? Ou será que o meio de triunfar dos nossos apetites consista em lhes ceder sempre? Não sabem, até mesmo os principiantes em psicologia, que o carácter essencial dos apetites, quaisquer que sejam, é uma espécie de insaciabilidade que se exaspera tanto mais, quanto mais facilmente se lhes cede? Curiosa maneira de reprimir a audácia do inimigo essa de bater em retirada apenas ele aparece!

É principalmente dar provas duma grande ignorância do eu, esperar dominar os apetites sexuais por meio de concessões. Aqui, ceder, não é apaziguar, mas exasperar. Para dominar a sensualidade, não há nada tão proveitoso como lutar contra ela por todos os meios. Mas deixemos essas teorias médicas: são tão injénuas, tão infantis, que não se pode ver nelas mais que uma nova prova da radical insuficiência dos estudos lógicos, psicológicos e morais da maior parte dos estudantes de medicina.

É necessário, pois, lutar contra o desejo. É verdade que a vitória é difícil. É o supremo triunfo do

domínio do eu. Quando se pensa no hábito de escarnecer da pureza de um mancebo de vinte anos, quando se vê na libertinagem uma prova de virilidade, não é triste pensar no extraordinário reviramento das coisas produzido pela linguagem, pelas fórmulas acabadas e correntes! ? A força das forças, a pura energia, a vontade liberta, vitoriosa não será ficar vitorioso na luta contra esse instinto tão poderoso? A verdadeira virilidade é essa, e nenhuma outra: está nesse domínio do eu: e a Igreja tem razão em ver na castidade a garantia suprema da energia da vontade, energia que por sua vez garante ao padre a possibilidade de todos os outros sacrifícios.

Mas se o triunfo é possível, não é fácil. Aqui como em tudo, quanto mais desejável é a conquista, tantos mais esforços e habilidade perseverante custa. Os remédios são variados, tal e qual como as causas.

Urge antes de mais nada combater as condições imediatamente predisponentes. É necessário regular vigorosamente o sono, não se deitando senão quando se está cansado, e levantando-se apenas se acorda.

É necessário evitar as camas muito fofas que convidam às longas preguiças da manhã.

Se a nossa vontade for muito fraca para que nos levantemos da cama apenas acordarmos, devemos recorrer a alguém, sem receio de o incubirmos dessa missão, para que nos obrigue a levantar não obstante todos os nossos protestos.

Deverá além disso o estudante velar pela sua alimentação, evitar os petiscos excitantes, o excesso de carnes e os vinhos generosos que de nada servem nesta idade. O melhor e mais seguro para ele seria escolher longe da Faculdade um compartimento tranquilo, alegre, cheio de ar e de sol e comer as mais das vezes em casa algumas comidas fáceis de preparar.

Deverá evitar permanecer durante muito tempo

sentado; deve manter no quarto uma atmosfera pura e uma temperatura moderada.

Todas as tardes deve sair, meditando sobre o trabalho do dia seguinte, e prolongar o passeio até se cansar; deitar-se-ha em seguida.

Deve impôr-se esses passeios, por qualquer tempo que seja. Como nota um humorista inglês, a chuva cai sempre com muito mais força, e o tempo é sempre muito peor, para quem olha para a rua por tras dos vidros da janela do quarto, do que para aquele que não teme sair de casa.

Mas, para os mancebos que têm um regimen alimentar moderado e que seguem as leis duma sábia hygiene, as solicitações de ordem fisiológica nem são frequentes nem difíceis de expulsar, e a luta contra a sensualidade seria fácil se os estímulos de origem intelectual e o prazer que nisso se pode tomar não trouxessem à sujestão física o apoio de imagens precisas e duma benévola atenção.

Mais atrás estudámos longamente as estreitas relações que ha entre a inteligência e as paixões. A paixão, cega por essência, não pode nada sem o auxílio da inteligência: se consegue conquistar a sua cumplicidade, a paixão pode exacerbar-se e criar em seu proveito um movimento torrencial de idéias e de sentimentos acessórios, ao qual nem mesmo as vontades mais fortemente exercitadas podem resistir.

É necessário, pois, ter todo o cuidado em recusar o auxílio do pensamento. Regra geral, a luta directa é perigosa contra a sensualidade; toda a atenção que lhe dermos, até para a combater, fortifica-a. Aqui, a coragem consiste em fugir. Lutar é proceder com astúcia. Atacar o inimigo de frente é correr para o desbarato. Ao passo que as grandes conquistas intellectuais se conseguem pensando sempre nelas, as grandes conquistas sobre a sensualidade conseguem-se

nunca pensando em tal. É necessário evitar a todo o custo a conexão das ideias com a tentação nascente; é necessário evitar igualmente que as imagens sensuais, ainda dormentes, vam pouco a pouco despertando.

É necessário evitar a leitura de romances e principalmente de livros ou jornais licenciosos. Ha certas páginas de Diderot que equívalem à absorção duma substância violentamente afrodisíaca.

É necessário evitar a contemplação de gravuras obscenas, mais perigosas ainda para o sossêgo do espirito que as próprias descrições.

É necessário evitar a companhia de camaradas libidinosos; é necessário prevêr as ocasiões minuciosamente e nunca nos deixarmos surpreender pela tentação. A principio é um simplez pensamento ainda sem força que começa a animar-se. Se nessa ocasião estivermos dispertos, nada mais facil do que expulsar o importuno. Mas se deixarmos que as imagens se tornem nítidas, se nos comprazermos em as evocar então é demasiado tarde.

Por isso o grande remédio é o trabalho de espirito. Quando o pensamento está intensamente ocupado, as tímidas solicitações da paixão sam detidas, por impotentes, no limiar da consciência. Nenhuma atenção lhes é concedida. Apenas têm probabilidades de entrar quando o espirito está vazio. Com effeito é mais verdadeiro do que geralmente se crê o ditado — a ociosidade é a mãe do vício.

Nos momentos de devaneio, ou quando o espirito está desocupado, a tentação introduz-se na consciência: e a atenção ao fixar-se nela, fortifica-a e torna-a distinta. As lembranças vam despertando pouco a pouco, e o partido da besta sensual vai-se organizando até que a vontade razoavel abdica, deixando o campo livre aos poderes animais.

Podemos dizer também, sem receio de nos enganarmos, que o preguiçoso e o ocioso estarão habitualmente sujeitos à sensualidade, não só porque o vazio do pensamento deixa de certo modo a consciência aberta às sugestões sexuais, mas também porque um homem, um mancebo principalmente, tem necessidade de prazer, de abalos violentos. E logo que eles não peçam esse prazer, esses abalos, ao trabalho intellectual, às distrações sãs e robustas, é fatal ter de os pedir mais intensos e mais violentos aos hábitos viciosos ou à libertinagem.

É por isso que não basta ter o espirito ocupado para resistir às paixões sensuais; é necessário que essa ocupação traga consigo o prazer, a alegria do trabalho fecundo. O trabalho disperso, a atenção dividida por muitos objectos, como não traz consigo nenhuma alegria, mas muito pelo contrario produz uma irritação, um descontentamento de nós mesmos, é quasi tam propício ao desencadear das paixões como a própria ociosidade. Só o trabalho metódico e ordenado traz ao pensamento um poderoso interesse, um interesse *continuo e duravel*. Traz aquella alegria que experimentam os *touristes* ao sentir a sua própria energia, e ao ver que um cume se aproxima de instante para instante: só ele opõe também à invasão do pensamento pelas sugestões sexuais um dique de granito.

Se ao trabalho alegre juntarmos hábitos enérgicos, se soubermos procurar os prazeres que mais acima enumerámos, só falta, para ficar salvo, dar às vagas aspirações que a puberdade desperta satisfações precisas. Nada mais facil nesta idade feliz, que vai dos dezoito aos vinte e cinco anos do que apaixonarmos pela natureza, pela montanha, pelos bosques, pelo mar; nada mais facil do que amar até à paixão tudo o que é belo, grande e reconfortante: as belas artes,

a literatura, as ciências, a história, sem contar os novos horizontes que o desenvolvimento das obras sociais abre à dedicação e ao espírito de sacrifício.

Quanto se ha de sentir pago dos seus esforços o mancebo que executar tal programa! O seu vigor aumentado, a sua inteligência robustecida, a sua sensibilidade nobremente cultivada dar-lhe-ham uma inteligência digna de inveja; os próprios reveses, cujo amargor ele ha de nobremente suportar, nada ham de tirar à sua dignidade viril: saberá reerguer-se resolutamente, e recomeçar a luta. A vitória completa quasi que não é possível; mas, já é ficar vitorioso no combate não ser vencido muitas vezes e nunca aceitar os seus desbaratos de coração alegre.

§ IV

Devemos estudar de mais perto as duas formas que a sensualidade toma na vida do estudante. Já o dissemos: a moralidade média dos estudantes é extremamente medíocre, e provém isso de serem lançados em qualquer grande cidade sem vigilância, nem direcção. Por isso um grande número perde o entusiasmo e a sua brava energia em amores inferiores. Ninguém os adverte; embriagados como eles andam, sam por um longo tempo incapazes de dissipar as illusões injénuas que servem de fundamento à sua concepção da vida. Ninguém os faz reflectir sobre os seus prazeres, e é por isso que só muito tarde eles chegam a suspeitar a parte preponderante que a *vaidade* tem nos seus amores.

Não sam também os camaradas, que eles vêem no restaurante, que os podem esclarecer. Muitos dêles têm amantes; uns por que a si mesmos se enganam, outros por ostentação, exajeram a alegria da sua situação, sem dar conta de que essas alegrias sam

muito turvadas e compradas por duro preço. Vêem-se obrigados a viver na companhia de mulheres grosseiras e estúpidas, cujos caprichos, tolices, mau humor e gosto de gastar muito têm de suportar. Dam-lhes em troca o prazer material sem nenhuma felicidade. A maior parte dêles só as conservam por mera vaidade afim de se vangloriarem e exhibi-las. Se não as tivessem «para as galerias», não as poderiam suportar por oito dias.¹ Ha nisso uma absoluta falta de critica. Deitando num prato da balança o prazer material e as satisfações da vaidade seria necessário deitar no outro as belas manhãs de bom e delicioso trabalho perdidas e substituídas por dias de mal estar, de ruína física e embrutecimento. Seria necessário deitar lá as belas viagens loucamente desperdiçadas, as dividas a pagar, os arrependimentos da idade avançada e as tristezas, os aviltamentos da hora presente.

Ha só um remédio — fugir ao perigo, e se já fôr muito tarde, romper resolutamente, mudar de meio, abandonar os camaradas, cuja influência julgamos perigosa; mudar, se tanto fôr necessário, de casa e até de bairro. É necessário adoptar em pensamentos, em palavras e em actos uma vida contrária à que nos pesa; e é necessário principalmente dirijir um exame crítico malévolo sobre os prazeres devidos à frequência das «mulheres de estudantes».

Se o estudante applicasse durante quinze dias a esses amores passageiros um bom método de avaliação; se inscrevesse cada dia, depois dum exame aprofundado, numa coluna os prazeres, noutra os aborreci-

¹ Veja-se a este propósito um belo capítulo de Maxime du Camp no seu *Testament littéraire: Le crépuscule, Propos du soir*, 1893, cap. II, *La vanité*.

mentos, ficaria estupefacto com o resultado. Sê-lo-hia ainda mais talvez se todas as noites, ou antes de hora a hora notasse o seu «estado de alma». Começaria a da-se conta da extraordinária ilusão que falsifica o total de cada dia, de cada mês, e que lhe faz crêr que ele se diverte ou é divertido, quando cada instante tomado em si, é antes um instante de aborrecimento, de desgosto, ou, na melhor das hipóteses, de indiferença. O erro provém dum curioso fenómeno de auto-sugestão, que expulsa a lembrança da realidade e lhe substitui uma lembrança fictícia e mentirosa.

Essa pseudo-lembrança é um estado completamente imaginado, é o estado de consciência *esperado*, que segundo a nossa injénua ilusão *deveria ter* existido, mas que nem por um só instante foi presente na consciência. O nosso poder de ilusão a este respeito é tam grande, que muitas vezes não prestâmos nenhuma atenção ao estado presente, real, da nossa alma, porque esse estado não condiz com o que nós crêmos dever-se produzir. Nunca essa ilusão é mais forte, nem mais deploravel que para o estudante, quando avalia os prazeres que as mulheres lhes dam. Repetimo-lo, a quasi totalidade dos momentos passados com esses pobres cérebros cheios de ideias grosseiras ou estúpidas e de caprichos insuportaveis, é em si desagradavel e a soma dêsses momentos desagradaveis, sob a influencia da vaidade, transforma-se numa lembrança agradável!

Não se conta, não receemos repeti-lo, nem o tempo desperdiçado, nem o dinheiro levianamente gasto, nem a ruina intelectual que se segue aos excessos.

Não se reflecte nas alegrias sacrificadas, nos museus, que se teriam podido visitar, nas leituras elevadas, que se teriam feito; esquece-se o sacrificio das conversações inteligentes, dos passeios com amigos bem escolhidos.

Não se pensa que o desgosto que se segue às orjias é uma das coisas mais tristes da existência e das mais desprezíveis.

Não se pensa em que nos privâmos de visitar em férias os Alpes, os Pireneus ou a Bretanha.

Esquece-se que, pelo preço dalgumas noites de embrutecimento, poderíamos ter feito uma viagem na Bélgica, na Holanda, nas margens do Reno ou na Itália.

Também se não pensa nessas adoraveis colheitas de lembranças que as viagens armazenam nas memórias de vinte anos, lembranças que de futuro se ruminam, e encantam os dias de tristeza e de tarefas ingratas. O que também se desperdiça sam os belos livros de arte, os livros de viagens, etc.; as gravuras, os quadros, companheiros fiéis de toda a vida, que poderíamos ter debaixo da mão nos longos serões de inverno, mas que não comprâmos.

A própria vaidade, satisfeita por essa necessidade de nos vangloriarmos, é de qualidade inferior. Não vale por certo o orgulho dos triunfos devidos ao trabalho, nem mesmo as mil vaidades perdoaveis do estudante que gosta de mostrar os seus modestos tesouros artisticos ou de contar as suas viagens. A vida do estudante que «se diverte» é pois uma vida deploravelmente esteril, desgraçadamente monótona, e ainda por cima completamente estúpida, tam estúpida que faz pena.

§ V

Sam igualmente deploraveis as consequências sociais da prostituição. A vida tam triste, chamada sem dúvida por antifrase «a vida alegre», prepara optimamente o mancebo para uma moral «de segunda qualidade», e provoca-lhes muitas vezes excessos duma

crueldade terrível; enfim os perigos que ameaçam a saúde do estudante são tão grandes, e os desperdícios de dinheiro e tempo vão reflectir-se tão duradouramente sobre os anos seguintes, que por todos estes motivos reunidos nenhum mancebo de bons sentimentos hesitará em reconsiderar e em tomar resoluções honestas e firmes.

Mas ha uma outra forma de sensualidade, que nós devemos combater sem falso pudor, e cujos estragos, por serem mais occultos, não são menos terríveis. Trata-se dum vício que por si mesmo não tem nada de sedutor; e é tal que nenhuma espécie de vaidade poderá falsear o aprêzo dos prazeres ignobéis que ele dá. É puro e simplesmente um vício, e um vício vergonhoso que se esconde. É manifestamente uma tara. Constitui um caso patológico. Fazem estas razões que o tratamento seja simples e a cura certa. Não ha sofisma que possa diminuir o horror desse hábito deploravel.

É certo que o desgraçado, a quem essa nevrose atinjiu, fica reduzido às suas próprias sensações, sem nenhum outro sentimento. É o que torna a luta não directa, mas possível.

Aqui também não é muito o que é necessário; é possível operar trespasses de fundos e inscrever noutro capítulo do orçamento os excedentes de forças. Todo o mal provém da imaginação; é, por isso, de prudência, apenas uma sugestão se ergue na consciência, sairmos donde estivermos, procurar companhia, ou atirarmo-nos ao trabalho com energia. Aqui, principalmente, é perigosa a luta directa; e é fujindo que podemos ganhar a vitória. É necessário seguir o nosso caminho, tal como se faz, quando os cães nos ladram, e tanto mais tempo ladram quanto mais atenção lhes damos aos latidos.

É necessário esforçarmo-nos por tornar as quedas

tão raras quanto possível, e fazer diligências por espaçá-las.

Acrescentemos que a grande causa deste vício é ainda o vazio do espirito, que deixa toda a força às sugestões, e a ausência de excitações sãs e vigorosas. O grande remédio é pois, repetimo-lo, o trabalho metódico, isto é, fecundo e alegre, e uma vida cheia de prazeres activos e enérgicos.

CAPÍTULO II

**Os inimigos a combater: os camaradas,
as relações, etc.**

Terminado o principal da nossa tarefa, resta-nos examinar rapidamente os perigos secundários que ameaçam o trabalho do estudante.

Deve escolher escrupulosamente os camaradas com quem tenha de conviver. Em volta de si encontrará, sob capa de amigos, os mais certos inimigos do seu futuro. Primeiramente um certo número de mancebos ricos que, não sendo estimulados pelos cuidados da existência, e estragados pelos moles hábitos caseiros, passam desgraçadamente a sua adolescência a preparar a nulidade da idade madura, e que, obrigados a confessar a si mesmos que são bastante desprezíveis, para occultar esse desprezo íntimo, escarnecem dos hábitos laboriosos dos trabalhadores.

Mas ha uma espécie mais temível, e que já no colégio exerce os seus estragos: são os pessimistas por fraqueza, os desanimados antes de combater. Como todos os impotentes, são extremamente invejosos, hipócritas, e rasteiramente ciumentos. Esse vil estado de espírito faz deles prosélitos dum novo género, prosélitos pacientes, perseverantes: parece que o seu fim consiste em desanimar as boas vontades; exercem uma acção deprimente a todos os momentos. Sempre

à espreita dos desánimos, acabam por adquirir uma influência funesta. Conscientes da sua fraqueza e do triste futuro que os espera, sentem prazer em impedir que os outros se esforcem.

Outros são simplesmente preguiçosos que ham de exortar e solicitar os seus camaradas a não fazerem nada; ham de tentar arrastá-los para a cervejaria, facilitar-lhes ham as ocasiões. Os estudantes franceses são muito superiores sob certos pontos de vista aos estudantes alemães, alistados em sociedades que lhe tiram toda a iniciativa, toda a independência, e os levam a beber com excesso.¹

São mais sóbrios e dispõem muito mais de si mesmos. Mas a maior parte deles exajeram a extensão da sua liberdade. Posto que abandonados numa grande cidade, sofrem uma duríssima escravidão, que levam consigo para toda a parte; é porque a causa está neles mesmos. A vaidade tão grande aos vinte anos submete-os docilmente à opinião pública, isto é, à opinião dos camaradas, e principalmente dos peores tratantes, que têm geralmente a autoridade que lhes dá a audácia, um ar decidido e seguro de si mesmos, um tom peremptório e termos violentos para infamar o procedimento recto e digno de respeito. Têm quasi sempre o conjunto de qualidades que se impõem às vontades fracas, e são eles que ditam a moda a todos aqueles que se lhes aproximam.

Essa autoridade aumenta com a força que lhes dam os prosélitos já convertidos, que aceitam cegamente como uma vida de prazer, como a vida por excelência do estudante, a vida mais fatigante, mais

¹ Cf. Th. de Wyzewa. *La vie et les mœurs en Allemagne*. *Revue des Deux Mondes*, 15 de março, LXL.º ano.

vazia, mais tola que é possível imaginar-se. Arruinam a sua saúde, a sua inteligência para agradar àquele que admira, a ponto de o imitarem servilmente. «Se notarmos bem os seus vícios, observa Chesterfield¹, poucas pessoas encontraremos tão viciosas como eles!» Brilhar como brilham os mancebos que levam a vida de prazer, é, segundo o mesmo autor, brilhar como a madeira pôdre na escuridão.

O mancebo verdadeiramente independente é o que repele tais sugestões, que sabe dar a essa felicidade o seu verdadeiro nome de maçada fatigante e perigosa. Sabe opôr às solicitações uma recusa polida, mas inabalável. Não se deixa atemorizar pelo ridículo; evita toda e qualquer tentativa de discussão sobre o trabalho e sobre as questões de prazer, cuja solução ele vê deslumbrante de verdade. Sabe que a grande maioria dos camaradas nunca reflectiu na direcção da sua própria vida; sabe que eles são arrastados como que por um turbilhão, joguetes inconscientes levados pelas forças exteriores, e não atribui à opinião deles mais importância que um médico alienista à dos desequilibrados que examina.

Pois quê! lá porque esses mancebos têm prejuízos absurdos, eu que tenho a consciência dêsse absurdo, havia de me submeter à sua maneira de ver!? Havia de sacrificar a minha liberdade, a minha saúde, as alegrias fecundas do trabalho para evitar os seus sarcasmos, e para merecer o seu perdão ou até a sua admiração?! Sei que os seus prazeres não passam de fadiga e vertigem, e havia de me misturar naquela balbúrdia? Advertido de que a linguagem corrente não é mais do que o receptáculo da medio-

¹ *Lettres de lord Chesterfield à son fils Ph. Stanhope*. Lettres de septembre e octobre 1748.

cridade e da grossaria das multidões, havia eu de sofrer o ascendente dos epíletos, das associações de palavras, das fórmulas, dos pretensos axiomas que servem para legitimar o triunfo da besta humana sobre a vontade razoável?!

Nunca semelhante abdicação: é mil vezes preferível a solidão. Vale mais fugir das repúblicas de estudantes e arranjar num bairro, cujo afastamento repila os camaradas ociosos, um domicílio elegante, enfeitado, duma limpeza encantadora, batido pelo sol e até com verdura, se tanto for possível.

É necessário procurar a convivência com criaturas superiores a nós, fazer visitas aos professores, tê-los ao corrente dos nossos trabalhos, das nossas esperanças, dos nossos desgostos, e procurar entre eles como que um director de consciência.

É necessário substituir a cervejaria, o café, pela visita metódica aos museus, pelos passeios aos campos, pelas conversas em nossa casa com um ou dois amigos de espírito sólido e elevado.

Quanto à atitude do estudante em relação às associações de camaradas, deve ser a duma inteira simpatia. Um grande número dos mancebos só tem a ganhar desertando dos cafés para a casa dos estudantes: encontrarão aí certamente um meio medíocre; mas também os elementos superiores aí se podem encontrar, conhecer-se e criar mútuas simpatias. O único perigo — e esse grande, mas não maior do que nos cafés, — são os hábitos que nas regiões obscuras da nossa actividade lançam raízes profundas, e que pouco a pouco dominam a nossa vontade e a imobilizam: tal outro Gulliver fixado ao solo pelos mil pequenos laços dos seus cabelos, que os Liliputianos tinham atado a outras tantas pequenas estacas fixadas à terra...

Pouco a pouco o estudante tem necessidade da excitação produzida pelos camaradas; tem necessi-

dade de fazer a sua habitual partida de jogo, que lhe consome, em salas muitas vezes cheias do fumo do tabaco e numa imobilidade funesta, horas roubadas aos passeios ao ar livre.

Um outro perigo muito grande é essa aluvião de jornais e revistas que distraem o espirito, que o dividem, e por consequência lhe destroem as forças. O pensamento fica numa excitação febril, análoga à que dam os estimulantes ao corpo, e essa excitação é duplamente ruïnosa: ruïnosa por si mesmo, como excitação, e ruïnosa pela sua esterilidade ulterior. Quem é que não fica de mau humor e enervado ao acabar a leitura de oito ou dez jornais? Quem não foi levado já a comparar a fadiga nervosa e doentia que se segue a essa leitura, com a alegria sentida e robusta que dá o trabalho metódico, eficaz e proveitoso?

Mas, com a condição de se ficar senhor de si, *de nunca tomar hábitos*, de não desperdiçar as suas forças mentais, o estudante pode encontrar na «sua associação» uma util distracção, uma alegria benéfica, o riso de alegres camaradas e até discussões sugestivas.

Ha também mais probabilidades de lá encontrar os elementos duma sociedade de camaradas escolhidos. Assim como a imprensa libertou a intelligência, pondo ao alcance dos espiritos independentes as obras dos grandes génios de todos os tempos, assim as associações de estudantes libertam cada um d'elles das ligações banais do restaurante, dos encontros do acaso e põem ao seu alcance espiritos e caracteres muito diferentes uns dos outros, e entre os quais pode encontrar amigos segundo o seu temperamento. Sem estas associações as relações teriam sido uma questão de acaso.

Essas grandes exposições de almas, que sam as associações de mancebos, permitem os agrupamentos

dos espiritos e dos caracteres simpáticos entre si, seja por semelhança, seja por contraste, agrupamentos necessários à educação do eu, como nós havemos de ver.

Quanto a relações mundanas, o estudante não pode aí adquirir senão a facilidade de maneiras e esse verniz de distincção, que é a única coisa, que de lá se pode trazer. Aquilo a que se chama «a sociedade» principalmente na província nunca é uma sociedade própria para temperar a intelligência e o carácter.

A moral nessas sociedades é duma desoladora inferioridade e duma hipocrisia sem limites.

Aí o dinheiro tudo legitima. A religião reinante é a adoração servil da riqueza: o mancebo quasi nunca lá recebe lições superiores ao nivel médio muito baixo das consciências.

Certamente que não recebe lá nenhuma lição de sobriedade.

Não aprende lá a estimar a superioridade da intelligência, nem a do carácter. As pessoas de sociedade por causa da sua falta de cultura profunda sa.n estreitamente sujeitas aos prejuizos reinantes.

Sendo a tolice doença contagiosa, não tardará que o mancebo muito frequentador da sociedade veja esterilizar-se as suas mais queridas ideias, e, o que é mais grave, convencer-se-ha de que se tornam ridiculas as suas generosas revoltas contra um estado social defeituoso, e contra a sua sede de justiça e dedicação. Bem depressa a sociedade, a seu exemplo, o tornará indifferente a tudo o que não fôr o cuidado duma carreira.

Roubar-lhe-ha as razões superiores que ele tem de viver, e secar-lhe-ha as fontes vivas do entusiasmo.

A desgraça avançará quando ele se tornar um desses homens «sempre olhando, sempre escutando e

nunca pensando», e que Marivaux¹ judiciosamente compara a criaturas que passassem a vida à janela.

A desgraça avançará quando viver sem ligar interesse a coisa nenhuma, obrigado a dissimular a si mesmo o vácuo horivelmente fastidioso da sua existência, a adstrinir-se às obrigações tiránicas, que fazem da vida do homem da sociedade, a vida ao mesmo tempo mais fatigante, mais insensata, mais irremediavelmente monótona que se possa imaginar.

Qualquer discussão sobre assuntos em que as opiniões se podem dividir, passa por sinal de má educação, e a conversação tem fatalmente de cair em futilidades: um mancebo de inteligência e de carácter sente-se ali exilado. ~~Le~~ não só perde o seu tempo, como deixa sempre qualquer coisa do seu vigor moral.

Mais vale por certo a convivência dos camaradas, o choque violento das intenções reservadas e até as discussões salpicadas, como as dos heróis de Homero, de epítetos veementes.

CAPÍTULO III

Os inimigos a combater: os sofismas dos preguiçosos

§ 1

A preguiça, como todas as paixões, procura fazer-se legitimar pela inteligência. E como a maior parte dos homens não tenta sequer combater em si as tendências inferiores, podemos prever que os axiomas solenes, os provérbios de forma infalível não faltarão para desculpa e até para a glorificação dos ociosos.

Estudámos mais acima e deitámos por terra definitivamente a crença na imutabilidade do carácter recebido ao nascer. Vimos nessa injénua teoria um exemplo do poder que têm as palavras para nos fazer crer na unidade das coisas que designam. Não voltaremos a tal assunto, excepto para fazer notar que poderoso apoio essa crença empresta à nossa cobardia, à nossa preguiça. Encontrou talvez na nossa revolta contra a demora na conquista de nós mesmos, o nervo da sua força e, por uma justa reviravolta, dá à nossa preguiça a força centuplicada que daí tirou.

Além disso esta teoria não passa dum dos apoios que a preguiça vai buscar ao arsenal das máximas inventadas pelos seus sectários. O diabo, diz uma velha fábula, vê-se obrigado a mudar a isca para tentar os

¹ *Vie de Marianne*, quinta parte.

outros viciosos: para os preguiçosos, é inútil. Engolem as mais grosseiras iscas, e o terrível pescador está sempre certo de apanhar de cada vez uma presa. Com efeito nenhuma paixão se apressa tanto a aceitar as justificações mais especiosas e mais injenuas.

Ha um descontentamento geral entre aqueles estudantes que sam obrigados a aceitar, para viver, logares de repetidores ou de professores em pequenos colégios, ou de perceptores; e até os que têm de dar algumas lições declaram à porfia que o trabalho material os absorve. Ora o tempo paga sempre bem, como se tem dito, a quem o sabe aproveitar.

É impossível que das vinte e quatro horas do dia se não possam tirar quatro horas necessárias e suficientes para uma sólida cultura intelectual. Bastam com efeito algumas horas por dia, se soubermos poupar para o estudo o tempo em que o espirito possui todo o seu vigor, todos os seus recursos.

Se a essas horas de atenção vigorosa acrescentarmos para os trabalhos de notas, de cópia, de coordenação de materiais, a utilização de momentos que de ordinário se perdem tolamente, não ha carreira que não permita ao mesmo tempo o mais largo desenvolvimento do espirito. Tanto mais que as profissões em apparencia menos rotineiras, como a advocacia, a medicina, o professorado, não tardam, como já dissemos, a acabar completamente com a actividade original da intelligencia. Ao fim dalguns anos o professor sabe o seu curso, o advogado e o médico esgotaram, com raras excepções, todos os casos novos; e isso mesmo explica que nos mais elevados postos se encontrem tantos homens notaveis na sua especialidade, mas que, sem dar por isso, deixaram enferrujar, por falta de uso, as suas faculdades superiores, e que, tirando-os das suas occupaões obrigatórias, sam duma banalidade e duma tolice espantosas.

A fadiga do professorado, entre outras, não é de modo algum, de natureza intelectual. Provém do *surménage* dos músculos que concorrem para a emissão da palavra: como esses músculos formam um grupo restricto, fatigam-se com facilidade. Mas essa fadiga local reflecte-se apenas em pequeno grau sobre o estado das forças gerais, e não exclui de forma alguma a possibilidade do trabalho intelectual.

Além disso muitas pessoas reconhecem, quando as constranjem, que poderiam tirar tres ou quatro horas em cada dia para o estudo: mas, dizem elas, para chegar a tal resultado, seria necessário trabalhar pelo menos seis horas por dia; logo eu tenho razão para não fazer nada! Ah! mas dir-vos-hei eu, trabalhai então tres horas por dia e vereis bem depressa que não é inútil trabalhar, e que a soma do trabalho é a mesma a tres horas por dia em seis meses que a seis horas em tres meses. A mesma soma no trabalho, mas não a mesma nos resultados, pois como diz Leibniz «tam longe está o nosso espirito de se polir pelo excesso de estudo, que ao contrario, fica embotado com esse excesso».

Outros preguiçosos reconhecem que não lhes falta o tempo, mas, dizem eles, é inútil pôrmo-nos a trabalhar quando não estamos bem dispostos. O espirito pesado e sonolento não faz nada que preste. Assim, esta manhã, acrescentam eles, renunciámos ao trabalho, tanto foi o tempo que perdemos para «arranjar disposição». Que erro! Se o sono foi profundo, é sempre possível, perseverando um quarto de hora nos esforços, agarrarmo-nos ao trabalho. *Nunca vi*, a não ser que a noite não tenha dado repouso, manebos que não fôsem recompensados por um excelente trabalho, tendo perseverado em lutar contra a sonolência matinal: a intelligencia bem depressa desperta, trabalha com facilidade, e no fim de contas

esse pretendido torpor da inteligência não passava dum torpor da vontade.

§ II

Não podemos analisar por miúdo todos os sofismas da preguiça. Contudo, num livro dedicado aos manebos que trabalham, devemos tratar dum dos axiomas mais funestos que correm de boca em boca, axioma muito levemente enunciado por homens que estão longe de pensar nos danos que causam as suas palavras.

Desanimam-se desde logo os trabalhadores a quem a sua condição obriga a ficar em pequenas cidades, andando a repetir constantemente que o trabalho intelectual só é possível nas grandes universidades. Em França ouve-se muitas vezes dizer que só é possível trabalhar em Paris. Não ha afirmação mais funesta, nem mais desanimadora que essa afirmação repetida por homens de talento.

Ora essa afirmação não exprime senão uma pequenissima parte de verdade. Por muitas autoridades que se possam citar para a apoiar, ella é quasi inteiramente falsa.

Antes de mais nada tem contra si os factos. A maior parte dos grandes pensadores amadureceram as suas concepções na solidão. Descartes, Spinoza, Kant, Rousseau, e em nossos dias Darwin, Stuart Mill, Renouvier, Spencer, Tolstoi, que renovaram as ideias modernas sobre tantos pontos, devem a melhor parte dos seus triunfos à solidão.

Com effeito, não ha nada na natureza do trabalho intelectual que exija o viver em Paris. Que na França só Paris dê a sanção do talento, que só Paris possa organizar à volta do homem que acaba de chegar, um reclamo constantemente renovado, acreditamo-lo.

Por causa da nossa centralização excessiva, a nossa atenção está voltada para Paris e só aí, no foco, para onde convergem todos os olhares, as reputações se tornam deslumbrantes: mas esse privilégio não pertence apenas ao talento; e um assassino célebre é tam beneficiado com esse reclamo, como um escritor, cujas obras tenham de durar séculos.

Além disso, se Paris é útil para expor à grande publicidade os nomes célebres, não é necessário durante o longo periodo de trabalhos, de esforços, que deve preceder os primeiros triunfos.

Que Paris seja indispensavel ao físico, ao psicofísico, que necessitam de laboratórios, não está de nenhum modo provado, e isso deixará absolutamente de ser verdadeiro, quando as universidades, tendo o direito de possuir e adquirir, desenvolverem mais as suas instalações. Essas universidades forneceria uma nova prova da lei estabelecida por Haeckel, o grande naturalista alemão, «que as produções científicas das universidades estão na razão inversa da sua grandeza».

É que em ciência, como no mais, o vigor de espirito, a iniciativa, a paixão da investigação suprem os auxilios materiais, e com fracos recursos fazem-se maravilhas, ao passo que com ricos laboratórios, a inércia do pensamento fica esteril.

O que importa, pois, é possuir o entusiasmo que realiza as grandes obras. Um laboratório serve apenas para *verificar* ideias preconcebidas. A descoberta é a ideia, e as ideias não são os aparelhos que as sujerem.

Além das ciências ha a história, que tem necessidade de documentos, que se devem consultar onde os ha; mas a filosofia, a literatura, a filosofia da história, e entre as ciências, as matemáticas, a zoologia, a botânica, a química vegetal, a geologia necessitam por-

ventura da permanência numa grande cidade? Se o talento consiste menos na absorção de materiais numerosos que na assimilação de materiais escolhidos, e se os espíritos de valor se distinguem principalmente pelo seu poder em organizar os factos observados ou recolhidos e vivificá-los, quem não vê que longos períodos de meditação e de calma devem suceder às nossas investigações nas bibliotecas?

Essas grandes bibliotecas não deixam até de ter sérios inconvenientes. Com a facilidade de ver o que os nossos predecessores pensaram das questões que nos interessam, acabámos por perder o hábito de pensar por nós mesmos. E como nenhum poder se enfraquece tão cedo, por falta de exercício, como o do esforço pessoal, começa-se muito cedo e a propósito de tudo a substituir por esforços de memória os esforços de investigação pessoal activa.

A capacidade do pensamento original é na maioria dos casos inversamente proporcional à riqueza dos auxílios fornecidos pelo meio em que se vive. É por esse motivo que os estudantes, dotados duma memória muito feliz, são quasi sempre inferiores aos seus camaradas menos bem dotados sob esse ponto de vista. Estes últimos, desconfiando da sua capacidade de reter, recorrem a ela o menos possível. Fazem uma escrupulosa escolha dos materiais que a repetição ha de introduzir na memória; confiam-lhe apenas o essencial, deixando que o esquecimento ceife tudo o que não passa de acidente. É até o que é essencial é urgente que se organize fortemente. Uma memória organizada é como um exército escolhido, poderosamente formado com todos os oficiais. Assim aquele para quem as inumeráveis bibliotecas estão fechadas rodeia-se apenas de livros muito escolhidos, que lê com todo o cuidado, que medita e critica, surprimindo o que lhe falta pela observação pessoal e por

esforços de penetração, que constituem um admirável exercício para o espírito.

O sossego e o recolhimento é indispensavel a esse trabalho de organização, e é difficil possuí-lo em Paris. Além de que nunca se obtém esse silêncio absoluto, que o campo nos dá, e em que de certo modo a gente se ouve pensar. O meio higiênico aí é deploravel. O horizonte de chaminés e de tubos de ventilação das fossas deante da nossa janela; o meio factício e sobreexcitante, o sedentarismo quasi obrigatório do prazer como do estudo, tudo contribui para arruinar a saúde.

Além disso em Paris adquire-se por fim alguma dessa agitação no vazio, que é como que a característica do habitante das grandes cidades. Aí as impressões são demasiadamente multiplicadas, fervem por assim dizer em volta de nós: acaba-se por perder no meio dessa agitação muito da nossa personalidade. A atenção dirige-se constantemente para coisas pequenas; e justamente, porque é difficil reconsiderar a meio desta corrida precipitada, anda-se muito sujeito à moda. O próprio trabalho tem qualquer coisa de febricitante e doentio.

Para nos convenceremos de quanto o estado de espirito do trabalhador intelectual se resente de todas as causas de irritabilidade que o rodeiam, leia-se o inquérito muito instrutivo e muito sincero feito por Huret sobre a evolução literária.¹ Ver-se-ham nele os efeitos do acotovelamento num meio de enervados, e ficar-se-ha com dó dos sofrimentos de todos esses jovens literatos devorados de inveja, de inquietações, e além disto muito infelizes. Quanto a mim declaro que se vejo quanto o habitar num estreito quarto andar

¹ Jules Huret. *Enquête sur l'évolution littéraire*. Paris, 1891.

duma rua cheia de balbúrdia, longe dos campos e dos bosques, pode produzir de irritação, não vejo de nenhum modo o que esse estado de coisas pode acrescentar ao valor intelectual dum mancebo.

E que não nos venham falar da sociedade que se frequenta em Paris. No fundo duma aldeia posso conversar com os maiores espíritos contemporâneos. Para isso basta comprar os seus volumes. Tendo esses grandes homens confiado o melhor do seu gênio às suas obras, e não gostando ordinariamente de falar das que trazem em elaboração, consideram o convívio da sociedade como uma forma de descanso. O proveito intelectual que os mancebos tiram da sua convivência é tam pequeno, como é importante o que tiram da meditação das suas obras. A imensa vantagem que tais relações podem ter para um mancebo de talento e de energia, é a nobre emulação que ele sente ao tocar, por assim dizer, os resultados duma vida de trabalho; mas essa convivência é o quinhão duma infima minoria.

A única grande vantagem de habitar em Paris — e essa apreciavel — é a cultura estética que aí podemos alcançar. Música, pintura, escultura, eloquência: ha nessa maravilhosa cidade uma iniciação artistica, que falta na maior parte das cidades de provincia. Mas, recebida que seja essa iniciação, a provincia apresenta ao trabalhador intelectual muitos recursos para quem os quizer utilizar.

Além disso ser provinciano não é habitar qualquer aldeia ou sub-prefeitura. Pode-se ser provinciano em Paris, porque essa designação tem um sentido, não pode significar senão a ausência de toda a preocupação superior.

O provinciano é o homem que tem o espirito apenas preocupado com mexericos sem importância, que não vê mais nada na vida além de comer, beber, dor-

mir e ganhar dinheiro; é o imbecil que não tem outro passatempo senão fumar, jogar as cartas e gracejar grosseiramente com criaturas do mesmo nível intellectual que o seu.

Mas se na provincia, ainda que seja numa aldeia, um mancebo tem o amor da natureza, se permanece em comunicação constante com os maiores pensadores, seguramente não merece o epíteto, que se tornou ultrajante, de provinciano.

E quantas compensações não se encontram em estar afastado dos grandes centros! Alguns autores compararam as cidades pequenas a conventos. Com effeito têm o silêncio e a tranquillidade dos claustros. Pode-se seguir o curso do nosso pensamento, e sem que se esteja constantemente a ser distraído pelo meio que nos rodeia. Não ha a dispersão do espirito. Vive-se em nós mesmos. Gozamos o nosso pensamento. Nessa grande tranquillidade as impressões, mais raras, ganham em profundidade. As ideias despertam pouco a pouco, agrupam-se segundo as suas afinidades.

As recordações tomam vida, e o crescer lento, sereno e poderoso da intelligência é bem superior ao desenvolvimento interrompido, desigual e febricitante que ela recebe nas grandes cidades.

Lá as noites são noites de repouso, que permitem no dia seguinte estar cheio de energia; e as horas de recreio, que se passam nos bosques, ao ar livre, são horas de revigoramento. Não ha irritabilidade, não ha febre; e torna-se facil proseguir assídua e tranquillamente uma ideia até as suas mais profundas ramificações.

Os trabalhos de memória podem fazer-se — e com que fructo! — sem estarmos curvados sobre a mesa de trabalho, nas florestas ou nos campos: o sangue fustigado pela marcha e como que inundado de oxigé-

nio, grava para sempre no cérebro as lembranças que se lhes confiam nesses momentos felizes. A meditação e o trabalho de composição tornam-se fáceis: ocorrem as ideias com toda a facilidade e agrupam-se com vivacidade: entrámos em casa, sentâmo-nos à mesa do trabalho com um plano claro, uma ampla colheita de imagens e de ideias, e, além disso, com todas as vantagens higiênicas do exercício ao ar livre e puro.

Mas é inútil insistir, porque não são as circunstâncias exteriores que fazem o talento. O desenvolvimento não se faz de fora para dentro, mas sim de dentro para fora. As circunstâncias exteriores nunca passam de acessórios: auxiliam ou contrariam, e talvez menos do que habitualmente se crê.

Não é necessário, pois, classificar os estudantes em estudantes que habitam Paris e estudantes que lá não habitam. Há só duas grandes categorias a estabelecer entre eles: os que trabalham a sério, os enérgicos, e os que não sabem trabalhar, os de vontade fraca. Os primeiros, qualquer que seja o lugar em que se encontrem, farão maravilhas com poucos meios, e geralmente a sua energia começará por criar os meios. Os segundos, ainda que estivessem rodeados de bibliotecas e laboratórios, nunca fazem, nem farão nada.

§ III

Eis-nos chegados quasi ao termo do livro quarto.

Era necessário atacar de perto a questão da sentimentalidade vaga, estado tam perigoso para a vontade. Examinámos-lhe as causas e os remédios; depois tivemos que destruir as injénuas ilusões que provocam tam prodigiosos equívocos na apreciação que o estudante faz dos seus prazeres. Tivemos que nos

deter nesse triste assunto da sensualidade, sobre as diversas formas que ela toma, e examinar os meios de lutar contra ela. Enfim, de caminhar, tivemos também de destruir os prejuízos, os sofismas em forma de axiomas, que a preguiça sujere àqueles que a todo o custo se recusam a trabalhar.

Resta-nos agora fazer a operação inversa, isto é, edificar. Após as meditações destrutivas, que acabamos de exemplificar, e que cada estudante terá de completar com as suas experiências e com as suas reflexões pessoais, devem seguir-se as meditações fortificantes, próprias para estimular a vontade e tornar mais firme a energia.

CAPÍTULO IV

As alegrias do trabalho

§ 1

Não ha pensamento mais triste que o que nasce do rápido decorrer da existência. Sentimos que as horas, os dias, os anos vam desaparecendo irreparavelmente. Temos consciência dêsse movimento que nos arrebatia rapidamente para a morte. Os que desperdiçam o tempo em occupaões frívolas, que não deixam obras para assinalar o caminho percorrido, sentem, ao lançar o olhar para tras, uma singular impressão: os anos, que não deixam outra recordação a não ser a dos esforços que proficuamente os preenchem, parecem-lhe vazios.

A vida desaparecida reduz-se a nada na consciência, e irresistivelmente nasce esse sentimento de que o passado apenas é um sonho vão.

Por outro lado, quando o caminho começa a perder o seu interesse de novidade, quando as dificuldades da existência nos ensinaram os limites das nossas fôrças, e quando surge a monotonia do presente e do futuro, o movimento da vida parece acelerar-se, e a essa impressão de que o passado apenas é um sonho, vem juntar-se uma outra e mais penosa, a de que o próprio presente tambem o é.

Para aqueles que sôbre as fatalidades da vida orgânica, sôbre a preguiça, sôbre as sujeiões da vida social e da sua sua função, não sabem conquistar bellas horas de meditação, esse sonho tem até qualquer coisa de dolorosamente passivo. Sam arrebatados como os prisioneiros num passo rápido e contra sua vontade.

O sábio é arrebatado tam depressa como eles, mas reflectiu na inutilidade de toda e qualquer resistência: liberta-se, aceitando o que não pode evitar, e procura pelo menos dar ao trajecto a aparência dum longo percurso. Consegue-o não permitindo que o passado desapareça inteiramente. Sabe que, para aqueles, cuja passagem não deixa nenhum vestígio, esse sentimento de que a existência é uma ténue ilusão, sem realidade, se torna intoleravel. Sabe que esse sentimento é inevitavel nos ociosos, nos «homens de sociedade», nos homens políticos ordinarios, cuja vida é grosseiramente amassada em preoccupaões ínfimas e em esforço esteril, em todos aqueles, numa palavra, cujo trabalho não deixa resultados palpaveis.

Não podemos evitar este sentimento destrutor da realidade, senão subordinando a existência inteira a algum grande pensamento que, pouco a pouco, realizemos pelos nossos esforços. Experimenta-se então um sentimento contrario, o da realidade da vida. Muito vivo já no cultivador, cada esforço do qual deixa vestígios, é no escritor, penetrado do seu papel social, que atinge o seu mais alto desenvolvimento. Para ele cada dia acrescenta alguma coisa aos resultados apreciaveis da véspera. A sua vida acaba até por-se indetificar em parte com a sua obra, e por lhe ganhar qualquer coisa da realidade concreta. Tambem se pode dizer que a vida do que trabalha é muito diferente, em quantidade e realidade substancial, da do ocioso. A ociosidade quotidiana tira-nos

pois, o sentimento da nossa existência e substitui-o por um sonho vão e desprezível. Só o trabalho alegre, tranqüilo e fecundo pode dar à vida todo o seu sabor. Esse sentimento tam cheio, que se chama «sentir-se viver», só o trabalho o pode regularizar e tornar habitual; decuplica a alegria de viver, que o preguiçoso ignora.

Por outro lado, se a vida do trabalhador intelectual não fôsse naturalmente fecunda em horas deliciosas, se não fôsse uma fonte viva donde brotassem em abundância as alegrias da vida activa, ficaria ao menos sendo o contraste duma vida ociosa. E só pelo facto de que o trabalhador escapa às confusões, aos cuidados mesquinhos, e ao triste e intoleravel aborrecimento dos ociosos seria a sua existência invejavel entre todas. «Enquanto permaneci em Maer a minha saúde foi má e fui escandalosamente preguiçoso: ficou-me a impressão de que nada é tam intoleravel como a preguiça.»¹

Disse Pascal, «quando um soldado ou um lavrador, se queixa do desgosto que sente, porque o obrigam a estar sem fazer nada».

Com efeito, o preguiçoso é um «heautontimoroumenós», um carrasco de si mesmo, e a ociosidade do espirito e do corpo não tarda em gerar um pesado, um doloroso aborrecimento. Muitas criaturas ricas, isentas pela riqueza da salutar necessidade do trabalho, e não tendo a coragem de empreender qualquer tarefa duravel, não tardam a sentir esse pesado e doloroso aborrecimento. Caem no *spleen*, arrastam o seu desgosto por toda a parte, ou então procuram nos prazeres sensuais uma distracção que não tarda, pela saciedade, a redobrar o seu sofrimento.

¹ *Journal de Darwin*, agosto de 1889.

Mas a ociosidade absoluta é rara; e, como diz o provérbio, «o diabo tem artes de arranjar trabalho para os que o não têm». Quando o espirito não tem occupaões elevadas, não tarda que seja invadido por preoccupaões mesquinhas. Quem nada faz tem tempo para mastigar e remastigar as suas minimas contrariedades. Essa ruminação, longe de alimentar o espirito, arruína-o. A força dos sentimentos não canalizada, não podendo derramar-se nas altas rejiões da nossa natureza para as fertilizar, espalha-se nos baixios da animalidade e aí se corrompe. As imperceptiveis feridas do amor próprio exacerbam-se, as contrariedades inevitaveis da vida envenenam os dias e perturbam o sono.

Examinado de perto, o repouso do grande senhor não tem nada de invejavel! Os próprios prazeres se tornam maçadas; perdem todo o sabor excitante, porque para o homem o prazer é inseparavel da actividade. A preguiça reflecte-se até sobre o corpo, e tende a esgotar a saúde pela apatia, pela moleza, que infiltra nas funcões de nutrição e de relação.

Quanto à inteliência, os seus caracteres nesse estado sam o vago, e a preoccupação é esteril e fatigante. O espirito devora-se, segundo a enérgica expressão popular. Quanto à vontade, quasi que não vale a pena lembrar com que terrivel prontidão ella se atrofia no homem ocioso: todo o esforço se lhe torna doloroso, de tal modo que consegue achar meio de sofrer, onde o homem activo nem sequer suspeita da possibilidade do sofrimento.

Quam diferente é o trabalhador! Sendo o trabalho a forma continua e duravel do esforço, vê-se que constitui uma excelente educação da vontade. E mais que todos os outros trabalhos, o trabalho intelectual: porque com a maioria dos trabalhos manuais pode coexistir uma vagabundajem do pensamento, quasi completa.

Pelo contrário o trabalho do espirito supõe ao mesmo tempo a obediência do corpo, por assim dizer retesado pela atenção, e a vigorosa disciplina dos pensamentos e dos sentimentos. Se esse poder ditatorial sobre o pensamento não é seguido, por fadiga, dum abandono do eu, se tivermos cuidado de não abusar das nossas forças, se as soubermos poupar de maneira que conservemos durante as longas horas, que não se podem dar ao trabalho, um vigor diminuído mas suficiente, alcançar-se-ha o hábito da presença de espirito e de ter sempre desperta a consciência do eu. Como o segredo da felicidade consiste apenas numa direcção do nosso próprio pensamento e dos nossos sentimentos, ter-se-ha por esta via indirecta do trabalho encontrado a pedra filosofal da felicidade.

E, de mais, causa pesar ver que o vulgo, que fez a linguagem, tenha associado à palavra trabalho todas as ideias de desgosto, fadiga, dor, quando em psicologia é duma evidência palpável que o esforço provoca o prazer, contanto que o dispêndio não ultrapasse o que o jôgo normal e regular da nutrição pôde fornecer. ¹ Montaigne fez esta observação a respeito da virtude: que «o mais evidente sinal da sabedoria é um prazer constante... o seu estado é... sempre sereno... a virtude não está situada sobre um monte cortado a pique, escabroso e inacessível... Quem conhecer a sua direcção pode lá chegar por caminhos sombreados e relvosos e cheios de doces flores... por não ter freqüentado a miúdo essa virtude suprema, bela, triunfante, amorosa, igualmente deliciosa e

¹ Veja-se para o desenvolvimento deste pensamento e provas rigorosas em seu apoio, na *Revue philosophique*, maio de 1890, o nosso artigo *Plaisir et Douleur*.

corajosa, inimiga professa e irreconciliável do azedume, do desprazer, do receio e do constrangimento... foram eles imaginar essa tola imagem, triste, questionadora, carrancuda, ameaçadora, e colocaram-na num rochedo à parte, rodeada de silvedos, fantasma para meter medo às gentes». ¹ O que Montaigne diz da virtude, poderia tê-lo dito do trabalho intelectual. Nunca os mancebos aprenderam demasiadamente que a sua própria natureza real é também «bela, triunfante, inimiga professa e irreconciliável do enfado, cheia de belas flores, e deliciosa».

Porque a felicidade, que o trabalho nos dá, não é uma felicidade negativa. Não impede somente que a vida não perca o seu sabor, que se transforme num sonho sem realidade; não impede apenas que o espirito seja invadido pelas contrariedades e pequenos embaraços, mas é além disso por si mesma e pelos efeitos da sua acumulação uma fonte perene de felicidade.

Por si mesmo nos eleva muito acima do vulgo.

Faz-nos entrar num estado de igualdade perfeita e de encantadora intimidade na convivência dos maiores e mais nobres espíritos de todos os tempos. Por isso renova constantemente em nós as fontes do interesse. Ao passo que o ocioso *necessita* duma sociedade, a maior parte das vezes até muito inferior, para passar o tempo, o trabalhador basta-se a si mesmo. A impossibilidade de se bastar a si mesmo põe o ocioso na dependência doutrem, obriga-o a mil servidões, desconhecidas para o que trabalha; de tal forma que, quando se diz: «o trabalho é a liberdade», não se emprega nenhuma metáfora.

Epicteto divide as coisas em duas classes: as que

¹ Montaigne, *Essais*, I, XXV.

dependem de nós, e as que não dependem. Observa que, de procurar as coisas que não dependem de nós, é que vem a maior parte dos nossos desgostos e sofrimentos. Pois bem, ao passo que a felicidade do ocioso depende unicamente de outrem, o homem habituado ao trabalho tem os seus maiores prazeres em si mesmo.

Ainda mais, a sucessão dos dias, que não indica para o ocioso senão os progressos da idade e duma vida estéril, aumenta lentamente, mas com segurança o tesouro dos conhecimentos dos estudantes laboriosos; e assim como todas as tardes se pode observar o crescimento de certas plantas, assim, depois de cada semana de esforços, o mancebo pode ter consciência do aumento no vigor das suas faculdades. Esses aumentos lentos, mas indefinidamente repetidos, levá-lo-ham a um altíssimo grau de poder intelectual.

É como, depois da grandeza moral, nada brilha com tam vivo esplendor como uma inteligência cultivada, ao passo que o ocioso se embrutece com a idade, o que trabalha vê de ano para ano aumentar a sua autoridade sobre os que o rodeiam.

O que acontece, pois? É que a velhice amortecendo pouco a pouco os prazeres dos sentidos, dando às satisfações puramente egoístas os mais rudes desenganos, multiplica as alegrias da vida àquelles, a quem uma larga cultura humana enriqueceu. Nenhuma das fontes de verdadeira felicidade pode secar com o progresso dos anos. Nem o interesse que se tem pelas ciências, pelas belas letras, pela natureza, pela humanidade, diminuem.

Muito pelo contrário. E não ha nada mais justo que as palavras de Quinet: «Quando chegou a velhice, achei-a incomparavelmente menos amarga, que vós pretendieis. Os anos, que me annunciaveis como o cúmulo da miséria e da afflicção, têm sido para mim

mais doces que es da juventude... Esperava um cume gelado, deserto, estreito, afogado em bruma e avistei, ao contrário, em volta de mim um vasto horizonte, que nunca se tinha revelado à minha vista. Via mais claro em mim mesmo e em cada coisa...» É acrescentava: «Afirmas que os sentimentos se embotam com a vida. Mas eu sinto muito claramente que, a viver um século, nunca me acostumaria àquilo que hoje me revolta».

Assim a vida do trabalhador intelectual é a vida feliz por excelência. Não priva de nenhum prazer real. Só ela nos dá plenamente o sentimento da realidade da nossa existência; expulsa essa impressão inevitável e dolorosa para o ocioso — que a vida é um sonho sem consistência; arranca-nos à miserável escravidão do pensamento, que faz do desocupado um brinquedo, que as circunstâncias exteriores impelem; não deixa que a imaginação rumine preocupações mediocres ou pensamentos baixos. A esses benefícios indirectos ainda a vida laboriosa acrescenta outros: revigora a vontade, fonte de toda a felicidade durável, faz-nos habitantes da cidade de luz povoada pelo escol da humanidade, e prepara-nos enfim uma velhice feliz, acompanhada de deferência e respeito. Por um caminho indirecto dá liberalmente, além dos gozos superiores do espírito e da alma, as mais doces satisfações do orgulho, que se resumem na autoridade que se adquire e no sentimento da nossa superioridade.

De maneira que essas satisfações que os mediocres procuram, muitas vezes sem as encontrar — e também quantas vezes imperfeitas e mescladas — na ostentação do seu luxo, na sua riqueza, nas dignidades, no poder político, encontra-as o trabalhador sem as

* *L'esprit nouveau*, livro VII, cap. II.

procurar, e como um acréscimo dado ainda por cima para cúmulo de felicidade, no meio da rica colheita de alegrias superiores, com que o acumulam as justas leis que residem na essência das coisas.

§ II

É claro que as meditações que precedem, tanto as «destrutivas», como as destinadas a fortificar o desejo do bem, não podem ser senão esboços. Esboços aliás muito incompletos, e que cada qual deverá enriquecer segundo as suas experiências pessoais, segundo as suas cojitações e de harmonia com as suas leituras. O que mais importa nesta espécie de meditações é nunca passar ligeiramente sobre uma ideia, nem sobre um sentimento próprio para reforçar o desgosto da vida ociosa ou para dar um proveitoso impulso à boa vontade.

É necessário, como dizíamos mais acima, cada uma das considerações ser como que distilada lentamente na alma, penetrá-la até o íntimo, e produzir vivos movimentos de repulsão ou de afeição.

Até aqui o que principalmente estudámos foram os nossos recursos íntimos. Resta lançar uma vista sobre o mundo exterior, sobre o *meio*, no sentido mais geral, e examinar de perto os auxílios, que um mancebo, desejoso de completar a educação da sua vontade, aí pode encontrar.

LIVRO QUINTO

Os recursos do meio

CAPÍTULO PRIMEIRO

À opinião, os professores, etc.

§ I

Até aqui tivemos de examinar a questão da *educação, da vontade*, como se apenas dispuséssemos de recursos puramente pessoais, como se estivéssemos isolados, sem poder esperar qualquer apoio da sociedade.

Mas, abandonados dêste modo à nossa própria energia, não tardaríamos a deitar fóra as armas e assentarmos desanimados por ser tam demorada a conquista de nós mesmos: porque, se o impulso para o aperfeiçoamento da nossa vontade deve necessariamente provir da nossa natureza moral íntima, esse impulso precisa de ser amparado por pederossísimos sentimentos sociais.

Na realidade nunca estamos isolados e reduzidos aos nossos próprios recursos; a nossa família, as pes-

soas da nossa aldeia ou da nossa pequena cidade, amparam os nossos esforços com os seus aplausos, redobrando de afeição e de simpatia, sem prejuízo, quando se trata de triunfos brilhantes, dos aplausos dum público mais vasto.

Nada ha grande no mundo que se realize sem esforços prolongados; e nenhum esforço se pode sustentar durante meses e anos sem a galvanização da energia pela opinião pública. Até aqueles que repelem abertamente as opiniões de fóra encontram na calorosa simpatia duma minoria entusiasta a coragem para afrontar a maioria. Mas resistir sozinho a uma unanimidade e durante longos anos, exige uma tenacidade sobre-humana, de que não conheço exemplos.

Bain, falando com Mill a respeito da energia, declarava que as suas duas fontes essenciaes são — ou um vigor naturalmente superabundante, ou então um estimulante que sobre-excite. Mill respondeu: *There is stimulation in what people never sufficiently allow for.*¹ Com efeito a opinião pública é um estimulante enérgico; e quando nada e ninguém a contradiz, pode tornar-se prodigioso o seu poder. É impossível exagerar-lhe os efeitos.

Em Atenas a unanimidade da admiração pela força física e pelo génio literário fez desabrochar, apesar da pequenez do território, a mais rica seara de atletas, de poetas, de filósofos que jamais país algum colheu.

Na Lacedomónia o desejo do elogio público produziu uma raça duma energia extraordinária. Conhece-se a historia, afinal de contas verosimil, daquela criança espartana surpreendida a roubar uma raposa, e que

¹ *John Stuart Mill, a criticism*, by A. Bain. London, 1832, p. 119.

tendo-a escondido debaixo do fato se deixou morder e rasgar o ventre cruelmente sem trair o seu segredo.

Não venham dizer-me que são povos excepcionais, pois vêem-se nos últimos degraus da raça humana os Peles Vermelhas suportar, insultando os inimigos, os mais cruéis suplicios; e muitos celerados alcançam, com receio de parecer cobardes, uma coragem estoica para ir a caminho do cadafalso.

Nas nossas sociedades modernas o desejo, não de ganhar a independência e a segurança, mas de exhibir o luxo e a ostentação; o desejo de suplantar e humilhar os outros, de fazer alarde duma tola vaidade, faz suportar a uma população de comerciantes, de banqueiros, de industriais, as occupaões mais repugnantes.

Quasi todos os homens julgam as coisas unicamente pelo valor que lhes dá a opinião dos outros. Não somente a opinião pública distende as velas que impellem o nosso barco, mas é ainda ela que dirige o leme, chegando até a privar-nos da escolha do caminho, e reduzindo-nos a um papel puramente passivo.

Esse poder da opinião sobre nós é tam forte que não podemos suportar os sinais de desdém, ainda que de desconhecidos, até de pessoas, as quais temos todas as razões para desprezar.

Todos os professores de ginástica sabem como a presença dum estranho faz executar prodígios aos alunos. Na escola de natção, na patinagem, sentir-se observado redobra a audácia.

Se além disso quisermos medir esse poder dou-trem sobre nós, que se pense no sofrimento que sentiríamos se fôssemos, vestidos de mendigo, por uma cidade, ainda que nunca lá tivéssemos ido, e principalmente em atravessar a nossa própria rua num trajo ridículo. O sofrimento sentido por uma mulher em

trazer um vestido, que não esteja à moda, dá a medida do peso que as opiniões de outrem têm sobre nós.

Lembro-me perfeitamente da dor cruciante que eu senti, ha vinte anos, sendo bem novo ainda, no colégio, ao sair vestido com um fato que tinha no cotovelo um minúsculo remendo, que sem dúvida era eu o único a notar!

Esse terrível despotismo, que a sociedade exerce sobre as nossas mínimas acções, ninguém pensa em organizá-lo resolutamente para o bem.

Deixam perder essa força, podendo utilizá-la.

No colégio a criança sofre no mais alto grau a influência da opinião dos seus camaradas, dos seus mestres, dos seus pais, porque ha a converjência dessas diversas forças. Todavia essas forças apenas se exercem em relação ao trabalho intelectual; e até sobre este ponto os camaradas julgam muito mal. Têm um certo desprezo pelo trabalhador obstinado, mas de intelligência medíocre.

Os triunfos faceis, por assim dizer elegantes, e que desabrocham graças unicamente à fertilidade do terreno, seduzem-nos deveras. Vamos encontrar nas crianças o erro capital dos nossos sistemas de educação, que sacrificam a cultura da vontade à cultura intelectual. Mas, duma maneira geral, a tripla opinião dos pais, dos mestres e dos alunos funde-se numa larga corrente de direcção única. Por isso no liceu se obtém maravilhas de rapazes que, abandonados a si mesmos, já não fariam nada.

Além disso essa opinião traduz-se claramente cada semana por meio de sinais tanjiveis em logares obtidos na composição, em notas lidas na classe, em censuras ou elogios do mestre perante os condiscípulos. Faz-se até um demasiado apêlo aos sentimentos egoistas, à emulação, ao desejo do elogio, e demasiadamente pouco ao sentimento pessoal do dever.

Não se chama suficientemente a atenção para o vivo prazer que dá o sentimento de vigor intelectual aumentado, para a alegria do aperfelçoamento do eu, para as múltiplas satisfações que dá o trabalho, não só imediatamente e por si mesmo, como pelas suas consequências. Rodeia-se o aluno por assim dizer de boias, em vez de o ensinar a nadar sem nenhum auxílio. É isso tanto mais funesto quanto é certo que apenas chega à Faculdade, se encontra completamente isolado. O professor está demasiadamente alto, e os pais demasiadamente longe.

Para influir sobre o estudante resta apenas a ideia do futuro, ideia muito vaga; além disso o exemplo dos mais velhos, que chegaram ao fim sem grande trabalho, acaba de os reduzir à impotência. A aproximação do exame provoca esforços momentâneos, sempre desordenados, e que têm mais de engorda artificial, do que de sã alimentação.

O estudante poderia ser amparado de fora pela opinião dos seus camaradas. Desgraçadamente essa opinião, como já vimos, glorifica de ordinário, ou aparenta glorificar coisa muito diferente do trabalho. Se um mancebo tiver necessidade, para proceder bem, dêse estimulante, que é o louvor dos outros mancebos, não deverá esperá-lo senão dum pequeno grupo, cuidadosamente escolhido entre a multidão. O estudante, a fazer da sua vida coisa muito diferente dum comentário vivo às canções de Beranger ou às poesias de Alfred de Musset, pode facilmente, se quiser, encontrar ou até criar um meio propício aos seus projectos.

São numerosos os mancebos que saem do liceu com aspirações elevadas. Mas, como observa Mill¹:

¹ *Utilitarisme*, cap. II trad. Le Monnier. Paris, F. Alcan.

«A disposição para os nobres sentimentos é em muitas naturezas uma planta delicada, que facilmente murcha pelas influências hostis... Na maioria dos mancebos, essa planta morre facilmente, se as suas occupaões e a sociedade em que foram lançados não sam favoráveis ao exercício das suas faculdades nobres... Os homens perdem as suas aspiraões nobres, como perdem os seus gostos intellectuais, porque não têm o tempo ou o gôsto para os cultivar. Entregam-se aos prazeres baixos, não porque os prefiram, mas porque sam os únicos facilmente atinjáveis, e dentro em pouco também os únicos que eles sam capazes de procurar».

A melhor solução para as dificuldades provenientes da inferioridade moral da grande massa dos estudantes, estaria, para quem tem vistas um pouco altas, na formação de pequenos grupos de tres ou quatro camaradas decididos a exercer em comum os seus esforços.

A missão dos professores da Faculdade poderia ser imensa, se eles tivessem consciência não só da grandeza da sua tarefa, como da sua autoridade sobre os estudantes. Desgraçadamente os erros que reinam sobre a missão do ensino superior impedem que a maior parte dêles tenha consciência dos seus deveres. Continua a dizer-se que o papel de professor da Faculdade difere essencialmente do papel do professor do liceu. Este último é primeiro que tudo um educador; aquele é um sábio. Ao primeiro cumpre dirijir a alma da criança, modelá-la, se tanto fôr possível; ao segundo a serena indiferença do investigador, que apenas cuida da verdade.

Tais asserções sam monstruosas, nem mais nem menos. Supõem como assentes, postulados inaceitáveis. Supõem antes de mais nada que o professor da Faculdade é um sábio, que apenas tem deveres rela-

tivos à ciência. Essa pretensão seria aceitavel se o professor vivesse unicamente da sua ciência, das suas descobertas, se estivesse isolado no seu laboratório ou no seu gabinete de trabalho.

Mas nunca assim succede. Apesar de serem professores da Faculdade vam todos os meses à recebedoria. Esse pequeno acto tam rapidamente executado, e que se reproduz apenas doze vezes por ano, basta todavia para transformar a situação do sábio na dum professor, primeiro que tudo com deveres não só para com a ciência mas também para com os estudantes.

Para bem conhecer esses deveres é necessário estudar o estado da alma do estudante na sua chegada à Faculdade. A matéria dê-se estudo é-nos fornecida por uma inspecção retrospectiva a nós mesmos, pelas queixas dos antigos condiscipulos, afirmadas em cartas, pelas repostas de estudantes actuais aos camaradas, que consentiram lhes escrevessem verdadeiros questionários habilmente dissimulados; enfim pelas confidências de estudantes, quer directa e amigavelmente provocadas, quer surpreendidas nalguma confissão que lhes escape, quer innocentemente feitas nalgumas palavras características para um observador atento.

Eis aqui esse estado de alma nas suas grandes linhas: nas primeiras semanas o estudante sente uma embriaguez semelhante à do prisioneiro a quem acabam de dar a liberdade. É um estado negativo, por assim dizer: é a sensação de estar desembaraçado de todo o constrangimento. Quási todos eles sentem a necessidade de a si mesmo afirmar essa liberdade, fazendo barulho, deixando-se ficar demoradamente pela noite adeante em cervejarias e outras partes. Que orgulho no dia seguinte por poderem vangloriar-se de ter entrado para casa às duas horas da manhã! O grande número dos mediocres, dos sem-vontade continuarão

durante todo o tempo essa vida insensata, fatigante e esteril. As naturezas nobres não tardam muito a reconsiderar e voltar ao verdadeiro caminho.

Depois a falta de dinheiro força muitos estudantes pobres a mudar de vida, a romper com os camaradas da preguiça. É sob essa fecunda pressão que desperta o gosto por uma vida superior em muitos bons espíritos de vontade fraca.

Tais são as duas únicas categorias de estudantes que merecem o interesse dos mestres: felizmente formam um efectivo consolador.

Logo que o hábito da liberdade dissipou a doida embriaguez dos primeiros tempos, e que os mancebos reconsideram, sentem-se cruelmente isolados. Muitos vêem claramente o que lhes falta. Nesta idade a necessidade duma forte união na vida moral é tão viva, que procuram instintivamente amigos em quem encontrem as suas próprias aspirações. Tais grupos seriam fáceis de formar, como dissemos, se os rapazes de bons sentimentos se insurrissem resolutamente contra a tirania da opinião do meio, que os obriga a fingir que são o que eles se esforçam lá no íntimo por não ser. Quantos por timidez, por falta de coragem moral, repetem as fórmulas geralmente admitidas, que reconhecem mentirosas, simulam uma concepção medíocre da vida que não têm, e aparentam uma grossaria que a princípio lhes repugna, e à qual, ai! deles, se habituam por fim.

Mas esses grupos, com os seus eguaes, não bastam, a não ser que um camarada tenha um valor moral decididamente predominante, o que nessa idade é quasi impossível. Sobrevém a necessidade dum apoio mais elevado, duma aprovação pessoal que venha de cima. É essa necessidade tão humana que a igreja católica satisfaz com os directores de consciência. Mas aqui não ha nada semelhante: ha um completo

abandono. Ora, quando se observa a admiração que os estudantes têm pelos mestres que estimam, quando se experimenta a força da sua fé por pouco que os mestres se mostrem dignos pelo seu talento, não podemos deixar de nos sentir profundamente constrictados, pensando que nada se faz dêsse sentimento.

O professor mal conhece os seus alunos, nada sabe dos seus antecedentes, nem da sua família, nem dos seus desejos, nem das suas aspirações, nem dos seus sonhos de futuro. Se suspeitassem que importância pode ter uma palavra de incitamento, um bom conselho, até uma censura amigavel nessa abençoada idade dos vinte anos! Se a Universidade, com a sua cultura moral superior e profunda ciência, fôsse buscar à igreja católica tudo o que o admiravel conhecimento do coração humano sujer a essa prodijiosa instituição, governaria sem controvérsia, sem rivalidade possível, a alma da juventude.

Quando se pensa no que Fichte e os professores alemães, apesar da sua ignorância da psicologia, conseguiram fazer para a grandeza da Alemanha, unicamente pela converjência perfeita das suas ideias e pela acção de homem para homem sobre os estudantes, fica-se desolado por ver que nada se faz, quando seriam possíveis movimentos dez vezes mais poderosos com os nossos mancebos!

Vêde o que se passou na França e o que pôde executar um homem enérgico consciente do fim que se tinha proposto. Antes de mais nada soube agrupar os estudantes.

Depois, criados alguns grupos, bastou dizer-lhes em termos muito claros qual a tarefa internacional que a juventude francesa se devia propôr; e essas fórmulas precisas, pronunciadas por um homem, que os rapazes adoravam, orientaram, como um poderoso imã, numa mesma direcção forças inumeráveis, até aí

em estado anárquico e que se destruíam contradizendo-se. Pois bem, isso mesmo que Lavesse fez, pôde-lo-hia fazer cada professor na intimidade para a *elite* dos seus alunos, e os resultados obtidos ultrapassariam todas as esperanças. Dêste modo o nosso professorado poderia criar no país essa aristocracia de que mais acima falávamos, aristocracia de caracteres vigorosos e firmes para todas as tarefas superiores.

§ II

O segundo postulado inaceitável, que supõe a concepção habitual que se faz do ensino superior, é a identidade da erudição com a ciência. Os estudantes queixam-se da massa enorme e indigesta de materiais que têm de assimilar: queixam-se também da sua falta de experiência dum bom método de trabalho. Essas duas queixas são conexas. Se o estudante não tem um bom método de trabalho, isso depende da forma absurda como são organizados os estudos.

Parece estar aceite como axioma que um estudante, uma vez saído da Faculdade, nunca mais trabalhará. Dai resulta que, enquanto ele lá está, se esforcem por lhe despejar, como «num funil» todas as noções que é possível ensinar-lhe.

Pode-se-lhe à memória um esforço sobre-humano. Assim os resultados desse método são animadores! Para toda a vida se tira o gosto do trabalho aos mancebos. Esta bela maneira de proceder supõe aliás, o que é falso, que tudo o que se aprendeu fica na memória. Como se não se fixasse apenas o que se repete frequentemente, e como se a repetição frequente se pudesse estender a uma desanimadora enciclopédia inteira!

Além disso é completamente inútil discutir minuciosamente os inconvenientes do ensino superior, tal

como o fazem as necessidades de exames mal concebidos. Basta descobrir a chave da abóbada que segura o sistema. Essa chave é a ideia errônea que se tem a respeito da natureza da ciência, a respeito do valor dum espírito científico, a respeito das qualidades essenciais do «investigador», a respeito do modo de transmissão da ciência aos discípulos.

A Alemanha fez-nos muito mal comunicando-nos as suas falsas concepções sobre todos estes pontos de vista. Não, a erudição não é ciência! Pouco falta até para que seja a negação. Esta palavra «ciência» sugere-nos imediatamente a ideia do saber acumulado, quando nos deveria sugerir a ideia dum espírito ousado, vigoroso, cheio de iniciativa, mas extremamente prudente na verificação.

A maior parte dos sábios de primeira ordem, dos grandes descobridores, são bem mais ignorantes que os seus alunos. Até nem podem ser verdadeiros sábios se não tiverem o espírito muito livre; e a condição de toda a descoberta é principalmente uma actividade de espírito infatigável numa determinada direcção. Já citamos (I, II) a célebre resposta que deu Newton a quem lhe perguntava o segredo do seu fecundo método. Vimos como Darwin se proibia toda a leitura que não se relacionasse com o assunto das suas meditações, e como, durante perto de trinta anos, dirigiu o espírito curioso para todos os factos susceptíveis de entrar como células vivas no organismo que é o seu sistema.

Fôrça de meditação infinitamente paciente e penetrante, espírito crítico sempre atento, eis o que faz um grande sábio. E para amparar uma tal paciência, uma tal atenção sempre orientada para o mesmo fim, é necessário ter a paixão da verdade e um entusiasmo persistente.

A erudição, ao contrário, tende a tornar pesado o espírito. Um sem número de pequenos factos ob-

stroí a memória: um espírito superior deixa nas suas notas o maior número de coisas possíveis.

A honra de ser um dicionário vivo não o tenta: procura isolar as ideias dominadoras nas suas investigações; fa-las passa por uma crítica cerrada, e se resistem a longas provas, adopta-as, deixa-as adquirir força lentamente; *ama-as*, e assim vivificadas, deixarão de ser no pensamento ideias mortas e passivas, para se volverem em poderes activos e vigorosos. Desde esse momento a ideia, a principio sugerida pelo estudo dos factos, vai por sua vez organizá-los. Tal como um imã, que atrai a limalha e a dispõe em figuras regulares, a ideia estabelece a ordem na desordem, faz dum montão desconexo uma obra de arte e de materiais amontoados um edificio. Factos sem importância aparente vam sobressair em plena luz, e factos que estorvam vam ser desdenhosamente postos de parte.

Um homem com a felicidade de ter assim, devidamente, verificado algumas ideias capazes de se tornarem agentes activos de poderosas organizações de factos, é um grande homem.

Logo o valor do sábio não é proporcional ao número de factos amontoados. Está na razão da energia do espírito de investigação e de aventura, se assim me posso exprimir, constantemente verificado por uma severa crítica.

O número dos factos é nada, a sua *qualidade* é tudo: eis o que demasiadamente se esquece no ensino superior. Não se desenvolve de forma alguma o vigor de julgamento, o espírito simultâneo de ousadia e de prudência: sobrecarregam-se os rapazes de noções de desigualissimo valor; apenas se lhes cultiva a memória, de tal modo que se esquece o essencial, que é, não tenhamos receio de o repetir até à saciedade, o espírito de iniciativa aliado à dúvida metódica.

Notai que o exame é singularmente facilitado, no actual estado de coisas, não só para o aluno, como para o mestre. Quanto ao primeiro um estudo feito à pressa basta a dar a ilusão. Quanto ao examinador é-lhe muito mais facil constatar se o aluno sabe isto, depois isto e ainda aquilo, do que apreciar o seu valor como espírito. O exame torna-se uma loteria. Verifiquem-se estas asserções a respeito do programa monstruoso do primeiro ano de medicina, a respeito do programa do licenciato de ciências naturais, do licenciato de história, sem falar do programa da maior parte das admissões, e ver-se-ha claramente essa tendência fatal em transformar o ensino superior em cultura da memória¹.

Pois bem! é necessário que os professores o saibam: o que ha de melhor no seu ensino não sam os seus cursos. Necessariamente fragmentários em si mesmos, sem laço algum com os outros cursos, para pouco servem; e os mais belos cursos do mundo, desde a saída do liceu (e já antes até) não valem algumas horas dum sincero esforço pessoal do estudante.

O que constitui o alto valor do ensino superior sam os trabalhos práticos. É o contato do aluno com o mestre. Antes de mais nada pelo próprio facto dali estar, o mestre prova a possibilidade do trabalho. É o exemplo vivo, concreto, tanjivel e respeitado de quanto se pode fazer trabalhando.

¹ Desafio qualquer homem de bom senso a que leia sem indignação a lista dos questionários distribuídos aos candidatos à Politécnica e a Saint-Cyr. Fica-se a julgar que querem desanimar todos os espíritos de valor de entrar nessas escolas. Nem se comprehende de outra maneira. A própria escola de guerra substitui o trabalho reflectido pelos esforços de memória exagerados. Cf. *Nouvelle Revue*: La mission de l'officier, 1 e 15 de Julho de 1893.

Por outro lado as suas conversações, os seus incitamentos, as suas semiconfidências sobre o método; mais que tudo isso, o exemplo dado no laboratório; mais que tudo isso ainda a iniciativa do aluno, bem animada; os trabalhos pessoais suscitados, as exposições perante os camaradas, as análises claras e simples feitas a livros lidos, tudo isso executado sobre a benévola inspecção do mestre, eis o que constitui o ensino fecundo.

Quanto mais brilhante é um professor, tanto mais ele se encanta a si mesmo ouvindo-se falar, tanto mais ele intervém, e menos eu lhe confiaria mancebos: é necessário que os faça «*trotar deante de si*», como diz Montaigne¹. Aprende-se tanto a arte do trabalho, e fazem-se tam verdadeiros progressos no espirito científico ouvindo um mestre, como se fazem progressos em ginástica assistindo a uma representação num circo.

Como se vê, as duas necessidades essenciais do estudante, a duma direcção moral e a duma direcção metódica do trabalho têm um remédio comum: o contato íntimo do professor com o aluno. O próprio professor encontrará assim uma recompensa, porque suscitando nos discípulos o entusiasmo científico, retemperará o seu próprio entusiasmo. Por outro lado convencer-se-ha facilmente de que os grandes movimentos de pensamento, no mundo executados, não o foram pela comunicação dos conhecimentos, mas sim pela comunicação dum amor ardente pela verdade ou por qualquer grande causa, e pela comunicação de belos métodos de trabalho: isto é, numa palavra, a influência não se obtém senão pelo contato de homem para homem e de alma para alma.

¹ *Essais* I, XXV.

* Foi assim que Sócrates transmitiu a Platão um método e o seu entusiasmo pela verdade. É assim ainda que se explica que na Alemanha os grandes génios científicos tenham vindo de pequenos centros universitários, ¹ onde o professor e o aluno estavam nesse contato de alma para alma, de que acabámos de falar.

¹ Cf. Haeckel. *Les preuves du Transformisme*, p. 35.
18

CAPÍTULO II

Influência dos «Grandes mortos»

Se a vida intelectual e a energia da vontade se temperam tam fortemente nesse contato vivo do aluno com o mestre, pode o estudante achar na sua solidão um sucedâneo enfraquecido dessa acção pessoal. Ha com efeito mortos que sam ao mesmo tempo mais vivos e mais capazes de transmitir a vida que os próprios vivos. Na falta da convivência com modelos que actuem e falem, nada vale, para conservar o entusiasmo moral, como a contemplação de vidas puras, simples e heroicas.

Esse «*exército de grandes testemunhas*» auxilia-nos a ferir o bom combate. Na tranquillidade e na solidão, a prática com as «grandes almas dos melhores séculos» fortifica maravilhosamente a vontade.

«Recordo-me, diz Michelet, que a meio dessa desgraça, privações do presente, temor do futuro, o inimigo a dois passos, e os meus inimigos rindo-se de mim a cada instante, num dia, uma quinta-feira de manhã, levantei-me sobre mim mesmo: sem lume (a neve cobria tudo), sem a certeza de ter à noite pão para comer, parecendo que tudo se me acabava, senti dentro de mim um puro sentimento estoico: bati com a mão inteiriçada pelo frio sobre a mesa

de carvalho, e senti uma alegria viril de juventude e de futuro... Quem me deu esse ímpeto másculo? Aqueles com quem eu todos os dias convivía: os meus autores favoritos. Cada dia era mais atraído para essa grande sociedade.¹»

Stuart Mill² diz que seu pai gostava de lhe dar para a mão livros que representassem homens enérgicos e cheios de recursos, lutando com dificuldades graves, que chegavam a vencer: livros de viagens, Robinson Crusoe, etc. E mais adiante³ conta o efeito vivificante que sobre ele produziam os quadros que Platão traça de Sócrates, ou a vida de Condorcet por Turgot.

Com efeito tais leituras podem deixar impressões profundas e duraveis. Admiravel acção dos herois do pensamento!

Vemos Sócrates, passados mais de dois mil anos, conservar toda a sua autoridade e o seu maravilhoso poder de atear o mais puro entusiasmo nas almas juvenis.

É triste que nós não tenhamos, como a igreja católica, vidas dos santos laicos para uso dos mancebos. A vida dum filósofo como Spinoza não produz uma extraordinária impressão de admiração nos que lêem a surpreendente narrativa? É pena que uma colecção única não reúna tantas biografias exemplares disseminadas por toda a parte. Semelhante livro seria o Plutarco, em que os trabalhadores do espirito fôsem retemperar a sua energia. A ideia do calendário de Augusto Comte, que impunha para cada dia a meditação da vida dum bafeitor da humanidade era excelente.

¹ *Ma Jeunesse*, p. 99.

² *Memories*, p. 3. Paris, F. Alcan.

³ *Ibid.*, p. 108.

Além disso a educação clássica, bem compreendida, não tem precisamente por fim acender na alma dos alunos um entusiasmo tranqüilo e duravel por tudo o que é grande, nobre e generoso?

E não terá essa educação atinjido o seu fim se uma *elite*, compenetrada dum alto ideal, já não puder daí em diante dejenar ou recair em um nivel médio?

Essa *elite* destinada a formar o batalhão sagrado, sobre o qual o mundo civilizado fixa os olhares, deve a sua superioridade ao longo convívio com os mais puros génios humanos da antiguidade.

Desgraçadamente, se é certo que podemos retemperar nessa convivência os nossos sentimentos generosos, esses mortos não nos dam os conselhos precisos de que necessitamos, e nada pode suprir a viva direcção de consciência dum mestre experimentado e delicado.

CONCLUSÃO

Os capitulos antecedentes mostram-nos quam facil seria a tarefa do domínio do eu, se tudo na educação nacional converjissem para essa grande conquista! Porque enfim, se a luta contra a preguiça e sensualidade não é facil, pelo menos é possível; e o conhecimento dos nossos recursos psicológicos deve-nos inspirar confiança.

A conclusão que se tira de toda a obra é a de que podemos reformar o nosso carácter, que nós mesmos podemos fazer a educação da nossa própria vontade; e que, com o tempo e conhecimento das leis da nossa natureza, estaremos certos de chegar a um alto domínio de nós mesmos. O que a igreja católica pode obter das naturezas humanas superiores, permite-nos prever o que se poderia obter da *elite* dos mancebos.

E não nos venham dizer que as religiões reveladas dispõem de meios que nós não temos nem podemos ter. Se examinarmos o que constitui o poder formidavel das igrejas sobre os fiéis, descobrir-se-ha que os seus meios de acção podem ser repartidos sob dois grandes títulos: os meios puramente humanos e os meios de ordem puramente religiosa.

Aqueles podem reunir-se em tres: o poder da au-

toridade dos bispos, dos padres, dos teólogos, etc., e outrora até, a autoridade civil pondo ao serviço da fé, a prisão, a tortura, a fogueira. A esse poder, hoje muito diminuído, acrescia ainda todo o peso da opinião pública: o ódio, o desprezo, os maus processos dos crentes para com os não-crentes.

Enfim, desde a infância, a educação religiosa forma a criança, e por meio de repetições sob todas as formas, ensino oral, leituras, cerimónias públicas, sermões, etc., entranha no mais profundo da sua alma os sentimentos religiosos.

Ora nós não poderíamos ter esses tres poderes num grau muito mais elevado que as Igrejas? Será porque sobre este grande fim do aperfeiçoamento do eu, não haja acôrdo unânime entre os pensadores de todas as ordens? Ha porventura, como para os dogmas religiosos, dissidências possíveis? Não temos nós também a educação da criança? Quanto à opinião pública pertence à educação transformá-la. Não irá já a admiração muitas vezes para o que é grande e generoso?

Os sentimentos elevados sam causa de união entre os homens, e tendem a forticar-se mais rapidamente que os outros, que sam causa de divisões.

Eis porque muitas vezes uma multidão, composta na maior parte de tratantes, aplaude tudo o que seja honesto. Além disso a opinião pública é gregária, e basta uma minoria de criaturas honestas e enérgicas para a orientar pelo caminho recto. O que em Atenas foi possível pela beleza e pelo talento, em Sparta pela abnegação, quem ousaria pretender que nunca o pudessem realizar as sociedades actuais por uma obra ainda mais nobre?

Mas, dizem-nos, nenhuma obra de melhoramento moral profunda é possível se não tiver por fundamento meios de ordem religiosa. Assim o cremos

também, mas igualmente cremos que a única verdade religiosa necessária e suficiente é admitir que o Universo e a vida humana não existem sem um fim moral, e que nenhum esforço pelo bem se perde. Vimos mais acima¹ que esta tese tem por si presunções sérias, e que em última análise é necessário escolher absolutamente entre esta e a tese contrária. Seja qual fôr a escolha que se fizer, não podemos justificá-la experimentalmente. A termos de escolher, importa preferir as presunções mais fortes, tanto mais que a hipótese moralista, além de ser a mais verosímil, e a única que tem um sentido para nós, é ao mesmo tempo consoladora e socialmente indispensável. Esse *minimum* de verdade religiosa pode tornar-se para os espíritos pensantes uma fonte abundante de poderosos sentimentos religiosos. Essa crença, além de que em nada lesa as religiões reveladas, pode contê-las como o género contém em potência as espécies. Além de que esse *minimum* de crença religiosa, não podendo quasi bastar senão aos espíritos cultivados, o pensador considerará as religiões como aliadas para o mesmo fim, contanto que, pelo menos, elas se contenham num escrupuloso respeito das opiniões dissidentes.

Dizemos bem: aliadas, pois que as religiões tomaram como tarefa essencial a luta contra a natureza animal no homem; isto é, afinal de contas, a educação da vontade, no sentido de firmar em nós o domínio da razão sobre os poderes brutais da sensibilidade egoísta.

Impõe-se, pois, com uma força irresistível a convicção de que todo o homem pode, com o auxilio do tempo e de todos os recursos psicológicos, chegar ao

¹ Veja-se atrás, livro III, cap. I, § IV.

domínio do eu. E já que essa obra suprema é possível, deve, por causa da sua importância, ocupar um lugar preponderante nas nossas preocupações.

A nossa felicidade depende da educação da vontade, pois que a felicidade consiste em constriar as ideias e os sentimentos agradáveis, a dar tudo o que possam dar de alegria, e a proibir o acesso na consciência aos pensamentos e às emoções dolorosas, ou pelo menos impedi-las de investir. A felicidade supõe, portanto, que se é, num altíssimo grau, senhor da atenção, que é apenas a vontade no seu grau mais iminente.

Mas não é somente a nossa felicidade que depende do grau de poder adquirido sobre nós mesmos; é também a alta cultura intelectual. O génio é, primeiro que tudo, uma longa paciência: os trabalhos científicos e literários que mais honram o espírito humano não são de forma alguma devidos à superioridade da inteligência, como geralmente se crê, mas à superioridade duma vontade admiravelmente senhora de si mesma.

É necessário que sob esse ponto de vista se refunda de alto a baixo o nosso ensino secundário e superior. É urgente destruir o culto absurdo e exclusivo da memória, que enfraquece as forças vivas da nação. Torna-se necessário atirar o machado ao ponto mais espesso e inextricável de toda a casta de programas, fazer altos, largos e profundos cortes, dar luz e ar, e saber sacrificar até plantas muito belas, mas que estão demasiadamente apertadas, prejudicando-se assim mutuamente. Temos de substituir em tudo a «engorda» da memória pelos exercícios activos, pelos trabalhos que preparam para o julgamento, pela iniciativa intelectual e pelas vigorosas deduções. É cultivando a vontade que se fazem os homens de génio, porque todas as qualidades de primeira ordem, que se atri-

buem à inteligência, são na realidade qualidades de energia e de constância da vontade.

Neste século temos dirigido todos os nossos esforços para a conquista do mundo exterior. Não fizemos com isso mais que duplicar os nossos apetites, exasperar os nossos desejos e, afinal de contas, ficámos mais inquietos, mais perturbados e mais infelizes que dantes. É que essas conquistas exteriores desviaram a nossa atenção dos melhoramentos interiores. Pusemos de lado a obra essencial — a educação da nossa vontade. Abandonámos assim ao acaso, por uma aberração inconcebível, o cuidado de temperar o instrumento por excelência do nosso poder intelectual e da nossa felicidade.

É verdade que as questões sociais vão criar a necessidade urgente de modificar pela raiz o nosso sistema de educação. Se elas são insolúveis e se constituem um perigo tão angustioso, é porque se têm esquecido, tanto na escola primária como no colégio, de fazer preceder a educação moral do seu fundamento, que é a educação da vontade.

Dam belíssimas regras de proceder a criaturas que não exercitaram em se conduzir bem, a criaturas egoístas, irascíveis, preguiçosas, sensuais, muitas vezes, é certo, desejosas de se corrigir, mas que devido a essa desastrosa teoria do livre arbítrio, que desanima as boas vontades, nunca aprenderam que a liberdade e o domínio do eu devem ser conquistados pouco a pouco. Ninguém lhes ensinou que a conquista do eu é possível até nos casos mais desesperados, com tanto que se empreguem os meios necessários. Ninguém lhes ensinou a tática que assegura a vitória. Ninguém lhes inculcou o ardente desejo de marchar em guerra para o combate. Não sabem nem quanto esse domínio do eu é nobre por si mesmo, nem quanto é rico em consequências para a felicidade e para a alta cultura

do espirito. Se cada um se desse ao trabalho de pensar na necessidade dessa obra, e na generosidade superabundante com que os menores esforços em seu favor sam recompensados, dar-lhe-hia um lugar não só na primeira fila das preocupações pessoais e públicas, mas considerá-la-ia até, sem comparação alguma, como a obra capital e mais urgente de todas.

Índice analítico

	Página
Prefácio da vijésima-sétima edição	5
* primeira edição	8
* segunda	12

I — PARTE TEÓRICA

LIVRO PRIMEIRO — Preliminares

CAPÍTULO I — *O mal a combater: as diversas formas da abulia no estudante e no trabalhador intelectual.*

A atonia; a dispersão; o horror pelo esforço pessoal; preguiça e erudição; os vícios do ensino secundário.

19

CAPÍTULO II — *O fim a atingir.*

Esforços intensos e perseverantes orientados para um mesmo fim

32

CAPÍTULO III — *Rejeição das teorias desanimadoras e falsas a respeito da educação da vontade.*

I. Teoria que considera o carácter como imutável.

37

II. Teoria do livre arbítrio: exame e rejeição: nova teoria da liberdade

43

LIVRO II — A psicologia da vontade

CAPÍTULO I — *Estudo do papel que as ideias representam na vontade.*

- § I. A ideia é impotente no meio das inclinações... 51
 § II. É muito grande o nosso poder sobre as ideias. Mecanismo desse poder... 58

CAPÍTULO II — *Estudo do papel que os estados afectivos representam em relação à vontade.*

- § I. Supremacia dos estados afectivos em nós... 62
 § II. Insignificância do nosso poder directo sobre os nossos estados afectivos. Causas dessa impotência... 70
 § III. Podemos tudo sobre as nossas ideias que são impotentes, nada sobre as nossas emoções que são absolutamente poderosas: a nossa situação parece desesperada... 74
 § IV. Mas o tempo liberta-nos... 75
 § V. O que podemos sobre o material secundário da emoção... 75
 § VI. Conclusão do capítulo... 79

CAPÍTULO III — *A supremacia da inteligência.*

- § I. O fim a atingir é ligar fortemente as ideias com os actos... 81
 § II. Estratégia da inteligência em relação às emoções favoráveis... 84
 § III. Estratégia da inteligência em relação às emoções hostis... 94
 § IV. Tática quando a tempestade das paixões ruje... 100

LIVRO III — Os meios interiores

CAPÍTULO I — *O papel da reflexão meditativa na educação da vontade.*

- § I. O seu fim: criar vivos impulsos ou repulsões... 106
 § II. Necessidade de deixar por muito tempo «cristalizar» os estados de consciência aos quais se quer dar toda a força... 108
 § III. O programa geral a seguir para meditar com fruto... 110

- § IV. A reflexão meditativa consiste em ver concreta e minuciosamente... 111
 § V. Papel das resoluções claras. As duas grandes hipóteses metafísicas. Não escolher é escolher. As resoluções secundárias... 116
 § VI. A acção pressupõe a meditação. A humanidade compõe-se quasi exclusivamente de fíleres. As sugestões da educação, da família, do meio, da linguagem. A linguagem infama tudo o que há de superior. A vaidade. A meditação permite neutralizar essas sugestões... 122
 § VII. Todo o trabalho frutuoso da humanidade é obra dos meditativos. Ajitação não é acção. A meditação elimina o imprevisto, substitui a energia, fornece um plano claro de procedimento... 130
 § VIII. A meditação destrinça os «princípios directores», do procedimento. Papel desses princípios: actuam pela sua clareza e porque evocam facilmente as emoções de que são os rivais... 135
 § IX. Resumo do capítulo... 138

CAPÍTULO II — *O que é meditar e como se deve meditar?*

- § I. Meditar é deixar de pensar com as palavras, substituir o sinal pelas coisas significadas... 140
 § II. Os adjuvantes da meditação. União do pensamento com o corpo... 143

CAPÍTULO III — *O papel da acção na educação da vontade.*

- § I. Só os actos depositam em nós hábitos: papel das mais pequenas acções nesse «depósito». Papel da acção como manifestação que nos alista num determinado partido. A acção como causa de prazer... 147
 § II. O tempo da actividade voluntária é bem curto! Remedeia-se isso pelo prodigioso poder dos pequenos efeitos acumulados durante muito tempo: é necessário ser sempre activo. Inconvenientes do emprego minucioso do tempo. Nunca falta o tempo a quem o sabe empregar, a quem se fixa tarefas claras, a quem aproveita todas as boas disposições, a quem aplica o preceito: *Age quod agis*. 153
 § III. A alta cultura é mortalmente odiosa ao egoísta: a aristocracia do futuro... 163
 § IV. *Surmenage*, em geral, não provém da acção exa-

jerada, mas dos maus hábitos, dum amor próprio doentio, do trabalho disperso.....	165
§ V. Resumo do capítulo	168
CAPÍTULO IV. — <i>A higiene corporal, considerada sob o ponto de vista da educação da vontade no estudante.</i>	
§ I. A saúde, condição essencial do domínio do eu e do trabalho perseverante. Inconvenientes que para a saúde resulta do trabalho intelectual mal compreendido. Podemos mudar o nosso temperamento. Necessidade duma alimentação racional. Comemos demasiadamente. O surmenage dos órgãos digestivos. A higiene da respiração. Os benefícios do exercício.....	170
§ II. O exercício considerado como «escola primária» da vontade	181
§ III. Os erros respeitantes ao exercício. Basta de atletas! Tola imitação dos ingleses. Os pensadores ingleses queixam-se do abuso dos exercícios violentos. A vaidade e os exercícios de força.....	182
§ IV. O trabalho intelectual ao ar livre.....	186
§ V. O repouso. Em que difere da preguiça. O sono. O trabalho até a meia-noite. O trabalho da madrugada.....	188
§ IV. O repouso (continuação). Utilidade de passear, vagueando. Condições que devem reunir as distrações do trabalhador intelectual	190
§ VII. Resumo do capítulo.....	194
CAPÍTULO V. — <i>Breve recapitulação.</i>	

II — PARTE PRÁTICA

LIVRO IV — As meditações particulares

CAPÍTULO I — <i>Os inimigos a combater: a sentimentalidade vaga e a sensualidade.</i>	
§ I. Como reconhecer os estados inimigos do domínio do eu. Sua enumeração.....	201
§ II. A sentimentalidade vaga. A crise da puberdade. Os romances das imaginações dos vinte anos. O casamento tardio: as suas consequências.....	203

§ III. A sensualidade: suas consequências e suas causas: a sociedade e a literatura prodigalizam as excitações; opiniões de Carlyle e de Manzoni: o papel do amor na vida. Os sofismas que ha a este respeito. Meios de combater a sensualidade.....	210
§ IV. Moralidade medíocre da maior parte dos estudantes; sam vítimas duma vaidade tola. As suas ilusões injénuas na avaliação dos prazeres do amor venal.....	226
§ V. Os hábitos viciosos: efeitos e remédios.....	229
CAPÍTULO II. — <i>Os inimigos a combater (continuação); os camaradas, etc.</i>	
Os camaradas perigosos. As associações de estudantes: as relações mundanas.....	232
CAPÍTULO III. — <i>Os inimigos a combater (continuação); os sofismas dos preguiçosos.</i>	
§ I. Não nos podemos modificar de alto a baixo! Não temos tempo! As occupações da carreira, etc.....	239
§ II. Só se pode trabalhar em Paris! As vantagens da provincia para o trabalho intelectual.....	242
§ III. Resumo do capítulo.....	248
CAPÍTULO IV. — <i>As meditações fortificantes. As alegrias do trabalho.</i>	
§ I. Os ociosos sam infelizes. O trabalho como fonte de felicidade em si mesmo e nas suas consequências.....	250

LIVRO V — Os recursos do meio

CAPÍTULO I — <i>A opinião, os professores.</i>	
§ I. Papel capital do desejo de elojios. A opinião no Liceu e na Faculdade. Qual deveria ser a missão do professor da Faculdade? Necessidades do estudante. Nobre tarefa que o ensino superior se devia propôr.....	259
§ II. Concepção absurda que se faz do ensino superior. Dejeñera numa cultura exclusiva, abusiva da memória. O erudito não é sábio. Caracteres essenciais do sábio digno deste nome.....	268
CAPÍTULO II — <i>Influência dos «grandes mortos».</i>	
Conclusão.....	274
	277

